

31/10/2013

Sangue por o Sangue

RYAN
GRAUDIN

ESCOLHA O LADO CERTO
OU PAGUE COM SANGUE



Encontre mais livros como este no [e-Livros](#)

[e-Livros.xyz](#)

[e-Livros.site](#)

[e-Livros.website](#)

RYAN
GRAUDIN



Tradução
GUILHERME MIRANDA

SEGUINTE
O selo jovem da Companhia das Letras

Também de Ryan Graudin:

A cidade murada

Lobo por lobo

Sumário

Prelúdio: Três retratos da véspera de Natal de 1945

Parte I: Êxodo

Interlúdio: Três retratos de 16 de maio de 1952

Parte II: A floresta

Interlúdio: Três retratos de 2 de abril de 1955

Parte III: Terra de cinzas

Parte IV: Terra da promessa

Agradecimentos

Sobre a autora

Para Kate, escritora talentosa e amiga fiel.

Filho do homem, porventura tornarão a viver estes ossos?
Ezequiel 37,3

PRELÚDIO
TRÊS RETRATOS DA
VÉSPERA DE NATAL DE 1945

I

A sala de estar estava atulhada de coisas. Era pequena demais para uma mãe, seus três filhos e o galho torto que o mais velho deles havia serrado para fazer as vezes de árvore de Natal. Para onde quer que Felix Wolfe olhasse, havia folhas de pinheiro, bugigangas e rostos. Cada filho observava ansioso os três embrulhos humildes sob o galho, aguardando a permissão da mãe.

— Tomem cuidado para não rasgar o papel — ela instruiu. — Precisamos reaproveitar.

Martin, o mais velho, foi o primeiro. Seu pacote era o menor e guardava um relógio de bolso de segunda mão. Felix abriu sua embalagem com delicadeza, desdobrando os cantos do papel cuidadosamente e alisando os vincos até encontrar um carrinho de brinquedo. Não era novo — tinha um amassado na porta direita e alguns arranhões na tinta vermelha —, mas ele não ligou. A professora tinha ensinado que brinquedos novos eram egoístas, porque desperdiçavam materiais de que o Führer precisava para vencer a guerra. Metal era necessário para fabricar Mauser e balas.

Adele abriu seu embrulho. Dentro, havia uma boneca com cabelo amarelo e olhos de botões azuis de uma blusa de seda velha da mãe. O vestido era feito de retalhos de tecido azul-cobalto, costurados cuidadosamente, com pontos apertados. Assim que sua irmã gêmea olhou o presente, Felix soube que ela estava descontente. Ele sempre sabia aquelas coisas.

— Fiz outros vestidos — a mãe disse. — Você pode trocar as roupas dela todo dia. E vou ensinar como fazer tranças no cabelo dela.

As tranças da própria Adele bateram em suas bochechas quando ela balançou a cabeça e empurrou a boneca para longe.

— Não quero uma boneca! Por que não posso ter um carrinho como Felix?

A mãe cerrou os lábios. Seus olhos cintilaram como às vezes ficavam quando lia as cartas que o marido mandava do fronte. Aquilo deu um nó na garganta de Felix.

— Toma. — Ele empurrou seu presente para a irmã. — Pode brincar com o meu.

Os olhos de Adele se iluminaram. Ela agarrou o brinquedo. Começou a fazer o barulho do motor e a empurrá-lo pelo chão. Martin estava muito ocupado dando corda no relógio. Felix não sabia direito o que fazer sem seu carro. Pelo menos sua mãe estava sorrindo de novo, secando os olhos enquanto observava os filhos brincarem.

— Tem mais um presente — ela disse.

Os três filhos da família Wolfe ficaram paralisados. Felix olhou embaixo da árvore, mas não havia nenhum outro embrulho. Talvez eles fossem ganhar laranjas. Ou quem sabe a mãe tivesse economizado rações suficientes para assar um bolo de gengibre?

Ela atravessou a sala, desviando dos papéis de embrulho dobrados, das pernas e dos braços dos filhos, e dos presentes deixados de lado. Chegou à porta do quarto e colocou a mão na maçaneta. Fazia muito tempo que não a viam sorrir tanto.

A porta se abriu. Lá dentro, com os braços abertos, estava o pai deles, ainda vestindo o uniforme do Exército. Seu quepe se inclinou sobre o cabelo empalidecido pelo sol enquanto ele se ajoelhava para cumprimentar os filhos.

Adele foi a primeira a se jogar em seus braços, gritando “*Papa!*”. Martin — que agora tinha um relógio de bolso e era praticamente um adulto — tentou conter sua euforia num aperto de mão firme. Felix ficou para trás, admirando a visão de toda a família reunida: *Mama* sorrindo ao lado do batente, *Papa* puxando Adele e Martin, que não estava mais tão relutante assim, num abraço de urso. Seu coração se aqueceu enquanto os observava, mais luminoso do que as brasas do fogão a lenha aceso.

Ele queria capturar aquele momento, guardar aquele sentimento para sempre.

— Felix, meu rapazinho! — Seu pai sorriu. Seus braços eram longos o bastante para alcançar o terceiro filho. — Cuidou bem desse bando? Manteve todo mundo longe de encrenca?

Felix fez que sim enquanto mergulhava no abraço.

Seu pai explicou que tinha voltado de vez. A guerra estava acabando no Fronte Oriental e o Exército não precisava mais dele. Nunca mais precisaria partir.

Chega de despedidas. O calor dentro de Felix chamejou. Depois de anos de cartas do fronte, com Felix sempre temendo que a próxima anunciaria a morte do pai, a família Wolfe estava novamente reunida.

II

Fazia muitos meses que o pai de Luka tinha voltado para casa, graças à granada que arrancara seu braço esquerdo. As Kradschützen, tropas de motocicleta de elite que tinham sido parte crucial do ataque ao fronte russo, não tinham o que fazer com oficiais desmembrados, então Kurt Löwe e seu único braço foram enviados de volta para a Alemanha com um distintivo prateado de ferido e uma Cruz de Ferro de segunda classe. Cicatrizes e medalhas: as marcas de um herói de guerra. Luka ficou fascinado por ambas.

Não houve abraços nem sorrisos no reencontro, só um aceno duro de seu pai. Depois, a mãe de Luka explicou que seu pai estava cansado. (Afinal, tinha ficado na guerra por seis anos.) Ele só precisava repousar.

O pai de Luka repousou. Ficava sentado numa poltrona por horas e dias a fio, encarando o retrato do Führer pendurado sobre a cornija da lareira. Quando abria a boca, nunca era para perguntar ao filho como iam as aulas ou para elogiar a comida da mulher, mas para falar sobre a guerra. Contava dos infindáveis quilômetros cobertos de neve que percorrera sobre a moto. Dos tiroteios em que ele e os outros soldados se viram envolvidos. De quantos soviéticos ferira e matara. Tudo em nome de *mein Führer*.

Kurt Löwe repousou por meses, mas os sorrisos e abraços que a mãe de Luka havia prometido nunca chegaram. Nem mesmo na véspera do Natal.

A família Löwe sentou em volta da pequena mesa e comeu a carpa assada em silêncio. Não era o tipo de silêncio contente das missas de Natal, mas um silêncio tenso, preenchido pelo som de mastigação e garfos raspando o prato. Aquilo fazia Luka se contorcer na cadeira.

— Pare com isso — seu pai resmungou do outro lado da mesa.

A mãe lançou um olhar sério para Luka. Ele sossegou. Sentia que estava pisando em ovos. Como se algo estivesse prestes a se quebrar...

O pai estava cortando a carpa em pedacinhos calculados.

— Quando eu estava nas patrulhas noturnas, tínhamos que ser silenciosos como fantasmas. Nos movíamos sem produzir nenhum som. Era preciso, senão levávamos bala.

A mãe limpou a garganta.

— Kurt, não sei se esse é um bom assunto para a ceia...

— Um bom assunto para a ceia? — O pai de Luka socou o tampo da mesa. Ele ainda estava segurando o garfo, e o peixe desfiado pendia dele. — Perder meu *verdammt* braço pela pátria me dá o direito de falar o que eu quiser.

Ela não respondeu. Em vez disso, baixou o garfo e olhou para Luka.

— Quer abrir seu presente agora?

O menino se endireitou na cadeira e fez que sim. Estava esperando por aquele momento havia semanas. A única coisa que Luka queria era uma bicicleta (reluzente e vermelha). Às vezes, Franz Gross o deixava brincar com a dele. Os meninos se alternavam fingindo fazer parte da Kradschützen, acelerando o motor imaginário enquanto atravessavam fileiras de comunistas invisíveis.

— Seu presente está do lado do calendário do Advento — disse a mãe. — Vai lá buscar!

Não tinham árvore aquele ano, mas a mãe de Luka havia montado o calendário do Advento sobre a cornija da lareira. Quase todas as vinte e quatro portas de papel estavam abertas, revelando a Natividade pintada à mão: Maria, José e o Menino Jesus reunidos no celeiro, cercados por animais curiosos e fios de feno. Anjos de olhos azuis pairavam sobre a Sagrada Família, e uma única estrela brilhante pendia. Acima dela...

Assomava-se o rosto imortalizado do Führer, e seus olhos pintados seguiam Luka enquanto corria até o embrulho ao lado do piso da lareira. A caixa, embrulhada em jornal velho, era pequena demais para conter uma bicicleta. As manchetes antigas falavam do avanço da Wehrmacht através da Rússia, da vitória iminente e inegável do Reich. A foto do Führer dando um discurso sobre o futuro da Nova Ordem estava impressa no embrulho. Luka rasgou o jornal e encontrou um novo par de sapatos e um revólver de brinquedo. Encarou os presentes, sentindo o gosto amargo da decepção.

— O que achou, Luka? — O pai o havia seguido até a sala de estar e assistia a tudo em silêncio.

— Sei que queria uma bicicleta — disse a mãe do batente, com a voz doce —, mas as da loja de Herr Kahler eram muito caras. Talvez ano que vem, quando a guerra tiver acabado.

Nada de bicicleta. Depois de semanas, meses, anos de espera... ainda nada de bicicleta. Uma vontade de chorar subiu pela garganta de Luka.

— Para que você precisa de uma bicicleta? — o pai perguntou. Sua mão se ergueu até a Cruz de Ferro de segunda classe que pendia do botão de sua túnica militar. — Você vai a pé para a escola.

— Eu... queria brincar de Kradschützen com Franz. — Assim que as palavras saíram da boca de Luka, ele quis voltar atrás. Mas era tarde, e as lágrimas já escorriam por seu rosto.

— Brincar? — O rosto do pai endureceu. Algo em seus olhos azuis e sem vida lembrou a pintura sobre a lareira. — Você quer *brincar* de Kradschützen?

— Quero ser igual a você.

Num único movimento de blitzkrieg, o pai de Luka soltou a Cruz de Ferro e pegou o filho pelo colarinho. A mãe se encolheu junto à porta enquanto ele arrastava o menino na frente dela, atravessando a cozinha e saindo pela porta.

Nevava bastante. Os dedos do pai continuaram firmes na gola de Luka quando parou sobre um monte de neve que aumentava cada vez mais.

— Quer ser igual a mim? Passei mais noites do que você é capaz de contar com climas muito mais frios do que este. Enfiado numa toca de raposa *verdammt* enquanto os comunistas tentavam enfiar uma bala na minha cabeça. Acha que eu passava o tempo choramingando?

Luka fez que não. Havia mais lágrimas agora turvando suas pálpebras.

— Não demonstre emoção. — Kurt Löwe sacudiu o filho com violência. — Nunca demonstre emoção. Lágrimas são uma fraqueza. Não vou aceitar um filho fraco. Você vai ficar aqui até parar de chorar.

Luka tentou, mas o nó em sua garganta só ficou mais apertado. As lágrimas que já haviam caído estavam começando a machucar suas bochechas, queimando de tão geladas.

Descalça no batente, a mãe tremia, também à beira das lágrimas.

— Kurt! Ele vai congelar!

— Você deixou nosso filho crescer fraco e ingrato, Nina. Encheu a cabecinha dele de arte e *Scheisse* metida à besta! Se eu consegui suportar um inverno inteiro nessa neve, o mínimo que ele pode fazer é ficar dez minutos nela.

— Você tinha um uniforme para se aquecer! Luka está sem casaco.

Kurt Löwe voltou a encarar o filho: curvado, com os dentes batendo e a canela enfiada na neve. Ele entrou na casa e retornou momentos depois com sua jaqueta de couro marrom e sua plaqueta de identificação. Ambos foram jogados nos braços de Luka.

— Vista.

A jaqueta era grande demais; as mangas iam muito além dos dedos de Luka, descendo até o monte de neve. A plaqueta de identificação pendia até seu umbigo.

— Jovens alemães têm de ser fortes. Resistentes como couro e duros como aço. — O pai apontou para a jaqueta e a plaqueta de identificação. — Fique firme. Só bata na porta quando as lágrimas tiverem secado.

Como uma ceifa, o único braço de Kurt Löwe cortava a neve que caía enquanto marchava de volta para casa. Quando a porta se fechou, Luka tentou limpar as lágrimas com a manga enorme. Seu pai estava certo. O couro era duro, resistente demais para secar as lágrimas.

Luka ficou parado, olhando fixamente para a janela acesa da cozinha — minuto após minuto gélido, enquanto suas pernas perdiam a sensibilidade e seu coração se endurecia —, à espera de que sua tristeza secasse por conta própria.

III

Um bolo de gengibre recém-assado repousava no batente da janela da casa. A fresta aberta tinha poucos centímetros, o bastante apenas para deixar o frio entrar. O calor do doce subia numa nuvem de vapor, levando aromas de cravo, gengibre e melaço por todo o curral até o celeiro.

Yael se esforçou ao máximo para ignorar o cheiro. Já estava pronta para dormir, deitada nas pilhas de feno que faziam seu corpo coçar. O celeiro até que era quente, e o punhado de aveia que ela havia roubado do pote de comida dos cavalos afugentava a fome corrosiva.

Mas o bolo de gengibre...

Em seus sete anos de vida, Yael não se lembrava de ter comido algo que cheirasse tão bem quanto aquele bolo. A comida no gueto era escassa. A comida no acampamento era escassa e podre. (Porções de mingau, legumes estragados, pão mofado.) Desde que ela havia escapado das cercas de arame farpado usando suas habilidades para assumir a forma da filha do *Kommandant*, sua alimentação tinha melhorado muito. No verão, a floresta se enchia de amoras e cogumelos. Os pomares ficaram tão cheios de frutas no outono que as mulheres dos fazendeiros nunca pareciam notar as maçãs que faltavam de suas árvores. Agora que o clima estava mais rigoroso, Yael se abrigava nos celeiros, sustentando-se com a comida dos cavalos, na esperança de que os donos não notassem que os animais estavam comendo o dobro sem engordar.

Fazia uma semana que ela espreitava aquele celeiro em particular. Era um período excepcionalmente longo, mas a família que morava naquela casa andava distraída demais com as festas para perceber a presença dela. Yael observava o processo todo da segurança do celeiro. A decoração da árvore, as músicas, os bolos...

Ela tinha visto a mãe bater o bolo até chegar a uma massa marrom-escura. Uma das filhas loiras (a mesma que caminhava na neve até o celeiro toda manhã, cuja respiração congelava o ar enquanto cantava “Noite feliz” sozinha e ordenhava a vaca sem fazer ideia de que Yael a ouvia do sótão) colocou a assadeira no forno. A outra descascava batatas. Os dois irmãos jogavam damas na mesa da cozinha em meio a risos e cotoveladas.

A família estava reunida na sala agora, jantando e esperando o bolo de gengibre esfriar. A aveia no estômago de Yael não parecia suficiente enquanto os observava. Ela queria estar naquela casa. Feliz e saciada, e não sozinha.

Aquilo era impossível, claro.

Ela não era um deles. Nunca poderia ser.

Mas poderia roubar aquele bolo.

A vaca leiteira soltou um mugido lento e preguiçoso como saudação quando Yael desceu a escada do sótão. Antes de sair do celeiro, a menina se certificou que a manga do suéter estava abaixada, escondendo os números tatuados em seu braço. Seu cabelo emaranhado era dourado como palha. Seus olhos, claros e azuis. Ninguém ia reconhecê-la pelo que realmente era.

A neve caía grossa o bastante para cobrir suas pegadas no curto trajeto até a janela da cozinha. Depois de alguns minutos, não haveria nem sinal de que ela havia passado por ali. Só a janela aberta e a assadeira vazia.

Yael atravessou o pátio discretamente, ignorando o ardor da neve atravessando seus sapatos finos. O cheiro de bolo de gengibre estava mais forte agora, e os risos da família, mais altos. Ela conseguia ouvir um dos meninos contando uma piada sobre vacas falantes andando de bicicleta. A irmã mais nova ria tanto que chegava a guinchar.

Yael agachou embaixo da janela, estendendo a mão para a assadeira com os dedos famintos.

— E aí a primeira vaca virou pra segunda e disse...

— AI!

Yael, que sempre era tão silenciosa, tão cuidadosa, não havia considerado que um bolo fumegante significava que a assadeira ainda estava quente. Ela cobriu a boca, mas era tarde demais. A irmã mais nova parou de rir. Cinco cadeiras se arrastaram pelo piso da casa enquanto a família levantava de um salto.

— O que foi isso?

— Eric — a mãe disse a um dos meninos —, vá buscar o fuzil.

Yael já estava correndo pelo campo, deixando um rastro de pegadas atrás dela. A porta da casa se abriu com um berro. Ela não parou. Não olhou para trás. Aquilo foi bom porque...

BUM.

Noite feliz. Noite feliz.

Eis que no ar um tiro vem cantar.

Ela não era um deles. Nunca poderia ser.

Yael não poderia voltar ao celeiro (Eric com suas piadas de vaca e sua espingarda louca para atirar seguiria suas pegadas até lá), então ela fez o que sempre fazia.

Continuou correndo.

PARTE I
ÊXODO

2 DE ABRIL DE 1956

A noite de Luka Löwe começara promissora. O homem mais poderoso do mundo estava dando uma festa em sua homenagem no Palácio Imperial de Tóquio. Todos brindavam com suas taças de champanhe e o nome de Luka era repetido com louvor pelos mais altos oficiais do Terceiro Reich. O próprio Führer havia oferecido um cargo a ele e o chamado de “um espécime primoroso do ideal ariano”.

O elogio não era desmerecido. Afinal, ele tinha vencido o Tour do Eixo — uma corrida de motocicleta intercontinental da Alemanha até Tóquio — não apenas uma, mas duas vezes. Uma jornada de vinte mil e setecentos e oitenta quilômetros de tempestades de areia, sabotagens e segredos. Duas Cruzes de Ferro de primeira classe pendiam em volta de seu pescoço, significando que ele era um bicampeão. Duas vezes o melhor dos melhores.

Então por que estava do lado de fora de sua própria festa, olhando pelas janelas altas e se sentindo um *Scheisse*?

Tinha a ver com a dor em seu peito, perto do músculo cardíaco que a maioria das pessoas chama de coração. Tinha a ver com a *Fräulein* de quimono com ramos escarlates, aquela que dançara em seus braços minutos antes. Aquela que o havia encarado no fundo dos olhos e dito: “Não amo você. E nunca vou amar”.

Adele Wolfe. Uma *Fräulein* como nenhuma outra. Não havia muitas persuasivas a ponto de usarem a identidade do irmão gêmeo para entrar secretamente numa corrida exclusiva para homens. Havia menos mulheres ainda que haviam conseguido entrar no coração de Luka tão intensamente. Não uma, mas duas vezes.

Ele tinha sido um *verdammt* idiota. Devia ter aprendido a lição depois de Osaka. Depois que ela tinha pisoteado seu coração, o machucado e vencido a corrida. O (pouquíssimo) mérito de Luka era que ele não pretendia se apaixonar por Adele de novo. Havia entrado no Tour do Eixo de 1956 com um único objetivo: vingança.

Seu plano era observar Adele Wolfe feito um falcão. Fingir que ainda a amava. Ganhar sua confiança, sua aliança, seu coração, e consolidar tudo com um beijo (o qual, por acaso, estaria batizado com um sonífero que a derrubaria por horas e daria a ele uma vantagem sólida para uma segunda vitória).

O plano dera certo no começo. Ele a observara pela chuva calamitosa no Estádio Olímpico,

na Alemanha. Observara-a quando estava sentada diante da fogueira no posto de controle de Praga. Observara-a enquanto comia espaguete no posto de controle de Roma. Observara a tudo isso e chegara a uma única conclusão.

Adele Wolfe tinha mudado.

Por fora, era exatamente igual: cabelo claro como flocos de neve, olhos de um azul solitário de céu de inverno. Mas aquela *Fräulein* parecia ter uma nova profundidade. Importava-se com coisas para as quais não dava a mínima antes. Perguntara sobre o acidente de Hiraku. Angustiar-se com a morte inesperada de Katsuo. Até salvara a *gottverdammmt* vida dele.

Era tudo muito, mas *muito* confuso.

Quanto mais Luka observava, mais se dava conta de que havia um furo em seu plano... Ele não podia fingir que ainda amava Adele Wolfe, porque a amava *de verdade*. (A verdade não dava uma boa mentira, dava?)

Ele nem sabia ao certo quando acontecera. Na estrada perto da Alemanha, quando havia flertado com borracha ardente e morte, e ela mantivera o olhar fixo à frente? No meio do deserto, quando chamara os cigarros dele de “*Scheisse*” mas fumara mesmo assim? No campo dos guerrilheiros, quando o salvara dos soviéticos? No trem, quando o beijo que deveria ser uma simples isca se tornara real demais?

Por mais tolo que parecesse, Luka concluiu que fora o beijo. Quando os lábios deles se tocaram, ele teve certeza de que estava apaixonado novamente. Luka a amava. *Scheisse*, e como a amava! Era uma sensação dolorosa, cortante. Uma emoção que crescia dentro dele como uma fênix feita de cinzas e chamas, mais forte do que nunca.

Ele até havia considerado, por um momento, deixar a corrida justa: apenas ele, Adele e o ronco de suas Zündapps. Mas seu orgulho estava inflado demais, ferido demais, para deixar uma segunda vitória nas mãos do acaso. Sim, Adele havia roubado seu coração, mas não roubaria a vitória também. Eles só poderiam ficar juntos quando estivessem quites — coração por coração, vitória por vitória. Então Luka passou o sonífero nos lábios e a beijou uma segunda vez. Foi um beijo sincero o tempo todo. (As verdades dão, sim, as melhores mentiras.)

Luka Löwe venceu a corrida, mas mesmo assim Adele o derrotou.

Adele Wolfe. Que não o amava. Nunca amaria.

Por isso ele estava ali, do lado de fora de sua *verdammmt* festa. O couro de sua jaqueta estava gasto. Amolecido. O aço da plaqueta de identificação de seu pai parecia leve como estanho, quase imperceptível contra tudo o que se agitava em seu peito.

Luka ainda conseguia ver Adele pela janela do salão de baile. Acompanhar sua valsa com o Führer era uma forma diferente de tortura. Um brilho estranho e faminto cintilava nos olhos dela enquanto deixava o homem mais poderoso do mundo conduzi-la para mais perto do vidro. Um sentimento puro, concentrado. Como amor.

Ou ódio.

Luka não sabia mais se conseguia diferenciar aqueles sentimentos.

Tirou os olhos da janela, revirando os bolsos da jaqueta em busca de um cigarro e da caixa de fósforos quase vazia. Enfiou o cigarro entre os lábios e pegou o último fósforo. O primeiro risco não deu em nada. O segundo tampouco. A terceira tentativa fez o fósforo sair voando

para o meio da trilha do jardim do Palácio Imperial.

Ele estava se agachando para pegá-lo quando ouviu trechos da conversa de Adele através do vidro.

— Sou... Sou... Sou ... Morte.

Morte? Do que ela estava falando? Provavelmente confessava ao Führer que o amava até a morte. Como todas as outras almas naquele...

BUM.

Luka ergueu os olhos e viu o Führer caindo. Seu peito parecia ter virado do avesso. Diante do corpo — com a mão estendida, ainda segurando a arma — estava Adele.

Ela ergueu a barra do quimono e virou, apontando a Walther P38 para a janela. A boca da arma se iluminou; o vidro explodiu em centenas de pedaços. Luka se jogou no chão.

Adele passou em disparada, em um lampejo de tecido azul-petróleo e carmim, cabelo pálido e arma fulgurante, deixando para trás tiros, gritos, cacos de vidro e um corpo estilhaçado.

Adele Wolfe tinha acabado de atirar no Führer.

Tudo estava acontecendo de novo. Assim como durante o discurso na Grosser Platz, na frente do antigo Reichstag. Gritos, sangue e Adolf Hitler caído... Mas Luka se deu conta de que, daquela vez, a culpa era sua. O único motivo por que Adele Wolfe estava no Baile da Vitória era ele ter sido *dummkopf* a ponto de convidá-la. Quando a ss começasse a montar o quebra-cabeça daquela noite, seu nome estaria no topo da lista de interrogatório. Ele seria acusado de conspiração e traição, coisas das quais nem duas Cruzes de Ferro poderiam protegê-lo.

Por mais que não pretendesse derramar nem uma lágrima pelo Führer, afogar-se em seu próprio sangue depois de dias de tortura era um destino que preferia evitar. Apenas uma pessoa poderia limpar o nome de Luka, e ela estava correndo para longe, fugindo como se os cães do inferno estivessem atrás dela.

Mas eles não estavam, ainda não. No salão de baile atrás de si, Luka viu que a ss e os guardas imperiais ainda estavam tropeçando nos cacos de vidro e ladrilhos ensanguentados. Faltavam segundos para que alcançassem a janela.

A caça era toda dele.

Levantou com um salto. Suas medalhas batiam uma na outra enquanto corria pelo cascalho, dando a volta pelos ciprestes a tempo de ver a *Fräulein* jogar o quimono ao pé de um poste e virar na direção oposta. Pernas e braços brancos, roupas de baixo e movimentos elétricos. Ela deu quatro passos largos e determinados pela trilha antes de saltar uma cerca viva.

O quimono jazia amontoado. Luka o deixou para a ss. Deixou que se distraíssem, perdessem segundos valiosos seguindo um rastro falso. Ele precisava capturá-la antes.

A parte não iluminada do jardim era uma terra devastada por figuras sombrias: pedregulhos curvos, folhagens para todos os lados, uma garota como uma ninfa sedosa. Quando Luka a avistou, diminuiu o ritmo, agachando até as cercas estarem na altura dos olhos. Pela sua contagem, a arma de Adele ainda tinha seis balas. Não havia motivo para aparecer do nada e levar um tiro.

A *Fräulein* estava debruçada sobre os arbustos e tirava uma mochila do meio das folhas. Ofegante, começou a vestir roupas escuras. Luka prendeu a respiração e se aproximou devagar.

Quando sua visão se acostumou, começou a notar coisas que não havia notado antes.

Havia um curativo na parte de baixo do braço esquerdo dela. A gaze devia ter se prendido nos cacos afiados da janela, pois estava começando a se desenrolar na altura do cotovelo, na pressa de Adele de se vestir. A pele embaixo dela estava escura. A princípio, Luka pensou que fosse sangue seco, mas, quanto mais fitava na escuridão, mais percebia que havia uma forma. As linhas subiam e desciam em formatos precisos. Caudas, patas, presas...

Eram lobos. Tatuados no braço dela. Algo que Adele definitivamente não tinha no ano anterior. Os lobos desapareceram quando ela vestiu uma jaqueta e agachou para amarrar os cadarços das botas.

A ss devia estar encontrando o quimono agora, enviando homens e armas para todas as partes do jardim. Luka tinha de agir rápido. Estava perto o suficiente. Bastaria um segundo para saltar sobre ela.

Ele estava tensionando os músculos, preparando-se para atacar, quando o inacreditável aconteceu.

Adele Wolfe se transformou em... outra pessoa.

Seu cabelo sedoso da cor de milho mudou a partir das raízes até ficar inteiramente preto. O azul em seus olhos desapareceu, e as íris escureceram tanto que se fundiram à pupila. Até o formato do rosto mudou — dos traços longos e ovais de Adele para os de uma garota japonesa.

Se Luka não tivesse testemunhado a mudança com seus próprios olhos, teria dito que era impossível. Mesmo agora que tinha visto aquilo não conseguia acreditar. Talvez tivesse caído e batido a cabeça enquanto procurava o fósforo perdido. Talvez tudo aquilo não passasse de uma estranha fantasia de vingança enquanto Luka estava caído inconsciente na trilha do jardim e Adele dançava alegremente nos braços do Führer.

Faria muito mais sentido.

Mas não. Era real demais. Ordens alemãs irromperam a poucos metros de distância. A *Fräulein* que não era Adele jogou a mochila sobre o ombro e saiu em disparada na direção oposta.

A Operação Salvar Sua Pele e Limpar Seu Nome havia sofrido uma reviravolta drástica.

O que ele faria agora? Capturaria a *Fräulein* e diria aos guardas da ss que tinha trocado de corpo? Esperaria ali e torceria para que acreditassem em sua história delirante em vez de o torturarem para arrancar uma verdade mais plausível? Seria melhor sacar a Luger de uma vez. Economizar uma bala deles. Poupar-se de um mundo de dor.

Os gritos dos guarda-costas do Führer se aproximando rangiam em seus ouvidos. O bicampeão — o garoto-propaganda da raça ariana, herói do Terceiro Reich — levantou, com o olhar concentrado na figura distante da menina que não era Adele. E começou a correr.

Pela segunda vez em um mês, Felix Wolfe acordou com dor de cabeça. Não uma dor fraca por ter dormido demais, mas cortante, que afligia pessoas que levaram uma coronhada na cabeça da irmã gêmea. Do tipo com que Felix estava começando a se acostumar.

Ele se encontrou olhando para um colchão de molas e percebeu que estava embaixo de uma cama. Virar o corpo foi difícil, visto que Adele tinha amarrado seus punhos nas costas com lençóis. Ela tinha feito o mesmo com suas pernas, claramente tentando impedir que conseguisse se libertar para estragar a noite dela.

Felix chutou o estrado da cama enquanto virava de lado. Algo prateado caiu no chão — o relógio de bolso de Martin, aberto e com a face rachada à mostra. O quarto de hóspedes do Palácio Imperial estava vazio, banhado pela luz bruxuleante da tela da televisão. Adele não estava mais ali. Tinha ido para o Baile da Vitória completar sua missão em nome da resistência: assassinar o homem mais poderoso do mundo.

Adele sempre gostara de quebrar regras: comera escondida o açúcar das rações da família Wolfe, lera edições da Motor Shau sob a luz da lanterna horas depois que as luzes haviam se apagado, entrara em corridas exclusivas para homens usando o nome de Felix. Enquanto crescia, ele havia guardado uma imensidão de segredos da irmã, pequenos e grandes. Afinal, eram uma equipe. Não importava que não fossem idênticos — homem e mulher, caseiro e viajante. Eles eram Wolfe. O ferro em seu sangue os unia.

Mas, daquela vez, a irmã tinha ido longe demais. Daquela vez, o segredo era grande demais. Não dava para assassinar o Führer do Terceiro Reich e sair impune. Se Adele executasse seu plano, ela e toda a família pagariam o preço.

Eram seis e dez, segundo os ponteiros delgados do relógio de bolso de Martin. O Baile da Vitória tinha acabado de começar. Ainda dava tempo de Felix pôr um fim àquela loucura.

Palavrões guturais sopravam contra a mordança de Felix enquanto ele revirava o corpo, agitando as mãos atadas contra as molas do colchão acima. Havia quase uma dezena de pontas afiadas. Alguma teria que enganchar no lençol...

Não deu certo. Os ganchos eram pequenos, exigindo precisão, algo que Felix — com a cara voltada para o chão e a cabeça estourando de dor — não tinha no momento. Ele continuou tentando, batendo com os punhos dormentes na parte inferior da cama várias vezes seguidas.

O relógio de seu irmão morto continuava a marcar o tempo. Já eram oito e cinco quando Felix conseguiu passar o algodão sobre a curva pontuda de uma mola do colchão. Eram oito e dez quando o lençol começou a desfiar. Às oito e doze, a amarra se cortou. Os braços de Felix

caíram ao lado do corpo, com uma mancha roxo-escura nos punhos.

A principal prioridade era se livrar daquela maldita mordação. A língua de Felix estava como um enorme deserto rachado. Parecia grande demais para sua boca enquanto ele se arrastava para sair de debaixo da cama.

Imagens em preto e branco do Baile da Vitória lançavam seu feitiço pelo quarto escuro. Ali, na tela, estava sua irmã, mostrando os dentes num sorriso enquanto aceitava o convite para dançar com o Führer.

Seus corpos começaram a girar seguindo o ritmo de uma música que Felix não conseguia ouvir (o volume da televisão estava no mínimo). Ele continuou de olho na tela enquanto começava a desfazer os nós das três amarras em suas pernas.

Antes, Felix achava que conseguia ler a mente de Adele — as emoções dela ecoavam as dele e era comum ele antecipar as palavras que a irmã iria dizer. Mas, se seu laço era tão forte, então como fazia apenas uma semana que ele havia descoberto que Adele achava que o mundo estava errado? Que — colocando em risco tudo o que importava para eles — ela havia entrado para a resistência para consertar o mundo?

Não faça isso, Ad. Não. Por favor, não. Felix torceu para que ainda houvesse algum resquício do laço que os unira, para que suas súplicas não apenas se chocassem inutilmente contra a tela de vidro.

Adele ficou rígida nos braços de Hitler. A boca dela se movia, seus traços se contorciam em uma expressão que Felix nunca tinha visto antes, um ódio tão imenso e profundo que corrompia todo o seu rosto.

Ele já tinha visto a irmã com raiva diversas vezes, e já havia sentido aquilo em suas próprias veias. No terceiro ano da escola, quando um tal de Schuler tentou beijá-la, Adele deu um soco na barriga dele com tanta força que o garoto pôs o seu almoço para fora. Depois do acidente de motocicleta de Martin, quando seus pais os proibiram de competir, o rosto de Adele ficara mais vermelho que a bandeira do Reich.

Mas aquilo... era outra coisa. Uma fúria que Felix não compreendia, muito menos sentia. Não estava apenas no rosto de Adele. Percorria todo o seu ser, incluindo seu braço, que se voltava para dentro do obi; sua mão, que sacava uma arma e apontava para o peito do Führer; seu dedo, que apertava o gatilho.

O relógio de bolso de Martin continuou marcando os segundos, suas engrenagens rangendo no silêncio do quarto. Tique-taque, tique-taque, enquanto o Führer caía no chão. Tique-taque, tique-taque, enquanto o sangue se espalhava pelo peito do Führer, escorrendo pelo tecido até a tela da televisão.

A imagem da TV foi cortada.

Os dedos de Felix soltaram o lençol amarrado em seus joelhos. Ele pegou o relógio de bolso de Martin e o fechou sem olhar a hora. Não fazia diferença, porque já era tarde demais.

Não havia o que impedir.

O salão de baile ficava do outro lado do palácio de teto acobreado; mesmo assim, Felix conseguira ouvir os disparos enquanto enfiava o relógio na lapela de seu uniforme da Juventude Hitlerista. Gritos vieram em seguida, pontuados por mais balas.

Felix tentou não pensar no que cada um deles significava. Tentou não imaginar o corpo da irmã gêmea caído ao lado do de Hitler, o sangue tingindo seu quimono. Tentou não imaginar a lápide dela ao lado da de Martin.

O que ele tinha na cabeça? Adele não ganharia uma lápide. Não depois do que tinha acabado de fazer. Nenhum dos Wolfe ganharia. A partir daquele momento, o destino da família estava selado: seria exterminada da face da terra. Todos os registros de que tinha existido seriam queimados pela ss. Seria esquecida para todo o sempre. Amém.

E não havia nada, *nada*, que Felix pudesse fazer para salvá-la.

Ele não podia ficar ali. Aquele quarto seria o primeiro lugar a ser revistado pela ss. Se o encontrassem ali...

Quanto mais Felix tentava desfazer os nós das amarras em suas pernas, mais eles pareciam apertar. Ele se reaproximou das molas do colchão, apoiou o primeiro lençol amarrado sobre o gancho de metal e começou a cortar o tecido.

Uma faixa a menos.

Os disparos pararam. A tela ainda era um caos de ruído.

Duas amarras a menos.

Ele estava ouvindo passos ou eram as batidas de seu coração?

A terceira amarrada tinha acabado de ceder quando a porta se abriu.

Passos. Três homens pararam na porta. Todos usavam os uniformes pretos de gala da ss. Todos tinham o cano de sua Luger apontado para o rosto de Felix.

Ele levou as mãos ao alto. Sentia muito bem suas próprias emoções. Medo: o calor da urina. Espanto: o tremor.

O líder do grupo franziu a testa. Seus olhos cinza perpassaram o quarto, tentando entender os lençóis rasgados, a televisão chiando, o garoto no meio de tudo.

— Prenda o rapaz! — ele vociferou para o soldado à sua esquerda, depois para o outro. — Reviste o quarto.

O primeiro homem obrigou Felix a se levantar e prendeu seus braços atrás das costas novamente. O segundo — um soldado musculoso de cabelo amarelo e nariz inchado — manteve a Luger na mão enquanto verificava os esconderijos mais óbvios do aposento: embaixo da cama e atrás da cortina.

Ainda estão procurando Adele. Alívio... Ele não deveria ter sentido tanto alívio correndo garganta abaixo, cortando novos caminhos até seu coração. Mas a sensação estava ali, dando-lhe a confiança de que, de alguma forma, em meio a todos aqueles gritos e disparos, sua irmã havia escapado.

— Ela não está aqui, *Standartenführer* Baasch — o segundo soldado anunciou do banheiro quando terminou a busca.

Baasch não pareceu especialmente surpreso ou descontente com a notícia. Tirou um lenço branco impecável do bolso e tossiu. Houve um único chiado seco.

— Não — ele disse, depois de limpar a garganta. — É claro que ela não está. Você viu como a garota atravessou aquela janela. Ela teve treinamento.

Nariz Inchado voltou ao quarto, listando tudo o que tinha encontrado.

— Roupas, telefone, pincéis de maquiagem... Parece que ela não deixou nada útil para trás.

— Ah... — Baasch virou. A luz da tela refletiu o *Totenkopf* prateado no chapéu do oficial: o crânio rachado, os ossos cruzados, o sorriso maldoso. Os olhos sob o quepe também combinavam morte e brilho enquanto pousavam em Felix. — Eu não teria tanta certeza disso.

Em condições ideais — num dia claro e frio, num terreno plano e sem árvores —, o som de um disparo comum percorre vários quilômetros. A onda sonora do cartucho de Yael foi muito mais longe. Reverberando em questão de segundos através de cabos e ondas eletromagnéticas, de Tóquio até Alemanha/ Londres/ Roma/ Cairo/ qualquer lugar com uma televisão ligada, em questão de segundos.

O mundo ouviu. Pessoas de todas as classes, cores, crenças... mães e pais arianos com proles de filhos loiros, um mercador de narguilé no Cairo, um adolescente com rosto oleoso em Roma. Muitos encaravam a tela — boquiabertos, pasmos — tentando processar o que havia acontecido. Outros entenderam. Era o sinal que estavam esperando.

Uma mulher — uma polonesa de cabelo rebelde chamada Henryka — chegou a sorrir para a televisão, sussurrando “Essa é minha garota” antes de levantar e pôr mãos à obra.

Por anos, o porão do bar de Henryka tinha sido o cérebro da resistência — transmitindo mensagens entre as células, avaliando a prontidão de cada território, abrigando agentes, proporcionando um lugar seguro para o general Erwin Reiniger e outros oficiais nacional-socialistas amotinados refletirem sobre operações militares.

Um par de rádios repousava entre pilhas de enciclopédias com lombadas rachadas, esperando receber mensagens de todos os cantos do Reich. Cada rádio era acompanhado por uma máquina Enigma, feita para proteger as conversas por ondas eletromagnéticas contra ouvidos intrometidos criptografando as mensagens que saíam e decodificando as respostas. Por anos, aquelas máquinas tinham ficado em silêncio, acumulando poeira. Agora, estavam ligadas. Quatro agentes da resistência estavam sentados perto delas, numa ansiedade perceptível. Brigitte, a única outra mulher na sala, tinha colocado não um, mas dois lápis apontados ao lado do bloco de notas, pronta para decodificar as mensagens. Havia um terceiro enfiado em seu coque loiro. Johann já estava com o rádio no ouvido. Reinhard e Kasper observavam o mapa do mundo controlado pelo Eixo na parede oposta, apostando em qual território seria o primeiro a se separar.

Não faltavam opções. Os continentes estavam cheios de tachinhas codificadas de agentes nos regimentos da Wehrmacht, destacando as fronteiras da extensão do Terceiro Reich com um vermelho perverso. A cor cobria a Europa, infiltrava-se na Ásia e manchava as areias do Norte da África.

A resistência tinha vinte e quatro horas para mudar aquela situação.

O golpe de Estado — uma ocupação completamente militarizada da Alemanha, incluindo

prisões de oficiais de alto escalão do Reich e a instauração de uma nova liderança — precisava ser rápido. O governo nacional-socialista tinha de cair e o novo governo de Reiniger tinha de se erguer em um único dia. Senão, os líderes do Partido Nacional-Socialista — Göring, Himmler, Bormann, Goebbels — iam se recuperar do assassinato de Hitler, proclamar um novo Führer e exterminar a tentativa de Reiniger de instaurar a lei marcial.

O que não significaria derrota, mas, sim, guerra. Uma guerra como o mundo tinha visto poucas vezes — batalhas dentro de fronteiras, soldados sem uniformes... Uma luta que assolaria os ossos do Reich de dentro para fora, um câncer caótico.

Henryka observava o mapa vermelho, envolta num turbilhão de pensamentos do que poderia ou ia acontecer quando...

— O que foi? — A voz da garota soaria arrogante se não tivesse sido abafada por muitos centímetros de aço. — Ouvi um tiro?

Henryka olhou para o batente. Antes, dava para um almoxarifado cheio de arquivos, uma vassoura, um lustre e uma ou duas aranhas. Agora — com a ajuda da recém-instalada porta reforçada —, continha uma Adele Wolfe real (e, talvez, ainda uma ou duas aranhas).

No começo, o lado maternal de Henryka resistiu à ideia de mantê-la trancada num cômodo sem janelas, mas sua preocupação desapareceu depois das três primeiras tentativas de fuga de Adele. A primeira “cela” tinha sido o antigo quarto de Yael, mas a porta era feita de madeira simples, e a garota levou apenas vinte e quatro horas para arrombá-la. Henryka a capturou antes que chegasse à cervejaria e a realocou no armário. A segunda tentativa de fuga aconteceu quando Henryka tentou entregar alguns biscoitos de café da manhã e Adele escancarou a porta de aço reforçado. A terceira envolveu uma lâmpada quebrada na cara de Henryka e um prato de *schnitzel* no chão. Nenhum dos ataques resultou em alguma coisa. Henryka ainda tinha os cortes na bochecha. Adele Wolfe ficava no escuro agora. As refeições eram escassas.

— Exijo saber o que está acontecendo! — O próximo berro foi seguido por uma batida surda. E outra. E mais uma.

Kasper, que estava envolvido na operação para trazer Adele Wolfe, lançou um olhar para a porta, que tremia, e perguntou:

— Quer que eu dê um sedativo para ela?

Henryka fez que não.

— Deixa a menina chutar. É mais fácil ela quebrar o pé que passar pela porta.

E parecia bem possível. Chute após chute, Adele estava empreendendo um nobre combate contra a porta.

— O que está acontecendo aí fora?

O olhar de Henryka voltou para a tela cheia de estática e para o mapa. Ela bem que queria saber a resposta para aquela pergunta, mas levaria algum tempo até que alguma notícia real chegasse ao rádio de Johann e aos lápis de Brigitte. Agora, tudo o que podia fazer era registrar os fatos que sabia. (Um dia, tudo aquilo seria história. Alguém tinha que conservar os documentos para os livros.)

Então, caminhou até sua máquina de escrever Olympia Robust, posicionou os dedos sobre as chaves gastas e começou a datilografar.

Notas da Operação Valquíria II

2 de abril de 1956

1315 horas — O Führer Adolf Hitler está morto.

O Führer Adolf Hitler não está morto. Yael não estava mais correndo, mas aquele pensamento ainda a perseguia. Ele não está morto. Não está morto.

Não enfrentara dificuldades em sua fuga do Palácio Imperial, embora ainda estivesse molhada por causa do fosso que tivera de atravessar. Apesar do cabelo encharcado, as pessoas que passavam por Yael na calçada das ruas de Tóquio mal lhe davam atenção. Por que dariam? Ela tinha a mesma estrutura óssea, a mesma pele pálida e os mesmos olhos escuros que eles. Não tinha nenhuma semelhança com a menina que havia atirado em Adolf Hitler na televisão.

Nenhum dos dançarinos naquela tela era o que parecia. A vencedora Adele Wolfe, a queridinha dos nacional-socialistas, na verdade era a judia e metamorfa Yael. O homem com quem ela havia dançado e em cujo peito tinha atirado não era Adolf Hitler, o governante do Terceiro Reich. Seu disfarce fora tão convincente quanto o dela. Ele usava as roupas do Führer, falava as palavras do Führer, tinha todas as rugas do rosto do Führer, todos os pelos grisalhos do bigodinho eriçado do Führer.

Yael não sabia quem ele era. Mal havia tido tempo de perceber aquilo antes de fugir — o branco se espalhando pelo cabelo dele, dourado, verde, azul, cinza e preto cintilando em seus olhos. Yael havia matado um metamorfo. Alguém como ela.

Por muito tempo (muito, muito tempo), ela havia pensado que era a única com aquela habilidade, a única que não era dona da própria pele. Agora, entendia que não podia ser. O Experimento 85 fora o triunfo do dr. Geyer. Ela não estava na sala quando ouvira o *Reichsführer* Heinrich Himmler em pessoa dizer que era promissor? O médico não pararia de administrar as injeções simplesmente porque Yael havia escapado. Sua personificação de Bernice Vogt havia mostrado ao Anjo da Morte o que era possível. Ele devia ter reunido novas cobaias, infligido febres fatais e tirado a pele delas, apagando sua antiga identidade agulhada após agulhada.

Durante toda a vida, Yael havia lutado para encontrar o que estava perdido — quem ela era antes das seringas do dr. Geyer. Por um momento, entre o grito e o tiro, havia recuperado aquilo. Era ela mesma por completo: Yael. Prisioneira 121358ΔX. A morte do Führer.

Eu sou. Eu sou. Eu sou.

E agora?

Agora era uma assassina, com o sangue do homem errado nas mãos. O Führer de verdade — aquele que havia devastado continentes com guerras e campos de extermínio, que havia assassinado milhões e milhões, incluindo toda a família e o povo de Yael — ainda estava vivo.

Yael não tinha dúvidas de que o mundo saberia daquilo em breve.

Ela atravessou a rua e foi até a esquina. Algo chamou sua atenção enquanto caminhava. Movimentos bruscos e velozes um quarteirão para trás: um vulto curvado atravessando as sombras das lojas.

Todos os instintos dela gritaram.

VOCÊ ESTÁ SENDO SEGUIDA.

Agora havia um empecilho.

Quem teria conseguido identificar seu disfarce, seguindo-a por todo o caminho desde o Palácio Imperial? E por que não tinha chamado reforços?

Yael examinou as fachadas de neon apagadas e as lojas trancadas. Precisava de um esconderijo, de algum canto protegido...

Ali! Entre uma casa de chá com as janelas fechadas e uma loja de departamentos moderna com portas de vidro, havia um beco cercado por sacos de lixo que esperavam para serem levados. Vários gatos de olhos iluminados a encararam com desprezo enquanto ela entrava ali para esperar.

Por um longo momento, não ouviu nada além do som dos animais arranhando os sacos e do estrépito distante de um bonde elétrico. Yael estava começando a se perguntar se tinha se enganado quando ouviu o movimento rápido de botas na calçada aproximando-se, pesado demais para ser de uma mulher. Quem quer que fosse obviamente tinha visto Yael mudar de forma, o que significava que talvez também tinha visto seus lobos. Se deixasse essa pessoa fugir, ela poderia voltar à ss e eles teriam como procurá-la.

Ela tinha deixado pontas soltas demais naquela noite.

Assim que o braço de seu perseguidor entrou em seu campo de visão, Yael deu um pulo. A adrenalina percorreu seu corpo enquanto ela puxava o homem para dentro do beco, jogando-o de cara na pilha de sacos de lixo e usando o joelho para prendê-lo ali.

Lixo voou por toda parte: arroz pastoso, algas moles, peixe podre, jornais cobertos de kanjis. Os gatos berraram e se dispersaram. Outro berro (mais abafado) veio de debaixo da jaqueta do homem, que estava sobre a cabeça dele, como se estivesse se escondendo.

— *Scheisse!* Certo, certo! Eu me rendo! Não precisa quebrar meu braço!

O timbre daquela voz fez Yael parar. Ela viu o ouro marrom envelhecido, macio como manteiga. Só havia um falante de alemão em Tóquio com uma roupa daquelas...

Ah, não.

Ela soltou o braço do homem e ele se levantou. A jaqueta caiu.

Da última vez que tinha visto Luka Löwe, ele quase parecia um cavalheiro: o cabelo dourado desgrenhado estava penteado para trás, a jaqueta tinha sido lustrada com óleo, o uniforme estava passado e engomado. Agora, seu cabelo apontava para todos os ângulos. Havia pedaços de alga e arroz em seu rosto. Ele estava ensopado.

Outra pessoa poderia ter se acanhado. Luka Löwe, porém, deu seu sorriso de lado enquanto sentava e observava Yael de cima a baixo.

— Que bom ver você aqui, *Fräulein*. Parece bem. Mas está um pouco mudada... Espera. Não me diga. Cortou o cabelo?

Inacreditável. Ele era a definição daquela palavra. Fazendo piadas e sorrindo (sorrindo!) com o cabelo cheio de alga diante de uma assassina metamorfa. Se sua intenção era desarmar Yael, deu certo. Ela ficou sem palavras.

— Não me leve a mal. Eu gostei. É um ótimo truque para festas. Mas nós dois sabemos que não atravessei metade de Tóquio para elogiar seu novo estilo. — Ele levantou, e tirou a jaqueta e a chacoalhou. Algumas gotas de água atingiram o rosto de Yael, que piscou.

— Como você...

— Sabia? — As sobrelanceiras escuras de Luka se arquearam, como ele sempre fazia antes de começar um monólogo sarcástico. — Eu estava na primeira fila. *Fräulein* atira no Führer. *Fräulein* corre feito o vento, me deixando para trás para ser interrogado e levar a culpa. Eu não poderia deixar que isso acontecesse.

— Então você me seguiu.

— Pois é. — Luka voltou a vestir a jaqueta. Yael notou que a braçadeira da suástica que ele havia usado durante todo o Tour do Eixo não estava mais lá. — Excelente trabalho, aliás. Garanto que ninguém no Terceiro Reich estava esperando por essa. Um espetáculo de primeira classe.

Excelente? Nenhum simpatizante do nacional-socialismo usaria essa palavra para o que havia acontecido no salão de baile... Nunca tinha sido fácil identificar a lealdade de Luka, mas havia algo no garoto encharcado diante de Yael, que não chamara nenhum ss próximo, que a fez duvidar de que fosse fiel ao Terceiro Reich.

— Não foi um espetáculo — ela conseguiu dizer.

— Passou ao vivo na TV — Luka comentou. — Bom, foi um assassinato de primeira classe, se prefere assim. Faz anos que Hitler está fugindo de uma morte violenta...

A audição de Yael — ainda acentuada pela adrenalina — percebeu um novo som. Mais passos. A garota ergueu a mão na frente do rosto de Luka. Era um sinal de taquigrafia entre ela e seu antigo treinador, Vlad, mas o garoto o entendeu.

SILÊNCIO TEM ALGUÉM VINDO NÃO DEIXE QUE VEJAM.

Yael empurrou Luka contra a parede do beco, escondendo-o com o próprio corpo. Quem quer que passasse vislumbraria seu cabelo escuro. Nada além disso.

Eles ficaram imóveis, peito contra peito, rosto com rosto, enquanto os passos se aproximavam. Yael não pôde deixar de notar como o maxilar de Luka se contraiu, como sua pele ficou um tom mais pálida. Aquilo a fez lembrar que a máscara de confiança dele era apenas isso — uma máscara. O ápice de um mecanismo de defesa.

Tinha sido naquela mesma noite que ela vira a máscara cair pela última vez? Quando estavam dançando no salão de baile do imperador Hirohito. Quando Luka praticamente a tinha pedido em casamento. Quando o coração de Yael havia sentido algo diferente de raiva, dor e angústia. Quando soube que não poderia haver nada entre eles (por causa de quem ele era, por causa de quem ela era). Quando ela tinha sido obrigada a interrompê-lo com palavras definitivas: “Não amo você. E nunca vou amar. Adeus”.

Mas ali estavam eles, cobertos de lixo, encharcados, escondendo-se para sobreviver... e para que Yael não parava de olhar?

Para os lábios de Luka.

Não estavam rachados como no trem para Nova Delhi, quando ele se aproximara e a beijara como se o mundo estivesse acabando. Não brilhavam, como no *Kaiten*, quando as costas montanhosas do Japão se assomavam no horizonte e Luka a beijara uma segunda vez, fazendo-a desmaiar com um sonífero e ganhando a corrida.

Agora estavam tensos, retraídos por medo.

Os passos vieram — pelo som do caminhar e pelas conversas baixas que chegavam aos ouvidos dela, Yael desconfiou que eram de um inofensivo casal de meia-idade — e foram embora. Mas a garota continuou encarando Luka.

Ele retribuiu o olhar.

— E agora? — sussurrou.

Era uma pergunta muito simples. Duas palavras breves que levavam a um enorme abismo sem respostas. Toda a vida de Yael conduzia àquela missão. Ela havia entregado tudo: seus anos, seu sofrimento, sua alma.

E agora?

Agora, o homem errado estava morto. Agora, ela estava escondida em um beco com um garoto que queria muito odiar, mas não conseguia. Agora, ela não tinha missão nem ordens. Agora, deveria estar livre, mas, em vez disso, se sentia... perdida.

— Eu... preciso ir. — Yael recuou em direção à entrada do beco.

Luka deu um passo à frente, de modo que a distância entre eles não aumentou.

— Não tão rápido. — Seus ombros largos bloquearam o caminho para a rua. — Você não sabia que é falta de educação abandonar seu acompanhante sozinho? Seria a segunda vez numa única noite.

— Você era o acompanhante de Adele. Não meu — Yael disse a ele. — Se não sair da minha frente, vou quebrar seu braço.

Os lábios de Luka se apertaram mais (passando de assustados a aterrorizados), mas ele não se moveu.

— Você não pode simplesmente me abandonar, *Fräulein*. Meu japonês começa com *konnichiwa* e termina aí. Meu cabelo se destaca como uma lâmpada de mil watts. E meu rosto é, bem, meu rosto!

SAIA DEIXE O MENINO.

Yael não devia nada a ele. Seria simples, fácil até, quebrar o osso radial de Luka e escapar na noite que avançava.

— Se me deixar aqui vai ser só uma questão de tempo até a ss me capturar para interrogatório. Nós dois sabemos que seria melhor a morte. E, se você é a garota que penso que é, não gostaria de carregar esse peso na consciência.

— Você não sabe nada sobre mim — Yael rosnou.

— Não? — Luka ergueu as mãos. — Não me entenda mal. Você foi uma boa Adele, *Fräulein*, mas seguia um código que ela nunca seguiria. Voltou por mim e por Yamato quando os comunistas nos pegaram. Isso sem mencionar Katsuo...

Katsuo. O competidor japonês que havia morrido num acidente que Yael causara para tentar

chegar à dianteira. Tecnicamente falando, a morte tinha sido acidental, mas aquilo não diminuía em nada a culpa de Yael. Tsuda Katsuo estava morto por causa dela. O primeiro nome numa lista crescente: Tsuda Katsuo, metamorfo anônimo...

Ela tinha começado a missão com uma lista sem nomes, as mãos limpas. Tinha crescido à sombra da morte, e tudo em troca do quê? Tinha observado tantos caírem nas garras dela — Babushka, sua mãe, Aaron-Klaus — e queria desesperadamente, incontrolavelmente, pôr um fim naquilo.

Por um tempo, achou que poderia.

Yael queria ser como as valquírias do folclore nórdico. Mulheres aladas que cavalgavam para a guerra no dorso de lobos escolhendo quais soldados viveriam e quais morreriam. Tinha achado que poderia dar um sentido à morte se a usasse do jeito certo. (Uma morte para acabar com a morte.) Por isso, havia apontado a arma para o homem no salão de baile e feito sua escolha.

Luka continuou falando:

— A questão é que você tem um coração. E, agora, estou apostando minha vida nisso.

Vida ou morte?

Yael estava cansada de escolhas.

— Como vou saber que você não vai contatar as autoridades assim que eu virar as costas? — ela perguntou.

— Considerarei isso — Luka disse com um descaramento que só ele conseguiria demonstrar. — Mas seu rosto está bem... diferente. Se eu arrastasse você de volta para lá, quem acreditaria em mim?

Vida? Ou morte?

Morte? Ou vida?

Havia nomes demais na lista sem o de Luka Löwe no final.

— Tire a roupa — Yael disse.

Luka abriu um sorriso enquanto despiu a jaqueta e começava a desabotoar o uniforme, revelando uma camiseta encharcada.

— Não tudo — Yael disse antes que ele pudesse tirá-la também. — Só as peças óbvias. Suásticas, Cruzes de Ferro, qualquer coisa que destaque você.

Luka enrolou o uniforme (medalhas, camisa marrom, gravata preta) e jogou entre os sacos de lixo. As duas Cruzes de Ferro — o auge de mais de quarenta mil quilômetros, cinco anos da vida de Luka — foram tiradas em seguida, deixadas ao lado de restos de comida e papel rasgado. Ele pegou a jaqueta de volta e a pendurou no ombro.

— Como estou? — perguntou.

Yael deu uma examinada rápida no garoto. Não havia nenhuma águia do partido, nenhuma suástica... Ele tinha ido ao Baile da Vitória de botas em vez do sapato tradicional da Juventude Hitlerista. *Luka Löwe*, Yael lembrou a si mesma, *nunca foi chegado a convenções*. Sua jaqueta (de couro marrom antigo, enquanto as jaquetas dos competidores do Eixo eram pretas padronizadas) era prova daquilo. Ele a tinha usado nas três últimas corridas. Havia anos de filmagens da Reichssender com ele a usando.

— E a jaqueta? — Ela indicou com a cabeça.

— Fica.

Curioso. Yael esperaria uma resistência maior quanto às Cruzes de Ferro, não ao velho pedaço de couro. Mas a mão de Luka segurava a peça com firmeza, como se a desafiasse a tirá-la dele. Ela poderia fazer isso, e talvez tivesse feito se o rosto de Luka não fosse tão nórdico e seu cabelo tão ardente quanto o sol do meio-dia.

— Tudo bem. Continue usando para cobrir o rosto.

Luka obedeceu, posicionando o couro de maneira que fizesse sombra sobre o rosto. Não era o mais sutil dos disfarces, mas (Yael tentou se tranquilizar) tinha feito com que chegasse até ali.

DEIXE O MENINO.

Ela precisava deixar.

Mas não conseguia.

— Se você for pego — Yael disse a ele —, se eu achar que vai me trair de alguma forma, largo você. Entendeu?

— Sim, sim, *Fräulein*. — Luka assentiu. — Mostre o caminho.

DEIXE O MENINO DEIXE O MENINO NÃO É SEGURO.

Os instintos de Yael continuavam estridentes, mas ela os ignorou. Fingiu não lembrar que, quase sempre, eles estavam certos.

Quando Felix era mais novo, seu lugar favorito no mundo era a oficina mecânica do pai. Todo dia depois da escola, quando Martin saía para os encontros da Juventude Hitlerista e Adele ia jogar bola com os Schuler, ele se sentava de pernas cruzadas no chão da oficina e ficava ouvindo o pai narrar os problemas dos motores Volkswagen enquanto revirava suas entranhas sujas de graxa.

— A vela de ignição está estragada. Está vendo o óleo corroendo a ponta? — O pai ergueu a peça, limpando a outra mão no macacão azul-marinho. — É só trocar e o carro vai ficar novo em folha.

Da maneira como o pai explicava, as coisas na oficina mecânica faziam sentido. Sempre havia uma solução. Pelos olhos de uma criança de nove anos, não parecia haver nada que ele não fosse capaz de consertar. Foi só três anos depois, parado às margens do autódromo Nürburgring, que Felix descobriu a terrível verdade: aquilo não era verdade. Algumas coisas ficavam quebradas demais para ser consertadas. As vértebras do pescoço destrozado de Martin, por exemplo, não podiam ser simplesmente trocadas.

A oficina mecânica tinha ficado para trás agora. Suas pilhas de pneus, suas paredes de blocos de cimento cobertas por diagramas de motores, suas fileiras de chaves inglesas dispostas por tipo e tamanho... Felix tinha vendido tudo para *Herr* Bleier em troca de Reichsmarks suficientes para pagar o suborno para entrar no Tour do Eixo e impedir que sua irmã se enredasse demais na conspiração da resistência sobre a qual Hans Schuler o havia alertado.

Mas Adele não apenas corria o risco de estar no caminho da conspiração. Ela *era* a conspiração. Felix tinha tentado de tudo para impedi-la, procurando consertar mais uma coisa que não podia ser consertada. Ele havia dado o melhor de si, e agora não tinha mais a oficina nem sua irmã, que o havia deixado para enfrentar sozinho as consequências da confusão em que o metera.

Consequências muito, muito dolorosas.

As botas de montaria da ss — com as solas pregadas com tachas e chapas de ferro no calcanhar — eram instrumentos de tortura feitos sob medida. Nariz Inchado precisou de apenas três chutes no abdome de Felix para ouvir algo estalar.

Para aquilo, não havia conserto.

Felix sabia que era um homem morto. Desde o momento em que olhara nos olhos de Baasch, vira que não teria futuro. Tudo o que podia fazer no momento era suportar a agonia,

proporcionando tempo necessário para sua irmã fugir.

Mais um chute. Outro estalo. O ardor em seu abdome se espalhava, quente como carvão e fundo como brasa. Felix engasgou com o ar. Havia algo pegajoso em seus lábios...

— *Herr Wolfe*. — A bota do *Standartenführer* Baasch bateu no chão. — Tempo não é um luxo que podemos nos dar esta noite. Para onde foi a garota?

— N-não sei.

Baasch se inclinou e murmurou algo para Nariz Inchado, que tirou as algemas do punho de Felix e abriu sua mão direita no chão.

— Você é um mecânico, não é? Motores são compostos por muitas pecinhas pequenas. Você deve precisar de dedos muito habilidosos... — A pausa do *Standartenführer* Baasch tomou conta da sala. — Diga com quem a garota está trabalhando.

A resistência. Comece com o menino Schuler da Wolfsgangstrasse. Ele sabe... Não. Felix se conteve. *Não diga isso. Nem pense nisso.*

Pelo menos um Wolfe tinha de sobreviver. A vida de Adele dependia do silêncio dele.

A bota se ergueu sobre os dedos mindinho e anelar de Felix. A chapa do calcanhar caiu com uma intensidade repulsiva. A dor dentro de Felix ganhou vida — crescente, uivante. O calor em seu abdome encontrou o dos dedos esmagados e assumiu uma forma animal, saindo de sua boca num berro.

Baasch não ergueu o pé. Tinha o tom de voz quase entediado quando disse:

— Diga. Por que acha que precisa proteger a garota depois que ela amarrou você e o deixou aqui para que o encontrássemos?

— Não vou... — os dentes de Felix pareciam quebrados enquanto juntava as palavras, o sangue com gosto de ferrugem em sua boca — ... trair minha irmã.

— Sua irmã? — A risada de Baasch reverberou na madeira do piso. Ele ergueu o calcanhar. — Você estava assistindo à televisão. Não ouviu o que ela gritou antes de puxar o gatilho?

— Está sem som, *Standartenführer*. — Nariz Inchado apontou para a tela.

— Ah. — O comandante foi até o aparelho e girou o botão de volume até as caixas de som emitirem um longo zumbido baixo. — É nobre da sua parte suportar tanta dor em nome de sua família, *Herr Wolfe*. O senhor é um ótimo exemplo de sangue e honra. Mas sinto em dizer que é em vão. A garota que atirou no salão de baile não era sua irmã.

A dor nos dedos de Felix se misturou fracamente com a afirmação do oficial. *Não era* (unhas lascadas) *sua* (sangue pegajoso no chão) *irmã* (aquilo era um osso?).

Ele não conseguia acreditar.

— Você não deveria se sentir tão mal — o comandante da SS continuou. — A prisioneira 121358ΔX enganou um bom número de pessoas. Os diretores da corrida, a imprensa da Reichssender e até o próprio Führer. Ela deve ter estudado por um bom tempo para representar a *Fräulein Wolfe* tão bem. A menina foi uma das primeiras cabaías do Projeto Doppelgänger. É capaz de mudar a aparência quando quiser. Pode parecer igual à sua irmã num instante e ser uma completa estranha no minuto seguinte.

Aquelas palavras não faziam sentido.

Mas... faziam.

Felix se deu conta de que faziam todo o sentido porque ele tinha visto a mudança. No Cairo, havia seguido a garota que pensara ser sua irmã pelo mercado noturno, entre ruas escuras e sinuosas, por todo o caminho até o café. Quando havia entrado para confrontá-la, encontrara uma garota egípcia usando as mesmas roupas. Depois, Adele havia dito que sabia o que ele faria e por isso tinha trocado de roupa com a menina.

Ela mentira. Não era de roupa que havia trocado, mas de rosto.

A garota com quem tinha corrido por vinte mil quilômetros, a garota que havia batido em seu rosto com uma arma duas vezes, a garota com quem tentara e tentara recriar um laço, a garota que ele largara tudo para salvar... não era sua irmã.

— É preciso pagar com sangue pelo que aconteceu na televisão, *Herr Wolfe*. Tenho certeza de que o senhor entende a situação delicada em que estamos. O mundo assistiu à sua irmã atirar no Führer. Se não retaliarmos na mesma moeda, as pessoas vão começar a questionar nossa firmeza. — Baasch irrompeu numa tosse. Levou o lenço de um branco impecável à boca.

Retaliar na mesma moeda. Palavras que combinavam com o lenço do *Standartenführer* da ss. Luxuosas, de primeira classe, cobrindo uma ideia muito mais sinistra: atirar em Adele. Não. Se executassem sua irmã em público, seria da maneira tradicional: guilhotina. Cabeças rolando eram uma demonstração muito mais poderosa do que buracos de bala.

— Vocês não podem fazer isso! — Felix disse com a voz rouca. — E a garota?

— O que tem ela?

Felix queria fazer muitas perguntas. Ele achava a ideia de alguém mudando de rosto fascinante. Como fazia para que seus olhos tivessem exatamente o mesmo tom de azul dos de Adele? Como sua pele replicava os traços mais delicados de sua irmã, até as sardas e cicatrizes? Como era possível que um corpo humano se desmontasse e remontasse daquela forma?

Mas a dor ardia mais do que a curiosidade, borbulhando com o sangue na boca dele, infiltrando-se na raiz de seus dentes, queimando tudo menos a raiva. Era curioso como poucos minutos antes ele tivera dificuldade de compreender tamanha fúria. Uma fúria que consumia todos os centímetros de um ser.

Agora, aquela fúria era Felix, e Felix era aquela fúria.

— Foi ela quem f-fez isso. É ela quem d-deve... — Ele engasgou com o próprio sangue. Era demais para engolir, então cuspiu. Gotas mancharam a bota do comandante da ss. — P-pagar.

— Concordo. — Se Baasch ficou incomodado, não demonstrou. Ele indicou com a cabeça a mão destruída de Felix. — O que nos traz de volta à primeira pergunta. Para onde foi a garota?

Sua mente girou, em chamas de tanta dor. A cabeça de Adele rolando e rolando, o cabelo loiro manchado de sangue. Para onde foi a garota? Como Felix saberia? Ela não tinha revelado seus planos. Tudo o que fizera fora acertá-lo com a arma...

Pare. Pense. Volte...

Havia uma informação.

Na última vez em que Felix vira sua irmã (Não! Não era sua irmã. Era a prisioneira), ela o havia imobilizado no chão com as cortinas e pegado a arma. A manga do quimono se erguera, revelando uma fileira de cães correndo.

Não uma coisa, mas cinco. Não dita, mas vista.

— Vou contar o que sei. — Felix precisou se conter para não dizer tudo logo, com a língua quente de fúria. Ele ainda precisava defender sua irmã de verdade, até o fim. — Mas quero que Adele seja absolvida.

— Absolvida? — Um sorriso frio (lábios torcidos, olhos sem brilho) se abriu no rosto do *Standartenführer* da ss. — O senhor é um belo negociante, hein, *Herr Wolfe*? Infelizmente, a autoridade para absolver sua irmã está acima da minha patente. Então vamos começar com o seguinte. — Baasch ergueu a bota novamente. A chapa de ferro pairou sobre os dedos médio e indicador de Felix. — Me diga o que o senhor sabe e talvez eu decida não esmagar o que restou da sua mão.

Felix voltou a observar os dedos (oito inteiros e dois esmagados, mais marrons que vermelhos). Ele podia continuar em silêncio e ver o resto de seus dedos se esfacelarem sob o calcanhar de ferro do *Standartenführer* da ss. Ou poderia oferecer aquilo que sabia e torcer por clemência.

Felix não seria um mártir. Não por aquela... aquela... garota. Não por sangue que não era seu.

— Cachorros — ele disse.

O sorriso se desfez no rosto do oficial da ss. Seu calcanhar parou.

— O quê?

— Havia cachorros no braço dela. Uma t-tatuagem. Cinco cachorros.

— Qual braço?

— E-esquerdo. A tinta subia até o cotovelo. Feito uma manga.

A bota do *Standartenführer* parou no ar. Gotas da saliva de Felix salpicaram a sola, perto demais. Um, dois, três... A bota ainda no ar... Quatro, cinco, seis... Baasch desceu o pé. Acertou o chão, perto da ponta dos dedos de Felix.

— Obrigado, *Herr Wolfe*. Essa informação é muito útil.

A porta do quarto se abriu. Outro soldado da ss enfiou a cabeça pela abertura, o semblante carregado.

— *Standartenführer*?

— O quê? — Baasch vociferou.

— Finalmente fizemos contato com a Alemanha. Mas temos um problema... O *Reichsführer* Himmler deseja falar com o senhor.

— O *Reichsführer*? Muito bem. — Baasch se voltou para Nariz Inchado. — Peça que *Obersturmführer* Thiessen envie uma notificação sobre as marcas da *doppelgänger*. Tatuagens não podem ser alteradas neles. Os cachorros vão estar lá qualquer que seja a forma que a menina assumir. Se tivermos sorte, podemos usar isso para fazer uma identificação positiva.

Baasch começou a caminhar para a porta. O calcanhar de sua bota marcou o trajeto com sangue de Felix: C C C marcando madeira em estranhos intervalos vermelhos.

— Ah, e tragam um pouco de água para *Herr Wolfe*. Tenho mais algumas perguntas para ele quando voltar.

Couro molhado cheirava a *Scheisse*.

O fedor entrava pelas narinas de Luka enquanto ele observava a *Fräulein* atravessar a rua. A falsa Adele parecia à vontade ao fugir pela escuridão. Seu cabelo aveludado batia contra as bochechas enquanto ela caminhava, misturando-se tão perfeitamente às sombras que, por um momento, Luka se pegou sufocado pelo medo de que a própria garota desaparecesse. Mas a forma da *Fräulein* ainda era a mesma quando parou do outro lado da rua, vigiando os arredores antes de chamá-lo com um velho sinal da Wehrmacht.

Onde a falsa Adele havia aprendido os sinais da Wehrmacht? Aliás, onde a *Fräulein* havia aprendido tudo o que sabia? Plantar distrações em perseguições, escalar paredes, atravessar fossos, enfrentar e superar alguém consideravelmente maior... Até onde Luka sabia, a Liga das Moças Alemãs não ensinava nada daquilo.

Quem era aquela garota?

— Você tem nome? — Luka perguntou enquanto corria na direção da falsa Adele.

— Por que eu deveria dizer? Você nunca ia se dar ao trabalho de usar.

Ela estava certa.

Luka deu de ombros.

— Acho que “falsa Adele” soa bem.

— Se não parar de falar em alemão, vou largar você na sarjeta — ela sussurrou e seguiu em frente.

Luka, quase sem enxergar por causa da jaqueta e mal conseguindo respirar com o cheiro de bicho morto, seguiu a garota sem nome e reviu suas opções.

Opção 1: subjugar a *Fräulein*. (Correção: *tentar* subjugar a *Fräulein*, já que ela tinha acabado com ele no beco.) Chamar as autoridades. Torcer para que não morressem de rir com a história maluca de que ela podia mudar a aparência.

Opção 2: ver aonde aquilo ia dar.

No momento, aquilo estava dando em um brejo a passos lentos e diligentes de vinte centímetros por hora. A cada meia dúzia de passos, a falsa Adele sinalizava para ele parar. Luka era obrigado a ficar para trás nas sombras enquanto ela fazia o reconhecimento da área. Sempre que as pessoas passavam, a menina realizava o mesmo truque que tinha feito no beco — aproximando-se quase a ponto de beijá-lo, franzindo o nariz com o cheiro de *Scheisse* do couro molhado. Aquilo o fazia queimar por dentro, assim como tinha acontecido no trem, no *Kaiten*, no salão de baile. Seu corpo sofria com a ressaca de amor misturado com ódio e

surpresa.

Quem era aquela menina? Por que ele ainda queria beijá-la?

A *falsa Adele não é Adele*, Luka disse a si mesmo várias e várias vezes enquanto se mantinha imóvel, sem demonstrar emoção, esperando que o perigo passasse.

Eles atravessaram a cidade. Desceram quarteirões, atravessaram becos, passaram por parques, cruzaram pontes, devagar e devagar. As estrelas já estavam no alto e a noite estava escura quando chegaram à beira do porto de Tóquio e pararam do outro lado do conjunto de docas. Luka não era nenhum arquiteto, mas conseguia ver que aquela era uma adição do pós-guerra aos canais da capital, com luminárias reluzentes e tábuas novas. Dezenas de barcos — balsas de passageiros, botes de pescadores, lanchas sofisticadas — repousavam ali.

— Então. — Luka apontou para as docas. — Vamos roubar um barco?

A menina virou para ele, arfando pelas narinas delicadas.

— Pensei que tinha dito para não falar em alemão — ela sibilou nessa mesma língua.

— Não sei falar outra língua!

— Então nos faça um favor e cale a boca.

A resposta normal de Luka a qualquer ordem era sorrir e fazer o oposto. Mas ele já havia forçado sua sorte no beco e sabia que a falsa Adele não precisaria de muito para deixá-lo para trás. Sem ela, ele seria um garoto-propaganda fugitivo perdido no centro de Tóquio (traduzindo: um homem morto.)

Luka ficou de boca fechada.

— *Eu* vou roubar um barco — a garota disse em alemão, em voz baixa e segura, para que Luka entendesse. — Você vai ficar aí.

— Aqui? Sozinho? — Ele inspirou fundo, arrependendo-se na hora ao sentir o fedor de couro molhado e tossir. — Acho que não!

— Faz só algumas horas que tudo aconteceu. A ss deve ter pedido para os japoneses aumentarem a segurança nos pontos de saída da cidade. Pode haver patrulhas. Se eu for pega mexendo nos barcos, posso me livrar com algumas mentiras. Mas isso seria bem mais difícil se você estivesse comigo. Volto para te buscar quando estivermos prontos para partir.

A *Fräulein* atravessou a rua antes que ele pudesse discordar. Daquela vez, ela realmente desapareceu; seu cabelo, sua jaqueta e seu rosto se misturaram às sombras do porto.

Luka ficou sozinho, ansiando por um cigarro, observando as docas em busca de sinais do retorno da falsa Adele. A água brilhava, temperamental sob a luz dos postes. Uma ou duas vezes a escuridão se mexia com movimentos minúsculos que só podiam ser de ratos.

Nada de patrulhas. Nada de *Fräulein*.

Minutos se passaram. A fissura por um cigarro corroía e crescia. O cheiro de homem morto e *Scheisse* tinha se tornado nauseante. Ele tinha contado três carros passando e cinco ratos quando a certeza o atingiu com tanta força quanto o punho direito de Felix Wolfe.

A falsa Adele tinha ido embora. E não voltaria.

Luka achava compreensível. Sua fuga era certa assim que não tivesse o rosto dele ao seu lado. Se estivesse no lugar dela, considerando suas chances de cem por cento contra “nem ferrando”, teria feito o mesmo. Estava mais desconcertado por como tinha se permitido

acreditar no “Volto para te buscar” da garota, deixando-o pendurado como uma isca, à espera do ataque dos tubarões da ss.

Luka apostara que ela tinha um coração. E começara a temer que também tivesse um...

Uma voz — não muito diferente da de seu pai — enchia sua cabeça. *Enganado por uma garota? De novo? É bem a sua cara, seu dummkopf de coração mole.*

Luka estava cansado de se iludir. Tirou a jaqueta da cabeça e a vestiu, atravessando a rua até o porto. As docas eram bem maiores do que pareciam do outro lado da rua, um labirinto de luzes industriais e cascos cobertos de kanjis estendendo-se sobre as águas escuras. Ele desceu pelo caminho principal — com os dentes cerrados e o coração fervendo —, passando de doca em doca vazia.

Na quarta doca, uma sombra humana passava em volta dos círculos de luz, parando de tantos em tantos passos para examinar os barcos em suas carreiras.

O coração de Luka subiu fervilhante na garganta quando gritou:

— Não vai se livrar de mim tão fácil, *Fräulein!*

O vulto virou, entrando num dos círculos de luz. Onde Luka esperava ver uma jaqueta preta e narinas alargadas pela fúria, encontrou um quepe militar verde-oliva, uma jaqueta de lona e o cano fino de um fuzil...

Não era a falsa Adele. Era um membro do Exército Imperial Japonês.

Scheisse.

Os dois se entreolharam, um instante lento deslizando entre eles. Então, o soldado gritou palavras que os ouvidos de Luka não conseguiram decifrar. Mas ele entendeu muito bem a essência delas (traduzindo: o caçador tinha virado caça).

Luka Löwe soltou um palavrão em voz alta e começou a correr.

Havia alguns candidatos a barcos de fuga ao longo das docas, mas Yael não perdeu tempo avaliando seus méritos. O barco que escolhera era tão bom quanto qualquer outro: pequeno o bastante para ser discreto e com potência de motor suficiente para suportar as ondas encrespadas das águas profundas do mar da China Oriental para que ela e Luka pudessem chegar à Europa.

Quando Yael abriu o painel da lancha, descobriu que a fiação não era muito diferente daquela que Vlad tinha usado para ensiná-la a fazer ligação direta: emaranhada, colorida e simples. Levaria apenas alguns segundos para dar partida no motor.

— Ele está aqui! Preciso de reforços!

— *Verdammt SCHEISSE!*

Dois gritos em duas línguas diferentes, ambos a poucas docas de distância. Yael deixou o painel cair quando os ouviu, xingando Luka em cada uma das seis línguas que conhecia. Ela sabia que ele não ficaria parado, mas não imaginava que fosse tão desmiolado a ponto de enfrentar uma patrulha.

Mais gritos — todos em japonês — surgiram de vários locais ao redor. Um a poucos metros a nordeste. Outro a oeste. Outro ainda ao sul. Pelo menos quatro soldados, pela contagem de Yael. Não era um número de oponentes razoável para ela dar conta sozinha.

Tampouco era impossível.

DEIXE O MENINO CORRA CORRA CORRA.

O painel estava aberto, com os fios pendurados — vermelho, amarelo e preto. Dez segundos era tudo de que ela precisava para ligar o motor.

Dez segundos e uma vida.

NÃO SEJA UMA HEROÍNA NADA PODE CONSERTAR O QUE VOCÊ FEZ VOCÊ OPTOU PELA MORTE ANTES POR QUE NÃO DE NOVO?

Por que não de novo?

Os gritos estavam se aproximando. Mesmo se Luka conseguisse sair das docas por conta própria, ele não conseguiria sair da cidade. Era loiro demais, barulhento demais, *presente* demais.

Yael xingou Luka. Xingou os soldados por patrulharem aquela exata doca àquela exata hora. Xingou a si mesma por sair da lancha e sacar a P38.

Ela não correu diretamente para a bagunça descarregando a arma. Vlad havia lhe ensinado bem. Manteve-se na escuridão, saltando de barco em barco, passando pelas proas até chegar ao

barco mais alto. De lá, conseguiu avaliar a situação.

Não era nada boa.

Luka estava encurralado na doca principal por um trio de fuzis Arisaka 99. Os canos estavam apontados para o peito dele por patrulheiros que pareciam tão abalados quanto o garoto e conversavam exaltados entre si.

Soldado um:

— É um dos vencedores!

Soldado dois:

— O que ele está fazendo aqui?

Soldado três:

— Foi ele quem convidou a prisioneira para o Baile da Vitória. Deve ter fugido quando ela...

Luka (em alemão frenético):

— Vocês vão meter bala em mim ou não? Se sim, prefiro que acabem logo com isso.

Soldado um:

— É arroz na cara dele?

Soldado três:

— O garoto está fedendo a bunda de cachorro.

O diálogo dos homens logo se transformou numa competição de insultos. Nenhum deles parecia muito preocupado com o que fazer com o vencedor alemão subjugado. Não havia sinal do quarto homem. Devia ter saído para comunicar a descoberta.

Se Yael quisesse salvar Luka, aquele era o momento.

Ela caminhou devagar e em silêncio até a doca, aproximando-se do local onde os soldados faziam piada. Dois deles estavam de costas para a garota e o terceiro parecia distraído demais com as piadas dos companheiros para notar as sombras em movimento na doca distante. As mãos de Luka estavam erguidas no alto; o garoto estava completamente concentrado nos fuzis. Seu maxilar estava rígido de tensão.

Durante o trajeto do Tour do Eixo, Yael tinha visto Luka quebrar narizes e desarmar soldados soviéticos com uma elegância brutal e decidida. Ele sabia lutar quando não estava cercado por Arisaka. Só precisava de uma distração, e ela daria isso a ele.

Yael soltou a trava de segurança da P38, ergueu o cabo e apontou para a água. Seu dedo encostou no gatilho, à espera do momento certo para atirar.

Que não chegou.

Um círculo de metal tocou suas costas, seguido por uma ordem igualmente abrupta.

— Não se mexa.

O quarto soldado não tinha ido comunicar a descoberta. Estava esperando por ela.

— Aqui! — ele gritou para os outros em japonês.

O coração de Yael cantou seu velho refrão: raios, *tum*, *Verdammt*. Seu cérebro perpassava o treinamento de Vlad, ignorando o próprio medo. A maioria das pessoas teria achado um fuzil Arisaka 99 pressionado contra a pele paralisante. Yael não. Ela virou e atacou. O quarto soldado apertou o gatilho uma fração de segundo tarde demais. A bala não acertou Yael (que sentiu seu sopro, a quase morte passando por ela mais uma vez), voltando-se diretamente para

a patrulha. A menina agarrou o soldado e o derrubou da doca. Em seguida, virou para enfrentar o restante.

O tiro não acertou ninguém, pois, quando Yael olhou para Luka e os outros soldados do Exército Imperial, não viu sangue, só caos. Fuzis pendurados, braços pendidos. Luka tinha pulado em cima do soldado mais próximo; a dupla se tornara uma confusão de verde e couro. Os outros dois patrulheiros apontaram suas Arisaka para Yael e dispararam. A mira era péssima, frenética. Um tiro lascou a madeira perto dos pés dela. O outro passou sibilante sobre seu ombro.

Os dois homens se atrapalharam com as recargas das armas, dando a Yael segundos valiosos para guardar a P38 e saltar. Um desistiu de recarregar o fuzil e sacou a baioneta. Yael não teve tempo de pegar a faca guardada na bota: os dois colidiram e combateram corpo a lâmina. Ele era um lutador talentoso: previu o primeiro soco dela, desviou e deu seu próprio golpe. O passo para o lado de Yael não foi rápido o bastante; a ponta da baioneta raspou sua jaqueta, cortando o couro, mas não a pele. O segundo golpe da garota foi mais efetivo. Yael sentiu seus ossos acertarem a carne, fazendo a cartilagem estalar.

O soldado girou para longe dela, levando a mão livre ao rosto e deixando o sangue escorrer por entre os dedos. Yael estava prestes a dar uma gravata no homem quando ouviu uma série de sons de apertar o coração.

Ruim: um cartucho de balas caindo na doca. Pior: uma leve torção e o clique de uma trava de fuzil. Pior ainda: uma ordem primeiro em japonês, depois em um alemão preciso:

— Mãos ao alto, ou eu atiro.

O Arisaka do segundo soldado estava apontado diretamente para Yael. Ele estava perto demais, pronto demais, não havia como desviar. Ela ergueu as mãos. Bastou um olhar para o lado para constatar que a luta de Luka não tinha sido melhor. Ele estava caído de costas, com os lábios contraídos, a arma semiautomática Nambu pressionada contra sua garganta.

— Sinto muito, mas acho que ocorreu um engano — ela começou, tentando manter o japonês fluido, sem pressa. — Eu estava aqui apenas limpando o barco do meu pai...

— Verifiquem o braço dela! — o quarto soldado vociferou da ponta da doca, saindo da água.

O sangue continuava a escorrer do rosto do primeiro soldado quando ele puxou a manga esquerda dela. O tecido deu lugar a chumaços de gaze desfeita, que o soldado arrancou. Embaixo dela, haviam lobos feitos de tinta e turbilhão: Babushka, *Mama*, Miriam, Aaron-Klaus, Vlad. Suas partes, sua dor, seu ser. Despidos, expostos para todos verem.

O soldado ferido enfiou o dedo na pele de Yael. Sua unha pousou nas presas à mostra do lobo de Vlad.

— São as marcas de que a ss falou. É ela. A prisioneira.

— Excelente. Vamos levar os dois de volta ao palácio.

Mas... como a ss poderia saber sobre os lobos?

Felix. O outro garoto que ela tentara deixar para trás. (E de fato deixara.) Yael tinha a esperança de que, quando a ss encontrasse o irmão de Adele amarrado e amordaçado no quarto dela, pressuporiam sua inocência. Afinal, ela havia gritado sua verdadeira identidade para

quem quisesse ouvir.

O estômago de Yael gelou. Ela deveria saber que não era assim que as coisas funcionavam. Inocência e culpa eram irrelevantes nos tribunais da ss. Suas leis eram muito mais severas.

O que tinham feito com Felix para que falasse?

O que fariam com ela e Luka?

Yael já sabia a resposta. Era o motivo por que muitos agentes da resistência escondiam comprimidos de cianeto na sola do sapato. Era o motivo pelo qual, depois de atirar três vezes no peito do Führer em 16 de maio de 1952, Aaron-Klaus atirara na própria cabeça. Era o motivo pelo qual sentia o frio continuar a aumentar, gelar, em desespero.

Vida ou morte.

Yael já havia feito sua escolha naquele barco.

Daquela vez, a morte seria dela.

A vida de Luka tinha sido marcada por uma trilha de migalhas de revolta. Primeiro, pelos pequenos e frágeis efeitos da altivez de um pai nacional-socialista. Uma língua apontada para o retrato do Führer. Um cigarro tragado (mas quase cuspidos) atrás da loja de *Herr Kahler*. Coisas que Kurt Löwe odiava. Coisas que faziam com que se sentisse Luka, e não só mais um seguidor leal.

Mas sempre houvera uma parte dele que desejava aquela bicicleta vermelha. A mesma parte que queria que seu pai segurasse seu ombro e dissesse: “Muito bem, meu filho”. A mesma parte que fizera Luka limpar a velha BMW R12 e se matricular no programa de treinamento para o Tour do Eixo da Juventude Hitlerista. A mesma parte que o fizera subir em sua motocicleta de novo e de novo, no calor e na neve, depois de inúmeras quedas.

Essa parte de Luka queria ser tão forte quanto o pai, e mais ainda: resistente como couro, duro como aço. Essa parte o motivara, motivara e motivara por todo o caminho até a vitória do Tour do Eixo de 1953.

Tudo mudara depois que ele vencera. Luka conhecera o Führer de verdade e não mostrara a língua (embora não conseguisse evitar que os pelos de sua nuca se arrepiassem; uma resposta puramente instintiva). O vencedor não apenas se tornara parte do sistema que o sufocava, mas sua imagem. Seu rosto fora imortalizado em pôsteres de *Sieg heil* em todas as ruas do Reich. *Somos fortes*, o povo ariano pensava quando os via. *Somos tão invencíveis que um menino de catorze anos consegue atravessar continentes e vencer*.

Mas, sempre que olhava para esses pôsteres, Luka não se sentia forte. Não se sentia certo. Sentia-se... tragado. As pessoas viam sua imagem — um garoto de jaqueta com cabelo à moda militar, braço erguido numa continência alta —, mas não era ele que viam.

Então as migalhas de descontentamento foram ficando maiores, mais marcantes. Uma cartela de cigarros por semana. Uma jaqueta marrom no lugar do uniforme preto de corrida tradicional. Uma palavra de fúria — ou duas ou três — sobre o estado das coisas, apenas na companhia certa. Aquele quebrar de regras era muito calculado. Apenas o suficiente para diferenciá-lo, nunca o bastante para uma passagem só de ida para os campos de trabalho forçado.

Mas, depois que a *Fräulein* havia voltado para buscá-lo, depois que ela lutara contra os soldados japoneses e perdera, depois que as armas deles tinham sido confiscadas e suas mãos amarradas, depois que tinham sido enfiados num camburão de patrulha com tanta dignidade quanto um *verdammt* fardo de palha, Luka soube que havia cometido um erro.

Na verdade, ele pensou enquanto o carro atravessava as ruas de Tóquio, *muitos erros*. Vagar pelas docas. Perseguir a falsa Adele pelo jardim. Convidá-la para o Baile da Vitória. Acima de tudo, apaixonar-se (duas vezes, aliás).

A *Fräulein* estava sentada ao seu lado, olhando pela janela, enquanto atravessavam o portão do Palácio Imperial.

— De volta tão cedo — Luka murmurou.

Ele a observou e esperou. Que revirasse os olhos. Replicasse. Qualquer coisa. Mas a falsa Adele continuava olhando pela janela com o rosto pálido. Luka preferia que ela estivesse gritando. Conseguiria enfrentar palavras de fúria e acusações. Mas silêncio...

Ele nunca se dera bem com o silêncio.

O silêncio estava por toda parte. No dia anterior, Luka tinha atravessado o portão do Palácio Imperial ao som de uma tempestade de vivas e flashes de câmera. Não havia nada daquilo agora. O terreno estava estranhamente quieto por ser o local onde o Führer acabara de levar um tiro. Não havia mais homens frenéticos da ss pelo jardim. Pouquíssimas luzes estavam acesas; a maioria das janelas estava escura.

Luka e a falsa Adele foram entregues para os guardas da ss e arrastados de volta para o salão de baile. A música tinha sido silenciada e os convidados, expulsos. As câmeras da Reichssender estavam desligadas — seis visões cegas cercando uma pista de dança coberta de vidro. O corpo de Adolf Hitler jazia no meio do cenário estilhaçado. Alguém cobrira o cadáver com um lençol antes que o sangue secasse por completo. Manchas se infiltravam. O vermelho já desbotado...

O Führer, um homem tão lendário — cujo rosto estava por toda parte, sempre (sobre a cornija da lareira dos pais de Luka, na tela da TV deles, nas páginas de todos os livros didáticos) —, agora não passava de carne à espera dos vermes. Luka — além da possibilidade de ser implicado, torturado e executado — não estava especialmente dilacerado pela morte. Por mais estranho que parecesse, os guarda-costas da ss tampouco pareciam chocados. O de patente mais alta estava até sorrindo: uma expressão dura, sem a presença de covinhas ou rugas. Não combinava com o rosto daquele homem.

— Vencedor Löwe — o oficial da ss grunhiu quando a dupla foi jogada na frente dele. — Esperava mais de você.

Agora era o melhor momento para Luka contar seu lado da desgraça. Ele sempre tivera talento para se livrar de situações complicadas. (Evidência A: ele tinha convencido os organizadores do Tour do Eixo de que poderia usar sua jaqueta marrom porque pertencera a seu pai, um veterano, e, afinal, o objetivo da corrida não era honrar o sangue e as vitórias da guerra?) Mas Luka se deu conta de que a história de como havia perseguido bravamente uma garota através de Tóquio para prendê-la não soaria verdadeira por um simples motivo: ela tinha tentado salvá-lo. A falsa Adele havia lutado por ele como se luta por um aliado. Um amigo.

As evidências estavam contra Luka de uma forma que nenhum sorriso charmoso ou truque lógico poderiam apagar. Seu destino estava ligado ao dela. Para o bem ou para o mal.

No momento, parecia que mais para o mal.

Ele analisou o uniforme do oficial da ss em busca da patente. Um anel de sinete dourado,

gravado com duas runas *Sieg*, cintilava no dedo médio do homem. Duas folhas de carvalho banhadas de prata prendiam seu colarinho. O símbolo claro de um...

— *Standartenführer*...

— Baasch.

— Obrigado, *Standartenführer* Baasch — Luka cumprimentou. — Acredito que o senhor acabou de criar o título da minha autobiografia.

Luka Löwe: Esperávamos mais de você. Provavelmente será mais agradável de ler do que aquela chatice de *Mein Kampf*...

O *Standartenführer* da ss pigarreou, dirigindo o olhar para onde a falsa Adele era mantida por um *Sturmmann* da ss. A manga esquerda da jaqueta dela estava arregaçada: a matilha de lobos corria do punho até o cotovelo sob a luz dos candelabros.

— Quanto a você, prisioneira 121358ΔX, nunca teria imaginado que um dos ratos de laboratório do dr. Geyer chegaria tão longe. Você realmente convenceu a mim e aos meus homens de que era *Fräulein Wolfe*.

Prisioneira? Rato de laboratório? Do que o *Standartenführer* estava falando?

— Mesmo depois de todo esse tempo, *Saukerls* que nem você ainda não conseguem usar meu nome — disse a falsa Adele.

Todos os pensamentos de Luka desapareceram enquanto observava os traços da *Fräulein* mudarem. O processo parecia diferente fora da escuridão onírica do jardim, sob a luz do salão de baile — muito mais arrojado e real. Os ângulos do rosto dela mudaram; todos os traços de ascendência asiática desapareceram. O cabelo — longo e sedoso, branco puro — brotou de seu crânio. Sua pele era igualmente pálida, sem pigmentação. Seus olhos... ardiam em um tom impossível de azul-claro de néons fluorescentes que deixava as íris brilhantes de Adele no chinelo.

— Eu sou Yael — ela disse.

Yaaaaaaaaah-ell. O nome tinha uma sonoridade poética que não combinava com nenhum dos nomes alemães que Luka conhecia. Tampouco soava japonês ou russo.

— Não é da minha conta como sua mãe chamava você. O que é da minha conta é com quem está trabalhando. Preciso de nomes. Endereços. — Os pés do *Standartenführer* esmagaram o vidro das taças de champanhe quebradas enquanto caminhava na direção da garota. Era o mesmo passo agitado do pai de Luka. O mesmo que criava círculos no tapete surrado da sala de estar da família Löwe. O mesmo que fazia o garoto cerrar os dentes porque sabia o que viria em seguida.

O punho do oficial avançou. Houve um som abafado, úmido, que fez Luka se lembrar das noites em que sua mãe fazia *schnitzel* e ficava diante da tábua martelando peças de vitela até ficarem finas como papel.

Yael endireitou a cabeça, balançando o cabelo branco. Uma bandeira de não rendição.

Aquele anel de sinete devia doer pra caramba, mas a menina não emitiu nenhum som. Uma cor começou se espalhar pelo cabelo pálido dela, e a princípio Luka pensou que estivesse se transformando de novo. Mas, quando Yael cuspiu, ele percebeu que era sangue. O anel havia deixado um corte na bochecha dela. O ferimento sangrava abertamente, brilhante e vermelho.

A boca de Yael continuou fechada. Seus olhos ardiam.

— Nomes! — O *Standartenführer* Baasch deu outro soco. Houve mais um baque surdo, tão fundo e repulsivo quanto o primeiro.

Silêncio.

Outro golpe (mais silêncio), outro (mais), outro (mais). Socos tão violentos que o *Sturmmann* da ss que segurava Yael tinha dificuldade para se manter parado. Se ela fosse um pedaço de vitela, logo estaria pronta para a frigideira. Luka ficou à espera de que Yael cedesse — berrasse, gritasse, qualquer coisa —, mas *Scheisse* se ela não era forte. A dor não parecia nada para a *Fräulein* de nome estranho. Pelo que Luka via, era demais para suportar.

A cor, o silêncio, um golpe após o outro...

Ele não aguentava ver.

— Ei! — Luka gritou de repente.

Os golpes pararam, substituídos pelo som pesado e ensanguentado de Yael tentando respirar. O garoto não conseguia ver o tamanho do dano porque o cabelo dela estava colado às bochechas. Mas parecia demais para qualquer homem suportar, quanto mais uma *Fräulein* do tamanho dela. Até o *Standartenführer* da ss parecia cansado enquanto pegava um lenço do bolso e limpava os respingos dos dedos. Ele passou alguns segundos a mais polindo o anel de sinete antes de deixar o tecido imundo cair no chão.

O *Standartenführer* da ss encarou Luka. Seus olhos eram da cor da pele de um tubarão. Pareciam calmos demais.

— Tem um cigarro? — Luka perguntou. — Iria bem agora. Acalmam os nervos. Os meus estão um pouco...

Um punho. Um raio dourado. O anel de sinete realmente doía.

Luka balançou a cabeça para se livrar do clarão na vista, esquecer a dor da runa *Sieg* em seu maxilar.

— Você pode evitar o rosto da próxima vez? Preciso continuar bonito para a coletiva de imprensa.

— Está um pouco tarde para isso — disse o *Standartenführer* da ss. Seu rosto continuava sério. — O vencedor Löwe pediu um cigarro. Vamos oferecer um para ele?

Segundos depois, surgiram um cigarro e um isqueiro prateado. *Clique, fush!* Fios de fumaça saíram dos lábios finos de Baasch; a chama iluminava um círculo brilhante entre seus dedos.

— Usávamos muito isso antigamente. Ferramentas de tortura práticas que cabiam no bolso. Desde que as leis de saúde ariana foram aprovadas, eles se tornaram muito menos convenientes. Ilegais, caros... Mas ouvi dizer que você gosta bastante deles.

— Como eu disse, ajuda a acalmar os nervos. — Os nervos de Luka nunca tinham estado tão longe da calma. Formigavam, espetavam, GRITAVAM enquanto o oficial da ss levava a brasa do cigarro para perto da pele do vencedor.

— Sabe o que acontece quando se brinca com fogo? — perguntou o *Standartenführer* da ss. *Você é queimado.* Na clavícula.

A chama corroeu a epiderme e as terminações nervosas de Luka. Ele tinha que ser duro como aço, resistente como couro. Precisava suportar, suportar, suportar...

Conseguiu não gritar. Em vez disso, mordeu o lábio.

— Pare! — Até a voz de Yael soava úmida. — Luka não participou de nada disso. Nem Felix. Eles não sabem de nada — ela falou em sentenças entrecortadas.

Scheisse. Era um gesto de bondade. Luka estava sinceramente comovido. Mas o *Standartenführer* da ss estava certo. Era tarde demais para aquilo. Luka firmou as botas contra o chão do salão de baile — o mesmo em que haviam dançado — e se preparou para a próxima queimadura. Mas o cigarro ficou pendendo nos dedos do oficial da ss. Seu rosto parecia... pensativo.

— Esses dois... foram encontrados nas docas?

O *Sturmmann* da ss que segurava Yael respondeu que sim.

— Em qual ordem? — perguntou o *Standartenführer* da ss.

— O vencedor Löwe foi imobilizado primeiro — o *Sturmmann* da ss explicou. — A garota tentou resgatá-lo.

— Uma assassina afetuosa. Que peculiar. — Lá estava aquele sorriso de novo. A expressão parecia mais natural num tubarão de verdade do que no rosto do *Standartenführer* da ss. A visão daquele sorriso fez um calafrio percorrer a espinha de Luka feito dentes pontiagudos.

— Luka e Felix são inocentes. — O protesto de Yael era uma mancha em seu rosto espancado. — Deixe os dois irem.

Outro gesto de bondade. Mas o fim de uma era estava próximo, com a morte atravessando o lençol branco feito ferrugem, e um cheiro tão forte e penetrante quanto o sabor nos lábios de Luka. Sangue... misturado ao fedor da própria carne queimada. Era apenas o começo, ele sabia. Consequia ver aquilo no canto do sorriso de Baasch. Cruel como um tubarão, aproximando-se, à espera de muito mais.

O *Standartenführer* da ss ergueu o cigarro de novo, então o virou. Encaixou o lado apagado entre os lábios de Luka. O vencedor quase sufocou, surpreso.

— Mantenha esses dois aqui — Baasch instruiu a seus subordinados. — Tenho algumas ligações a fazer.

Felix não conseguia engolir a água que Nariz Inchado havia levado para ele, então a jogou sobre os dedos. Era uma limpeza insuficiente. Com a mão esquerda ainda algemada à cama, derramou o líquido sobre os ferimentos em porções desiguais. Ele não tinha nada além da barra do uniforme da Juventude Hitlerista para secar a bagunça. Nem sabia direito por que se dava ao trabalho.

O *Standartenführer* da ss ficou fora por tempo demais para uma ligação qualquer. Quando finalmente voltou, Felix se escorou contra o estrado da cama, a mão estropiada protegida junto ao uniforme. Mas Baasch não parecia disposto a quebrar mais dedos. Tampouco mandou que as botas de Nariz Inchado voltassem à posição. Em vez disso, começou a andar de um lado para o outro, pisando na água ensanguentada.

— Sua cooperação recente foi inspiradora, *Herr Wolfe*. A informação sobre as marcas da garota se provaram bastante úteis.

— Vocês... a capturaram. — O estômago de Felix se revirou. Ele não sabia dizer se pela descoberta, pela dor constante que repuxava seus tendões ou pelo cheiro forte de fumaça do uniforme do *Standartenführer*. (As três coisas lhe davam vontade de vomitar.) — Como?

— A garota é bastante sentimental para uma assassina. Isso não trabalha a favor dela.

Se eles a tinham, não precisavam mais de Felix. O que Baasch estava fazendo ali então?

A coluna de Felix parecia torta, como se Nariz Inchado a tivesse chutado até sair do lugar. Ele observou as botas de Baasch com mais atenção do que observaria uma cobra enquanto o homem andava de um lado para o outro soltando aquele fedor terrível, aquele cheiro de queimado...

— Ela não foi a única que capturamos. — Baasch parou ao lado do criado-mudo. Levou a mão ao telefone e discou.

Do que o *Standartenführer* da ss estava falando? O coração de Felix se apertou ainda mais quando o oficial murmurou ao telefone:

— Está em contato com Frankfurt? Que bom. Coloque-os na linha.

Frankfurt. Casa. Ah, Deus...

Baasch esticou o cabo do aparelho o máximo que conseguia, apertando o fone com força no ouvido de Felix. Houve um silêncio, e então:

— Felix? É você?

— *Papa?* — Era mesmo a voz de seu pai. Um barítono rouco coberto pela idade e pela artrite, atenuado por dezenas de milhares de quilômetros de distância. — *Papa*, onde você

está? Cadê a *Mama*?

O som de lágrimas, agudo e frágil, respondeu à última pergunta de Felix.

— Alguns homens foram até nossa casa. Da Gestapo. Nos pegaram... Não sei onde estamos. Você está ferido? Cadê a sua irmã? O que está acontecendo aí?

O dedo de Baasch apertou o gancho. A voz de seu pai foi cortada pelo silêncio.

Gestapo. Os pais de Felix estavam presos. Aquele era um de seus piores medos. Ele falara sobre isso naquele mesmo quarto algumas horas antes, para a garota que não era sua irmã: “Mesmo se você conseguir, o que acha que a Gestapo vai fazer com *Mama* e *Papa*? Você vai acabar com os dois...”.

Mas ela não dava a mínima para os Wolfe.

— Você é um jovem excepcional, *Herr Wolfe*. Poucos percorreriam a distância que percorreu pelo bem de uma irmã. Vinte mil quilômetros, dedos destruídos... — O *Standartenführer* da ss voltou os olhos para o uniforme manchado de Felix. — Sua família é visivelmente importante para você. Diga: até onde iria para proteger seus pais?

O coração de Felix deu um salto, batendo contra o relógio de bolso de Martin.

— Faria qualquer coisa — ele disse, sincero.

— Foi o que pensei — Baasch disse. — A situação mudou. A garota que estava se passando por sua irmã era apenas uma peça de um plano muito maior. A pátria está em risco. Enquanto falamos, existe um golpe acontecendo na Alemanha.

Uma revolução? Na Alemanha? Não parecia possível, não com o controle rígido que o governo nacional-socialista tinha sobre a população. De anos em anos, havia algumas revoltas em territórios afastados — insurreições nos campos de mineração e de petróleo —, mas quase sempre a notícia só chegava às telas da Reichssender quando já haviam sido esmagadas. Destruídas com uma crueldade rápida, brutal e dolorosa.

Um movimento profundo o bastante para atacar o coração do Reich? Não podia ser uma simples cárie. Eram anos de podridão escondida.

— Alguns generais utilizaram a suposta morte do Führer para ludibriar suas unidades da Wehrmacht a tomar conta da capital. Começaram prendendo dirigentes nacional-socialistas importantes. Essa tentativa de derrubar o governo parece altamente organizada. Eles poderiam sair impunes se não fosse por uma falha crucial no plano. — Baasch parou, analisando Felix: braços torneados, cabelo claríssimo, ponte do nariz torta. — Quantos anos tem, *Herr Wolfe*?

— Dezesete.

— Tão jovem... — O oficial da ss estalou a língua. — Jovem demais para lembrar... Houve uma situação como esta anos atrás, durante a guerra. O Führer foi traído por aqueles de sua confiança, homens que planejaram assassiná-lo e tomar o governo. Colocaram uma bomba dentro do quartel-general Wolfsschanze. Quando ela explodiu, os traidores tentaram usar sua morte como desculpa para assumir o controle de Berlim. Mas Hitler sobreviveu. A resistência foi rapidamente esmagada, os conspiradores foram presos e torturados. Eles revelaram os nomes de outros conspiradores, o que levou a mais prisões e mais sessões de tortura... Consegue adivinhar, *Herr Wolfe*, quantos foram executados como consequência desse incidente?

Felix não fazia ideia.

— Trezentos?

— Cinco mil. Cinco mil traidores foram eliminados. E, no entanto, aqui estamos nós, quase doze anos depois, enfrentando outra tentativa de golpe. Obviamente as raízes que tentamos arrancar sobreviveram. Voltaram a crescer... — Baasch estava divagando. Ele sacudiu a cabeça. — Precisamos agir de modo diferente desta vez. A resistência deve ser esmagada para que não tenha chances de voltar a crescer. Todos os envolvidos devem ser exterminados. E o senhor, *Herr Wolfe*, vai nos ajudar.

— Mas não sei de nada. Mesmo quando achei que era Adele... a garota não me deu nenhuma informação. Só fui descobrir que Ade... quer dizer, que a garota estava envolvida com a resistência na metade da corrida. — Era doloroso pensar naquelas conversas uma vez que Felix sabia a verdade por trás delas: mentiras, mentiras, tudo mentira. Era magistral a manipulação: carne e sentimentos, certo e errado.

— Ah, não vou tirar as informações de você com tortura. — O comandante da ss voltou a baixar os olhos para a poça rosada. — Acredito que já tivemos o bastante disso.

— Então... como...?

— Se você soltar um rato da ratoeira, aonde ele vai? — Baasch não esperou pela resposta. — De volta para a toca. É verdade que conseguimos capturar a garota com sua informação sobre a tatuagem. Poderíamos continuar torturando-a na esperança de que nos dê um nome ou dois, mas ela parece ainda mais adepta do que você a resistir à dor. É muito mais fácil fazer com que nos leve diretamente ao quartel-general deles. Claro, não posso deixar que nenhum dos meus homens a persiga. Ela foi treinada bem demais para isso. Ficaria assustada.

— Você quer que eu faça isso — Felix completou.

O *Standartenführer* da ss assentiu.

— Vamos lhe dar as ferramentas de que precisa para escapar. Você vai ganhar a confiança dela e acompanhá-la até o quartel-general da resistência. Quando descobrir onde estão escondidos, vai entrar em contato comigo pelos canais que vou lhe fornecer. Ninguém vai encostar um dedo em seus pais desde que você se mantenha fiel à missão.

Era incrível como o *Standartenführer* da ss conseguia fazer uma ameaça sem chegar a verbalizá-la de tantas maneiras diferentes. Felix preferia as versões mais diretas: *Se você fracassar, vamos matar seus pais.*

— E quanto a Adele? — ele perguntou.

— Já conversei com o *Reichsführer* Himmler sobre o indulto — Baasch disse. — Se tiver êxito, o nome de Adele será limpo.

O que o *Standartenführer* da ss estava pedindo não era um simples reparo. Não era uma troca de peças. Era mais parecido com as poucas vezes que Felix tinha visto seu pai reconstruir um motor do zero. Parafusos de coletor de escape, tampas de válvula, cabeçotes, bielas... todas as peças da máquina tinham que ser separadas, reviradas e recolocadas com uma precisão impiedosa. O serviço levava semanas para ser completado e poderia ser arruinado por uma única peça mal colocada.

Fingir uma fuga, acompanhar uma assassina treinada de volta à Alemanha, infiltrar-se na

resistência e guiar a SS até a fortaleza deles era a solução definitiva. Se Felix conseguisse, sua família — *Mama, Papa e Adele* — estariam a salvo.

E a garota... se as veias de Felix não estivessem tão finas pela perda de sangue, estariam fervendo. Mas ele estava exausto e sua fúria afundava em algo mais profundo. Ela havia mentido para ele, o usado, feito com que se importasse, o abandonado para morrer. Havia colocado sua família em risco.

A garota pagaria pelo que tinha feito.

E por falar nisso... Felix ergueu o queixo para a televisão.

— E quanto à história de “pagar com sangue” pelo que aconteceu na televisão?

A pergunta mal tinha deixado sua boca quando a estática da televisão desapareceu, dando lugar a uma cena bem conhecida: uma bandeira nacional-socialista suspensa sobre uma cadeira — a mesma do *Conversa de Chancelaria*, de encosto alto e estofado em veludo.

Ela não estava vazia.

O Führer estava sentado ali como de costume — as costas rígidas, os ombros ligeiramente virados como o retrato de um rei havia muito morto. O rosto pálido e o olhar feroz concentrados na câmera.

Era uma gravação. Só podia ser. Mesmo se o Führer tivesse conseguido sobreviver a um tiro no peito à queima-roupa, não estaria sentado numa cadeira poucas horas depois.

No entanto, quando abriu a boca, qualquer semelhança com um fantasma desapareceu. Suas palavras eram firmes como sempre, feitas de sílabas de aço Krupp.

— *Meus compatriotas. Nosso grande Império de paz e pureza está sob ataque. No começo desta noite, muitos de vocês testemunharam um atentado desesperado contra minha vida...*

Felix ficou encarando a tela, tentando acreditar.

Não era uma gravação. Não era um fantasma.

Ele não tinha sequer um arranhão.

— *A mão da Providência, mais uma vez, me protegeu...*

— Lembre de minhas palavras, *Herr Wolfe*. — A voz de Baasch soou mais alta que o discurso do Führer. Ele assistia à televisão com um meio sorriso se abrindo no rosto. — Vai haver sangue. Vai haver mais do que o suficiente. O mundo está prestes a mergulhar em sangue.

O mapa de Henryka estava começando a mudar.

A primeira notícia a chegar, às duas e meia da tarde, tinha vindo do Cairo. A mensagem que Brigitte decodificou — letra por letra, a lápis — era simples:

Reichskomissar Strohm preso. Forças nacional-socialistas rendidas. Declarada República do Egito. Mais em seguida.

Os outros agentes gritavam e urravam enquanto Brigitte lia as notícias. Kasper abriu um sorriso tão grande que uma covinha surgiu em sua bochecha vermelha. Johann ergueu uma taça imaginária. *Saúde!* Reinhard usou outra taça imaginária para brindar. Henryka levou um marcador para o mapa de operações, e a tinta azul-escuro pintou as fronteiras do Egito.

Um Reichskomissariat a menos. Faltava um e o equivalente a duas metades de continentes.

Outras notícias foram chegando, criando uma rede de linhas de batalha por todo o mapa de Henryka formada por fios finos segurados por tachinhas. Revoltas brotavam em Londres e Dublin. Roma estava em chamas. A violência ainda não havia estourado na Alemanha porque a revolução ali usava uniforme. Muitos dos generais amotinados haviam guiado seus regimentos a pontos estratégicos por toda a cidade sem problemas. Reiniger e sua parte do Exército haviam marchado por toda a Avenida dos Esplendores até o Volkshalle, onde estavam realizando prisões rápidas e sem alarde. Göring já havia sido apreendido, assim como o controle da Força Aérea, a Luftwaffe. (Segundo o relatório, ele estava sentado em sua sala fumando um charuto para comemorar a notícia de sua “promoção”.) Goebbels ainda estava em Tóquio, restando encontrar apenas Bormann e Himmler.

A maré carmesim estava virando. Pouco a pouco, o vermelho perdia força.

Adele chutava a porta de novo. O som de seu pé contra o metal servia como um metrônomo para o trabalho na sala do mapa. TUM. TUM. Receber uma transmissão. TUM. Apertar as teclas da Enigma. TUM. Anotar a mensagem decodificada. TUM. Datilografar as anotações. TUM. TUM. Retransmitir para o general Reiniger a notícia sobre a vitória no Egito. TUM.

Vez por outra, ela acrescentava palavras a suas batidas:

— Vocês vão pagar por isso!

Henryka abafava os gritos da garota com o estampido das teclas da máquina de escrever, imaginando se ela nunca se cansava. Adele era de uma teimosia obstinada. Quase tanto quanto Yael.

Aquele pensamento lembrou Henryka de que ainda não haviam recebido notícias da garota.

Não havia nada no protocolo de missão de Yael dizendo que ela tinha de mandar uma mensagem no meio da fuga quase impossível. Henryka ergueu os olhos para o cinza-escuro do Japão na superfície do mapa.

Ela ainda estaria em Tóquio? Àquela altura, já deveria ter conseguido sair...

— Henryka. — Havia uma estranheza na voz de Kasper que fez com que olhasse para ele. Sua covinha não estava mais lá. O aparelho de rádio pendia inerte em suas mãos.

O lápis de Brigitte tinha caído no chão, mas ela não fez nenhum movimento para pegá-lo. Reinhard e Johann estavam com o olhar vidrado. Os quatro agentes olhavam por cima do ombro de Henryka, para a televisão.

Quando virou, ela entendeu o porquê.

A Reichssender estava de volta ao ar. Adolf Hitler estava sentado na frente da câmera. Vivo e, aparentemente, muito bem.

O que ele tinha a dizer era:

— *Meus compatriotas. Nosso grande Império de paz e pureza está sob ataque. No começo desta noite, muitos de vocês testemunharam um atentado desesperado contra minha vida. A vencedora Wolfe, em seu frágil estado de espírito feminino, sofreu uma lavagem cerebral para acreditar que o mundo seria um lugar melhor sem mim. A mão da Providência, mais uma vez, me protegeu contra aqueles que buscam destruir nosso modo de vida. Apesar de todos os esforços deles, não estou morto. Mas o perigo não passou. Convoco agora o povo do Reich a lembrar o juramento que fizeram a seu Führer. Lembrem-se deste mundo grandioso que construímos e não deixem que o sangue puro de seus pais tenha sido derramado em vão.*

— Scheisse — Kasper sussurrou.

O palavrão de Henryka foi muito mais alto e muito pior.

Os TUMS dentro do armário vacilaram. Henryka teria apostado dez mil Reichsmarks que Adele estava com a orelha encostada à porta, ouvindo a voz do impossivelmente vivo Führer dando seu discurso de fúria.

— *Nossa retaliação será rápida e sem misericórdia. Precisamos tirar sangue pelo que foi derramado. Para uma bala disparada em Tóquio, mil outras vão cair sobre os traidores da Pátria. A resistência será eliminada sem hesitação.*

Os braços de Henryka pareceram perder o ritmo ao cair, os dedos batendo nas teclas da Olympia Robust ao passar por elas. A máquina de escrever caiu com um estrépito da mesa, estatelando-se no chão de concreto numa pilha de metal quebrado e fita. O documento em que Henryka vinha trabalhando ficou coberto de teclas soltas. A maior vitória — “O Führer Adolf Hitler está morto” — e a menor — “Cairo declarou independência” — tinham se tornado JFKÖÄ ZUIO QWER, letras aleatórias.

O palpar da história da Operação Valquíria II parou por aí.

Yael apontava a arma em posição de esgrima, com a mão esquerda erguida em linha reta. Adolf Hitler estava diante dela, vivo de novo (ainda). Seu bigode cobria seus lábios e veias pesadas cercavam sua têmpora. Seus olhos crepitavam com um azul maníaco.

MATE O DESGRAÇADO.

Yael obedeceu e apertou o gatilho. A bala silvou pelo ar dourado do salão de baile até o peito do Führer. No começo, não houve nada — um buraco onde a carne estava até pouco tempo antes.

Então veio o sangue, derramando-se por toda parte.

Adolf Hitler não gritou nem caiu. Em vez disso, mudou. Seu cabelo branco espumou, para depois brilhar negro. Seus olhos cintilaram escuros, mais escuros, ainda mais escuros, até ficarem do mesmo tom dos de Tsuda Katsuo. O vencedor japonês estava no lugar do Führer, com o olhar ainda mais afiado após a morte. O círculo vermelho em seu peito continuava derramando sangue.

Me desculpa me desculpa sinto muito muito, era o que Yael queria dizer. Em vez disso, o dedo dela apertou, incontrolável, o gatilho. Um segundo buraco de bala surgiu no peito de Tsuda Katsuo.

Ele mudou novamente, assumindo o rosto de Aaron-Klaus tal qual Yael o tinha visto pela última vez. Seus traços ardorosos estavam iluminados pela convicção de que poderia mudar as coisas.

Ela atirou nele também.

De novo e de novo. Tiro, mudança, tiro, mudança. O metamorfo usou rosto após rosto após rosto. Os cachos escuros de Miriam, os olhos de penumbra de *Mama*. O sorriso de Babushka como teclas de piano. Yael disparou mais balas do que a câmara de sua P38 poderia conter. Buracos cravaram seu peito, mais do que qualquer pessoa viva suportaria. Os rostos continuavam mudando, passando por uma liturgia interminável de fantasmas.

Eles não morriam. Não permaneciam mortos.

Havia baldes de sangue agora, jorrando dos ferimentos que Yael tinha feito. Acumulando-se no chão, lambendo a sola de suas sandálias.

— Não era isso que você queria? — Aaron-Klaus perguntou. — Não foi para isso que treinou tanto?

BANG.

— Você me abandonou — sussurrou Miriam. — Me abandonou para morrer aqui.

BANG.

— Monstro! — lamuriou sua mãe. — Você é um monstro!

BANG.

O sangue subiu por suas canelas. Foi subindo e subindo, cada vez mais, quente em volta dos joelhos. Havia uma multidão atrás de Yael, mas as pessoas não pareciam notar a mancha encharcando os quimonos e uniformes de gala. Eles seguravam taças de champanhe e o vazio de suas conversas zumbia alto, mais alto, ainda mais alto...

Foi um despertar estranho. Não como os que costumavam vir depois dos pesadelos de Yael. Sem a palpação veloz do coração, sem o debater de braços e pernas, sem os lençóis encharcados de suor. Havia apenas escuridão, barulho, dor e a pontada do cabelo empapado de sangue de Yael contra suas bochechas enquanto ela erguia a cabeça e examinava os arredores mal iluminados.

Paredes metálicas e... curvas? Pisos ásperos. Bancos estofados com um tecido ocre que dava coceira. Luka Löwe estava caído no banco diante dela, a queimadura de cigarro em sua clavícula subindo e descendo conforme roncava. O zumbido da multidão do pesadelo continuava insuportavelmente alto.

Motores de avião.

Ela lembrou.

Depois dos socos do *Standartenführer* da ss e do silêncio que Yael se obrigou a manter, o oficial desapareceu. Yael, Luka e os guardas continuaram no salão de baile com o cadáver do metamorfo anônimo coberto pelo lençol. As horas se passaram e continuaram passando. A luz da aurora brilhou pelas janelas, estendendo-se pela manhã até o meio-dia. Vieram outros guardas. A mortalha ensanguentada e o corpo morto foram retirados. O dia passou. Quando o oficial da ss finalmente voltou, estava com Felix Wolfe atrás dele. De longe, parecia que o menino estava usando uma luva vermelho-escura. Mas, quando o *Standartenführer* Baasch o arrastou para perto, Yael viu que dois dedos da mão direita haviam sido esmagados.

Ele não merecia aquilo.

Ela soube no momento em que Felix viu os lobos, no momento em que a viu. O menino Wolfe estremeceu. Subindo e subindo os olhos azuis feridos, passando por Babushka, *Mama*, Miriam, Aaron-Klaus, Vlad... pelo sangue e pelo brilho de seu rosto normal, até seus olhares finalmente se encontrarem. Ambos estavam obscurecidos de dor, por dentro e por fora. Yael queria dizer alguma coisa, mas o *Standartenführer* da ss contava ao trio que seriam enviados de volta à Germânia para “um interrogatório mais completo” e um julgamento no Volksgerichtshof.

Eles foram guiados para uma pista de pouso e embarcaram no avião particular do Führer, *Immelmann IV*. Yael, Felix e Luka tinham sido empurrados para dentro dele, trancados atrás de uma porta de aço, privados do luxo de tampões de ouvido e suco de laranja. O *Standartenführer* Baasch e o restante dos guardas os deixaram sozinhos, recuando para a parte dianteira do Focke-Wulf Condor.

Aquilo pareceu estranho para Yael, mas, enfim, para que um guarda? As mãos deles estavam algemadas, presas aos vários elementos imóveis da cabine. (Os punhos de Yael estavam em volta do pé de uma mesa, os de Luka na estrutura de seu assento.) Mesmo se eles conseguissem se libertar, aonde iriam? Eles estavam aprisionados em um tubo de aço a

milhares de metros do chão, no meio do nada.

Nada daquilo impediu Felix Wolfe de tentar. O menino estava sentado na poltrona ao lado de Yael, com as mãos enganchadas ao outro pé da mesa. Havia pouquíssima luz na cabine — o avião estava voando para oeste, devagar demais para fugir da noite —, mas Yael ainda conseguia ver a mistura de pele rasgada e coágulos vermelho-escuros na mão direita dele.

(Por isso ela havia sonhado com sangue.)

Pelo menos o polegar e o indicador direitos de Felix pareciam funcionais. Ele os estava usando para tentar abrir as algemas. Sua ferramenta era tosca, mas engenhosa — ele havia conseguido soltar uma medalha de seu uniforme da Juventude Hitlerista, curvando o pino contra a beirada da mesa.

Mas — como Vlad havia dito para Yael quando ela começou a treinar — arrombar fechaduras exigia delicadeza. Algo que os dedos mutilados de Felix não tinham como imprimir. As feridas abertas continuaram a raspar contra a algaema de metal até voltarem a sangrar. De tempos em tempos, ele escorregava e xingava, mal conseguindo segurar a medalha. Seu rosto claro e sardento era o reflexo da agonia.

— Pare! — Aquela estava longe de ser a primeira (ou a única) coisa que Yael queria dizer a ele, mas deixou que escapasse mesmo assim. — Você só está se machucando mais!

Felix torceu a medalha. Fez de tudo para não a encarar. E Yael fez de tudo para não ver o sangue escorrendo pela pele de Felix, ao longo de suas algemas, acumulando-se na manga de seu uniforme da Juventude Hitlerista.

Depois de mais alguns minutos de caretas e torções, a fechadura soltou um estalo. Seu punho esquerdo ficou livre. Ele levou muito menos tempo para arrombar a fechadura do punho direito. As algemas caíram com um CLUNK ressonante.

— Dá uma mãozinha aqui, *Herr Wolfe*? — Luka estava acordado agora e observava o outro garoto. — Nem vai precisar de todos os dedos.

Felix virou. Havia muitas feridas em seu rosto, visíveis mesmo sob a luz escassa da cabine. Seu nariz ainda estava com um curativo onde Luka havia lhe dado um soco à beira da estrada; a têmpora contundida pelo último golpe de Yael; os lábios com uma crosta vermelha pela tortura da SS. Ele não parecia em nada com os retratos em preto e branco dos arquivos de Adele, ou com o garoto que havia abandonado tudo para ajudar Yael na estrada.

Felix se ajoelhou e abriu as algemas de Luka. Ele não fez nenhum movimento para libertar Yael.

— Cadê minha irmã? — A segunda troca de olhares entre eles foi mais perigosa que dolorosa. Havia uma brutalidade nos olhos de Felix que não surpreendeu Yael.

Ela havia levado embora alguém que ele amava. Era o bastante para tornar qualquer um perigoso.

Quatro vezes (quatro lobos tatuados) eram o suficiente para transformar alguém num *monstro*.

— Num lugar seguro. — Yael torcia para que aquilo fosse verdade, e não só por causa de Felix. Depois de nocautear Adele no apartamento dela na Alemanha, um agente chamado Kasper havia levado a garota para o porão da cervejaria de Henryka. Aquele escritório era o

coração e a alma da resistência. Se a garota não estivesse segura...

— Não foi isso que perguntei. — A voz de Felix soou mais cortante. Ele cerrou a mão boa.

Yael olhou para ele quase querendo que o garoto desse o soco que estava preparando. Sabia perfeitamente que a ss esmagaria o restante daqueles ossos intactos para tirar quaisquer informações que conseguissem do garoto mutilado. Ela não guardava rancor dele por contar à ss sobre as tatuagens, mas, se havia alguma chance remota de a Operação Valquíria II de Reiniger ainda estar em andamento, não a colocaria em risco.

— É tudo o que você precisa saber — ela disse. — Adele está segura.

— Eu não me preocuparia tanto com ela, *Herr Wolfe*. — Luka ficou entre eles. — Sua irmã é mais do que capaz de se defender.

— Adele... — Felix mudou de ideia quanto ao que estava prestes a dizer, balançando a cabeça. — Você não a conhece.

Luka bufou e sentou sobre os calcanhares.

— Nem você. A garota aqui convenceu nós dois de que era da sua família por três semanas.

Felix abriu a boca querendo falar alguma coisa, mas sem conseguir.

— Se ela diz que sua irmã está em segurança, é porque está. Ponto final — Luka disse. — Eu me preocuparia mais com nosso futuro espancamento e provável decapitação.

— Há maneiras piores de morrer. — A voz de Felix saiu baixa.

— Talvez. Mais sou o tipo que prefere morrer dormindo deitadinho na minha cama — Luka retrucou. — A *Fräulein* aqui é nossa melhor chance de ajuda, mas ela não vai fazer *Scheisse* nenhuma por nós se estiver algemada. Então, pode me emprestar a medalha?

Os motores do *Immelmann IV* chacoalharam e queimaram, todo o avião tremendo em um trecho de turbulência. O irmão de Adele derrubou a medalha no chão e virou de costas. Luka pegou a medalha, revirando os olhos enquanto se voltava para as amarras de Yael. Ela o observou trabalhar em silêncio, sem saber o que sentir.

Com certeza havia sentimentos de sobra. Raiva — justificada — pelo incidente na doca. (Yael ainda o xingava mentalmente em seis línguas diferentes.) Admiração — merecida — pela maneira como enfrentara o *Standartenführer* da ss no salão de baile. E, além de tudo, aquele sentimento perdido e nebuloso...

E agora? E agora? E agora?

Luka olhou para cima. Seus olhares se encontraram — o dele impressionante e tempestuoso, o dela brilhante e perturbador. Yael percebeu que o estava encarando por tempo demais.

— Sobre as docas — o garoto disse. — Bom, você me conhece há algumas semanas. Sabe que confiar nas pessoas não é exatamente meu forte. Fui um *dummkopf*. Um *Schweinehund*.

— Foi mesmo.

— Eu devia ter esperado.

— Devia — Yael disse.

Ele enfiou o pino — com força demais — na fechadura. (Delicadeza, assim como confiança, não era a especialidade de Luka Löwe.) Yael começou a temer que ele curvasse a medalha demais, a ponto de quebrá-la. Estava prestes a perguntar se Luka realmente sabia o que estava fazendo quando...

Torce, estala, livre!

Uma fechadura, duas. As algemas caíram no chão. Yael perdeu pouco tempo recolocando o nariz quebrado no lugar.

E agora? E agora? E agora?

Eles ainda estavam presos dentro do avião. Feridos, em menor número, sem armas. Mesmo se conseguissem atravessar a porta de aço reforçado entre eles e os guardas da ss e, por algum milagre, dominassem seus captores, ainda havia a questão nem tão pequena de pousar. Uma habilidade para a qual os anos de treinamento não haviam preparado Yael.

De novo, Felix não parecia se deixar abater. Ele estava revirando a cabine em busca de alguma coisa útil. Almofadas, lençóis, copos de cristal, cópias antigas da *Das Reich* (“CORREDORES EQUIPADOS COM RIKUOS 98 CILINDRADAS EM HANÓI” era a manchete). Ele até tirou o relógio de bolso de Martin do uniforme, abrindo-o e fechando-o antes de concluir que não oferecia nenhuma resposta.

Luka pegou um dos copos, jogou-o para cima e o pegou no ar. O cristal pesado bateu contra a palma de sua mão.

— A gente pode atacar quando vierem nos buscar.

Copos contra um grupo da ss? Yael fez que não.

O *Immelmann IV* voltou a tremer. Yael sentiu o chão se inclinar sob ela, na direção do nariz do avião. Eles estavam começando a descer? Mas já?

— O que é aquilo? — Felix apontou para um objeto na parede oposta.

Todos se aproximaram para olhar.

Era uma alavanca vermelha.

E então ela lembrou.

(Como não tinha pensado nisso antes?)

O *Immelmann IV* era o avião particular de Hitler. O único em que ele viajava.

Yael começou a rir. O som saiu com mais tranquilidade do que deveria. Luka e Felix viraram para encarar, com uma expressão de “Ela ficou maluca?”.

Nos primeiros dias do planejamento da missão, Yael tinha passado horas com Reiniger examinando cuidadosamente os esquemas da equipe de segurança do Führer. Depois de quarenta e nove tentativas de assassinato, a defesa de Hitler era invencível, mas aquilo não tinha impedido a resistência de procurar brechas duas, três, quatro vezes. Listas de escalação, plantas, planos de transporte, toda e qualquer coisa que poderia esconder uma fraqueza. Reiniger mal tinha se dado ao trabalho de olhar o diagrama do *Immelmann IV* antes de deixá-lo de lado. Yael pegou o papel do chão e observou o avião, suas curvas e seus traços delicados, que a lembravam do desenho da valquíria de que tanto gostava.

“Por que não podemos fazer nada no avião?”, ela havia perguntado.

“Além da falta de câmeras da Reichssender? O *Immelmann IV* é impenetrável.” Reiniger havia apontado para as plantas na mão de Yael. “Nunca se sabe quando o Führer vai partir, então não dá para colocar uma bomba no avião. As janelas são feitas de vidro à prova de balas de cinquenta milímetros de espessura. A cabine do Führer é fortificada com aço e equipada com sua própria saída de emergência. Os encostos de todos os bancos viram paraquedas. Se

alguma coisa der errado, Hitler simplesmente puxa uma alavanca vermelha e vai embora.”

Yael — a garota de volta ao momento presente, que ainda estava rindo porque nem tudo era morte (não naquele dia) — enfiou os dedos no encosto da poltrona mais próxima e puxou. O acolchoado cedeu e revelou uma cinta e, atrás dele, uma corda. Ela verificou a poltrona seguinte e a seguinte. Todas eram iguais: almofadas traseiras que escondiam paraquedas.

Yael ajeitou nos ombros as correias da almofada que estava segurando e enfiou outra no peito de Luka.

— O que está esperando? Vista.

O vencedor segurou o emaranhado de correias, examinando-as como faria com uma teia de aranha: com repulsa, prestes a jogar tudo no chão.

— Você quer que a gente pule de um avião só com isto?

— Quero que você morra dormindo. Velho e grisalho — Yael disse a ele. — Agora vista. E não esqueça de pegar a jaqueta. Vai estar frio.

A expressão de Luka se alternava entre terror e a vontade desesperada de parecer inabalável enquanto pegava algumas das cobertas da cabine, envolvendo-as no corpo antes de afivelar o paraquedas.

Não é uma má ideia. Yael pegou mais cobertores, enfiando metade deles entre suas tiras antes de pegar a terceira almofada e se virar para Felix. O rosto do menino estava tomado por um pavor muito mais forte que o de Luka. Medo sobre medo, apoiado por dossiês médicos. Acrofobia: medo intenso de altura.

Ela tinha visto isso em Felix antes, na estrada, quando ele tivera de guiar a motocicleta ao longo de um desfiladeiro. Mas aquela queda tinha apenas vinte metros... Esta devia ter alguns milhares.

— Não não não não. — O sussurro saiu da boca de Felix. — Ele balançou a cabeça, com o corpo todo tremendo. — Não era isso... não é...

— Felix. — A voz de Yael era baixa e brusca. — Olhe para mim.

Ele olhou. Ela viu o pavor que o consumia, dominando suas pupilas até não restar nenhum azul. Yael continuou encarando os olhos sombrios e sinistros dele enquanto o envolvia em cobertores, enfiava o paraquedas em seus braços e apertava as fivelas com firmeza.

Quando ela teve certeza de que estava bem firme, encontrou a corda e a deixou na mão boa dele.

— Quero que vocês contem até quinze, depois puxem a corda — ela disse aos dois. — Fiquem onde pousarem. Vou encontrar vocês.

Eles a encaravam. Luka assentiu. O rosto de Felix estava branco de pavor.

Yael puxou a alavanca vermelha. Em um minuto, o chão era algo sólido e seguro. No minuto seguinte, um pedaço se abriu para o caos. Escuridão, frio e uivos entraram com tudo no avião.

Ela não fazia ideia do que havia lá embaixo, não tinha como adivinhar a que distância estavam do chão. E haveria mesmo chão? Quantos mares preenchiam a paisagem entre Tóquio e a Alemanha? Uma conta rudimentar (a média de trezentos e trinta e cinco nós por hora dos motores do Focke-Wulf Condor vezes dez horas) indicava que estavam em algum lugar perto do septuagésimo meridiano. Se o piloto tivesse escolhido uma rota de voo mais ao norte, estariam bem longe de qualquer grande massa de água.

A única maneira de ter certeza era pulando.

Luka chegou à beirada da abertura. O vento jogava seu cabelo dourado para trás. Seus lábios se abriam num rosnado insensível. Seus olhos encontraram os de Yael; ele levou os dedos trêmulos à testa numa saudação que nada tinha a ver com o *heil*.

Depois saltou.

Mesmo esperando por aquilo, a visão era espantosa. Luka estava lá, depois não estava mais. Fora devorado pela escuridão. Yael puxou Felix pelas correias. Eles tinham de agir rápido para pousar perto. Mas o irmão de Adele resistiu. Todas as moléculas de seu corpo lutavam para fugir do vazio no chão.

— Você consegue! — Yael gritou, assim como seus músculos. Ela estava usando toda a sua força para empurrá-lo até a abertura de emergência. — Por Adele!

Eles estavam na beirada agora. Os olhos de Felix encontraram os dela pela quarta e última vez: branco absoluto, preto arregalado, medo, raiva em todos os seus tons.

Yael o empurrou.

O caos engoliu Felix também.

Ela estava sozinha à beira da noite faminta. A escuridão vertiginosa e as alturas desconhecidas uivavam embaixo. As faixas do paraquedas em volta do peito pareciam frágeis como barbantes de encomenda. Por um momento, por mais de um momento, Yael entendeu o medo de Felix.

Mas o ar insuportavelmente frio cortava a ponta de seus dedos, agitava seu cabelo grudento de sangue. Chamando...

PULE PULE PULE VIVA DE NOVO.

Ela se lançou noite adentro.

Felix estava caindo. Sua garganta estava tão tomada de pavor que nem gritar ele conseguia. Fechar os olhos não fazia diferença. A escuridão e a queda continuavam lá, assim como as garras frias da noite contra seu rosto. Seu estômago parecia ter ficado para trás, a bordo do *Immelmann IV*. Seu coração se recusava a seguir as leis mais básicas da sobrevivência, batendo, parando e voltando a bater enquanto ele caía...

caía...

caía...

Contem até quinze, depois puxem a corda.

— Um... dois... — Felix estava mexendo a boca, mas não conseguia se ouvir. O vento corria por seus tímpanos assim como as muitas instruções de Baasch. As peças intrincadas do plano chacoalhavam em sua cabeça.

Use a medalha da Juventude Hitlerista no seu uniforme para abrir as algemas. Liberte a prisioneira 121358ΔX. Há uma alavanca vermelha na parede de cabine. Indique-a para a garota, mas não muito rápido. Vocês vão querer pular o mais próximo possível da marca de catorze horas. Você tem um relógio?

A maior parte do que havia acontecido nas últimas horas tinha sido encenada. Desde o trajeto de voo do *Immelmann IV* até o posicionamento deles na cabine pessoal do Führer a uma altitude razoável. Era tudo parte do plano do *Standartenführer* da ss — soltar o rato da ratoeira.

Mas o medo de Felix estava longe de ser falso. Ele tinha pensado que faria de tudo por sua família. Mas sabia — vergonhosamente, sem sombra de dúvida — que não teria pulado por conta própria. Se a menina não o tivesse empurrado, ele ainda estaria lá em cima, a caminho da Alemanha, de ter mais dedos esmagados e do destino sem lápides da família Wolfe.

Mas ela havia puxado Felix até a beirada, encarado no fundo de seus olhos e o empurrado.

“Por Adele!” foi o que ela tinha dito a ele, sem saber o grau terrível daquela verdade. Quanta salvação e perdição havia naquele único empurrão. Os Wolfe ficariam a salvo, mas haveria sangue. Sangue por sangue. Sangue para pagar. Um mundo inteiro de sangue.

Salvação, perdição, salvação, perdição.

Enquanto ele caía...

caía...

caía...

Contem até quinze. Definitivamente já havia passado mais tempo! Felix puxou a corda. O

paraquedas abriu, o tecido fino se emplumando na noite. As correias cortavam os braços de Felix. Seu mundo voltou ao lugar de repente.

A lua pendia alta no céu, brilhando tão forte quanto o *Totenkopf* de Baasch. Tudo era prateado e escuro. Lá embaixo, ele pôde ver as copas pontudas de pinheiros verdejantes. Era estranho... Deveria haver tantas árvores?

Não. Não, não, não... NÃO!

No avião, quando Felix foi checar o relógio, percebeu que os ponteiros estavam parados. Ele não fazia ideia de quando aquilo tinha acontecido. Cinco horas antes? Oito? Três? Já fazia tanto tempo que estavam viajando.

Então o *Immelmann IV* começou a se inclinar. Foi naquele momento que Felix temeu que a Alemanha estivesse a poucos minutos de distância. Seu tempo tinha acabado, e era *agora ou nunca!*

Mas não dava para ver a Alemanha — com seu conjunto reluzente de monumentos, a curva tonitruante do Volkshalle — em lugar nenhum. O chão era escuro, com uma mata de veludo negro se estendendo por quilômetros. Não havia nenhuma fazenda ou cidade à vista. Apenas árvores e mais árvores e mais árvores.

Eles haviam pulado cedo demais.

À direita distante e à esquerda longínqua, Felix avistou os paraquedas dos outros fugitivos. A vida de Luka e da garota estavam por poucos fios, apenas alguns centímetros de fibra entre eles e *descida, queda, morte*.

Aquilo fez Felix lembrar que ainda estava caindo. Ainda estava suspenso num lugar onde nenhum homem deveria estar.

O que aconteceria quando chegasse ao chão?

INTERLÚDIO
TRÊS RETRATOS DE
16 DE MAIO DE 1952

ANTES

Reunidos em volta da televisão, os Wolfe pareciam apequenados pelo vazio. A sensação ocupava todos os cantos da sala de estar, murchando as flores no vaso da mesa de centro, habitando nos porta-retratos prateados com manchas escuras. Para todo lugar que Felix olhasse, ele era lembrado da ausência, mas era a poltrona que mais o assombrava. Com seu estofado flácido cor de mostarda, era o lugar preferido de Martin para ler. Quantas noites seu irmão mais velho tinha passado lá, folheando uma versão resumida de *Mein Kampf* e tentando fingir que a entendia?

Agora a poltrona era um santuário. Vazia por um motivo que nenhum dos Wolfe ousava falar. A coberta de lã que Martin havia largado amarrotada lá na manhã do aniversário de doze anos dos gêmeos estava intocada. Dois anos de poeira cobriam seus belos fios.

Havia muita poeira na casa dos Wolfe naqueles tempos. Montes de pó se acumulavam nas prateleiras e se assentavam nas páginas de livros fechados. A mãe parecia não enxergar. Ela realmente não olhava muito. Passava a maior parte do tempo no quarto, com as cortinas fechadas. Eram raras as manhãs em que saía da cama.

Mas era uma daquelas manhãs. Felix e Adele tinham sido dispensados da escola para assistir ao discurso da Nova Germânia. (O diretor explicou que ver o Führer discursar era muito mais importante do que qualquer aula, porque promovia a unidade nacional e levantava o moral.) Adele queria usar o tempo livre para ir escondida à pista de corrida, mas Felix achava que a família Wolfe estava precisando de um pouco de unidade e levantamento de moral, então convenceu a irmã a ir assistir ao discurso em casa. Ele também havia insistido que seus pais o fizessem.

Mas, mesmo quando estavam reunidos, não era a mesma coisa. Os pais ficaram sentados no sofá, com uma almofada entre eles. O olhar vítreo da mãe fitava a televisão, vidro no vidro. Os dedos do pai tinham manchas de graxa de dias passados. Adele estava sentada no tapete, com o semblante de quem queria estar em outro lugar. *Qualquer outro lugar*.

Felix achava compreensível.

Ele não sabia direito onde sentar. A poltrona de Martin era proibida e a almofada entre seus pais também tinha uma aura intocável. No fim, acomodou-se no tapete atrás da irmã, na frente do sofá.

Nenhum deles falou nada enquanto olhavam para a tela. O Führer não havia aparecido ainda. Uma banda tocava; as câmeras alternavam entre os músicos e a multidão. Pela janela dos Wolfe, era uma manhã de garoa em Frankfurt, mas os céus da Germânia não tinham nuvens

pelas lentes da Reichssender. Fileiras e fileiras de espectadores do discurso cantavam hinos do partido com o rosto iluminado pelo sol e pelo fervor.

O pé da mãe começou a acompanhar o ritmo, perto das costas de Felix. Ela começou a cantarolar, e logo foi acompanhada por *Papa*. Ele sabia a letra toda. Sua voz rouca atravessou a poeira, dando corpo à melodia da esposa. Até mesmo Adele se juntou a eles depois de algumas estrofes.

Não bastava ouvir ao coro da família. Felix abriu a boca e fez sua parte. A canção tomou forma.

Pela última vez soou o grito às armas!

Para a luta estamos preparados!

Os estandartes de Hitler já tremulam nas ruas.

O tempo de servidão está para acabar!

Ainda havia um buraco. Mas, por um momento, Felix conseguiu esquecer o silêncio do barítono pleno de Martin, que nunca mais ia se juntar a eles. Por um momento, pôde olhar para a luz da tela — para as pedras novas e os rostos sorridentes, para a banda de metais e os estandartes da Alemanha — e não sentir distância nenhuma.

DURANTE

Luka Löwe estava perdido em meio à floresta de continências e uniformes fincados na Grosser Platz. Suas botas eram apenas um par entre as centenas sobre os paralelepípedos. Havia outros calçados também — sapatos informais e sociais, saltos e sapatilhas —, pertencentes à imprensa e a civis. Muitos deles eram germanianos (embora alguns, que ainda não estavam acostumados com o novo nome da capital, erroneamente se denominassem berlinenses), mas alguns tinham viajado dos quatro cantos do Reich para comparecer ao discurso. Com o objetivo de celebrar a enorme reconstrução arquitetônica da Alemanha, ele seria feito em frente ao antigo prédio incendiado do Reichstag. A quantidade de gente na Grosser Platz parecia impossível: milhares sobre milhares abarrotados. Todos ansiosos por uma chance de ver Adolf Hitler falar.

Luka odiava estar ali, embora não tivesse muita opção. Todos os discursos públicos do Führer eram acompanhados por membros cuidadosamente selecionados da Juventude Hitlerista. Eles sempre ficavam uns ao lado dos outros — comprimidos de uniforme, dolorosamente idênticos — proporcionando uma mina de ouro para os filmes de propaganda de Goebbels.

Um dos organizadores do comício tinha definido a formação dos rapazes três horas antes. Alinhando-os para o alto, ajustando seus rostos diante da câmera da Reichssender, instruindo-os a “olhar para o Führer e nenhum outro ponto”.

Mas Hitler ainda não estava no palanque. Uma banda de metais havia tocado “Horst-Wessel-Lied” sob os estandartes da suástica, um tal de Albert Speer havia falado por muito tempo sobre a grandiosidade e o simbolismo do recém-construído Volkshalle. (O domo do prédio monstruoso atrás deles era tão alto que a estátua no topo — uma águia romana segurando o globo em suas garras — quase tocava o sol do meio-dia.)

O pescoço de Luka estava começando a doer. Suas pernas formigavam como se fosse picado por agulhas quentes. Os garotos ao lado dele deviam estar igualmente desconfortáveis, mas ninguém se atrevia a quebrar a formação.

Quando Adolf Hitler finalmente entrou, foi um estrondo potente de *heils*. *Heil* Hitler. *Heil* à vitória. *Heils* ecoaram por toda a Grosser Platz; sua potência fez os tímpanos de Luka zumbirem e ele próprio se contrair.

Finalmente, os gritos de boas-vindas se acalmaram. Adolf Hitler começou a falar sobre comunistas e arianos, a construção e a destruição de impérios. Ele mal tinha começado o que parecia ser um longo discurso cheio de cuspe e socos no ar quando Luka parou de prestar atenção. Não eram apenas os gritos do Führer que o incomodavam, mas a maneira como a

multidão gritava em resposta durante as pausas planejadas — tão ansiosa para ser ouvida por aquele homem, tão disposta a internalizar as palavras de Hitler.

Luka não queria fazer parte daquilo, mesmo sabendo que, se fosse pego se negando a bater continência, as consequências seriam devastadoras. Na pausa seguinte do monólogo, ele percebeu que poderia erguer o braço e mover os lábios sem dizer uma palavra. Ninguém notaria a diferença... Os garotos ao lado dele estavam ocupados demais gritando seus próprios *heils*, e as câmeras não distinguiriam sua mudez de todas as outras bocas em movimento.

Ninguém ouviria seu silêncio.

A pausa acabou. Hitler continuou seu discurso e a multidão sedenta escutou. Os pensamentos de Luka não paravam de voltar ao treinamento para o Tour do Eixo que ele estava perdendo quando algo — não, quando *alguém* — chamou sua atenção. O homem estava de uniforme. Usava a mesma camisa e as mesmas botas marrons de Luka e de todas as centenas de outros presentes no discurso. O cabelo era loiro e estava quase todo coberto pele quepe. Teria sido impossível distingui-lo do resto da multidão exceto por um fato muito simples: ele se movia.

Todos os outros camisas-pardas estavam parados, com os olhos fixos no Führer, como haviam sido instruídos. Luka não podia deixar de ver aquele homem avançar devagar, passando de uma fileira para a outra de forma lenta e sutil.

Ninguém mais parecia notar.

O discurso do Führer havia chegado ao ápice: seu rosto estava vermelho e o bigode tremia.

— Deixamos as ruínas da antiga Berlim para trás, abraçamos o esplendor monumental da Germânia construindo estruturas mais grandiosas do que quaisquer outras na história! O Volkshalle será o santuário para o qual todos os olhos do mundo vão se voltar! A grande testemunha do progresso da raça ariana!

O homem de uniforme também progredia, aproximando-se discretamente do palco. Ele estava a duas fileiras de distância e outros garotos da Juventude Hitlerista começaram a notar. Assim como Luka, todos viram quando ele tirou o quepe. Todos tiveram poucos segundos para se dar conta das raízes escuras de seu cabelo antes que algo muito mais chocante chamasse sua atenção: a arma escondida sob o quepe.

Luka pensou que o homem fosse gritar, mas ele não falou nenhuma palavra. Ergueu a arma e deixou que as balas gritassem por ele.

Uma.

Duas.

Três.

Um trio de disparos. Muito mais potentes, muito mais ensurdecedores do que qualquer *heil* da multidão. Todos os disparos acertaram o alvo: o peito de Adolf Hitler.

O Führer engasgou com o próprio sangue e com as próprias palavras, caindo em algum lugar que Luka — tão perto do palco — não conseguiu enxergar. Seus olhos se voltaram para o atirador. Havia uma chama no rosto daquele jovem. Ele não estava tentando correr. Era como se, com sua imobilidade, tivesse forçado todos os outros a se mover. Nenhuma alma viva à sombra do Volkshalle estava parada. Os camisas-pardas se viravam de um lado para o outro.

Raios negros de uniformes da ss se lançaram à base do palco, com as Luger em punho.

As chamas no rosto do atirador se inflamaram. Fortes e abrasadoras. Ele ergueu a arma novamente... até a própria cabeça.

Houve um quarto disparo.

A Grosser Platz reverberava pelos gritos dos vivos. Pânico, pavor, agonia, emoção, emoção demais. Os garotos que ficaram imóveis com tanta calma ao lado de Luka por horas a fio começaram a correr sem rumo, ameaçando pisotear uns aos outros com suas botas feito uma manada em pânico. Luka continuou parado, com as solas plantadas nos paralelepípedos da Grosser Platz. Estava boquiaberto, mas nenhum grito saiu de sua boca.

Para ele, havia apenas silêncio.

DEPOIS

Yael viu as coisas de um jeito diferente.

Pop. Pop. Pop.

Ela estava sentada à frente da tela da televisão de Henryka com o lápis na boca. Tinha esquecido a lição e assistia a Aaron-Klaus — amigo e sobrevivente, o menino que bagunçava seu cabelo, brincava que ela era inteligente demais e a ajudava a fingir que era normal — fazer o inimaginável.

Pop.

O lápis se estilhaçou ao som do quarto disparo. O grafite cinza como a lua se pulverizou em sua língua. Um gosto acre de cinzas.

Não. Ele não. Ele também não.

Ela sabia que aquilo ia acontecer. A morte sempre vinha. E Aaron-Klaus estava ansioso para encontrá-la, para ficar cara a cara com o Führer, com a arma em punho. Não tinha sido no dia anterior que haviam conversado sobre tomar uma atitude, matar o desgraçado e mudar o mundo?

A ordem se despedaçou como o lápis de Yael: gritos, homens da ss, civis e camisas-pardas se misturavam. A Reichssender saiu do ar e a tv sibilou, estática.

Henryka entrou no escritório e semicerrou os olhos para a tela. Ela não havia visto nada.

— O que aconteceu? Quebrou?

O cabelo loiro e frisado caía sobre a testa da mulher enquanto se debruçava sobre a televisão e girava o botão de desligar. Da estática para o silêncio.

— Aaron-Klaus. — O nome dele soou diferente quando Yael o disse. Como se todas as letras estivessem cobertas de chumbo. Era o gosto de todos os nomes sempre que Yael se permitia pensar neles: Babushka, *Mama*, Miriam. Pesados, mais pesados, cada vez mais pesados. Todos com o mesmo peso da morte.

— Só Klaus — Henryka a corrigiu. — Você não pode deixar ninguém ouvir o nome completo dele. Pode ser preso e interrogado.

Yael encarou a tela escura. Via seu próprio reflexo na televisão agora: uma adolescente magricela, com tranças loiras, olhos de líquen e o rosto que havia escolhido para si mesma tantos anos antes, quando Aaron-Klaus a havia encontrado à margem do rio. Ela não o havia trocado desde então.

Mas parecia outra pessoa. Era outra pessoa (ela havia roubado a maioria dos traços de um pôster de recrutamento da Liga das Moças Alemãs). Yael observou enquanto a estranha

menina dentro da televisão movia a boca.

— Aaron-Klaus acabou de atirar no Führer. Aaron-Klaus acabou de se matar.

Palavras surreais. Verdadeiras no pior dos sentidos.

Yael se ajoelhou no meio do escritório. A tela da televisão ainda escura, morta, escura. Havia uma vela diante de seus joelhos, um fósforo em sua mão e uma memória em seu peito.

Não podemos esquecer os mortos.

Aquele tinha sido o ensinamento de Miriam depois que a mãe de Yael falecera. A menina mais velha tinha pegado palha do colchão e feito uma vela memorial a partir dela. Não tinha cera nem pavio, mas não importava. Elas não tinham como acendê-la mesmo.

Daquela vez, havia uma chama. Yael riscou o fósforo no chão, e a química vermelha na cabeça dele ganhou uma vida bruxuleante. Vida, vida, algo estava vivo e queimando. Dançava ardente entre as pontas de seus dedos enquanto Yael a guiava até o pavio, que acendeu. A chama pegou.

A religião era uma das muitas coisas que ela havia deixado no campo. A oração de cura da mãe, a vela de Miriam, memórias tênues do Pessach... eram os únicos pedaços da fé do seu povo de que Yael conseguia se lembrar. Ela nem mesmo sabia o kadish, as orações de luto. Aaron-Klaus deveria saber: era a única pessoa que Yael conhecia que tinha os mesmos números, o mesmo sangue que ela. Quem saberia como se despedir dele?

Mas acender uma vela memorial era algo que Yael sabia fazer. Ela sentou com as pernas cruzadas, observando a chama dançar na escuridão. O brilho era fraco e humilde, mas fez diferença.

Ele fez diferença.

Aquele pensamento permitiu que Yael continuasse se sentindo real. Apesar dos sons do choro de Henryka e dos xingamentos de Reiniger. Apesar do silêncio inclemente da televisão. Aaron-Klaus estava morto, mas sua morte tinha significado alguma coisa. Ele tinha feito exatamente o que prometera a Yael: tinha tomado uma atitude, mudado as coisas, matado o desgraçado.

E aquilo era algo... algo a que se segurar.

Não era?

Yael abraçou os joelhos junto ao peito e, enquanto encarava a chama, enquanto as lágrimas turvavam a luz em seus olhos, decidiu que sim.

Tinha que ser.

Pergunta: quanto tempo uma chama pode queimar?

Resposta: até não ter mais nada a oferecer.

A vela de Aaron-Klaus queimou por vinte e seis horas. A chama estava morrendo — encolhendo-se numa borda doentia e azul — quando Reiniger entrou no quartel-general batendo os pés. O líder da resistência fechou a porta com tanta força que criou uma rajada de vento que percorreu o porão da cervejaria, fazendo a ponta dos arquivos empilhados de Henryka esvoaçar.

A luz da vela se apagou. A fumaça e fios de sombra subiram até os aviõezinhos de papel que ela tinha feito com Aaron-Klaus. Yael foi a única na sala a ver aquilo. Todos os demais — Henryka e os outros agentes com base na Alemanha — observavam o general nacional-socialista prendendo a respiração à espera de um veredicto.

— Ele está vivo — Reiniger disse. — O *Saukerl* sobreviveu.

Ninguém disse uma palavra. Yael manteve o olhar fixo na fumaça, observando-a subir. Apagar-se até não sobrar nada. Ela sabia que ele não estava falando de Aaron-Klaus.

Assim que a notícia de que o Führer não estava morto chegou ao público, a televisão ganhou vida novamente. A tela se iluminou, mais brilhante do que nunca. Adolf Hitler — no que a Reichssender estava chamando de um milagre — havia sobrevivido às três balas que Aaron-Klaus disparara contra seu peito. Fora a tentativa de assassinato número quarenta e nove.

Pergunta: quantas vezes um Führer consegue sobreviver?

Pergunta: quantas vezes um não assassino pode morrer?

Resposta: quantas vezes a Reichssender quiser transmitir.

Eles exibiram o vídeo de novo e de novo e de novo e de novo. Todos os quatro tiros.

Uma sobrevivência imortalizada.

Mais uma morte em vão.

PARTE II
A FLORESTA

Andar estava longe de ser o modo de locomoção favorito de Luka Löwe. Era lento e gastava energia demais. Suas botas de motociclismo corroíam seus calcanhares a cada passo. Ele tinha quase certeza de que, se as tirasse, encontraria bolhas gigantes com o potencial explosivo do monte Vesúvio.

Mas Luka nem tivera a chance de tirar as botas. Ele não havia aterrissado da maneira mais graciosa do mundo, em meio a galhos de pinheiro. Tinha demorado quase meia hora para se livrar das correias e descer ao chão sem quebrar nenhuma perna. Àquela altura, Yael já estava gritando o nome dele. Era como um jogo de *Blinde Kuh*: escuridão, grito, escuridão, grito, até a *Fräulein* surgir da floresta seguida por Felix, que parecia enjoado.

— Vamos andando — ela havia dito, segurando o paraquedas dobrado embaixo do braço. — Não podemos ficar aqui. Alguém pode ter visto a gente pousar.

Ser visto era uma possibilidade de que Luka estava começando a duvidar. Não havia sinal de outros humanos, muito menos de civilização. Eles estavam andando havia horas em meio aos restos da neve de inverno, passando por troncos de pinheiro, de abetos e de freixos, fileiras e fileiras infinitas de troncos.

Pelo menos Yael parecia saber aonde estava indo. Sua aparência não tinha mudado desde o salão de baile — tinha o mesmo cabelo branco e o mesmo brilho elétrico nos olhos —, o que só aumentava o ar explosivo de seus movimentos, ao mesmo tempo fluidos e letais. Ela os guiou para o sul e para o leste, rumo ao pôr do sol coberto de nuvens pesadas. Eles pararam algumas vezes à beira de córregos permeados de gelo, tomando longos e pungentes goles de água. Yael cortou alguns galhos de um pinheiro, arrancando as pequenas folhas dos ramos feito penas de galinha e dando alguns para cada um deles.

— Mastiguem isso — ela disse. — Vai ajudar a segurar a fome até acharmos um lugar onde acampar.

Luka enfiou os ramos na boca.

— Têm gosto de Natal.

Eles continuaram caminhando até a manhã dar lugar ao meio-dia. Desceram e subiram morros até Luka ficar tão de saco cheio deles quanto estava das árvores. As bolhas inchavam dentro de suas botas até que as sentia estourar e vazar. Sua clavícula continuava queimando como se um *Standartenführer* da ss caminhasse ao lado dele, apertando um cigarro em sua pele sem parar.

O que Luka não daria por uma boa tragada agora... Ele estava chocado demais para

conseguir apreciar o cigarro que Baasch tinha enfiado em sua boca. Caíra poucos segundos depois — derramando cinzas e fazendo um buraco raso na pista de dança antes do *Sturmmann* da ss o apagar com a bota. Um desperdício...

Já que estava sonhando, Luka queria uma Zündapp também. Não que uma moto fosse ser muito útil ali. Onde quer que *ali* fosse...

— Alguém sabe onde estamos? — ele perguntou.

Felix deu de ombros. Ele não havia dito uma palavra desde o avião. Seu ritmo era firme no começo, mas, na última hora, Luka havia notado que estava andando mais devagar.

Yael lançou um olhar para a dupla por cima do ombro. O nariz dela estava definitivamente pior; a linha vermelha e espessa sobre a ponte quebrada combinava com o corte proporcionado pelo anel de sinete em seu maxilar. O restante do rosto era uma bagunça roxa e inchada.

— Em algum lugar dos territórios moscovitas — ela disse.

Territórios moscovitas. Antiga região soviética. Por isso estava tão *verdammt* frio. O pai de Luka havia passado muitos anos do pós-guerra tagarelando sobre o lugar — histórias sobre noites frias em trincheiras e combustível congelado.

— Estamos em algum lugar da taiga — Yael continuou. — Considerando a vegetação e a vida selvagem, aposto que perto dos Urais.

— Urais? — O rosto de Felix ficou tenso. — Mas... isso fica a dias da Alemanha.

— A pé deve dar ainda mais — Yael disse.

— Mas não é uma coisa boa estar a dias de distância das pessoas que querem cortar nossa cabeça? — Luka perguntou.

O mecânico voltou a seu silêncio carrancudo. O cobertor do avião bateu atrás dele feito uma capa quando Felix tropeçou numa raiz. Ele ergueu a mão boa para se equilibrar. A direita continuava escondida embaixo da camisa manchada.

— A gente está muito melhor aqui — Luka disse. — Territórios moscovitas. Terra de pinheiros comestíveis infinitos e de... que tipo de vida selvagem você viu, *Fräulein*?

— Vi uma zibelina lá atrás. E aquilo — ela apontou para um trecho de neve perto, no qual flocos acinzentados pela terra tinham sido pisados numa disposição estranha — são pegadas de lobo.

— LOBOS?

— A gente está em uma floresta — Yael lembrou.

— E a gente deve estar com o cheiro de um *gottverdammt* açougue. — Luka olhou para o rosto da *Fräulein* e a camisa de *Herr Wolfe*, ambos ensanguentados. Talvez eles não estivessem *nada* melhor ali... — Somos um banquete em seis pernas.

Yael caminhou diretamente para o trecho de neve, apagando as pegadas de lobo com os pés esguios.

— Eles costumam ter medo demais das pessoas para atacar.

— E se não tiverem? — Luka perguntou.

— É melhor a gente seguir em frente e encontrar um bom lugar para acampar antes que escureça — ela disse.

Então eles seguiram em frente. A vista não mudou muito. Árvores, árvores, neve, mais pegadas de lobo (depois que Yael tinha apontado as primeiras, Luka as via em toda parte),

árvores, árvores, um riacho congelado, árvores. E, finalmente, uma estrada! Quando Luka a avistou, achou que estivesse alucinando. Parecia selvagem, coberta de lama congelada e plantas mortas havia muito tempo. Mas Yael também a viu, e ajoelhou perto da lama, examinando-a.

— Deve levar a algum lugar. — Luka se aproximou por trás dela. (Mas tomou o cuidado de não chegar perto demais. Ele já tinha visto os reflexos de Yael em ação e queria que seu estômago/ nariz/ testículos continuassem intactos.) — Certo?

— É disso que tenho medo. — Yael franziu a testa. — Voltamos para o território do Reich. Não é só com os lobos que temos que nos preocupar agora.

Certo. Luka se perguntou se os pôsteres de PROCURADOS já tinham ido para a gráfica. Era provável que usassem a foto de inscrição de Felix para o Tour do Eixo. Para Luka, poderiam usar um dos antigos pôsteres de propaganda de sua vitória de 1953 com o *Sieg heil* na parte de baixo riscado. Ele imaginou o retrato de Yael como um grande ponto de interrogação.

Eles eram banquete em seis pernas e com um preço por suas cabeças.

— Olha, até que eu gostei dos ramos de pinheiro, mas precisamos de comida de verdade — Luka disse. — Comida, remédio, camas e não virar comida de lobo. Seguir este caminho é nossa melhor chance de conseguir essas coisas.

Yael assentiu, mas continuou com a testa franzida. A expressão em seu rosto vermelho de sangue parecia totalmente perversa.

— Vamos caminhar ao longo da estrada. Não nela. Se encontrarmos alguém, não estamos em condições de correr, muito menos lutar.

Eles caminharam por mais algumas horas num silêncio cambaleante, cansados e doloridos demais para conversar. Os passos de Felix foram ficando cada vez mais lentos até ele parar e cair. O garoto ficou de joelhos, com o rosto e o peito sobre a neve pisoteada por lobos. Apesar do ar congelante, ele estava suando, e seu cabelo claro estava grudado em seu rosto.

Ele caiu com uma imobilidade tão sólida que Luka achou que tinha simplesmente morrido. Mas quando Yael correu até ele, começou a balbuciar, empurrando o chão fracamente com a mão boa.

— Não. V-vamos continuar. Tenho que s-salvar...

A voz dele se transformou numa tosse.

— Ele está com febre. — Yael virou Felix de costas e tirou a mão machucada do garoto de dentro da camisa. — Os dedos estão infeccionando.

Até os dedos que não haviam sido machucados estavam inchados e vermelhos, com a carne inflada do tamanho de um pequeno *bratwurst*. Agora que Luka estava mais perto, conseguia sentir um cheiro que fazia seu estômago vazio revirar.

O irmão de Adele não daria mais nenhum passo, o que significava que eles também não.

— Então aqui é o acampamento. — Luka observou ao redor. Pinheiros escuros cercados por um grosso carpete de ramos caídos. Um péssimo lugar para se proteger dos ventos árticos que balançavam as árvores. Um lugar ainda pior para evitar ser comido por lobos.

Yael jogou no chão o paraquedas que carregava e começou a desfiar uma das cordas na ponta de uma pedra que estava perto.

— Vou montar algumas armadilhas para ver se consigo arranjar comida. Fique de olho nele e tente acender uma fogueira. Quando eu voltar, improviso uma barraca com o paraquedas.

Luka levou dez longos minutos para juntar e empilhar a madeira para uma fogueira, seguindo as instruções vagas de sua época na Juventude Hitlerista: primeiro gravetos, depois galhos pequenos e toras maiores por cima, deixando bastante espaço para o ar. Sua jaqueta ainda estava molhada do fosso (mais de um dia depois, mas couro era teimoso mesmo). Aquilo não incomodara muito Luka enquanto estavam caminhando, mas, com o cair da noite, quando a temperatura começava a despencar, ele percebeu que precisava acender a fogueira. E rápido.

Luka pegou dois gravetos e começou a esfregá-los.

A pele de Felix estava ao mesmo tempo corada e pálida, como um pedaço de mármore. O garoto tremia sob o paraquedas e os cobertores extras que Yael tinha ajeitado sobre ele. Seus lábios se moviam num murmurar frenético.

— Pulamos cedo demais. Seguir em frente. Temos que seguir. O Führer vai matar... todos nós. N-não, não é seguro.

Eram palavras desconexas, febris.

— Hitler morreu. — Luka esfregou os gravetos o mais rápido que pôde. Mais rápido e mais rápido, até um deles estalar. Em algum lugar distante, atrás do arvoredo, um galho estalou em resposta. O som o assustou.

Talvez os lobos estivessem saindo mais cedo.

Os cigarros e as motocicletas que se danassem. Ele queria sua arma.

— Ele não morreu! — A voz delirante de Felix se transformou no grito de um louco. — Ele não morre! Não tem como morrer! Não vai morrer.

Era tudo um pouco barulhento e maluco demais para o gosto de Luka. Era o mesmo que gritar “Carne saborosa aqui! Coma à vontade!” para os maiores predadores da região. Luka estava pensando no jeito mais fácil de calar a boca de Felix quando a voz do garoto voltou a ser um sussurro.

— É tudo culpa dela. Tudo isso... o projeto.

— Do que você está falando?

— O Führer nunca morre. — Felix tentou levantar. Para a surpresa de Luka, o garoto conseguiu se erguer um pouco. — Você! Você é um *Arschlock*!

— Eu sei — Luka respondeu. — E você está delirando. Agora senta e cala a boca.

Milagrosamente, ele obedeceu. Luka não soube ao certo se tinha decidido ser agradável ou se tinha desmaiado com o esforço do insulto. Qualquer que fosse o caso, ficou grato por ter diminuído o volume do “Venham nos comer, lobos”.

Mas os estalos e ruídos na floresta estavam ficando mais altos. Mais próximos. Luka desistiu de suas tentativas de fricção e pegou um dos gravetos maiores de sua fogueira. Se as criaturas da floresta decidissem transformá-lo em refeição, ele ia resistir. Segurou firme a base do galho de pinheiro e observou as árvores. Algo surgiu — olhos que brilhavam, correndo na direção dos garotos com uma velocidade alarmante.

Era Yael.

Foi só quando Luka a viu saindo das árvores que se deu conta de que não teve medo de que

ela não voltaria. Nem tinha passado pela cabeça dele que a garota poderia ter decidido largá-los na taiga nevada.

Hum.

Ela caminhou até Felix e tirou o paraquedas de seu corpo. Estendeu o tecido no chão e começou a empurrar o garoto para cima dele.

— Me ajude a levar o Felix— Yael disse enquanto puxava uma ponta do paraquedas. Ela estava transformando aquilo numa maca! Engenhoso. Quando Luka pegou a outra ponta e Felix desapareceu dentro do paraquedas, aquilo o fez pensar em um cadáver.

— Para onde, exatamente?

O cabelo da *Fräulein* era uma bagunça de nós cobertos de sangue e seu rosto estava ainda mais caótico quando ela o virou para Luka. Ele não estava esperando o sorriso que viu — dentes brancos desvairados iluminando todo o semblante dela com uma sensação triunfante.

— Achei uma casa.

Yael não tinha encontrado apenas uma casa, mas uma vila inteira. Um conjunto de cabanas cinza caindo aos pedaços ao longo de um riacho grande demais para congelar. A primeira aproximação tinha sido tática. Ela ficou escondida durante vários minutos na floresta ao redor do povoado, à procura de algum sinal de vida. Mas não havia nenhuma luz atrás das janelas. Nenhuma fumaça saindo das chaminés. Nenhum homem cortando lenha com um machado. Nenhuma esposa chamando para o jantar. Só havia o rio correndo, com um murmúrio baixo e constante.

O lugar estava deserto fazia anos, pelo jeito. Os telhados de algumas cabanas tinham caído sob a força das nevascas. Os poucos porões que Yael tinha espiado abrigavam potes de conservas (ainda intactos) e sacos de batatas (vazios, seus conteúdos tinham se liquefeito havia muito tempo). Cabana após cabana, a história era a mesma: pratos sobre a mesa, poças de cera onde velas haviam queimado, cadeiras viradas, portas arrombadas. Vida interrompida.

Quando Yael chegou ao outro lado do povoado, viu a verdade esparramada na trilha entre as cabanas. A vila não estava simplesmente deserta.

Estava morta.

Os ossos eram um emaranhado, desgastados pela vegetação e pelo tempo, revirados por bichos. Era impossível contar os corpos; os esqueletos eram indistinguíveis. Yael só conseguiu ver que eram muitos. De todos os tamanhos e de todas as idades, mortos para dar lugar a futuros colonos arianos. A assinatura típica de uma blitzkrieg da ss. Henryka tinha contado histórias de terror parecidas em seu país natal — estupros, saques, execuções em massa. Cidades inteiras liquidadas sob o avanço da ss, reivindicando a terra como Lebensraum. Terra que sequer usavam. Aquela vila tinha sido massacrada e esquecida. Carne largada para apodrecer com as batatas.

A chegada de Yael com Luka e Felix no paraquedas-maca foi diferente. Ela escolheu uma casa na ponta da travessa, o mais distante possível dos ossos. Não era a maior nem a mais bem estocada, mas o telhado estava intacto e ficava a poucos passos da cobertura da floresta.

Só por precaução.

Ela sentiu que estava prestes a desmaiar quando arrastaram Felix para a sala de estar, deixando-o (com paraquedas e tudo) em um canto. Mas ainda não era hora de descansar. A temperatura estava caindo e eles precisavam — muito — de sustento.

Primeiro o fogo. Depois a comida. Então, ela tinha que cuidar de Felix.

As duas primeiras tarefas foram relativamente simples. Quem quer que tivesse massacrado

os aldeões não tinha se dado ao trabalho de esvaziar as casas direito. Os pratos estavam empilhados nos armários, com as gavetas cheias de fósforos e gordas velas de sebo. A lenha empilhada tinha apodrecido fazia tempo, então Yael mandou Luka sair com um machado para despedaçar uma das cabanas vizinhas. A madeira estava seca e queimou bem.

Para comer, Yael desenterrou algumas conservas dos porões. Ainda estavam comestíveis, embora ela não soubesse ao certo de que eram. Ela e Luka estavam famintos o bastante para devorar o que fosse sem discutir. Yael pegou um terceiro pote para Felix, junto com uma garrafa fechada de vodca que tinha encontrado, e se aproximou do garoto.

O irmão de Adele estava inconsciente, tremendo de febre.

Os anos que passara com Vlad haviam treinado Yael para sobreviver nas condições mais adversas. E, ainda que básico (limpar feridas, colocar ossos no lugar, dar pontos), seu conhecimento médico permitiu que notasse claramente que a mão de Felix não estava nada bem.

Ao observar os dedos quebrados sob a luz de velas, Yael ficou assombrada que o garoto tivesse conseguido abrir as algemas ou feito qualquer outra coisa com aquela dor. Os dedos estavam quebrados e imundos. Pedacos brancos de osso apareciam, envoltos por sangue seco. E, em meio a tudo, um cheiro terrível, indicando o começo da putrefação.

Yael abriu a garrafa de vodca e derramou a bebida sobre a ferida. Houve um segundo de imobilidade antes do ardor do álcool vencer o furor da febre. Felix abriu os olhos de repente e ergueu os braços agitados enquanto gritava em sua agonia.

— VOCÊ É O DIABO!

— Sinto muito, Felix! — *Sinto mesmo*. Yael tentou acalmá-lo, mas o garoto parecia surdo de tanta dor. A mão ferida dele derrubou a garrafa de vodca no chão. Luka apareceu no batente e levantou a garrafa antes que derramasse álcool demais.

— Ele está assim com todo mundo. Me chamou de *Arschloch*. — Luka apontou para o paraquedas amassado onde o irmão de Adele ainda gritava de dor, soltando xingamentos na cara de Yael. — Eu não levaria para o lado pessoal.

Mas ela levava. Luka era mesmo um *Arschlock* (na maior parte do tempo). E Yael... talvez não fosse o diabo, mas era definitivamente algo tenebroso. O sangue em suas mãos, no paraquedas e em seus sonhos era prova disso.

— Segure Felix. — Uma mistura de lágrimas, saliva e suor manchava o rosto do garoto. Yael não conseguiria tratar aqueles dedos sozinha.

Luka inclinou a cabeça.

— Não vai morrer se pedir com jeitinho.

Yael estava exausta e perto demais de chorar para discutir com ele.

— Luka, por favor.

Ele tomou um gole de vodca, entregou a garrafa para Yael e fez o que ela tinha mandado. Em boa forma, os garotos tinham o mesmo nível de força, mas, depois da tortura em Tóquio, Felix não tinha como competir. Luka prendeu o irmão de Adele entre seus gritos de “diabodiabomonstrodiabo” firme o bastante para Yael limpar a mão, imobilizar os dedos e envolvê-los numa tala improvisada. No processo, Felix desmaiou.

Quando Yael terminou, ficou observando o garoto, que parecia menor sob a luz de vela balbuciante. Não conseguia evitar pensar que não era o suficiente. Vlad tinha usado vodca apenas em cortes menores. E o menino havia perdido muito sangue — seu corpo empalidecido estava todo coberto por ele. Yael queria poder lhe dar um pouco do seu, mas seus recursos médicos improvisados tinham se esgotado. Tudo o que ela podia fazer era esperar e torcer que a noite fosse piedosa e a vodca cumprisse sua função.

— Não morra — ela sussurrou no ouvido de Felix, como uma oração.

Luka soltou um suspiro duro e exausto enquanto se jogava numa pilha de cobertores. Ele pendurou a jaqueta para secar perto do fogão à lenha e se esparramou, relaxado feito um leão. O barbear suave do Baile da Vitória tinha ficado para trás, substituído por uma barba rala. O sangue de Felix cobria sua camiseta. A queimadura de Baasch era uma linha escarlata — um ponto de exclamação feito de qualquer jeito. Apesar de tudo aquilo, o rapaz parecia inabalável. Como se as últimas horas e os últimos dias nem tivessem acontecido. Como se eles estivessem de volta ao deserto, dividindo um cigarro e um cantil, com todas as tensões entre Adele e Luka. Com toda a sua história e todos os seus segredos.

A tensão era diferente agora. Mas nem tanto. Luka ainda a encarava com o mesmo olhar endurecido. Como se ela fosse um enigma a ser decifrado. Como se estivessem no meio de uma dança cujos passos Yael não sabia. Como se algo entre eles pudesse soltar faíscas e explodir a qualquer momento.

— Você me deve a verdade, *Fräu*... — Luka se interrompeu para usar outra palavra muito menos familiar aos lábios dele. — Yael.

Yael. Era o que ela era agora. Yael. Com sua própria história, seus próprios segredos...

— Nem... nem sei por onde começar — ela disse.

— Talvez pelo começo? — ele provocou.

O começo. Gueto, trem ruidoso, cercas de arame farpado, chaminés negras. Primeiro, segundo, terceiro lobo...

Yael enfiou a mão no bolso da jaqueta, encontrando o minúsculo pedaço de madeira ali. A boneca menor. Babushka havia entalhado todo um conjunto de matrioscas para ela, mas aquela era a única peça que havia sobrado. As outras — as que Yael deixara para trás com Miriam (a sagaz, sábia e sincera Miriam) na noite de sua fuga — estavam tão mortas quanto sua verdadeira família.

Tanto tempo atrás, tão perto. Uma solidão gigantesca, dispersa. Não era algo que Yael conseguiria compartilhar, então apertou a boneca menor com força e fez que não.

— Pelo começo, não.

Luka deu de ombros.

— Certo. Então pelo meio. Ou pelo fim. Comece por onde quiser, só me dê alguma coisa.

O meio. Rosquinhas de chocolate. Problemas de cálculo. Sofrimento pelo quarto lobo. O suor do quinto lobo. Ficar pronta, pronta, pronta para... *o fim*. Deveria ter sido no Baile da Vitória. Deveria ter sido a queda de tudo — a morte do Führer e seu império de ossos.

E agora? Por onde começar?

A linha de partida — dentro do Estádio Olímpico da Alemanha, sob a chuva e os olhos de

milhares — fazia mais sentido para Yael. Não era seu começo, mas era um começo. Vários começos, na verdade. O começo do décimo Tour do Eixo. O começo de sua vida como Adele. O começo da relação com Luka.

— Usei minha... habilidade para me passar por Adele Wolfe desde o princípio da corrida — ela começou.

— Sua *habilidade* — Luka repetiu, arqueando a sobrancelha. — Você quer dizer trocar de rosto?

— Chamo de metamorfismo. — Ela tinha pensado naquela palavra não muito depois de sua fuga do campo de extermínio. O dr. Geyer talvez usasse um termo diferente.

— Você nasceu com isso?

— Não. Eu fui... feita. — Não era a palavra certa. “Feita” significava que havia algum tipo de criador carinhoso por trás do processo, em vez de um maníaco com um suprimento infinito de seringas. — Não quero falar sobre isso.

Luka assentiu bruscamente. A luz do fogão cobria seu rosto.

— Enfim, é... era minha missão. Correr como Adele Wolfe, vencer o Tour do Eixo, ir ao Baile da Vitória, colocar Adolf Hitler na frente das câmeras e matá-lo. Havia células da resistência em todo o Reich. Eles estão recrutando, se preparando e planejando isso há anos. A morte do Führer deveria ser um sinal para os guerrilheiros se revoltarem.

Luka Löwe encarou todas aquelas informações com tranquilidade, sem mudar sua expressão. Yael se maravilhou com sua postura. O rosto severo, os lábios ao mesmo tempo alertas e frívolos, tão confusos e difíceis de interpretar quanto seus beijos.

— Você disse “deveria ser”. — Luka inclinou a cabeça. Sua mão livre subiu até o pescoço, segurando a plaqueta de identificação. Ele passou o polegar sobre a gravação: 3/KRADSCH I. 4II. — O que deu errado?

Yael respirou fundo e disse:

— Hitler não morreu.

Pelo menos aquela informação pareceu abalar o garoto. Ele ajeitou a postura. Deixou a plaqueta de identificação cair sobre o esterno.

— Como assim? Você atirou nele. Eu vi quando Hitler caiu. Tinha... tinha um corpo. A gente estava no mesmo *verdammt* salão com ele!

— Matei a pessoa errada — ela sussurrou. — Era alguém como eu. Se fazendo passar pelo Führer.

— *Scheisse* — Luka praguejou, observando o fogo. — É por isso que aquele homem tem sete vidas.

— Quarenta e nove... — Yael se deteve. A quadragésima nona vida pertencia a Aaron-Klaus. O atentado dela tinha um número diferente. — Cinquenta, agora.

Luka cerrou o maxilar.

— Felix sabia. Lá na floresta, ele falava sem parar que Hitler não estava morto. Pensei que estava delirando com a febre. Nunca passou pela minha cabeça que pudesse ser a verdade.

Era a verdade. Verdade demais. Uma verdade impossível. Cinquenta vezes verdade.

— Eu estava lá da última vez, sabe? Em cinquenta e dois. No discurso da Nova Germânia.

Estava no meio da Grosser Platz quando aconteceu. — Luka pegou a garrafa de vodca e deu mais um gole. — Todo mundo gritava, triste e apavorado, e eu só... não me sentia do mesmo jeito. O Führer levou um tiro na minha frente e eu não senti nada. Talvez fosse o choque, sei lá. Tudo o que consegui fazer foi ficar ali parado enquanto todo mundo entrava em pânico. Quase morri pisoteado.

Um pedaço de mim estava lá. Um pedaço de mim morreu naquele dia. Yael voltou a sentir o gosto do grafite na boca. O quarto lobo e Luka Löwe — dois fragmentos de sua vida que nunca deveriam ter se encontrado — passaram a estar estranhamente próximos. Yael quase arregaçou a manga ali mesmo, quase apontou para as linhas curvas do lobo de Aaron-Klaus, quase disse a Luka tudo o que ela era.

Mas Luka estava brincando com a plaqueta de identificação de seu pai de novo, e Yael se pegou imaginando se tinham sido tropas Kradschützen que haviam chegado àquele mesmo vilarejo e o transformado em uma pilha de ossos. Ela imaginou se Luka tinha ideia de como o passado deles se enredava.

— Então, se Hitler não morreu, o que está acontecendo lá fora? — Luka perguntou. — Seus amigos da resistência estão lutando?

— Não faço ideia. O fato de Baasch se sentir confortável o bastante para nos levar de volta à Alemanha quer dizer que ou ele não faz ideia do golpe ou... — “Está tudo acabado” era o que ela pretendia dizer, mas se interrompeu. — Hitler nunca dança — ela disse apenas, só então se dando conta. O fato tinha parecido um detalhe pequeno quando Vlad o mencionou no dia em que recebeu sua missão. Reiniger com certeza tinha achado que era. Mas agora talvez estivesse morto. Reiniger, Henryka, Kasper, as tachinhas de agentes espalhadas pelo mapa... todos talvez estivessem mortos. — Eu deveria saber que não era ele. Eu deveria...

— A gente já passou por isso antes. Lá no *Kaiten*. O que está feito está feito, Yael. — Luka não parava de mexer na plaqueta de metal, que cintilou entre os dedos do garoto. A corrente se apertou em volta de sua garganta. — Você fez o que precisava ser feito.

Será?

— Matei a pessoa errada. — Ela precisava ter feito aquilo?

— Você cometeu um erro — Luka disse. — Algumas gotas de sangue não fazem de você o diabo.

Quanto sangue faltava?

— Você já matou alguém? — Yael perguntou.

— Não que eu saiba... Talvez tenha atirado nuns comunistas algumas semanas atrás. — Ele ficou em silêncio por um momento, torcendo a corrente da plaqueta de identificação o quanto pôde. As letras da batalha e da patente de seu pai giraram quando Luka soltou a chapa. — Mas conheci alguns diabos. Você não é como eles.

Ele disse aquilo como se a conhecesse. Yael queria acreditar naquilo. Queria acreditar nele. Mas havia sangue em toda a sala, muito mais do que algumas gotas: na camisa de Luka, no paraquedas de Felix, no rosto de Yael. Ariano e judeu. Tudo vermelho. Tudo culpa dela.

Ela lançou um olhar para onde o irmão de Adele resmungava sem parar sobre o paraquedas. Pegou a garrafa de vodca.

— Precisamos guardar para as feridas do Felix.

— Você devia usar um pouco nas suas. — A expressão de Luka ficou mais sombria enquanto apontava para o rosto dela. — Baasch acabou com você.

Era verdade. Yael tinha conseguido ignorar a dor graças à adrenalina, mas tudo estava se dissolvendo agora. A dor havia se alojado fundo, misturando-se a todas as suas palavras e os seus movimentos.

— Eu estava esperando mais — ela disse. (Aquilo também era verdade.) — Teria sido pior se você não o tivesse distraído.

— O que posso dizer? — Luka deu de ombros. — Queria muito aquele cigarro.

O olhar de Yael se alternou entre o hematoma tortuoso, roxo como o crepúsculo, e a queimadura brilhante no esterno dele — marcas de lealdade, muito mais significativas do que qualquer braçadeira com suástica.

— Você poderia ter dito para o *Standartenführer* que não tinha nada a ver com aquilo. Poderia ter deixado que continuasse me batendo. Mas não foi o que fez.

— Você deveria ter me largado nas docas. Mas não foi o que fez — ele disse. Os dois se encararam por um momento demorado. Hematoma a hematoma. Azul a azul. — Eu queria que ficássemos quites.

Quites. Mas havia tantas coisas cortando o espaço entre seus corpos — o calor do fogão a lenha, o pó levantado pela agitação de Felix, mágoas e vitórias, desconfiança e beijos. Memórias, tantas memórias... Yael + Luka se misturando ao passado de Luka + Adele. Sentimentos finos pendiam entre eles, tão pegajosos, frágeis, complexos e belos como uma teia de aranha prateada no orvalho da manhã.

Eram tantas coisas pertencentes a tantas pessoas que ficava impossível acompanhar. O que Luka via quando olhava para ela — uma garota sob a luz da chama? Quem ele estava buscando quando atravessou a luz amarelo-âmbar e levou a ponta dos dedos ao rosto dela?

Um calafrio perpassou Yael, um que não pertencia nem à dor nem à solidão.

A garota não sabia ao certo se pertencia a ela também.

— Não sou Adele — ela disse, baixo mas firme. — Você sabe disso, certo?

De repente, alguns dos fios entre eles se romperam. Luka baixou a mão e pegou a garrafa de vodca.

— Isso é uma coisa boa — ele disse, enquanto passava um pouco da bebida num canto de um lençol. — Senão os lobos já teriam nos comido. Adele é uma ótima corredora, mas não acho que suas habilidades de sobrevivência na selva seriam suficientes nesse tipo de situação. É por isso que — ele ergueu o tecido molhado, esperando a aprovação de Yael antes de desinfetar as feridas dela — não podemos ter você enlouquecendo com a febre também. É a melhor chance que eu e Felix temos de continuar vivos.

O álcool chiou em contato com os cortes e raspões. A cura doía. Yael cerrou os dentes e virou um olho para Felix. Ainda respirando. *Continue respirando.*

— Ainda não saímos da floresta.

Com o outro olho, ela viu Luka Löwe abrir um sorriso.

— E eu pensando que era a única pessoa com humor negro aqui.

Apesar da dor e das bochechas em chamas, Yael retribuiu o sorriso.

O pesadelo havia retornado e pesava sobre Yael — sangrento, gosmento, sufocante. Foi pior daquela vez. Ela sabia que estava sonhando, mas aquilo não impedia a morte. Felix estava ao seu lado, com uma expressão amargurada e a mão sangrando, enquanto ela atirava naqueles que odiava, naqueles que amava.

Adolf Hitler (BANG), *Mama* (BANG), Aaron-Klaus (BANG), Tsuda Katsuo (BANG), Babushka (BANG), Miriam (BANG) e Adolf Hitler de novo (BANG).

A multidão ainda estava lá, mas, daquela vez, em silêncio. O único barulho além do BANG-BANG incessante de sua P38 era o sussurro assombroso de Felix: “diabodiabomonstrodiabomonstreМoHcmp”.

Yael acordou com o coração acelerado batendo contra sua caixa torácica. A chama do fogão a lenha ainda chiava, lançando um brilho fraco pelo quarto. Luka estava enrolado nos lençóis, dormindo profundamente. Felix jazia no paraquedas; o subir e descer de seu peito era lento mas constante.

Ela ouviu a cadência da respiração deles enquanto arregaçava a manga esquerda e observava os cinco lobos. Totalmente pretos, fugindo da luz moribunda do fogão a lenha. Babushka, *Mama*, Miriam, Aaron-Klaus. Sua constante, seu preço. Toda a dor que Vlad havia mandado ela guardar. Por muito tempo, Yael havia mantido aqueles fantasmas junto de si e deixado que se tornassem parte dela. A parte dela que jamais mudaria.

Pelo menos, era o que pensava.

Seus fantasmas — tanto os vivos como os mortos — estavam se tornando vingativos. E, a cada um dos pesadelos sussurrantes (*Você me deixou morrer! Monstro! Não é isso que você queria? Não é? Não é?*), Yael sentia algo dentro dela mudar. Não apenas pele, mas alma.

Quem era ela, então?

Quem era ela agora?

Quanto sangue era necessário para criar um diabo?

Quanto vermelho era necessário para mudar as coisas?

O mundo algum dia ficaria quite com ela?

Aquelas perguntas rodopiavam sem resposta na escuridão enquanto Yael voltava a desenrolar a manga, sentindo-se ainda mais devastada do que antes. Ela voltou a se enrolar nos lençóis, com o coração escorrendo pelo pulso. A mesma luz que havia ressuscitado seus lobos brilhava sobre Luka. O garoto dormia de frente para ela. O laranja da brasa se derramava sobre seus traços sem disfarce. Yael ficou parada, observando a luz cair sobre suas pálpebras, seu nariz aquilino, seus lábios.

“Você não é como eles.”

Luka havia dito aquelas palavras como disse muita coisa — com uma confiança arrogante. Ela queria que ele estivesse certo. Mas o garoto não a conhecia.

Não como os lobos conheciam.

Por quase seis anos, Felix havia carregado o relógio de bolso de Martin. Aonde fosse, o relógio ia junto. O tique-taque das engrenagens atravessava o tecido do uniforme da Juventude Hitlerista, do macacão coberto de graxa, da roupa de corrida. Era seu segundo batimento cardíaco.

Mas agora a batida não estava mais lá. A ausência se fazia sentir sobre o peito de Felix enquanto ele lutava para recuperar a consciência, entrando e saindo de pesadelos febris. Os sonhos eram estranhos. Peças trocadas e rearranjadas de uma forma que não fazia sentido. Ele estava dirigindo uma motocicleta de ré no Tour do Eixo, levantando as areias do deserto ao contrário. A boneca de pano de Adele (que ficava na prateleira juntando pó) estava na garupa. O cabelo amarelo dela enroscou na roda e o fez perder o controle e capotar... Felix caiu num lugar que reconheceu, o lugar que visitou no dia 2 de maio. Havia grama brilhante pela primavera sob seus joelhos. A lápide se assomava, suas letras enormes desenhadas no granito: M seguido por A seguido por R seguido por A... Não, aquilo não estava certo...

As letras do nome de seu irmão estavam desaparecendo, rearranjando-se. Um novo nome surgia na pedra: A seguido por D seguido por E seguido por L...

NÃO! O corpo todo de Felix despertou com um choque. Ele descobriu que sua pele queimava contra o ar frio. A visão diante dele não era de um colchão de molas nem do céu azul, mas de vigas de madeira velhas a ponto de ser apenas lascas e cinzas.

O coração de Felix tremulou em uma série de indagações. *Foi real? Ainda estou vivo? A dor — aquela que corria por seus tendões, seu braço e até sua mente — lhe dizia que sim.*

Em algum lugar lá fora, estavam cortando lenha. O som parecia seguir um ritmo errado, *tum, tum-tum*. Mas não havia um ritmo certo. Não mais. Felix levou a mão ao bolso do peito e sentiu o metal ali. Na mesma hora, lembrou:

Tinha fracassado.

Segundo o cronograma de Baasch, eles deveriam pousar em alguma das cidadezinhas em volta da Germânia, perto o bastante para chegar à capital em poucas horas. Em vez disso, haviam saltado do avião a milhares de quilômetros de distância, nos territórios moscovitas cobertos de neve e infestados por lobos, não apenas a dias, mas talvez semanas de distância do quartel-general da resistência.

Isso é real? Felix segurava o relógio sem batimentos. *Minha família ainda está viva, não está?*

Não era uma pergunta fácil de responder.

Tum, pausa. *Tum* fazia o machado distante. O coração de Felix batia tão forte que ele sentia como se suas entranhas estivessem suando. Talvez conseguisse encontrar um rádio, um telefone, alguma maneira de contatar o *Standartenführer* Baasch e dizer que estava a caminho.

Seu cérebro enviava sinais desajeitados para seu corpo. *Levante. Saia da cama. Ligue para Baasch.* Mas ele só tinha energia para virar de lado. O chão da cabana se estendeu diante dele: potes vazios, lençóis amarrotados, cocô de rato, madeira podre. Não era difícil dizer que o lugar estava abandonado.

Não havia nem rádio nem telefone ali. Mesmo se houvesse, Felix não teria forças para ir até eles. Pensou que não conseguiria sequer dizer uma palavra adequadamente, muito menos frases coerentes o bastante para suplicar pela sua família. A febre estava começando a chamejar novamente, queimando os cantos lúcidos de sua mente...

— Felix!

Um raio branco tomou conta de sua visão. Não era dor, era cabelo. O cabelo dela. A garota se ajoelhou ao lado do paraquedas. Depois veio a mão, os dedos frios como neve contra sua testa.

— Como está se sentindo? — ela perguntou antes de tirar a mão.

Como... ele estava... se sentindo? O absurdo quase fez Felix rir. Não tanto da pergunta, mas de quem a fazia. Ela se importava? Fazia diferença que ele estivesse completamente arruinado, que ela fosse sua ruína? Que a família dele provavelmente estivesse sendo torturada até a morte, pendurada em fios de piano numa masmorra da Gestapo? Que estivessem sendo destrinchados, dedos, orelhas, nariz e pés talhados lentamente porque ela havia roubado o rosto de sua irmã?

O novo rosto da garota era apenas um monte de hematomas assustadores. Quebrado, com traços perfeitos e brilhantes demais para ser verdadeiros. Felix tentou ao máximo focar o olhar, esperando ver o mal ali, alguma forma de escuridão para compensar aquele azul luminoso. Mas tudo o que viu foi uma garota e sua tristeza. Um grande sofrimento intrincado, uma emoção muito antiga, composta por centenas de partes...

Ela se importava?

Ele se importava se ela se importava?

Não, concluiu. Felix já havia se importado demais. Aquilo o havia levado até ali.

— Vou dar uma olhada no seu machucado, tudo bem? Tente não se mexer. Você perdeu muito sangue ontem à noite. — A garota começou a desenrolar os curativos. O que quer que tenha visto sob eles tornou sua respiração dura, assim como as linhas ao redor de seus lábios. — Tentei colocar os dedos no lugar, mas...

“Algumas coisas estão quebradas demais para consertar.” Foi o que Felix falou em Tóquio, quando estava tentando salvar de si mesma aquela que pensou ser Adele. Era como ele se sentia naquele momento, até o pó de seus ossos esmagados. Seus ferimentos tinham passado tempo demais sem cuidados médicos — o *Standartenführer* da ss tinha se recusado a limpá-los, dizendo que a resistência cuidaria dele quando saíssem da Alemanha.

“A ferida não pode parecer tratada”, ele havia dito. “Não queremos que a prisioneira 12358ΔX fique desconfiada.”

A ferida não estava tratada. Estava infeccionada.

E a menina não estava desconfiada. Estava arrependida.

Ela murmurava constantes pedidos de desculpa enquanto derramava mais vodca ardente em suas feridas e voltava a enfaixá-las; depois tentava dar algumas colheradas daquele lixo guardado nos potes para ele comer, enquanto pressionava neve suja contra o calor da testa de Felix.

— Desculpe, desculpe. Eu sinto muito mesmo — ela não parava de dizer. Como se suas palavras pudessem apagar tudo o que havia feito. Como se pudesse melhorar as coisas.

Para isso, seria preciso muito mais do que palavras.

Felix cerrou os dentes com força. Estava ficando zozinho. Os pesadelos incomodavam seus pensamentos conscientes, obscurecendo tudo — os cantos sombrios da cabana, as feridas no rosto da garota, a podridão dentro dele.

O machado distante continuava trabalhando. O relógio de bolso parecia alguns gramas mais pesado sobre seu coração, com inveja de cada respiração que ele dava. Os olhos da garota continuavam nele enquanto ela punha mais neve em sua testa. Como os olhos ainda pareciam tanto com os de Adele? Tom errado, olhar certo. Força de irmã para irmão.

Felix não aguentou. Fechou os olhos e mergulhou na escuridão.

A vila dava arrepios em Luka. Não tanto a pilha de ossos, mas o silêncio, o vazio onde deveria haver vida. Era a mesma sensação que ele havia tido quando passaram pelas cidades fantasmas no Norte da África e nas ruas evisceradas de Bagdá. A mesma sensação perturbadora que ele tinha na infância quando era surpreendido pelo retrato do Führer olhando para ele do alto da lareira: sem ver nada e vendo tudo. Eles tinham passado duas noites ali, esperando a febre de Felix baixar. Sem sorte. O menino não soltava mais insultos delirantes, mas sua pele ainda estava quente como uma fornalha. O suor parecia sair de torneiras e empapava seu uniforme da Juventude Hitlerista. Até onde Luka sabia, não havia como fechar o registro. Yael quase não saía do lado do garoto. Luka se manteve ocupado cortando lenha, esfregando as manchas de sangue de suas roupas no rio, buscando algo útil nas outras cabanas. Conseguiu uma dezena de potes de gosmas sem gosto, três garrafas de bebidas alcoólicas tão fortes que eram capazes de cegar e uma única faca de caça. Não encontrou nenhum cigarro.

As noites eram tão paradas quanto os dias. Deveriam ser mais perturbadoras, com a escuridão por toda parte, mas Luka acabou gostando do cair da noite em volta do fogo. Era quente, havia comida e havia *ela*.

As conversas com Adele nunca tinham sido fáceis. Ele as comparava a treinos de lutas — cheios de frases sarcásticas, observações cortantes, insultos disfarçados de carinho. Ele estava sempre — sempre — na ofensiva. Sempre procurava a melhor forma de dizer algo.

Mas, como a própria Yael o havia lembrado, ela não era Adele. Luka se pegou contando coisas à garota. Coisas importantes. Coisas que ele nem sabia que importavam até saírem de sua boca.

“O Führer levou um tiro na minha frente e eu não senti nada.”

Ele nunca tinha contado aquilo para ninguém.

Adele teria dado um soco no braço de Luka (um pouco forte demais), o chamado de traidor em tom de brincadeira (mas nem tanto). Seu pai teria ficado com os olhos negros e dado um soco nele que doeria vinte vezes mais que o da *Fräulein* Wolfe. Mas Yael tinha escutado. Mais do que escutado, tinha entendido.

Ele tinha... sentimentos... quando estava com ela. Os mesmos que experimentara nas ruas de Tóquio. Emoções mimeografadas se derramando desde os seus dias como Adele. Luka amara Adele como Adele. Odiara Adele como Adele. Odiara Yael como Adele. Amara Yael como Adele. Agora, porém, Yael era Yael e suas emoções ainda tinham um pé atrás. Davam uma *verdammt* dor de cabeça nele.

Era tentador botar a culpa na vodca. Mas Luka não havia bebido tanto e estava sóbrio agora que entrava na floresta fria ao meio-dia, verificando as armadilhas que Yael havia montado com as cordas dos paraquedas. As duas primeiras estavam vazias. Os lobos já tinham atacado a terceira — os resquícios sangrentos de um banquete de quatro patas fora tudo que sobrara. A corda da quarta armadilha prendera uma zibelina. A criatura se contorceu ao som dos passos dele, com os pelos lustrosos sob o sol iluminado.

Luka pegou a faca de caça no bolso da jaqueta. Bastou um corte rápido para o animal parar de se debater. O pelo da zibelina se camuflava perfeitamente com os ramos de pinheiro no chão da floresta. Quanto mais Luka encarava o corpo, mais sua pele se arrepiava.

O silêncio o havia seguido.

A floresta estava tomada por ele. Enquanto pegava o corpo do animal, Luka percebeu que até os pássaros tinham parado de cantar. Ele podia ouvir o estalar da vegetação sob suas botas enquanto caminhava em direção à quinta armadilha.

Quando Luka ouviu o motor, ficou paralisado, tentando conciliar a vastidão da mata ao seu redor com o som. Um caminhão... pessoas...

A zibelina morta batia contra seu ombro enquanto o garoto corria para observar mais de perto, com cuidado para se manter escondido entre as árvores. Reconheceu o caminhão na hora: um ZIS-5. O mesmo veículo que haviam roubado dos guerrilheiros soviéticos depois da emboscada no Tour do Eixo.

Era o primeiro de muitos. Uma longa fila de caminhões passava ruidosa pela estrada.

Quando ele era pequeno, Luka passava muitas tardes imaginando o Exército soviético. Ele tinha matado milhares de comunistas com uma arma invisível, gritando uma série de BANGS e POWS enquanto apertava os pedais da bicicleta enferrujada de Franz. As chances nunca estavam a favor deles, mas os meninos sempre saíam vitoriosos. Lutavam uma guerra sem sangue e sem medo.

Agora, o medo estava tomando conta do Luka agachado atrás da vegetação, vendo passar um caminhão após o outro. As traseiras estavam cheias de soldados soviéticos. Homens e mulheres, vinte por caminhão. Todos uniformizados. Todos carregando fuzis. Todos seguindo na direção da vila, onde um fino fio de fumaça subia ao céu.

Quantos deles tinham passado as tardes da infância atirando em nacional-socialistas imaginários? Quantos atirariam no duplo vencedor e em Felix Wolfe assim que os vissem?

Ele não esperou para soltar um palavrão. Saiu correndo em disparada para a vila.

— Apague! — ele exclamou sem fôlego, entrando com tudo pela porta da cabana. — Apague o fogo!

Yael estava ajoelhada ao lado de Felix, colocando neve em sua testa. Ela franziu o rosto para Luka.

— O que está acontecendo?

O garoto deixou a zibelina morta cair, pegou a neve da mão dela, abriu o fogão à lenha e jogou-a lá dentro. A neve não fez nada além de chiar contra o calor.

— Soviéticos. Subindo a estrada.

Se ficou surpresa ou amedrontada, Yael não demonstrou.

— Quão perto?

— Meio quilômetro. — Devia ser menos agora, pela velocidade a que os caminhões estavam.

— Eles já devem ter visto a fumaça — Yael disse. — Vão saber que tem alguém aqui. Tem certeza de que são soviéticos? Não da Wehrmacht?

Luka assentiu.

— Não tinha nenhuma suástica e eles estavam dirigindo caminhões zis-5. Eram pelo menos uns cem, todos armados.

Felix resmungou no canto, nem um pouco pronto para fugir. Eles estavam tão encurralados quanto aquela zibelina estivera.

— Você luta melhor. — Luka sacou a faca de caça e a ofereceu para Yael. A lâmina pairou entre eles, afiada, pequena, ainda molhada com o sangue do animal. Tudo nela soava como uma piada de mau gosto.

Yael fez que não.

— Não preciso disso.

O rosto dela começou a mudar. Era a terceira vez que Luka a via trocar de pele, mas nem por isso era menos surpreendente. Seu cabelo se encolheu num corte eriçado, um tom mais grisalho. Cinquenta anos de rugas surgiram em sua pele. Seus olhos ficaram escuros, assim como seus dentes. A única coisa que permaneceu igual foi o corte do anel de sinete e os hematomas em volta do nariz, que cicatrizava. No fim, ele estava diante de uma velha curvada e inofensiva. Até seu movimento era enferrujado enquanto pegava um dos lençóis do chão e o envolvia nos ombros, cobrindo as roupas.

— Fique com o Felix — ela o instruiu. — Não faça nenhum barulho. Não saia desta casa.

Foi só quando Yael saiu para o ar puro que se deu conta do quanto o interior da cabana fedia a podridão. Apesar da vodca, os dedos de Felix (e a febre) tinham piorado. A ss havia arrancado a vida deles. Se Yael não fizesse nada a respeito, logo a morte ia se espalhar.

Mas havia uma ameaça mais imediata com que se preocupar. Ela conseguia ouvir os motores enquanto arrastava os pés para a lateral da cabana e pegava o machado que Luka usara para cortar lenha. Levantou sua lâmina afiada até um pedaço de madeira. Yael brandia e cortava, tentando não pensar na mão de Felix. Tentando não pensar no que aconteceria depois, quando o primeiro caminhão entrasse na vila.

Luka estava certo — eram soviéticos. Não Wehrmacht. Se aquilo era bom ou ruim, ela não sabia. Yael não podia usar como padrão sua experiência com o camarada comandante Vetrov — o oficial soviético que havia sequestrado os competidores do Tour do Eixo entre Bagdá e Nova Delhi —, e os guerrilheiros que costumavam atacar os Urais eram famosos por sua crueldade com nacional-socialistas. Se descobrissem Luka e Felix na cabana...

Ela desceu o machado uma última vez, pousando-o no chão e confirmando que o lençol que a cobria estava bem preso. O caminhão parou. E outro depois dele, e outro, e outro...

Não são guerrilheiros, Yael pensou com a chegada do quinto. É um Exército.

Um homem que usava as identificações de comandante saltou do primeiro veículo. Ele era mais jovem que Vetrov, com cabelo volumoso e olhos que tinham visto menos derramamentos de sangue. Aquilo não o impediu de olhar desconfiado para Yael e seu machado.

— Boa tarde — ela o cumprimentou em russo. (Outro presente de Babushka, dado a ela durante as noites frias do Barracão Sete. Aprimorado até o sotaque e a sintaxe ficarem perfeitos, anos depois, com Vlad. Naquele momento, Yael agradecia aos dois lobos por isso.)

O som de sua língua materna saindo dos lábios da velha deixou o oficial à vontade. Ele tirou a mão do coldre. Seus olhos perpassaram a triste fileira de casas, examinando os tetos afundados e caixilhos de janelas caídos.

— A senhora está sozinha?

— *Da.* — Yael assentiu. — Há muitos anos. Os nacional-socialistas mataram minha família e meus vizinhos enquanto eu estava escondida no porão. Depois deixaram este lugar e se esqueceram dele.

O comandante soviético continuou encarando a trilha principal. Notaria as pegadas tênues mas grandes demais em volta das cabanas? Questionaria a profundidade das rugas contra a severidade da mata ao redor?

As mãos de Yael apertaram o cabo do machado.

O olhar fixo do oficial se voltou para ela. Yael não parava de pensar nas botas militares e na jaqueta de couro sob seu lençol. Uma brisa leve bastaria para destruir sua história.

— O que aconteceu com seu rosto? — ele perguntou.

Meu rosto? Com toda a preocupação com os ferimentos de Felix, ela quase tinha se esquecido dos seus. Fazia muitos dias que não se via no espelho, e não fazia ideia do quanto o punho do *Standartenführer* da ss a havia marcado.

— Meus passos não são mais tão firmes — ela respondeu. — Eu caí.

A boca do oficial se fechou, curvada. Atrás dele, os soldados começavam a descer dos caminhões, esticando as pernas e andando de um lado para o outro.

— Tenho um médico na minha companhia — o comandante disse. — Deixe que ele examine seu rosto.

NÃO DEIXE QUE CHEGUEM PERTO DEMAIS.

Mas eles já estavam perto. O fato de as pegadas dos soldados cobrirem as de Luka era um consolo inútil enquanto se aproximavam da cabana fumegante, das janelas sujas e dos dois garotos alemães facilmente identificáveis.

— *Nyet, nyet.* — Yael balançou a cabeça, puxando o lençol com mais força sobre os ombros. — Obrigada, camarada, mas não preciso da sua ajuda. Estou acostumada a me virar sozinha. Prefiro assim.

Depois de uma pausa, o oficial assentiu.

— Me perdoe, senhora. Sei que isso deve ser um choque. Eu e meus camaradas estamos avançando há dias, e precisamos de um breve descanso. Vamos acampar durante a noite e sair ao amanhecer. Garanto que meus soldados não vão incomodar.

— Obrigada, camarada. — Yael, surpresa com a audácia de suas mentiras e com a facilidade com que o jovem oficial as aceitou, pousou o machado.

Foi esse momento que Felix Wolfe escolheu para gritar.

O som era desprovido de palavras — atormentado, inegável. O coração de Yael vacilou. Desejou com todas as suas forças não ter soltado o cabo do machado, mas pegar a arma agora não mudaria muita coisa. Toda uma unidade de soldados armados até os dentes a encarava. Meia dúzia deles correu em direção à cabana, arrombando a porta com um único chute. Em questão de segundos, voltaram com Luka e seus palavrões. Felix também foi puxado para fora, ainda berrando em seu paraquedas manchado de sangue.

Um dos homens apontou para o uniforme da Juventude Hitlerista de Felix.

— São nacional-socialistas, camarada comandante Pashkov!

— Não apenas nacional-socialistas — o comandante disse enquanto encarava os rapazes. — São corredores do Tour do Eixo. Os mesmos que escaparam de Vetrov. — Ele se voltou para Yael. — Que amigos estranhos a senhora tem, senhora.

Um par de soldados agarrou Yael. Seu lençol escapou, caindo amontoado aos seus pés.

LUTE CORRA CORRA CORRA FUJA O MAIS RÁPIDO QUE PUDER

Ela não tentou fugir nem lutar. Seus pensamentos caçavam uma desculpa que pudesse tirar os três vivos dali.

— E que roupas estranhas a senhora usa. — Pashkov a encarou como se ela fosse uma criatura de um conto de fadas que desapareceria se ele piscasse. — Vetrov disse que os corredores tinham uma metamorfa entre eles. Uma menina que respondia por Volchitsa. Também disse que falava um russo impecável.

Uma dezena de mentiras mal articuladas passou pela mente de Yael — *Não os conheço; eles não são quem você pensa que são; estamos buscando refúgio em Novosibirsk* —, mas nenhuma era boa o bastante.

Ela abandonou a aparência da velha, retomando os traços usuais. Não o rosto original de Yael, mas o esvaziado: o cabelo e a pele como uma tela em branco, os olhos azuis brilhantes. Cem soldados observaram a mudança — a velha anciã rejuvenescendo numa garota jovem e servil. Todos reagiram exatamente da mesma forma: nenhuma. Era a mesma reação que ela tinha recebido do camarada comandante Vetrov quando se transformara diante dele. Destemida, impávida, vazia.

Luka foi o único a falar, murmurando algo sobre uma “plateia difícil” antes de um soldado o jogar no chão, vociferando “SILÊNCIO!” numa língua que ele não tinha como entender.

— Quietos, Luka — Yael o instruiu.

O garoto olhou para ela e assentiu.

Não havia nada que pudesse ser feito sobre Felix. O gemido dele não era uma lamúria. Sua mão ferida pendia para fora do paraquedas. Os soldados ao redor franziam a testa ao encarar a tala empapada de sangue, os narizes se contorcendo diante do cheiro.

Yael se voltou para o comandante.

— Não somos seu inimigo.

— Não é você quem decide isso — Pashkov disse, depois voltou a atenção para seus homens. — Levem Löwe e o garoto doente de volta para o calor. Fiquem de olho nela até eu voltar. Vou mandar uma mensagem de rádio para Novosibirsk. Eles vão querer saber o que encontramos.

Uma noite passou. A aurora tinha chegado e ido embora, mas a unidade do Exército de Pashkov não deu sinais de avançar. Através da janela de sua cabana-prisão, Yael observou os homens se banharem no rio e lavarem seus fuzis. A porta de sua antiga cabana (que ainda abrigava Felix e Luka) tinha sido recolocada nas dobradiças, mas nem mesmo isso tinha conseguido impedir que os gritos de Felix atravessassem a vila. Só naquela manhã, o médico da unidade havia entrado umas dez vezes. Toda vez ele levava alguma coisa diferente consigo: rolos de gaze, frascos de comprimidos, um cantil, um uniforme da Juventude Hitlerista manchado de sangue que acabara nas fogueiras dos soldados (junto com o paraquedas). Yael tentava avaliar o bem-estar do garoto através dessas pistas, mas era uma tarefa impossível.

Ela conseguiu mais perguntas do que respostas ao observar os soldados de Pashkov. Aqueles homens e mulheres estavam armados para a guerra. Alguns de seus equipamentos tinham mais de uma década. Eram relíquias da primeira invasão do Reich. Mas uma boa quantidade de seu arsenal era mais recente, recém-saída da fábrica. Yael avistou alguns homens andando com rifles Arisaka pendurados nos ombros, tipos 30 e 38, com nomes datados, mas de aparência reluzente.

O que os soviéticos estavam fazendo com tantas armas japonesas de modelo antigo que nunca haviam sido usadas?

O que os soviéticos estavam fazendo ali?

O camarada comandante Pashkov tinha se recusado a conversar com Yael depois que voltou de sua conversa pelo rádio. Suas únicas palavras tinham sido para seus homens: “Mantenham Volchitsa sob observação o tempo todo. Não podemos deixar que ela nos engane com uma troca de rosto”.

Um trio de guardas armados a tinha levado para uma das cabanas mais intactas. Eles sentaram e a vigiaram. Não tiravam os dedos do gatilho. Não falavam.

O que estavam esperando?

Porque não havia dúvida de que estavam esperando. Os guardas demonstravam indícios claros de homens inquietos: pés nervosos, olhos se voltando para o batente. Lá fora, Pashkov andava de um lado para o outro entre as cabanas e a caravana de ZIS-5. De tempos em tempos, erguia a cabeça para o céu nublado. Parecia que estava rezando.

Ao meio-dia, os céus trouxeram a resposta. Os motores de um avião cortaram as nuvens cinzas, sobrevoando a vila uma, duas, três vezes antes de circular uma última e desaparecer no horizonte. O camarada comandante Pashkov parou de andar de um lado para o outro e fixou o

olhar na floresta.

Os homens não estavam aguardando *algo*, mas *alguém*. Uma mulher surgiu entre as árvores, usando o traje completo de uma comandante soviética: casaco, quepe e um conjunto colorido de medalhas. Ela estava longe de ser velha, tampouco era jovem. Movia-se com um ar que exalava autoridade — passos curtos, ombros firmes. Cumprimentou Pashkov superficialmente — com uma troca de acenos de cabeça e algumas palavras — antes de ele direcioná-la para a cabana de Yael.

A garota não pôde deixar de notar que os guardas se encolheram quando a mulher entrou na sala. Todos os três deram um passo inconsciente para trás.

— Para fora — a mulher ordenou.

O soldado do meio engoliu em seco.

— Mas o camarada comandante Pashkov disse...

— Deixem-nos a sós — ela o interrompeu. — Não vou pedir de novo.

Os guardas atravessaram a porta de cabeça baixa, deixando a recém-chegada desarmada com Yael. Deveria haver uma vantagem óbvia para a garota ali. Ela poderia atacar, nocautear, trocar de rosto, trocar de roupas, fugir. Mas a igualdade entre elas só a deixou desconfortável. Havia um motivo para aquela mulher não ter medo.

— Você é Volchitsa?

— Sou. — Não havia por que negar. Não com as cem testemunhas e vidas em jogo.

— Um nome muito interessante. — Quanto mais a mulher falava, mais Yael percebia que russo não era sua primeira língua. A cadência das palavras subia e descia, sem se encaixar. — Como ganhou esse apelido?

Era uma pergunta estranha para abrir um interrogatório. Yael tinha esperado algo mais na linha de “O que você está fazendo aqui?” ou “Para quem está trabalhando?”.

Aquelas questões seriam mais fáceis de responder.

Volchitsa. “Lobinha” em russo. Era o codinome de Yael dentro da resistência, mas suas origens eram mais profundas. Era mais um dos presentes de Babushka, entregue a Yael junto com algumas migalhas e mais de pão. Era como a velha a chamava. A menina que era especial. A menina que mudaria as coisas. A menina que era feroz como um lobo.

Yael nunca tinha conseguido verbalizar aquelas lembranças. Tentara, mas não conseguiu dizer tudo:

— Uma amiga me deu esse nome. Há muito, muito tempo.

— Sua amiga falava russo?

Yael assentiu.

— Nos conhecemos no campo.

— Você tinha nomes diferentes na televisão. Prisioneira 121358ΔX. Yael.

— Tenho muitos nomes.

— Isso explica por que é tão difícil de encontrar. Estou procurando por você, Volchitsa. — O sotaque da mulher de repente passou a combinar com as palavras; ela tinha trocado a língua para o alemão. — Há muitos, muitos anos.

O coração de Yael bateu — mais rápido, mais rápido, mais rápido — até o resto de seu

corpo não ser capaz de acompanhar. A mulher se aproximou tanto que a garota conseguia ver a pontinha de seu dente incisivo, os pelos no lóbulo da orelha, os fios grisalhos prematuros cortando a trança castanha. CASTANHOS era a cor que a comandante soviética poderia marcar num questionário sobre a cor de seus olhos, mas aquele termo não era amplo o bastante para abranger o dourado — polvilhado e cintilante — nas íris da mulher. Sua pele não tinha as cicatrizes que a maioria dos soldados carregava. Cheirava a lírio.

Quando a comandante soviética ergueu o braço esquerdo e subiu a manga do uniforme, aqueles detalhes desapareceram. A visão de Yael se estreitou, apagando tudo exceto os números na pele da mulher.

121048ΔX.

Números tão tortos e escuros quanto os de Yael.

Números que ela conhecia.

Números que pertenciam a Miriam.

O TERCEIRO LOBO: MIRIAM

PARTE 2
PRIMAVERA DE 1945

O desaparecimento de Yael foi descoberto durante a chamada. As mulheres do Barracão Sete ficaram em fila enquanto os guardas contavam os corpos frágeis e decadentes. Um, dois, três, quatro... enquanto as estrelas lá no alto se apagavam com a luz matinal. De novo e de novo, os guardas contaram. De novo e de novo, chegavam ao mesmo resultado: faltava uma.

Miriam e o resto das mulheres estavam em pé havia três horas quando o médico chegou. Seu rosto parecia inflamado de fúria enquanto falava com os guardas em um tom de voz baixo e acelerado. Ela observou seus lábios se moverem, tentando identificar as palavras. Quando o médico a notou prestando atenção, ele se empertigou, aguçando o olhar por trás dos óculos. Miriam abaixou os olhos para os tamancos, mas já era tarde demais. O dr. Geyer estava se aproximando.

Ele parou a um braço de distância. Quase dava para sentir o cheiro da raiva dele, misturado à colônia forte e ao café matinal. Os cadarços dos sapatos sociais eram finos como cordel e tinham sido amarrados às pressas.

— Quantos anos você tem?

— Ca... catorze. — Miriam odiou o tremor em sua voz, mas não conseguiu evitá-lo.

O dr. Geyer considerou o número.

O coração de Miriam palpitava, longe e fora do peito.

— Vá para lá. — Ele apontou para os guardas, que estavam perto da cerca, segurando suas listas e fuzis.

Os pés de Miriam pareciam pesados nos tamancos, todo passo latejante. Ela cerrou os punhos (ainda incrustados de terra fresca) e seguiu em frente.

Escapar do campo era praticamente impossível, mas havia acontecido. Sempre que os guardas descobriam que alguém estava faltando, obrigavam as prisioneiras a ficar em pé por horas a fio até a fugitiva ser encontrada. Se aquilo não acontecesse, começavam as execuções. As vítimas eram escolhidas ao acaso, para dar o exemplo.

Quem ficava para trás sempre pagava o preço.

Miriam sabia daquilo quando roubara o vestido amarelo, o suéter e os sapatos da casa de triagem. Sabia daquilo quando explicara para Yael como trocar de rosto e mentir para atravessar os portões. Sabia daquilo quando levantara o colchão de palha naquela manhã e escondera as matrioscas num lugar mais seguro.

Vou morrer. Ela sabia daquilo e aceitara o fato.

O que não significava que estivesse pronta.

O dr. Geyer continuou andando entre as mulheres, escolhendo as meninas como se colhesse margaridas, expulsando-as da fila com um sinal e um aceno. *Vá, vá.* Eram todas jovens. Corpos sem seios e maleáveis. Olhos arregalados de pavor. Quando terminou, dez meninas estavam na frente do resto do Barracão Sete.

Vamos morrer. Miriam olhou para as armas dos guardas, penduradas casualmente sobre os ombros, e se perguntou qual atiraria nela.

Mas, quando o dr. Geyer voltou para falar com os guardas, tudo o que disse foi:

— Levem essas meninas para o bloco médico e as deixem na primeira cela de observação. O resto do barracão deve ser mandado para os chuveiros. Elas estão com piolhos.

— Sim, dr. Geyer — a primeiro guarda respondeu. — E a prisioneira desaparecida?

— Não há por que se preocupar mais com isso. Eu mesmo vou fazer o relatório para o *Kommandant Vogt*.

Todos os dias, o dr. Geyer perfurava Miriam e as outras garotas com suas agulhas. Ele mantinha todas confinadas no bloco médico e fazia anotações do seu progresso. Seus parágrafos rabiscados foram ficando maiores conforme a pele delas começava a descascar e seu cabelo, a empalidecer. Toda sessão terminava com a mesma pergunta: “Você consegue se transformar?”.

Às vezes, era uma ordem: “Transforme-se, *Mistück!*”. Outras, uma súplica: “Por favor, se transforme. Vai deixar um velho como eu muito feliz”. Outras ainda, uma ameaça: “Se não se transformar, vou mandar você para os fornos!”. Muito raramente, uma barganha: “Se você se transformar, vou lhe dar rações a mais”.

Todos os dias, ele as perfurava. Todos os dias, queria a mesma coisa.

Nenhuma das meninas se transformava como o dr. Geyer desejava. Não como Miriam tinha visto Yael fazer. Elas ficavam na cela de observação dia após dia, cutucando pedaços de pele solta, trocando histórias de antes dos tempos de barracão para passar o tempo.

Então vieram as febres.

Seis adoeceram no primeiro mês. Quatro foram arrastadas para fora da cela de observação, calcanhares sem vida deslizando pelo chão de ladrilhos. O médico não pareceu particularmente angustiado quando encontrou seus corpos. Só anotou a descoloração nos traços das meninas *post mortem*. Pelos, cabelos e olhos privados de sua cor natural — a mesma palidez que havia se apoderado de Yael.

A dupla que sobreviveu à febre tinha as mesmas tonalidades. Branco-neve, branco-ovo, branco-creme. Havia uma estranheza na forma como as duas se comportavam. Uma menina falava em rimas. A outra começou a arrancar os cabelos fio a fio. “Não quero, não quero”, ela dizia. O dr. Geyer anotou tudo.

A primeira morreu dois dias depois. A única sobrevivente foi ficando cada vez mais maluca. Arrancava os cabelos, cutucava a pele, fitava o mesmo ponto mofado no teto por horas.

Ignorava todas as ameaças, ordens, súplicas e adulações do dr. Geyer de “Se transforme de uma vez!”. Sua escápula estava em carne viva, sem nenhum pelo, quando foi levada à sala operatória, onde facas cirúrgicas cintilavam.

Ela não retornou.

A febre de Miriam veio como uma onda. Num momento, estava em pé, firme. No outro, a tontura a puxou para baixo, de cara no chão encardido. Seu último pensamento sadio antes da doença foi: *Vou morrer*.

Ela não morreu. Quando acordou, sua pele estava como a das outras. Desprovida de qualquer cor. Ela não estava delirando nem arrancando os cachos. (Arrancou só um, apenas para ver a cor: branco-osso.) Ela não se sentia transformada.

Mas conseguia se transformar. Descobriu que era um processo voluntário. Quase como decidir andar ou falar. Adquirido, mas controlável.

Quando o dr. Geyer percebeu que ela havia sobrevivido à febre com a mente sã, transferiu Miriam para um quarto só para ela (sem bisturis) e a subornou com mais comida e roupas mais quentes. Observou-a trocar de traços uma vez após a outra, fazendo anotações infundáveis: *A tinta da tatuagem permanece inalterada na pele da hospedeira. Talvez porque seja uma substância estranha? Outras cicatrizes, pintas e sardas foram removidas segundo a vontade dela. A estrutura óssea e a massa muscular também se sujeitam à transformação.* Além dos fatos, ele coletou sangue — vida em tubos cor de rubi, deixados de lado para serem mais estudados.

Havia um limite para as anotações e os frascos que o médico podia coletar. Miriam sabia que era apenas uma questão de tempo até ele querer mais do que apenas sangue. Um pulmão, um cérebro, um coração... Embora pudesse se transformar, Miriam era fundamentalmente descartável. Outra menina do Barracão Sete havia sobrevivido à febre com a mente sã, e o dr. Geyer estava trazendo novas cobaias: crianças recém-saídas do trem, com a cabeça cheia de cabelo e vestindo roupas normais. De dias em dias, um grupo delas era levado diante da janela de Miriam e alinhado contra as paredes brancas do corredor, onde as meninas tinham de encarar a câmera. Seus rostos jovens eram imortalizados, capturados como ponto de referência antes que o dr. Geyer começasse a testar versões aprimoradas da fórmula.

Não demoraria até começar o trabalho com as seringas. Miriam sabia que, quando isso acontecesse, seu tempo estaria acabado.

Não vou morrer. Foi a promessa que Miriam fez a si mesma. A morte já havia tido chances demais. Enquanto o médico a examinava, Miriam fazia seus próprios estudos, observando a enfermeira se ocupar dos bisturis e encher as seringas. Tomou pequenas notas dos traços da mulher: olhos verdes e bonitos, mas vazios. Uma voz aguda em total conflito com o corpo farto. Um hábito de morder o lábio e concordar com tudo que o dr. Geyer dizia. Ela arquivou tudo.

Era aquela enfermeira que verificava seus sinais vitais e a preparava para as injeções. Era aquela enfermeira que levava seu café da manhã. Fora aquela enfermeira que a descobrira inerte na cama — com o cabelo branco-leite esparramado sobre os lençóis, e olhos vítreos no teto.

— *Scheisse!* — Ela destrancou a porta. — Mais uma não.

Quando a mulher chegou perto da cama, Miriam levantou com um salto. Não era uma lutadora, mas tampouco a enfermeira. Miriam bateu com o crânio da mulher no chão, deixando seus membros flácidos em um intervalo breve.

Ela roubou suas roupas e seus traços, pegou o chaveiro e trancou a porta. Começou a andar. Desceu o corredor. Saiu do bloco médico. Atravessou os portões. Passou por alguns soldados, que sorriram e acenaram. Seguiu pela estrada.

Ninguém a deteve. Ela não parou.

Embora Miriam tivesse o rosto perfeito (qualquer rosto), não tinha documentos e sua pele estava marcada por aqueles malditos números. Avançou rumo ao leste, o mais longe possível do centro do Reich. Não havia tantas patrulhas de verificação de documentos nos territórios recém-criados do Lebensraum. O que não faltavam eram agricultores lutando para sobreviver, à procura de mãos para trabalhar. Eles não lhe pagavam nada, mas Miriam se contentava com refeições quentes e uma cama. Nunca ficava no mesmo lugar por muito tempo. Depois de algumas semanas, arrumava a mala, trocava de rosto e avançava para outra cidade ao leste. Quanto mais se infiltrava naquele fim de mundo, menores eram as fazendas que encontrava. O medo de ataques dos guerrilheiros soviéticos era tão intenso quanto o frio.

Miriam tinha quinze anos e meio quando se aliou aos soviéticos. Eles quase a mataram no começo, invadindo uma casa com fuzis Mosin-Nagant e um ódio por tudo que fosse alemão. A mulher do fazendeiro protestou enquanto ordenavam que seu marido se ajoelhasse e apontavam as armas.

Não vou morrer.

Miriam não entendia muito russo, mas tinha aprendido o bastante com a velha que dormia do outro lado do Barracão Sete para conseguir dizer:

— *Prekratite! Pozhaluysta!*

Pare! Por favor!

Todos os olhares se voltaram para ela: os dos saqueadores, o do fazendeiro, o da mulher dele. A mente de Miriam estava vazia. Ela não sabia o que dizer, então trocou de rosto. Os soviéticos praguejaram e gritaram, chocados, mas, no fim, a pouparam. O fazendeiro e sua esposa não tiveram a mesma sorte. E, assim, ela deixou o Reich tomada por um santo temor. Os homens que estavam com ela não eram heróis, e Miriam sabia que, se não estivessem em choque, teriam atirado nela também. Alguns ainda pareciam poder atirar, mas o líder do grupo ficou fascinado e a protegeu.

Miriam viajou com o bando de guerrilheiros por meses. Quando chegou à recém-nascida capital febril de Novosibirsk, havia melhorado seu russo. Sabia atirar com uma Mosin-Nagant sem ganhar um hematoma pelo coice da arma. Conseguia até tomar vodca sem fazer careta.

A notícia de suas habilidades se espalhou. “Mnogolikiy” era como os guerrilheiros a

chamavam. Um de seus muitos rostos. A menina passou de boato a lenda, e depois a mito. Não demorou até o governo reduzido dos soviéticos ouvir o que Miriam era capaz de fazer. Eles não a aprisionaram nem a cutucaram feito um rato de laboratório. Em vez disso, ofereceram um cargo no Exército. Miriam era jovem, mas seus talentos e seu alemão fluente a tornavam a batedora perfeita para ataques na fronteira dos territórios moscovitas. Ela subiu rápido pelas fileiras do Exército soviético.

A vida seguiu em frente. Ela se apaixonou duas vezes. Alugou um apartamento de um quarto em Novosibirsk. Não dormia muito, pois sonhava com uma menininha de vestido amarelo tropeçando pela floresta escura, com uma dezena de lobos famintos em seu encalço. Yael sempre corria e sempre desaparecia em meio às árvores. Toda vez que Miriam tentava encontrá-la, achava uma pilha de ossos, roídos por predadores. Miriam passavam muitas das noites andando pelas ruas silenciosas e cobertas de neve da cidade. Todo ano, na primavera, ela acendia uma vela *Yahrzeit* e lembrava seus mortos.

Miriam pensava em Yael com frequência, desejando que seus pesadelos não fossem verdade. Novosibirsk estava repleta de refugiados, todos os cantos tomados por línguas de toda a Europa e do Norte da África. Durante as breves brechas de verão, quando as garotas usavam blusas de manga curta, ela se pegava encarando os braços delas, à procura dos números da amiga perdida. Nunca encontrou, mas nunca parou de procurar.

Depois do fracasso do camarada comandante Vetrov e de seus homens no sequestro dos corredores do Tour do Eixo, não demorou muito para os detalhes do relatório de campo chegarem até Miriam. A missão, segundo Vetrov, tinha sido derrotada por alguém como Mnogolikiy. A garota estava se fazendo passar pela vencedora Adele Wolfe e estava a caminho de assassinar Adolf Hitler. Ela se autodenominava Volchitsa.

Volchitsa, uma das primeiras palavras russas que Miriam havia aprendido. Era como aquela senhora do Barracão Sete chamava Yael. Que trocava de rosto.

Miriam não era o tipo de pessoa que acreditava em coincidências. Não ficou surpresa quando a garota que dançava com Adolf Hitler gritou seu nome e apontou a arma. “Sou Yael.” A menina que Miriam salvara, a menina que perdera (de novo e de novo e de novo em seus sonhos), a menina que encontrara por dois segundos e meio antes do sinal da televisão ser cortado.

Miriam tentou descobrir o destino de Yael. Mas os contatos dos soviéticos em Tóquio não conseguiram nada e toda a energia de Novosibirsk tinha sido dedicada à invasão dos territórios moscovitas. Ninguém tinha tempo para procurar uma garota perdida.

Quando, alguns dias depois, chegou a ligação do camarada comandante Pashkov — dizendo que havia encontrado Volchitsa no meio da taiga, ocupando uma vila apodrecida com dois rapazes nacional-socialistas —, Miriam fez de tudo para garantir que seria a única interrogadora que Novosibirsk enviaria. (Não foi difícil. O Exército tinha pouquíssimas pessoas disponíveis. E fazia sentido uma troca-rosto ser interrogada por Mnogolikiy.)

Então, ela delegou seus serviços a um camarada, embarcou num avião e voou para a zona de guerra. Foi um voo breve, prolongado pela dúvida. *Como Yael pôde ter chegado tão a oeste? Como escapou de um salão de baile cheio de guardas armados? Por que está com Luka Löwe*

e Felix Wolfe? E se for algum tipo de armadilha? Por sorte Miriam não era de roer as unhas, caso contrário, elas teriam sido completamente comidas até a hora em que pousou perto da vila. A mulher escondeu todos os seus receios de Pashkov, mantendo o rosto severo e os traços marcantes de sempre. (Por mais que tivesse subido na hierarquia do Exército, nunca conseguira esquecer o fazendeiro e sua esposa. Os gritos de misericórdia interrompidos, a massa encefálica espalhada pelo chão da casa. Aqueles soldados não eram heróis, por isso ela sempre continuava fascinando-os: o cabelo pincelado de prata, os olhos da cor das árvores outonais.)

Pashkov era um homem difícil de intimidar apenas pela aparência, mas Miriam havia reunido medalhas suficientes em seu uniforme para exigir respeito. Os três guardas na cabana tinham ouvido as histórias míticas envolvendo Mnogolikiy a ponto de reconhecer seu rosto de guerra e serem suficientemente dominados.

As táticas de intimidação, a dúvida, os onze anos de procura por pesadelos em multidões — todas essas coisas desapareceram quando Miriam entrou na cabana. A garota a encarou e ela sentiu algo dentro de si se conectar — o fim tocando o começo, um círculo finalmente se fechando.

Naquele momento, ela soube. Soube com uma certeza inabalável.

Havia encontrado Yael.

Yael se sentia fora de seu corpo enquanto encarava os números da outra mulher. Sentiu-se levada de volta para outro corpo, num tempo anterior, num lugar mais inóspito. Sentiu a palha do colchão do Barracão Sete espetar seus joelhos. Ouviu os incentivos murmurados de Miriam: “As pessoas não saem por aqueles portões. Mas você pode sair. Você é especial, Yael. Pode viver”. O medo emocionante da fuga voltou a rastejar por sua pele mutável.

Yael era especial. Tinha saído por aqueles portões e sobrevivido. Tudo porque Miriam havia dito para ela fazer aquilo. A menina mais velha estava morta fazia anos — vivendo apenas como lobo no braço de Yael, como um motivo para ela lutar. Havia até um arquivo no escritório de Henryka que comprovava aquilo: a ordem de execução do Barracão Sete, carimbada e assinada pelo Anjo da Morte em pessoa.

Mas agora a prova diante de Yael estava gravada em uma tinta mais permanente.

121048ΔX.

O terceiro lobo estava vivo.

— Estou aqui, Yael. — Os números de Miriam desapareceram quando ela jogou os braços em volta de Yael; seu abraço era tão forte e protetor quanto onze anos antes. Yael desatou a chorar com a familiaridade. Pela primeira vez, suas lágrimas não eram de dor.

Elas continuaram na cabana por horas. Trocaram histórias de vida. Miriam contou de suas injeções, da fuga do campo, da vida entre os soviéticos. Yael contou tudo à amiga: do quarto lobo, do quinto, do Tour do Eixo... de tudo o que aconteceu depois. A tarde já estava avançada e quase sem luz quando suas histórias convergiram.

— Experimento 85... O dr. Geyer deve ter aperfeiçoado a fórmula — Miriam sussurrou quando o relato de Yael chegou ao fim. — A ss está usando troca-rostos.

— E o verdadeiro Führer ainda está vivo — Yael acrescentou.

A jovem assentiu.

— Ele reapareceu na Reichssender poucas horas depois que você atirou no sócia dele no Baile da Vitória... Fez uma *Conversa de Chancelaria* chamando às armas. Não para de reprimir. Não deve ter uma alma no mundo que não tenha visto.

— O golpe do general Reiniger... Hitler precisava estar morto para o plano funcionar...

E agora todo o Reich sabia que ele não estava. As asas da Valquíria II tinham sido cortadas, seu voo de liberdade fracassara. Anos de preparação, segredos e mortes incontáveis desabavam, tudo porque Yael matara a pessoa errada.

Antes que ela pudesse perguntar sobre a Germânia (Alguma novidade? Qualquer uma?), o

camarada comandante Pashkov surgiu na porta da cabana.

— Camarada Mnogolikiy.

Miriam levantou com um salto e encarou o oficial.

— Ficamos o máximo possível — ele continuou. — Acabamos de receber ordens de encontrar as unidades em Molotov. A partir dali, devemos tentar investir rumo a Moscou enquanto a Alemanha está distraída. — Pashkov parou, como se só agora lembrasse que Yael estava ali e compreendia russo. — Imagino que seu interrogatório tenha sido produtivo.

— Muito. — A conduta de Miriam se endureceu na presença de Pashkov. Yael observou a velha amiga toda empertigada, com um olhar capaz de fazer os homens se encolherem, e não pôde deixar de pensar: *Não sou a única que mudou.*

Seu terceiro lobo estava vivo e era uma criatura ferocíssima.

— Vou precisar de mais tempo com os prisioneiros. Volchitsa virá conosco. Os rapazes também — Miriam continuou. — Cuide para que estejam no meu caminho.

O camarada comandante Pashkov continuou rígido, com o olhar encontrando o de Miriam por mais alguns segundos antes de ceder.

— Se acha necessário...

— Acho — ela garantiu.

Havia uma tensão no ar frio de primavera que fez Yael se perguntar qual era a alternativa. Ela pensou que preferia não saber a resposta.

— Vamos partir em dez minutos. — Pashkov saiu da cabana.

Miriam encarou a porta, observando os soldados recolherem suas barracas. Seus dedos encontraram a ponta da trança e começaram a puxar seus fios prateados.

— Vamos ter que tomar cuidado — ela disse em voz baixa. — Se fosse só você...

— Felix e Luka estão comigo — Yael disse, levantando para ficar ao lado dela. — Eles não podem ser feridos.

Miriam franziu a testa.

— Por que se importa com o que vai acontecer com eles?

Por causa dos sonhos sangrentos e das coisas quebradas. Porque o irmão de Adele não merecia estar ali, no meio da mata com uma mão perdida. Porque Yael havia ultrapassado muitos limites (*Tsuda Katsuo. Metamorfo anônimo.*) Porque tanto Felix quanto Luka haviam libertado coisas dentro dela. Sentimentos terríveis que a tornavam ora monstruosa ora humana.

Mas como dizer tudo aquilo? Como desatar o nó dentro de seu peito? Transformá-lo em palavras?

— Devo isso a mim mesma — Yael disse. — Perdi muita gente, Miriam. Perdi você. Abandonei você à morte.

A mão de sua amiga soltou a trança e pousou em seu braço.

— É isso que você pensa?

— É o que sinto — ela murmurou. — Há anos.

O rosto que sua amiga usava agora era muito diferente daquele de que Yael se lembrava, mas a tristeza atrás dele era indubitavelmente de Miriam.

— Você era apenas uma criança. Nós éramos apenas crianças. Crianças que enfrentavam

escolhas impossíveis.

Vida ou morte. Aquela escolha vinha de muito tempo antes.

Teria Yael conhecido a vida sem ela?

— Não sou mais uma criança — ela disse. O nó em seu peito só parecia aumentar, espesso como sangue que não era dela. — Sou uma assassina. Passei muitos anos aprendendo a matar, e isso só piorou tudo. — Mais algumas gotas, mais e mais... — Pensei que poderia fazer a morte parar, mas...

— Yael. — Os dedos de Miriam se contorceram. Sua tristeza se transformou em algo mais forte. — Não coloque todo esse peso nas suas costas. Enfrentar um mal tão grande, deter isso... é algo grande demais para uma pessoa só. Se não tivesse escapado do campo, o dr. Geyer nunca teria usado as meninas do Barracão Sete para o Experimento 85. Eu nunca teria saído viva de lá. Se não tivesse atirado no troca-rosto em Tóquio, a resistência nunca teria agido, e o reinado de Hitler continuaria.

Era uma nova forma de encarar a situação. Yael não teve dificuldade em engolir as palavras de sua amiga, porque seu terceiro lobo a conhecia.

— Você me deu uma chance de viver — Miriam disse. — Deu ao mundo uma chance de se libertar. Não é algo de que se envergonhar.

Não era, era?

— Agora tenho que dar uma chance para Felix e Luka — Yael disse à sua amiga. — Eles estão sob minha proteção.

— E você está sob a minha — Miriam garantiu. — Mas, por enquanto, é mais seguro representarem o papel de prisioneiros. O camarada comandante Pashkov não gosta nem um pouco de nacional-socialistas. Nem os soldados dele. Muitos são refugiados de vilas como esta ou dos países antigos, Polônia, Áustria, Letônia... Eles perderam tudo para o Reich. Se *Herr Wolfe* e o garoto-propaganda da Alemanha andarem livremente entre eles, não vai acabar bem.

Yael observou com mais atenção os combatentes que passavam em fila, ouvindo as conversas. Muitos tinham sotaque como o de Miriam, revelando línguas maternas de todo o globo. *Além disso*, ela notou, *estão bem equipados demais*. Nada daquilo combinava com as informações prévias sobre o espaço em branco no mapa de Henryka — terras devastadas que abrigavam meros resquícios do Exército soviético. Um lugar sem infraestrutura, reduzido à vida feudal.

— O camarada comandante Vetrov me contou que Novosibirsk estava planejando retomar os territórios moscovitas, mas eu não estava esperando por isso. — Yael apontou para a porta. — Como teve força suficiente para recuperar Moscou? Pensei que fosse um Estado fantasma.

— E era. Mesmo antes da Grande Vitória do Eixo, o regime de Stálin estava em ruínas. Seu governo era tão sangrento quanto o de Hitler e as muitas revoltas levaram ao seu colapso. Depois que Moscou caiu, veio a anarquia. Refugiados de toda a Europa, da África e do Oriente Médio não paravam de atravessar o meridiano setenta, tentando fugir do Reich. Muitas mentes brilhantes chegaram a Novosibirsk: cientistas, músicos, políticos, artistas, rabinos... A cidade virou um caldeirão cultural. Depois que as coisas começaram a acalmar, esses homens e mulheres ajudaram na construção de um novo governo. Quanto ao armamento... tivemos um

pouco de ajuda.

— Os japoneses — Yael supôs, pensando nos Arisaka dos soldados.

Miriam assentiu.

— Não oficialmente. Nunca oficialmente. A Esfera de Coprosperidade da Grande Ásia Oriental está ficando cada vez mais apreensiva com o Terceiro Reich à sua porta. Os japoneses sabiam que Hitler estava se preparando para conquistas futuras, então decidiram que seria melhor ter um Estado-tampão. Eles nos deram rifles, munição, tanques, artilharia, matéria-prima... Muitos dos soviéticos no governo de Novosibirsk não queriam aceitar, especialmente depois do papel que a Esfera de Coprosperidade representou na guerra, mas a sedução de construir um Exército foi maior. Ficamos atentos ao que acontecia na Alemanha e distraímos o Reich com ataques de fronteira ao longo do meridiano setenta enquanto nos rearmávamos na Sibéria. Já estávamos nos mobilizando quando você alertou Vetrov do que aconteceria no Baile da Vitória.

— Mas Vetrov... ele me falou que estávamos sendo sequestrados por uma questão de pressão política. Para sermos usados como moeda de troca na reconquista de territórios moscovitas. Por que se dar a esse trabalho se já tinham um Exército pronto? — Yael pensou em voz alta. — E por que sequestrar corredores japoneses?

— Novosibirsk achou que o amor do público pelos corredores do Tour do Eixo pressionaria a Alemanha o suficiente para ceder a nossas demandas e nos permitir reconquistar o território sem mortes. Os japoneses até incentivaram o plano, assim poderiam negar o envolvimento de maneira plausível — Miriam explicou.

Negação plausível. Aquilo também explicava por que os modelos de Arisaka eram antigos. Os rifles de tipo trinta e trinta e oito vinham rodando pela Ásia e pela Europa desde a Guerra Russo-Japonesa, meio século antes. Se pressionados, os japoneses poderiam lavar as mãos e alegar que os soviéticos haviam recuperado os rifles de conflitos anteriores.

Todo um Exército de refugiados com uniformes soviéticos e armas japonesas marchando pelos territórios moscovitas. Reiniger saberia daquilo? Ele mantinha contato com Novosibirsk, mas as informações que trocavam eram limitadas. O camarada comandante Vetrov nem conhecia os detalhes da missão de Yael. Tudo o que sabiam era que havia um golpe a caminho.

Acrescentar um Exército à história mudava a equação com tanta força quanto a sobrevivência do Führer.

— O Exército é poderoso o bastante para manter Moscou sob controle depois que tomarem a cidade? — Yael perguntou.

— Até agora tem sido simples. — Miriam sorriu, mas de forma contida. — Essa parte do Lebensraum é uma terra de ninguém... A maioria dos fazendeiros da região foi afugentada por anos de ataques de fronteira, e os postos militares do Reichskommissariat não são equipados o bastante para resistir a esse tipo de blitzkrieg. Quanto mais avançamos para oeste, mais isso vai mudar, especialmente perto de Moscou. Talvez tenhamos confiado demais na promessa de que o golpe enfraqueceria as forças nacional-socialistas. Até termos uma ideia melhor do que está acontecendo no Reich central, estaremos atirando no escuro.

— Nenhuma notícia da Alemanha, então? — Yael perguntou, tentando segurar a sensação de

peso no estômago.

Reiniger e Henryka ainda estavam vivos. Ainda estavam lutando. Tinham que estar. Mas não havia como ter certeza. Tentar contatar seus amigos com um dos rádios de campo de Pashkov seria inútil. Ela precisaria de uma máquina Enigma e de combinações de rotor predefinidas para entender alguma coisa das transmissões que iam e vinham do porão da cervejaria.

— Nada além da *Conversa de Chancelaria*. Não há dúvida de que a sobrevivência de Hitler muda as coisas. — O sorriso de Miriam se fechou, substituído por uma determinação categórica. — Mas agora não há como voltar atrás. Precisamos fazer a única coisa que podemos.

— E o que é? — A milhares de quilômetros de distância, sem ter como saber se seus amigos estavam vivos ou mortos, Yael estava sem norte. Ela já havia perdido muita coisa. Não tinha feito o bastante. As coisas estavam mudando, mudando, mudando, escapando do seu controle.

Mas, quando os olhos de Miriam encontraram os dela, ardendo dourados e resolutos, Yael começou a acreditar que tudo era possível. Seu terceiro lobo estava vivo! Um Exército estava a caminho!

— Ter esperança — Miriam disse. — Ter esperança e lutar.

Os pesadelos febris continuavam brotando — escuros e intrincados como bolor. Felix sonhou que estava à beira da escotilha do *Immelmann IV*, segurando-se à corda do paraquedas, para então descobrir que, na verdade, ela era um fio da antiga poltrona cor de mostarda de Martin, desfiando-se mais e mais conforme puxava. Uma matilha de cães surgiu da escuridão, lançando-se com Felix pela escotilha rumo ao céu. Eles uivavam, enquanto o garoto gritava.

E caía! Caía! *Por Adele!*

De repente, o paraquedas se abriu, erguendo-se em volta dele, flutuando para baixo. Parou diante de uma velha que o encarava do mesmo modo que sua mãe — com os olhos cintilando de amor e medo ao mesmo tempo. A expressão de uma pessoa preparada para a perda, e apavorada com ela. Felix queria dizer que estava tudo bem. Ele estava voltando para a Germânia. Consertaria tudo.

Mas, então, as rugas da velha começaram a descascar, seu rosto se desenrolando como um papel de parede mal colado, revelando os traços da garota. O paraquedas voltou a engolir Felix, ergueu-se, flutuou, branco e vermelho-sangue. Caiu aos pés de um ser que era metade homem, metade fera. Pelos brotavam da cabeça e das orelhas; suas palavras eram como grunhidos de urso. Havia uma cruz vermelha no braço dele; suas mãos eram afiadas com garras prateadas. O ar parecia pesado e tinha um cheiro horrível de maçã estragada. Não, de maçã podre. Ou carne...

Felix entendeu — súbita, freneticamente — que precisava fugir. PRECISAVA FUGIR! Mas havia mãos, por toda parte, prendendo-o no chão enquanto as garras prateadas se aproximavam de seus dedos.

O pesadelo se desfez quando a criatura começou o banquete.

O garoto sabia que estava acordado por causa do latejar dos dedos. Parecia que a bota de Baasch ainda pisava sobre eles, de novo e de novo. Calcanhar, esmagar, torcer. Ele pensou que a dor era uma coisa boa, sinal de um corpo se restabelecendo. “Dores de cura”, *Papa* sempre dizia sobre seus arranhões na pista de corrida. “Em pouco tempo, você vai estar de volta na moto!”

Tempo... Que horas eram? Felix lembrou tarde demais que o relógio de Martin estava

quebrado. Sua mão esquerda já estava em seu peito, procurando seu coração mecânico só para descobrir que não estava lá. Alguém havia tirado seu uniforme da Juventude Hitlerista e trocado por uma camiseta limpa.

— Ah, *Herr Wolfe*! — O rosto de Luka surgiu. Seu cabelo caiu sobre a sobrancelha, o sorriso sarcástico perdido em meio à barba que ficava mais espessa. Felix sabia que estava lá mesmo assim. A expressão era tão essencial à aparência do garoto quanto sua jaqueta fedida. — Bem-vindo de volta à sanidade.

A visão de Felix focou o teto. Vigas de madeira nodosa, as mesmas que tinha encarado antes. Eles não haviam se movido, mas, a julgar pela barba crescente de Luka, muito tempo havia se passado. Baasch ainda esperava na Alemanha, com seu calcanhar de ferro pairando... prestes a arrancar de Felix tudo o que ele amava.

— C-cadê a garota? — ele perguntou.

— Sabe, *Herr Wolfe*, você realmente devia tentar decorar nomes.

Decorar nomes? Aquilo era engraçado, vindo do garoto que considerava sua vocação pessoal renomear todo mundo da maneira mais ridícula possível.

Era difícil acreditar que, no passado, Felix tinha chegado a admirar Luka Löwe. Quando os pôsteres de propaganda recém-saídos da gráfica encheram as janelas de lojas e as esquinas das ruas em 1953, Felix os havia admirado com uma pontada de inveja. Quem não sentiria o mesmo pelo mais jovem vencedor da história da corrida? Que garoto de sangue puro do Reich não gostaria de posar ao lado do modelo mais novo da Zündapp vestindo uma jaqueta preta vistosa?

Já fazia um tempo que a pontada era diferente. As histórias de Adele do tour de 1955 não eram nada lisonjeiras (dignas de um soco, até), e não havia muito que o vencedor tivesse feito para provar que as palavras dela estavam erradas. Pessoalmente, Luka Löwe era de longe o *Arschloch* mais insuportável e arrogante que Felix já tinha conhecido.

Por mais irritado que o irmão de Adele estivesse, ele sabia que gritar só agravaria a situação.

— Certo. Cadê...

Luka arqueou as sobrancelhas.

— Você *sabe* o nome dela?

Felix sabia muitas coisas sobre ela. Era uma criminosa. (Baasch a havia chamado de prisioneira e não havia muitas evidências para discordar do oficial da ss. Pessoas boas não sequestram, mentem, matam...) Ela era o começo do Projeto Doppelgänger. Era forte o bastante para deixar Felix inconsciente no Palácio Imperial, forte o bastante para empurrá-lo de um Focke-Wulf Condor em pleno voo. Parecia triste, tão triste que sua alma não conseguiria suportar, mas tinha tanto, tanto talento em atuar que, no fim das contas, ele não fazia a menor ideia do que realmente sabia sobre ela.

O nome, porém, tinha lhe escapado.

— Você sabe o meu? — Felix rebateu.

— Claro, Fritz. Quanto a Yael... — O olhar de Luka se voltou para a porta. — Não sei direito onde ela está. Do que você se lembra?

— Não... não sei. — Lembrar não era um problema. Era a separação entre realidade e

pesadelo que estava confundindo Felix. Sua febre havia misturado os dois universos. Todas aquelas letras no túmulo mudando, rearranjando-se e transformando-se na morte errada. O rosto da velha se desfazendo. O homem-urso com a cruz vermelha atacando sua carne com garras prateadas.

Aquelas partes eram dos pesadelos. Só podiam ser.

— A gente pulou de um avião — Luka começou.

— Disso eu lembro — Felix disse.

Luka deu de ombros.

— Imaginei. Mas parece mais impressionante se eu começar daí. Enfim, a gente pulou de um avião e ficou andando até você enlouquecer de tanta febre...

— Disso eu também lembro.

— Vai me deixar contar a *verdammt* história ou não?

De novo, Felix quis gritar. De novo, uma dor cortante se espalhou por seus dedos quebrados. Tudo — dentro e fora dele — ansiava por discutir, então ele fixou o olhar no teto enquanto Luka continuava narrando sua versão dos acontecimentos.

— Ficamos brincando de casinha, fiquei com um calo na minha mão de tanto cortar lenha, o Exército soviético chegou e Yael usou seu truquezinho de trocar de rosto para distrair os caras...

Truquezinho de trocar de rosto. Verdade. A garota conseguia fazer aquilo. O rosto da velha se desfazendo era real. E se aquilo era real... Com muito esforço, Felix ergueu a mão direita enfaixada diante do rosto. O que viu não fez sentido algum.

Os últimos dois dedos não estavam mais lá. Tinham sido amputados. Ambos pegavam fogo, ossos e tendões rompidos estavam em chamas. Felix olhou e olhou. Passou a mão esquerda sobre o espaço sem encontrar nada.

Luka ainda estava falando, mas sua voz soava abafada.

Os dedos de Felix não estavam lá. E doíam.

Doíam.

E doíam.

Era um pesadelo. Só podia ser.

Felix gritou alto o bastante para ouvir a si mesmo apesar do choque. O som era de pura dor, cheio da agonia pelo ferimento desaparecido. A porta da cabana se abriu e o homem da cruz vermelha apareceu. Só que, daquela vez, sob a luz da vigília sem febre, Felix pôde ver que não era um homem-urso, apenas um médico usando um gorro de pele com protetores de orelha. Ele afastou Luka para o lado, tirando a tampa de uma ampola com inscrições em kanji. Felix sentiu frio enquanto sua camisa era erguida. Então sentiu uma picada e um calor.

Ele nunca havia tomado morfina antes, mas sabia que seus efeitos eram instantâneos. A queimação repuxou sua barriga, erguendo suas entranhas. Seu soluço se transformou num calafrio. O médico verificou os curativos e lhe deu um comprimido, além de um gole de um cantil para tirar o gosto amargo.

— Cadê nossa amiga? — ele ouviu Luka perguntar ao médico quando o homem fez menção de sair. — O que vocês fizeram com Yael?

Aquelas perguntas fizeram Felix querer gritar de novo. Ela não era amiga dele, independente da angústia ou do arrependimento nos olhos dela. Os dedos de Felix não estavam mais lá — eram sucata, não tinham conserto. Os Wolfe sofreriam o mesmo destino, se já não tinham sofrido. Tudo aquilo — dor, perda, vazio — era culpa dela. DELA!

O médico não tinha respostas. A porta da cabana abriu e fechou.

O *Arschloch* estava franzindo a testa de preocupação? A testa dele estava enrugada como Felix nunca tinha visto antes.

— Sinto muito pelos seus dedos, *Herr Wolfe*. Eu vi a ferida. Se Yael não tivesse limpado e os soviéticos não tivessem aparecido, você já teria partido desta para uma melhor. Teria virado comida de corvo, e estaria duro como pedra. Você teve sorte.

Sorte? Felix queria bater naquele *Schweinehund*, mas, quando tentou cerrar o punho, a dor voltou com tudo. A nova dose de morfina ainda não fizera efeito. Ele engasgou de tanta dor.

— Calma. — As rugas na testa de Luka ficaram mais fundas. — Não precisa sair dando socos por aí.

Não, Felix não daria mais nenhum gancho de direita. Tampouco conseguiria girar o acelerador de uma *Zündapp* ou pegar as muitas, muitas ferramentas que usava para consertar coisas.

— Ainda consigo sentir meus dedos — ele sussurrou.

Não era uma pergunta, e Felix não esperava uma resposta, mas Luka respondeu mesmo assim.

— Dores fantasmas. Seu corpo pensa que tudo o que foi embora ainda está aí. Vai ser assim por um tempo. Meu pai tinha isso. Perdeu o braço na guerra e virou um *Saukerl* durão por conta disso...

Dores fantasmas. Não havia cura para aquilo.

A porta abriu novamente, enchendo a cabana com o ronco de motores de caminhão. Um soldado fez sinal para Luka levantar e empurrou o garoto para fora com a ponta do rifle. Dois outros homens entraram ao lado da maca de Felix (uma maca de verdade, ele percebeu, não o paraquedas ensanguentado) e o ergueram. Tudo aquilo enquanto a morfina abria um céu dentro de seu corpo, erguendo-o a cada segundo rumo a uma atmosfera sem dor, a alturas que ele não precisava temer.

Era a terceira vez em duas semanas que Luka era capturado pelo inimigo e ficava sob a mira de uma arma enquanto ouvia gritos numa língua estrangeira. *Uma tendência preocupante*, ele pensou enquanto um soldado o empurrava para a frente, passando pelas fogueiras dos soviéticos. Teria se tornado um ímã que atraía perigos mortais? Ele virou o pescoço enquanto marchava pela vila à procura de Yael. O cabelo brilhante dela deveria ser fácil de avistar (supondo que ela não tivesse trocado de rosto), mas não havia nem sinal da *Fräulein*. Apenas soldados por toda parte, lançando olhares mortíferos na direção dele.

Luka precisava de Yael. Não apenas para traduzir (era muito mais difícil se livrar de um problema dando uma de espertinho quando ninguém falava alemão), mas também para conter a sensação de pânico iminente. Depois de testemunhar a gritaria sangrenta que fora a amputação de Felix, ele tinha passado a noite inteira acordado, vendo o mecânico se agitar em seu sono drogado e ouvindo os guardas do lado de fora da porta darem risada num russo rouco, torcendo para que Yael chegasse a qualquer momento com algum plano de fuga mirabolante.

Aquilo não acontecera. E agora Luka estava sendo guiado feito um cachorro recolhido pela carrocinha para virar sabão, sem nem saber se sua companheira de viagem estava viva. Ele não gostava nada daquele mistério.

Parou no meio do passo, encolhendo-se quando a baioneta tocou suas costas.

— ONDE. ESTÁ. MINHA. AMIGA? — ele perguntou em seu alemão mais alto e lento.

— *Davai, idi!* — o soldado gritou.

Luka acrescentou gestos.

— AMIGA. ONDE. FOI?

— *Durak!* — O cutucão foi mais forte daquela vez. Luka teve quase certeza de que tirara sangue.

O vencedor estava prestes a usar um gesto diferente — um tão universalmente grosseiro que não precisaria de tradução — quando a maca de Felix passou. O mecânico estava dormindo de novo, com uma palidez tão lamentável sob o cobertor que Luka não precisou do terceiro cutucão para segui-lo até o caminhão vazio. (*Alguém* precisava ficar de olho no garoto e garantir que os soviéticos não o comeriam vivo. Ou o que quer que os comunistas fizessem com seus inimigos nacional-socialistas.)

A chegada de Yael lhe deu um nó na garganta. Ela estava viva, movendo-se com uma confiança que fez Luka se perguntar por que tinha chegado a duvidar de sua segurança. O garoto não conseguia deixar de observá-la — olhos de castelo de gelo, cabelo emaranhado,

couro preto — enquanto entrava no caminhão. Aquilo era mais do que um alívio.

— Eles machucaram você? — Luka perguntou. Era difícil saber, com todos os hematomas que Yael já tinha. (Embora eles estivessem entrando em sua fase roxa final.)

— Não. E você?

A lombar de Luka ardia, mas não era nada demais. Tudo o que ele fez foi olhar feio para os dois guardas de infantaria empoleirados na traseira do caminhão.

— Nem me tocaram. Até cuidaram do Wolfe Maravilha aqui.

— Salvaram os dedos dele?

Luka fez que não. Yael se debruçou sobre a maca, olhando para o mecânico com uma intensidade que fez o peito de Luka se contorcer.

Ele estava com... ciúmes?

Foi só quando ela pressionou a mão na testa de Felix — quando Luka viu pele contra pele e desejou que fosse a dele — que teve certeza daquilo. Era a mesma sensação desagradável que o havia atingido do lado de fora do salão de baile, enquanto observava a *Fräulein* dançar com o Führer. Quando pensava que ela era Adele. Quando pensava estar apaixonado por ela...

Pontada, pontada, dummkopf coração.

— A febre diminuiu. — Yael afastou a mão. Seus olhos encontraram os de Luka e se estreitaram. — O que foi?

— Nada. — Ele balançou a cabeça. *Controle-se, verdammt.* — Não é nada.

Não é nada, não é nada.

A suspensão do veículo tremeu com o peso de um sexto corpo. Uma moça jovem (jovem demais para sua trança grisalha, Luka percebeu) passou pelas Arisaka semialertas dos guardas. Seu alemão era tão impecável quanto seu uniforme soviético.

— Acabei de falar com o médico. Vamos continuar com essa dosagem a cada doze horas. Vai manter a dor suportável. — Ela ergueu um punhado de ampolas de morfina e as deixou ao lado da maca. — Ele também encontrou isto no uniforme antigo de *Herr Wolfe*.

A mulher entregou a Yael um relógio prateado velho.

— Achei que seria melhor você devolver para ele.

Pelo olhar atormentado no rosto da *Fräulein*, Luka percebeu que ela discordava. Mas Yael o guardou mesmo assim. A mão não voltou vazia do bolso — um pedaço de madeira repousava ali. Era menor do que uma peça de damas, gasta, velha, sem nada de especial. Mas, quando Yael mostrou a peça para a estranha, Luka sentiu algo se alterar entre elas.

— Você guardou. — As mangas da mulher estavam arregaçadas e, quando estendeu o braço, o garoto não pôde deixar de notar o número tatuado na parte interna do braço esquerdo. Seus dedos pairaram sobre o objeto sem tocá-lo. Alguém havia entalhado a madeira, num trabalho bruto. Havia dois furos rasos na parte de cima. Olhos, talvez? — Todo esse tempo. — Yael assentiu. — Não guardei as outras — a mulher continuou. — Não tive como. Depois que você fugiu...

Ela parou no meio. Luka estava começando a se dar conta de que não deveria estar ali. Aquela mulher conhecia Yael. De verdade. A história delas parecia tão forte que enchera todo o caminhão, deixando-o de lado.

Quando ele pigarreou, o feitiço se quebrou. O punho de Yael se fechou sobre o pedaço de madeira. A soviética lançou um olhar para Luka examinando-o minuciosamente.

— Amiga nova? — ele perguntou.

— Velha, na verdade — respondeu a estranha. Seu tom tinha perdido toda a cordialidade. — Sou a camarada Mnogolikiy.

— Como é que é?

— Mnogolikiy.

— Mgiol... — Luka desistiu na primeira sílaba errada. — Desculpe. Essa palavra não vai caber na minha boca. Vou ter que chamar você de outra coisa. Olha só, como é uma velha amiga da Yael, vou deixar escolher o apelido que quiser.

A soviética virou para a outra falando em russo rápido e estridente. Yael assentiu, respondendo na mesma língua de forma igualmente fluida. Luka pensou ouvir seu nome em algum momento.

Yael não era soviética, era? Luka achava que não, mas como ela saberia a língua? E como era velha amiga de uma oficial? Havia tantas coisas sobre a *Fräulein* que ele não sabia... Tantas coisas que queria entender...

As palavras intraduzíveis da mulher acabaram depois de um tempo. A estranha se voltou para ele e disse:

— Pode me chamar de Miriam.

Miriam. Era um nome tão raro quanto o de Yael, por um motivo muito simples. (E Luka percebeu de repente que aquilo valia para as duas.) Era um nome judeu.

Aquela mulher e Yael eram judias.

Em seus dezessete anos de vida, ele tinha ouvido muitas coisas sobre os judeus. “*Untermensch*”, seu professor de ciências raciais os chamava, citando fatos sobre o tamanho de seu crânio e sua linhagem. “Inimigos da raça ariana” era como o pai os chamava, palavras que tirou de um dos muitos *Conversa de Chancelaria* do Führer. “Ladrões e diabos” também eram palavras ditas durante algumas das noites mais raivosas de Kurt Löwe. Ele erguia o braço bom para amaldiçoá-los pela perda do outro enquanto os olhos azuis pintados de Adolf Hitler o observavam da cornija.

Ao ver Luka e ser vista, os olhos de Yael pareciam de um azul ainda mais penetrante. Ele notou o olhar dela e a observou sob a nova luz. Yael era judia! A primeira pessoa judia com que ele ficava cara a cara, com quem trocava palavras, que conhecia...

Seria mesmo surpreendente que Yael não fosse nada como os xingamentos que o pai/ professor/ Führer de Luka vociferavam? Que, de todas as almas que ele já havia encontrado, a dela fosse a mais radiante? Tinha a bravura de cem Cruzes de Ferro derretidas e forjadas em algo mais puro, e uma coragem não corroída pela crueldade.

Não, Luka concluiu. Era preciso mais do que algumas gotas de sangue — derramadas ou herdadas — para tornar alguém um diabo. Ele precisava acreditar naquilo, porque, se não fosse verdade, o que ele seria?

O filho de seu pai.

Luka queria ser melhor, mais forte e mais do que isso.

— Miriam. — Ele virou para a *Fräulein* soviética e estendeu a mão. — Pode me chamar de Luka.

Ela não a apertou. Seu olhar cintilou, cortante. A sensação pegajosa da história ainda enchia o caminho e ocupava o espaço de Luka.

Ele abaixou o braço.

— Luka Löwe. Duplo vencedor. O rosto do Terceiro Reich. — Seus títulos pareciam crimes pela maneira como Miriam os citava. — Não sabia que você fazia parte da resistência.

— Nem eu — ele respondeu, mas logo depois se arrependeu. Quase conseguiu ver o veredicto de Miriam sobre seu caráter: *Arschloch. Culpado. Sem chance de se recuperar.*

— Por que está aqui? — ela perguntou.

— Eu...

Por que ele estava ali? Os últimos dias tinham sido tão focados em sobreviver que Luka não tinha realmente parado para considerar algo tão básico. Ele deveria estar de volta à Alemanha, dando uma série de discursos escritos previamente diante do Volkshalle sobre as virtudes da raça ariana: força, resistência, honra, pureza. Depois, sentaria na horrorosa namoradeira verde de seu apartamento e assistiria às reprises desses mesmos discursos, fumando um maço inteiro de cigarros. Seu telefone tocava várias vezes. Seria ora a imprensa, ora os admiradores, ora os apoiadores, mas Kurt Löwe nunca estaria do outro lado da linha para dizer “Parabéns, meu filho”. Luka teria odiado como aquelas três palavras não ditas o fariam se sentir. Teria continuado ouvindo a si mesmo na televisão e perceberia que, por mais cigarros que fumasse, era um seguidor cego igual a seu pai e a todos os outros. Pior: era o bobo da corte, dançando ao som da propaganda de Goebbels.

E depois?

Luka viu sua vida roteirizada se estender diante dele: um emprego burocrático na Chancelaria, um casamento com uma *Fräulein* cujo objetivo era ganhar a Cruz de Ouro de Honra das Mães Alemãs com oito bebês chorões. Dizer *heil* dia após dia, com a Cruz de Ferro dupla ficando mais pesada em seu pescoço a cada ano. Kurt Löwe levando aquelas três palavras para o túmulo porque nenhuma quantidade de medalhas e cicatrizes de seu filho seria suficiente, e a força de Luka se desfazendo numa barriga cada vez maior, sem nunca se sentir bem, sem nunca se sentir *digno*...

Estar ali — sentado ao lado de Yael num caminho no meio da taiga descongelando — era tecnicamente um erro. Uma curva errada seguida de mais algumas. Mas parecia certo de uma forma que Luka não conseguia nem começar a descrever. “Estou aqui porque é emocionante” não serviria para a judia nervosa. “Estou aqui porque estou aqui” soaria insolente demais. “Estou aqui por causa de Yael” parecia... sincero demais... para dizer em voz alta.

Ele deu de ombros.

— Só pela carona, então? — disse a mulher. Não era uma pergunta de verdade. Era uma ironia, tornada ainda mais cortante pelo olhar fixo de Miriam.

— Miriam... — As palavras de Yael se derreteram em russo, e as duas se fecharam numa conversa.

O motor do caminho ganhava vida ao redor deles, roncando através da floresta. A

carroceria tremia sob as botas de Luka enquanto o motorista passava para a primeira marcha e começava o longo arrastar para a frente. As cabanas em ruína deram lugar ao mar de esqueletos. A visão — toda branca, emaranhada e imóvel — penetrou nos ossos do garoto enquanto o veículo passava trêmulo pela lama e pelas árvores. Miriam e Yael continuaram falando baixo em russo. Felix continuou dormindo, com a mão enfaixada pendendo ao lado da maca. Luka segurou a plaqueta de identificação sob a camisa. Tocou o tecido, o aço, a prova do tipo sanguíneo A. O sangue de Kurt Löwe. Seu próprio sangue.

Embora as palavras de Yael e Miriam continuassem um mistério, ele conseguia acompanhar o tom. A conversa durou vários minutos — indo de tensa a cortante, de furiosa a triste, até Miriam finalmente sentar no lado oposto do caminhão. As botas dela estavam a apenas um chute de distância das dele.

— Fique à vontade, *Herr Löwe* — ela disse. — Temos um longo trajeto pela frente.

Herr Löwe era o nome de seu pai, e não havia como ficar à vontade naquele ZIS-5. (Estrada esburacada + suspensão velha = adeus vértebras perfeitamente alinhadas.) Mas Luka guardou aquelas opiniões para si mesmo enquanto se acomodava.

O trajeto era mesmo longo. Árvores dando lugar a árvores, cujos troncos passaram do marrom à penumbra à invisibilidade total depois que o sol se pôs. Os faróis (baixos, para evitar serem vistos pelo inimigo) dos caminhões foram acendidos, e o comboio seguiu em frente. Felix parecia um cadáver, e Miriam acabou cochilando também. Yael continuou sentada perto de Luka. Algo na forma como ela abraçava os joelhos junto ao peito, olhando para a noite crescente, fez com que ele se lembrasse do trem em Nova Delhi e do primeiro beijo deles. Quando todas as verdades e mentiras se suspenderam e o coração de Luka se apertou. Só ao lembrar, já sentia aquilo de novo. O luar sobre o rosto da *Fräulein*. O calor dos lábios dela penetrando seu peito, fazendo-o *sentir*.

Yael devia ter percebido que ele a observava, porque olhou por cima do ombro daquele seu jeito ferozmente belo de loba, com a sobrancelha arqueada.

Luka pigarreou.

— Acho que sua nova velha amiga não foi com a minha cara.

— Também não fui quando nos conhecemos — ela disse.

Quando nos conhecemos. Luka demorou um pouco para se lembrar do momento, no Estádio Olímpico. Yael estava usando o rosto de Adele, as palavras de Adele. Seu cabelo era translúcido, a pele cintilava pela chuva. A pele de Luka havia se inflamado com a raiva de ver Adele Wolfe em carne e osso pela primeira vez desde Osaka.

— É diferente. Achei que você fosse Adele. Se soubesse que era você...

— Só teria piorado as coisas — Yael disse em voz baixa para a noite que passava.

— Prefiro pensar que não.

Yael virou, encarando-o. As sombras do caminhão emolduravam seu rosto, sua silhueta envolta pela luz escassa dos caminhões que os seguiam. Luka não conseguia decidir se aquele brilho o fazia pensar num anjo ou num fantasma. Tudo o que sabia era que queria diminuir a distância entre eles, queria encostar seus lábios nos dela novamente, num beijo sincero, sem veneno ou sabotagem. Mas a sinceridade exigia conhecimento, e Luka tinha ideia de que

estava do lado errado de uma muralha feita com muitas incógnitas: tatuagens, lembranças de madeira e uma oficial soviética com olhos dourados.

Então continuou imóvel, contando as respirações e os segredos.

— Luka? — Yael chamou em sua quarta expiração.

— Sim? — ele disse na quinta.

— Por que você não entrou para a resistência?

Ah. Lá estava. A pergunta que ele sabia que viria. Em algum momento.

— Eles não andam por aí batendo nas portas e entregando panfletos.

— Você tem muitos contatos no mercado negro. Precisa ter, para conseguir cigarros — ela comentou. — Poderia ter nos encontrado se tivesse tentado.

Tente, seja forte, seja mais. A história da minha verdammt vida.

— Você viu o que a ss faz com os traidores. Quem quer ser despedaçado? — Na opinião de Luka, era um alibi legítimo. Apoiado pelas leis da natureza.

— Alguns de nós não têm essa escolha. — As palavras de Yael saíram tensas, numa nova velha raiva que combinava com sua nova velha amiga. — Alguns de nós nunca tiveram essa opção.

Ele mergulhou no calor da voz dela, olhando para seus braços tensos. A manga da jaqueta de Yael era um pouco curta, de maneira que Luka podia ver um pouco da tatuagem: a ponta do rabo de um lobo encostando no punho delicado. Ele fitou aquelas marcas gravadas na pele dela. Lembravam-no dos desenhos que sua mãe fazia nos cantos do bloco de anotações (e depois amassava antes que o marido pudesse ver). Elas exibiam todos os sinais de arte. Tantos detalhes em um espaço tão pequeno: linhas ao mesmo tempo retas e indomáveis sombreavam a pele do animal. Aquilo fez Luka se perguntar como eram os lobos vistos de perto. Tão detalhados? Tão escuros?

Também havia uma série de números sob eles?

Ele se perguntava muitas coisas sobre Yael. As respostas dela eram fragmentadas. *Prisioneira. Cobaia. Judia.* Números que ele não entendia, mas que significavam alguma coisa. Luka pensou sobre os grandes buracos entre eles. Pensou e quis saber.

— O que aconteceu com você?

Houve um momento que se estendeu em outro e mais outro. Quando Yael finalmente balançou a cabeça, seus cabelos pálidos cortaram as luzes brilhantes. *Por quê?*, os olhos dela pareciam perguntar. *Por que ainda não sabe? Por que está aqui?* Tudo nela — a imobilidade, o silêncio, o sentimento — fazia Luka se sentir pequeno, cortava seu coração.

Por quê?

Por quê?

Por que não consegue ser mais?

— Eu tinha medo. — As argolas da plaqueta de identificação de Luka se cravaram em seu pescoço. Suas palavras pareciam sinceras demais para sua voz. — Ainda tenho.

— Medo não é uma desculpa — Yael disse a ele. — O medo é humano.

O que mais Luka poderia dizer? Não tinha mais nada dentro dele. Seus lábios se contorceram, abriram-se, queriam dizer uma ironia só para que ela parasse de olhar para ele

como fazia agora: com gelo (ou fogo?), ódio (ou amor?), emoções extremas pulsando através daquelas íris.

Ela parecia *certa*. Parecia tão distante. Distante demais para alguém como Luka alcançar.

— Talvez seja melhor você dormir. Miriam disse que vamos chegar a Molotov ao nascer do sol. — Ela deixou os braços caírem e o rabo do lobo desapareceu, tragado pelo couro da manga da jaqueta. Deitou na carroceria do caminhão, curvando o corpo na forma de um C. Luka conseguia ver a saliência da coluna dela contra a jaqueta.

Ele não fazia ideia de onde era Molotov, mas aquilo não importava. A soviética raivosa com olhos de ouro estava certa: ele só estava ali pela *verdammt* carona.

COISAS NÃO OUVIDAS: UMA TRADUÇÃO

Rodada I

Miriam: Ele sabe seu nome?

Yael: Luka não é como os outros nacional-socialistas.

Miriam: Não. Ele é o garoto-propaganda deles! O garoto que admiram e adoram.

Yael: Não é bem assim. Ele não é assim.

Miriam: É isso mesmo que você pensa, Volchitsa?

Yael, assentindo: Ele é mais do que isso. Eu sei.

Rodada II

Miriam: Ele só fala, fala, mas é um covarde.

Yael: Luka é impertinente, sim, mas não é só isso. Dê uma chance a ele.

Miriam: Uma chance? Foi isso que eles nos deram, Yael, quando nos enfiaram naqueles vagões de carga? Quando marcaram números nos nossos braços e queimaram nossas famílias?

Yael: Eu me lembro disso tão bem quanto você, Miriam.

Miriam: Se Luka Löwe fosse mais do que um nacional-socialista, teria dado um jeito de entrar para a resistência. Não teria se escondido atrás do sangue e do nome dele enquanto nosso povo era massacrado.

Yael: ...

Miriam: Você sabe que estou certa.

Yael: Confio nele.

Miriam: Confiança. Tem certeza de que é só isso?

Yael: ...

Miriam: Não deixe seu coração entrar na frente da sua cabeça, Yael. Luka Löwe pode estar do seu lado agora, mas, quando a coisa ficar feia, vai desaparecer. Homens como ele só cuidam dos próprios interesses. Foi assim que o mundo acabou nessa situação miserável.

Para Yael, dormir era impossível. Não por medo de pesadelos ou por falta de exaustão, mas pelo coração dentro de seu peito. Aquele que ainda palpitava com a proximidade intrincada de Luka. Aquele ainda embriagado pela impossibilidade de Miriam estar ali, viva. Aquele ainda ensopado pelo sangue e pelos sonhos. Aquele que não sabia o que sentir.

Os pedaços dela — vida e alma — estavam colidindo.

Em muitos sentidos, ela se sentia melhor com Miriam ali. Firme, segura. O terceiro lobo a conhecia, trazia Yael de volta a uma versão mais antiga dela. Mas a menininha no campo de extermínio não tinha nada a ver com o garoto de jaqueta marrom. Havia mundos e anos entre os dois. Mortes, mortes e mais mortes os afastavam.

Era compreensível que Miriam odiasse Luka. Ela também o tinha odiado à primeira vista. (E à segunda. E à terceira.) Ela tinha olhado para ele e visto o inimigo, com sua braçadeira com a suástica e sua arrogância.

Quando Yael olhava para Luka agora — a queimadura em seu esterno, seus olhos azul-escuros com mais perguntas que afirmações —, não via o inimigo, mas o garoto por trás da máscara. Um aliado. Um amigo. *Algo mais*, o calor formigante dentro de seu peito murmurou.

E agora?

Agora Luka tinha medo.

E ela também.

Yael ficou acordada, com o olhar fixo na floresta que ela não conseguia ver de fora. Horas se passaram. A estrada ficou mais plana, transformando-se em asfalto. Ela sentiu o cheiro de Molotov muito antes de ver. A guerra pesava no ar: pólvora apimentada, cinza acre. O sol nascia, mas, quando Yael ergueu os olhos, só conseguiu ver uma névoa sem estrelas, sem azul. A fumaça circulava pelo céu, sufocando tudo.

A cidade foi surgindo rua após rua, em riscos silenciosos de cor. Yael imaginou que, banhado de luz e sem os vestígios de batalha, seria um lugar pitoresco. Prédios barrocos largos pintados em tons de narciso e azul-claro ficavam lado a lado com casas comerciais. Muitas das janelas estavam estilhaçadas, o vidro cintilando contra a rua. Algumas das casas mais suntuosas — aquelas com farrapos de estandartes de suástica ainda tremulando nas sacadas — tinham sido incendiadas, os batentes cobertos por fuligem. Massas escuras cobriam as ruas, deitadas com uma imobilidade que denunciava *corpos*.

Com exceção dos cadáveres, o comboio dos soviéticos não enfrentou nenhuma resistência enquanto entrava na cidade. Quando os caminhões pararam na praça central de Molotov, Yael

viu o porquê. A área estava cercada pelas unidades que Pashkov tinha recebido ordens de encontrar — caminhões, combatentes e até tanques. Dentro do círculo, estavam os soldados nacional-socialistas de Molotov. Dezenas de integrantes da ss de uniformes pretos estavam no centro — mais próximos da estátua de ferro na praça — com o queixo anguloso e a postura rígida. Centenas de camisas-pardas desarmados estavam aglomerados, inquietos. Havia uma divisão clara entre eles; um bom número tinha arrancado os emblemas nacional-socialistas do uniforme, substituindo por suásticas e águias. Outros não usavam uniforme. Havia avôs de cabelo prateado ao lado de crianças pequenas ao lado de operários de mãos calejadas e rostos queimados pelo vento — homens cujos ossos se mostravam fácil demais sob a pele.

Todos esses prisioneiros olhavam fixamente para o extremo norte da praça. Foi lá que Yael viu os corpos, empilhados num monte recente. Oficiais da ss estavam sobre homens da Wehrmacht. As pedras sob as mãos e os pés flácidos brilhavam com o sangue.

Um futuro monte de ossos.

A praça central de Molotov se rasgou com uma série de disparos. Sons que fizeram tremer a terra, o céu e o coração. Os prisioneiros estremeceram coletivamente. Luka acordou assustado. Os olhos de Miriam se abriram de repente. Até Felix se agitou na maca.

Yael observou mais corpos sendo arrastados para a pilha e sentiu náusea.

Aqueles homens estavam sendo executados.

Isso não está certo. Ela voltou a olhar para os homens sem identificação. Por que os combatentes da Wehrmacht arrancariam as marcas nacional-socialistas do uniforme? Por que um operário faminto lutaria ao lado da ss contra um inimigo que nem sabia que estava a caminho? E, aliás, como os soviéticos tinham conseguido conquistar Molotov tão rapidamente? Não era uma cidade pequena e, mesmo no caso de uma blitzkrieg, uma resistência daquela magnitude teria sobrevivido por alguns dias.

Resistência...

Molotov não tinha sido derrubada pelos soviéticos. Tinha sido tomada por seu próprio povo: combatentes da resistência. Aliados de Yael. Sua única via para chegar até Henryka. Homens que os soviéticos estavam matando...

Outra saraivada de tiros cortou a praça, ecoando nos ouvidos de Yael.

ISSO NÃO ESTÁ CERTO NÃO OS DEIXE MORRER.

Ela desceu do caminhão, pisando no asfalto vagamente ciente dos gritos atrás dela (o “O que você está fazendo?” de Miriam e os palavrões de Luka) e dos brados dos soldados soviéticos, surpresos com a visão da menina albina cortando suas fileiras. Yael andou desviando de ombros, jogos de baralho, comidas quentes e soldados cantando hinos patrióticos de seus países havia muito perdidos até chegar ao pelotão de fuzilamento. Dez homens estavam recarregando seus rifles enquanto uma nova série de prisioneiros nacional-socialistas era arrastada para a linha de fogo. A maioria era da Wehrmacht, alguns sem insígnias. Todos aterrorizados.

Havia apenas dois homens sem camisas pardas e sem medo no rosto, um em cada ponta da fila. À extrema esquerda estava um oficial solitário da ss. À direita, um homem alto de cabelo grisalho. Tudo nele era descarnado: olhos afundados, calças desfiadas, pomo de adão suspenso.

Sangue seco manchava sua testa enfaixada. Yael apostaria sua vida que ele lutava pela causa de Reiniger.

De certa forma, era aquilo que ela estava fazendo — correndo até o pelotão de execução, com os braços erguidos, tossindo entre as respirações:

— Parem de atirar! Vocês não podem simplesmente matar esses homens! A Convenção de Genebra...

O líder do pelotão, o único homem sem rifle, virou para Yael. Suas sobrancelhas eram da cor do rabo de uma raposa, e estremecendo de raiva.

— Genebra? Você acha que esses desgraçados citaram a Convenção de Genebra quando invadiram nossas terras? Quando levaram nossos pais, irmãos e irmãs, esposas e filhos para a mata e atiraram nas costas deles?

Não. A fúria na voz do líder do pelotão estava nos olhos de todos os carrascos, refletindo o latão dos cartuchos usados a seus pés. Yael conhecia muito bem aquele sentimento. Por muitos anos, esteve em sua medula, em seu coração. Um ardor em seus ossos, uma sede por resposta.

— Esta guerra não tem regras. — O líder do pelotão vociferou. Então se dirigiu a seus homens. — Preparar!

Eles apoiaram o cabo das armas no ombro ao mesmo tempo.

— Esses soldados estavam lutando quando vocês chegaram a Molotov, não estavam? — Yael insistiu. — Alguns deles são parte da resistência. Eles odeiam os nacional-socialistas tanto quanto vocês...

— APONTAR! — O líder do pelotão gritou ainda mais alto, decidido a abafar a voz de Yael. Dez canos de armas apontaram diretamente para dez pares de olhos; uma única palavra separava a vida da morte. Um dos soldados que usavam a suástica começou a chorar, o nariz escorrendo feito uma criança pequena.

NÃO ASSIM NUNCA ASSIM.

— Por favor! — A raiva nos ossos de Yael se estendeu e cresceu. Ela não sabia onde guardá-la. Mas aquilo (armas disparando, sangue a seus pés) não ajudaria. — Me deixa falar com eles!

A fúria do líder do pelotão também crescia: seu rosto já estava da cor das sobrancelhas. Vermelho. Trêmulo.

— Alguém tire essa garota da minha frente! — ele gritou para os soldados que tinham se reunido para ver.

Dois deles se lançaram à frente. Um terceiro uniforme se destacou: Miriam. Ela avançou mais rápido que os outros, agarrando o bíceps de Yael e puxando-a para perto. Em vez de voltar à multidão, ela virou para o líder do pelotão.

— O que está acontecendo aqui? Quem ordenou isto?

Ele pareceu reconhecê-la imediatamente. O reconhecimento o fez empalidecer.

— C-camarada Mnogolikiy. É uma honra.

Miriam não retribuiu a gentileza.

— Fiz uma pergunta, camarada. Quem ordenou isto?

— Foi... — seus olhos começaram a observar a praça, como se a resposta estivesse

escondida atrás de algum dos espectadores — ... uma decisão mútua. Esses homens eram combatentes, camarada Mnogolikiy. Não civis. Não temos infraestrutura para o processo adequado.

— Aquele homem — Yael apontou para o senhor alto na extrema direita da linha — é um membro da resistência. Mais da metade desses combatentes são. Algum de vocês sabe o que aguarda em Moscou? Vocês estão indo às cegas! Vão precisar de olhos na Alemanha. Se me deixar conversar com eles, posso conseguir as informações de que precisam para continuar seu avanço.

Assim espero. Todas as células importantes da resistência tinham uma máquina Enigma com equipamento de rádio, além de uma série de combinações de rotor. Se Yael conseguisse conversar com os líderes da resistência, poderia contatar Henryka.

Se ela ainda estivesse viva... Quantos dias haviam se passado desde que o golpe fora iniciado? Cinco? Seis? Até onde Yael sabia, seus amigos estavam tão aniquilados quanto os dedos de Felix.

Aqueles pensamentos não aliviaram em nada o desespero de Yael. Unidos ao sangue aos seus pés (tão real... não havia nada de onírico a respeito dele), estavam começando a acabar com ela. Todos os exercícios de respiração e técnicas de compartimentalização de Vlad não conseguiram conter a histeria que penetrou sua voz.

— Vocês não podem atirar nesses homens a sangue-frio!

A mão de Miriam no braço de Yael apertou mais forte. *Silêncio*, dizia a pressão de seus dedos.

O líder do pelotão não pareceu convencido.

— Não se trata de sangue-frio aqui. Esses homens merecem morrer. Não viu as vilas? Não lembra...

— Lembro — Miriam o interrompeu. — Acredite em mim, camarada. Mas Volchitsa tem razão. Precisamos de informações sobre as defesas de Moscou bem como sobre a situação das capacidades de retaliação da Alemanha. Eles devem ter acesso aos canais de comunicação que podem nos ajudar a obter isso. Matar esses homens seria burrice.

— Volchitsa? — A sobrelanceira do homem se ergueu até desaparecer sob seu quepe com a estrela solitária. — Tenho que dar ouvidos a uma prisioneira de guerra sobre como tratar prisioneiros de guerra?

— Não — Miriam disse com firmeza. — Você tem que dar ouvidos a mim.

O líder do pelotão não a questionou.

— Como vamos saber quais desses homens serão absolvidos? — ele perguntou. — Qualquer um pode arrancar suas medalhas.

— A resistência tem protocolos de segurança. Senhas e coisas do tipo — Yael explicou, com a voz um pouco mais calma. — Me deixe falar com esse homem. Se conseguir confirmar que ele é membro da resistência, vai poder apontar o líder do grupo, então saberemos de todos os membros.

— O que sugere que façamos com os outros?

Yael voltou a olhar para a fila. Todos os dez homens a observavam. Resistência,

Wehrmacht, ss... Seus olhares variavam entre esperança básica e ódio ácido.

— Não precisa acrescentar nenhuma infraestrutura — ela disse ao líder do pelotão. — A resistência está planejando a revolta há mais de uma década. Eles vão ter um plano de contingência para os prisioneiros. Deixe que eu encontre os líderes e fale com eles. Vamos resolver a situação.

Os rifles continuaram erguidos, ainda preparados para uma palavra: FOGO! Os braços dos homens começaram a vacilar pela espera e pelo cansaço. As miras fraquejaram. O rosto do líder do esquadrão também. Suas sobrancelhas voltaram a descer e sua pele retomou a tonalidade normal, nem vermelha nem pálida.

— Faça o que for preciso — ele disse a Yael. Então ordenou a seus homens: — Descansar!

Eles baixaram suas Arisaka. Miriam soltou o braço de Yael. O soldado da Wehrmacht que chorava no meio da fila soltou um soluço aliviado. O homem magro agradeceu com um aceno de cabeça.

Yael caminhou até ele, aproximou-se de seu ouvido e sussurrou a primeira metade da senha da resistência em alemão:

— Os lobos da guerra estão se juntando.

— Eles cantam a canção de ossos podres. — A resposta do homem foi tão frágil quanto seu corpo.

— Preciso encontrar os líderes da sua célula — Yael disse a ele. — Pode me ajudar?

Ele ajudou. Muitos minutos de busca e muitas senhas sussurradas depois, Yael parou diante de um homem chamado Ernst Förstner. Ele parecia ter a idade de Reiniger, com rugas semelhantes em volta dos olhos e entradas no cabelo. Seu uniforme alterado da Wehrmacht era alguns números menor do que deveria e estava bastante desbotado — relíquia da última guerra. Quando cumprimentou Yael, não foi com satisfação, mas desconfiança. Ela achou compreensível, considerando a pilha de corpos a menos de dez metros e o cuspe dos soldados soviéticos respingado em pedras e rostos. Tampouco ajudou o fato de estar acompanhada por um séquito de oficiais: Miriam, o camarada comandante Pashkov, o camarada Sobrancelhas de Raposa e outros cinco oficiais de alta patente. Ernst Förstner e seu grupo de homens feridos observavam a comitiva com apreensão.

— O que aconteceu aqui? — Yael perguntou ao líder da resistência de Molotov.

— Esta célula estava crescendo há anos — ele explicou. — Quando o sinal foi enviado pela Reichssender, tomamos controle dos campos ao norte e libertamos os operários. Muitos se juntaram a nós. Em dois dias de batalha conquistamos a cidade. Cercamos o quartel-general da ss, prendemos os líderes e os trouxemos para a praça. Foi então que os caminhões soviéticos começaram a entrar. Eles estavam em maior número e tinham mais armas. Quando exigiram nossa rendição, não vimos motivo para lutar, então depusemos as armas. Nos fizeram ficar com os outros.

— E então começaram a atirar? — Yael perguntou.

— Sim — respondeu *Herr Förstner*. — Tentamos explicar, mas não fez diferença.

Atrás dela, Miriam estava traduzindo a conversa do alemão para o russo. O líder do pelotão de execução soltou outro resmungo, muito mais desconfortável.

Quando Yael perguntou sobre o rádio, Ernst Förstner não vacilou.

— Tenho o equipamento para contatar o quartel-general na Alemanha. Posso levar você até lá, mas primeiro quero uma garantia de anistia para mim e meus homens. Quero o fim das execuções.

Yael olhou para os sete juízes enquanto Miriam traduzia o pedido.

— Podem prometer isso?

Seus olhares eram bastante variados. Traços de misericórdia colidindo com “Não há nada de sangue-frio aqui”. Um dos oficiais não apresentados apontou para o uniforme desbotado da Wehrmacht de Ernst Förstner.

— Pergunte quantos de nossos camaradas ele matou na guerra.

Yael não obedeceu.

— Quantos alemães você matou? — ela disparou de volta. — Quantos de seus camaradas vão morrer se não entrarmos em contato com a Alemanha e seu Exército se lançar contra Moscou sem informação alguma?

Nenhum dos chefes soviéticos respondeu. Em vez disso, ficaram murmurando entre si.

— Temos centenas de prisioneiros e não podemos nos dar ao luxo de deixar unidades inteiras para trás para vigiar todos — Pashkov argumentou, alto o bastante para Yael ouvir. — O que vamos fazer com eles?

— *Herr Förstner* me contou que tem um campo de trabalhos forçados ao norte daqui. Há cercas suficientes para conter seus prisioneiros de guerra até Novosibirsk conseguir preparar um tribunal. — Yael estremeceu com a ideia, mas continuou falando. — Anistia para os membros da resistência e o fim das mortes. Conseguem concordar com isso?

Mais murmúrios. Mais olhares de guerra sem regras, velhas feridas subindo à superfície. Levou alguns minutos, mas eles finalmente ficaram em silêncio. Miriam olhou para o líder da resistência.

— Os camaradas comandantes concordam com seus termos — ela disse em alemão.

Ernst respondeu com um aceno de cabeça.

— Nesse caso, será um prazer levar vocês até o rádio.

Eles formavam um desfile estranho pelas ruas incendiadas de Molotov: oito oficiais soviéticos de alta patente, uma garota albina, uma maca e um duplo vencedor do Tour do Eixo (Yael se recusou a deixar Felix e Luka na praça), além de vários guardas soviéticos (apesar de tudo, eles ainda eram prisioneiros). O irmão de Adele continuava dormindo, com um lençol sobre o rosto famoso. Luka estava usando a jaqueta para cobrir a cabeça mais uma vez, o que chamava tanta atenção quanto seu rosto. Ele trombava com soviéticos e cadáveres, murmurando pedidos de desculpa que nem os soldados nem os mortos conseguiam entender.

À frente de todos estava Ernst Förstner. O líder da célula da resistência os guiou até uma casa de madeira que parecia ter sido arrancada de seus alicerces e revirada. A madeira não era

pintada, com diamantes e flores elaborados entalhados nos cantos. Uma bandeira com a suástica pendia da janela da frente.

— Por favor, perdoem os detalhes — *Herr Förstner* disse enquanto destrancava a porta. — É importante passar despercebido, como vocês sabem.

O interior da habitação era tão desordenado quanto a fachada. Havia o equivalente a uma década de jornais *Das Reich* empilhados na sala de estar — edições esfarrapadas e amareladas, desintegrando-se sobre o tapete de pele de urso. O sofá poderia se passar por uma peça de museu, se o veludo não estivesse gasto de tantas pessoas que haviam se sentado nele. Um piano vertical bloqueava a janela lateral, com teclas desprovidas de marfim e tampa manchada de cera de vela. O retrato de Adolf Hitler estava pendurado a contragosto sobre uma lareira entupida de cinzas.

A voz do Führer também estava lá. Foi a primeira coisa que Yael ouviu ao entrar. Vermelha, vermelha como sempre, crepitando pelas ondas sonoras da Reichssender. A tela mostrava Adolf Hitler sentado em sua cadeira de encosto alto, exatamente igual a como estava no salão de baile do Palácio Imperial. Exatamente como aparecia nos sonhos de Yael.

A visão dele — tão frenético e insuportavelmente vivo — fez uma nova onda de ódio percorrer o corpo de Yael. Se ela tivesse uma arma, teria apontado para a televisão e atirado de novo.

— Irmgard? — o líder da resistência gritou para o corredor. — Sou eu!

— Ernst? Ah, graças a Deus! Os outros me contaram o que estava acontecendo na praça... — Uma mulher saiu de um dos cômodos com uma arma tão envelhecida quanto o uniforme de Ernst na mão. Ao ver os recém-chegados, ficou paralisada.

— Está tudo bem, amor — *Herr Förstner* explicou. — Eles nos prometeram anistia.

Ao ouvir aquilo, ela atravessou o corredor e se jogou nos braços do marido.

— Pensei que estivesse morto!

— Foi um... mal-entendido — Ernst disse, encostado ao ombro da mulher. — Eles mataram Lutz e Günter. Teriam atirado em todo mundo se uma das agentes de Reiniger não tivesse intervido. Ela chegou com alguns dos soviéticos. Conseguiu convencê-los de que podemos ajudar.

— Ernst me contou que vocês têm um rádio com uma máquina Enigma. — Yael tentou não soar desesperada, mas as promessas de Hitler na televisão de exterminar os traidores (enfeitadas por sua elocução precisa como a ponta de uma agulha) não estavam ajudando. — Posso ver?

— Claro, claro. — Irmgard parecia aliviada. Saber que o marido estava vivo tirara um peso de seus movimentos. Ela o soltou, ergueu a barra do vestido e passou por cima dos jornais, pisando em ADELE WOLFE CHEGA AO POSTO DE CONTROLE DO CAIRO e A GERMÂNIA SE PREPARA PARA COMEMORAR O ANIVERSÁRIO DE 67 ANOS DO FÜHRER, até chegar ao piano. Lá se agachou, apertando os pedais do instrumento num movimento rápido. O painel de madeira da base se abriu, revelando botões e fones em vez de cordas. Irmgard os ligou, depois se voltou para a máquina Enigma.

— Hoje é... oito de abril. — Ela virou os rotores na combinação correta. — Pronto. Agora

vamos conseguir entender o que chegar.

Yael se debruçou sobre o piano destripado e avaliou o maquinário. Era um aparelho mais complexo do que o rádio de ondas curtas de Vlad, mas nada que não fosse capaz de manejar. Ela sintonizou a frequência correta, tentando ignorar a pontada escarlate da voz de Hitler atrás de seu ombro, tentando fingir que não havia um nó de preocupação se formando em sua garganta.

Oito de abril. Fazia seis dias desde o atentado fracassado. Seis dias desde que o verdadeiro Hitler surgira nas telas de todo o Reich para se declarar imortal. A história, Yael percebeu, era um ciclo tão terrível e repetitivo quanto a *Conversa de Chancelaria* atrás dela. Assim como o Führer havia frustrado a bomba da Valquíria I, havia sobrevivido à bala de Yael. Nas duas vezes, havia declarado sua resistência providencial aos quatro cantos. Nas duas vezes, havia exigido um acerto de contas, uma vingança na forma de balas e sangue.

Foram necessárias menos de vinte e quatro horas para a primeira Operação Valquíria mergulhar numa série de execuções brutais. Por que seria diferente agora?

Irmgard digitou uma saudação na máquina Enigma, anotando o código resultante com a caneta e o entregando para Yael.

— Toma. Use isto como cumprimento.

Yael limpou a garganta como pôde, depois leu as letras em voz alta em grupos de cinco:

— BRTJX. UGZJZ. EALST. QGJRW. G.

Nada...

Yael não estava esperando uma resposta imediata, claro. Se sua mensagem tivesse conseguido chegar, ainda precisaria ser decifrada:

NINHO DA VALQUÍRIA, NA ESCUTA?

Depois, uma resposta precisava ser composta e criptografada. Aquilo levava tempo.

Mas tanto tempo assim?

Toda a sala ficou em silêncio. Luka tinha sentado nas pilhas de jornais, mordendo o lábio, debruçado sobre as páginas em pedaços. A caneta de Irmgard continuava encostada no papel, manchando o bloco de anotações. Os oficiais soviéticos eram o retrato da impaciência. Ernst os observava enquanto pousavam a maca de Felix sobre o tapete de pele de urso, com as armas em punho. Miriam abriu caminho até o piano e se aproximou de Yael, com a testa pressionada contra as teclas.

Nada ainda...

Ela não podia esperar muito tempo. Seu coração não podia saltar tantas vezes dentro de seu peito e só ter silêncio em resposta. Uma imagem do escritório revirado de Henryka invadiu seus pensamentos: o mapa arrancado da parede, os rádios estilhaçados contra o chão de concreto, a Gestapo revirando anos de arquivos da resistência...

...

O rádio crepitou e então... a voz de Kasper! Yael a reconheceu no mesmo instante. O som — metalizado por milhares de quilômetros e microfones eletrônicos — apertou seu peito. Ela ouviu, sem ar, enquanto o outro agente recitava sua própria série de letras. Irmgard as digitou na máquina Enigma. Dela saíram as letras novas, que a mulher reordenou e pontuou com sua caligrafia caprichada:

NA ESCUTA. QUEM FALA?

Escrever, codificar, recitar uma resposta:

CÉLULA DE MOLOTOV. VOLCHITSA.

Caos nem começava a descrever.

Henryka precisava de mais ouvidos, mais rádios, mais, mais, mais. As notícias chegavam mais rápido do que ela e os quatro agentes conseguiam ouvir, que dirá registrar ou passar adiante. Além de tudo, a *Conversa de Chancelaria* após o atentado do Führer era exibida sem parar na *przeklęty Reichssender*: “*Não estou morto... Apesar de todos os esforços deles... Apesar de todos os esforços deles... Não estou morto*”.

De novo e de novo, sem nunca parar. Trinta vezes por hora. Vinte e quatro horas por dia. Por mais que Henryka odiasse as palavras de Adolf Hitler e o fato de que ele ainda estava vivo, ela se recusava a desligar a televisão. Tinha medo de perder alguma pista vital.

A resistência não estava morta, apesar de todos os esforços do Führer. Em questão de dias, cinco países haviam renascido, reivindicando seu lugar no mapa de Henryka: Grã-Bretanha, Iraque, Finlândia, Turquia e Itália (a metade sul, do calcanhar da bota até o meio da panturrilha; o norte de Roma ainda estava confuso, com batalhas acontecendo). Henryka coloriu suas fronteiras com menos alegria do que deveria sentir. Aquelas vitórias não a surpreenderam. A Grã-Bretanha e a Itália ainda guardavam rancores da guerra. Ambas eram ninhos de tachinhas em seu mapa. Não tinha sido preciso muito para o povo se juntar à revolução. Iraque, Finlândia e Turquia eram todos governados por Reichskommissariats enfraquecidos, onde a infraestrutura dos nacional-socialistas não conseguiria sobreviver à resistência sem reforços da Alemanha.

Cinco países conquistados. Seis, contando com o Egito.

Mas aquelas vitórias não eram o bastante.

O resto do mapa estava mergulhado no caos vermelho. A morte era representada com tachinhas e barbante. A resistência em Paris tinha sido massacrada. Seus líderes foram capturados, caluniados e executados. As revoluções da antiga Polônia e da antiga Áustria já estavam estrebuchando, se já não estavam completamente mortas. A luta em Moscou era travada numa guerrilha urbana cerrada, cujas tentativas de invadir o Kremlin e prender o Reichskomissar eram repelidas continuamente. Mas a maior das preocupações de Henryka se assomava muito mais perto, poucos metros acima, cortando as ruas da Alemanha. No momento em que a sobrevivência do Führer foi declarada, a cidade mergulhou em um pandemônio.

O general Erwin Reiniger ainda estava vivo. (Graças a Deus.) Assim que Henryka havia radiografado a notícia da operação fracassada, Reiniger e seus homens tinham recuado do Volkshalle para uma posição mais defensável ao norte do rio Spree. Muitos dos outros

generais da conspiração o seguiram. Outros, quando ficaram sabendo da sobrevivência de Hitler, perderam a coragem e viraram a casaca antes que seus nomes pudessem ser ligados a qualquer conspiração. No fim, a divisão era igualitária. As Waffen-ss e os homens fiéis da Wehrmacht lutaram contra os rebeldes. Os cidadãos da Germânia se escondiam dentro de velhos abrigos antibombas enquanto a cidade ruía.

Ainda não havia bombas. A Luftwaffe continuava paralisada, em parte porque seu comandante, Hermann Göring, continuava sob custódia de Reiniger. O principal aeródromo, ao norte, na cidade de Rechlin, estava sob controle nacional-socialista, assim como muitos dos aviões e seus pilotos, mas Henryka duvidava que Hitler fosse tolo ou desesperado o bastante para arrasar metade de sua própria capital.

A Germânia era uma linha desenhada na areia germinando de violência. Não havia uma ofensiva clara. Nenhuma defensiva sólida. Apenas o combate de prédio contra prédio. Ruas tomadas, quarteirões perdidos. Em algumas esquinas, a suástica pendia alta. Em outras, pegava fogo. Agora mesmo, Henryka conseguia ouvir disparos, o som destacado entre os rádios crepitantes. Reiniger havia ordenado a evacuação da sala do mapa, mas ela se recusara a fazê-lo. Sem aquele centro de comunicação, a resistência desmoronaria por completo. Henryka havia trabalhado duro demais, por tempo demais, para deixar que algo como a morte a afugentasse.

Ela ofereceu aquela opção para Kasper, Brigitte, Johann e Reinhard: ficar ou ir embora, viver ou (provavelmente) morrer. Todos os quatro mantiveram seus postos, dormindo poucos minutos e sobrevivendo à base de fatias de pão velho e comida enlatada.

Quanto a Adele... mais de uma vez Henryka considerou libertá-la, mas não havia como negar que aquela garota era um risco. Ela tinha visto demais a base de operações e ninguém sabia o que tinha ouvido atrás da porta. Eles haviam passado todo aquele tempo sem ser descobertos. (Nenhum dos desertores do movimento sabia da localização do porão.) Eles precisavam manter as poucas vantagens que tinham.

Então Adele continuara presa dentro do armário enquanto as chamadas chegavam: vitória, derrota, vitória, derrota. As beiradas do Terceiro Reich estavam ruindo, mas ele se tornava mais concentrado no centro. Entre os relatórios que chegavam, estavam aqueles sobre as unidades das Waffen-ss avançando pelo interior, suprimindo toda a resistência que conseguissem encontrar. Henryka marcou sua localização no mapa com tachinhas com duas runas *Sieg*. A capital estava cercada por um laço de trovão negro que se fechava dia após dia.

O impasse sangrento da Germânia não tinha como e não ia durar.

Kasper e Johann continuaram atendendo os rádios. Brigitte e Reinhard prosseguiram digitando códigos. As duas tarefas eram ingratas. As transmissões chegavam numa corrente incansável, era impossível responder.

Kasper, em particular, estava exausto. De todos os agentes da sala do mapa, ele era o que tinha dormido menos. Recebera relatório após relatório e ditara séries de códigos para Reinhard com a voz inexpressiva. Mas algo na chamada atual despertou sua animação: seu rosto ficou elétrico quando leu o rearranjo de letras feito por Reinhard. Ele tirou os fones de ouvido e os estendeu para Henryka.

— Você vai querer atender esta — ele disse. — É dos territórios moscovitas. A célula em Molotov.

Molotov. Henryka precisou verificar o mapa para confirmar o que sabia sobre a cidade. Ficava a centenas de quilômetros a oeste dos montes Urais e era um dos últimos assentamentos importantes antes do Lebensraum se tornar uma terra de ninguém, cheia de vilas massacradas e fazendas de batatas tentando sobreviver. A resistência lá consistia em trabalhadores escravos e colonos desiludidos — homens e mulheres forçados a abandonar o Reich central por sorteio.

— Boas notícias? — ela torceu.

— Acho que é Yael.

— Volchitsa? É você?

Yael perdera o ar com o som da voz de Kasper, mas só começou a chorar com a de Henryka. A mulher parecia exausta, as sílabas vacilando como acontecia quando se esquecia de dormir. Com muita frequência, Henryka preferia a causa da resistência ao cuidado pessoal; com muita frequência, Yael tinha visto o cabelo da polonesa com as raízes castanhas, seus olhos marcados por horas incontáveis sem dormir.

— Sou eu — Yael conseguiu dizer. — Estou aqui.

Estou aqui. Ainda estamos todos aqui. A descoberta tirou o fôlego de Yael e continuou tirando, substituindo-o pelo ar salgado. Foi só então que ela se deu conta de como o medo da morte de seus amigos tinha crescido. De como a seguia feito uma sombra...

— Não deveríamos... — Henryka também estava chorando? Definitivamente era o que parecia. Houve uma série de fungadas. — É melhor voltarmos para o código. Não sabemos quem pode estar ouvindo.

Os códigos não eram feitos para conversas fluidas. A lentidão arrastada da conversa era completamente exasperante. Mas as informações trocadas entre Molotov e o porão da cervejaria eram preciosas demais para ouvidos inimigos.

Yael deu seu relatório primeiro, tentando resumir seis dias no mínimo de palavras possível:

FÜHRER VERDADEIRO NA GERMÂNIA. HITLER DO SALÃO DE BAILE ERA SÓSIA METAMORFO. EXPERIMENTO 85 AINDA ATIVO. NOVOSIBIRSK INVADINDO MOSCOU. QUER RECUPERAR ANTIGOS TERRITÓRIOS SOVIÉTICOS.

Etc.

Miriam estava cumprindo seu devido papel de camarada Mnogolikiy, traduzindo as mensagens para os oficiais soviéticos. Eles ouviam vestidos em seus uniformes com estrelas vermelhas, espalhados como uma constelação em toda a sala de estar. Yael pôde ver que catalogavam os móveis, tentando determinar quantas das posses dos Förstner tinham pertencido a soviéticos massacrados.

Os minutos se estenderam. Yael continuou lembrando de coisas para dizer. O discurso

televisionado de Adolf Hitler recomeçou pelo menos meia dúzia de vezes. Irmgard continuou digitando as respostas na máquina Enigma. Ernst apareceu com uma bandeja de chá e biscoitos. Luka comeu sua porção com grande prazer. (“Experimentou esses?”, ele jogou um para Yael, acertando uma chuva de farelos no ombro dela. “Muito melhor do que a gosma de legumes!”) Os oficiais soviéticos foram ficando cada vez mais inquietos, jogando o peso do corpo de uma bota para a outra.

O camarada comandante Pashkov foi o primeiro a falar.

— Pergunte o que está acontecendo em Moscou. Foi o motivo por que permitimos essa conversa de rádio, não?

— Paciência! — Yael retrucou em russo, embora a sua própria estivesse se esgotando. Ela também queria saber tudo, mas manter Henryka informada era sua prioridade. Ela não tinha como saber aonde suas descobertas sobre o Experimento 85 e o Exército de Novosibirsk poderiam levar.

Mas, depois de um tempo, já não tinha mais informações para passar. Era hora de pedir

UM RELATÓRIO DA SITUAÇÃO DA GERMÂNIA E DE MOSCOU.

As mensagens de Henryka começaram a chegar, pintando uma paisagem crítica. Tudo estava agitado: golpe fracassado pessimista, guerra civil otimista. A ressurreição de Hitler tinha feito um bom número de soldados assustados da Wehrmacht voltar para as fileiras nacional-socialistas, mas não o suficiente para que perdêssemos as esperanças.

— E a estrada para Moscou? — o camarada Sobrancelhas de Raposa perguntou quando Miriam terminou de traduzir os detalhes da Alemanha. — Quantas forças nacional-socialistas podemos esperar encontrar?

Levou cinco minutos para codificar as perguntas e os fatos táticos. Mais dez minutos se passaram até eles receberem o melhor palpite de Henryka: o Exército de Novosibirsk — com seus números e equipamentos — não teria dificuldades para chegar a Moscou. Invadir o Kremlin e exigir a rendição do *Reichskommissar* Freisler seria difícil, mas possível.

— Não é com a captura de Moscou que estou preocupado — disse um dos camaradas comandantes sem nome. — Nada disso importa se o regime nacional-socialista sobreviver. Hitler não vai sofrer se Moscou continuar em nossas mãos.

— Concorde com o camarada comandante Tchékhev — Pashkov disse. — Quais as chances que essa revolução realmente tem?

Aquela mesma pergunta estava presa com os farelos de biscoito na boca de Yael. Havia tantas formas de dizê-la: “A vitória é possível?”, “Vocês conseguem segurar por mais seis dias/ semanas/ meses?”, “Quanto sangue vai ser preciso?”. Ela decidiu transmitir a opção mais sucinta.

PODEMOS VENCER?

A pausa foi mais curta que o normal. Quando a polonesa respondeu, usou palavras completas, sem código:

— Não sei. N-não estávamos preparados para isso. Um golpe, com certeza. Uma revolução, de certa forma. Mas Hitler ainda vivo, na Reichssender, dizendo que as pessoas vão ser esmagadas se resistirem...

A sobrevivência de Hitler muda as coisas. Foi o que Miriam havia dito a Yael na vila fantasma. Era o que ela conseguia ver ali, no brilho doentio da televisão. Hitler sempre tinha sido monstruoso, mas, agora, quando o viu se assomando na tela, lembrou-se da hidra de muitas cabeças da mitologia grega. Corte uma e duas vão nascer no lugar. Tente matá-lo uma, duas, cinquenta vezes, e ele só vai ficar mais forte, mutilando nações inteiras com um único discurso.

Hitler não deveria ser a pessoa que mudava as coisas. Aquele era o chamado de Volchitsa, o que ela havia tentado — com tanto esforço — cumprir com vinte mil e setecentos e oitenta quilômetros de corrida e uma bala no salão de baile. Mas o que havia mudado? O homem errado estava morto, um ainda pior estava vivo e Yael estava sentada sob um piano sem teclas, sentindo-se mais impotente do que nas ruas de Tóquio, correndo enquanto um golpe se acendia e explodia a meio mundo de distância.

De volta ao código:

REINIGER AVANÇANDO A NOROESTE PARA CONTROLAR O PORTO MARÍTIMO DO NORTE E TER LINHAS DE SUPRIMENTO E AUXÍLIO BRITÂNICO. SS PEDINDO REFORÇOS DE TERRITÓRIOS CONTROLADOS. FÜHREREID DIVIDINDO A WEHRMACHT. TAXA DE DESERÇÃO CRESCENTE.

— O que é um... um *Führereid*? — perguntou o camarada comandante Pashkov.

— É um juramento de fidelidade — Yael explicou rápido em russo. — Todos os soldados do Reich têm de jurar obediência incondicional a Adolf Hitler em pessoa. Uma das principais ideias da primeira e da segunda Operação Valquíria era que a morte de Hitler libertaria os soldados da Wehrmacht do *Führereid* e permitiria que escolhessem quem seguir.

— Quem imaginaria que os alemães seriam tão honrados em seus horrores? — Pashkov murmurou.

— Nem todos são assim — Yael respondeu. Não Erwin Reiniger. Não os oficiais da Wehrmacht que haviam arrancado sua Cruz de Ferro. Não todos os milhares de soldados que haviam escolhido ficar e lutar pela resistência.

Mais letras estavam chegando. Um diagnóstico final. Duas perguntas.

A GERMÂNIA PRECISA DE UMA VIRADA PARA A VITÓRIA. NOVOSIBIRSK É NOSSO ALIADO? PODEM ENVIAR TROPAS?

Yael prendeu a respiração enquanto Miriam traduzia. Os oficiais soviéticos trocaram olhares taquigrafados, com a dúvida soletrada em seus olhos castanhos ou azuis.

— Moscou é nossa prioridade — começou o camarada comandante Tchékhev. — Simplesmente não temos recursos suficientes para invadir a Alemanha e manter nosso controle sobre a cidade. Mesmo considerando as companhias que marcamos de encontrar em Novgorod.

Miriam franziu a testa, ainda marcada pelos chanfros das teclas de piano.

— E os Exércitos a caminho de recuperar a antiga Leningrado? Talvez possam ser desviados...

— É mesmo uma opção viável? — perguntou um dos comandantes sem nome. — Quantas semanas levaria para nosso Exército abrir caminho lutando até o Reich central? O general Reiniger tem os recursos para se segurar por tanto tempo?

— Sobre o que estão falando? — O cotovelo de Luka amassou uma antiga foto sua, de 1955, enquanto se levantava de seu banco de jornais. — Será que sou o único que toparia mais biscoitos? Um banho seria legal também. Adoro cheirinho de almíscar, mas essa colônia de trilha na mata moscovita é um pouco demais.

Todos os sete oficiais soviéticos encararam o duplo vencedor, o rosto do Reich em cima do rosto do *Das Reich*. O clima da sala mudou, como se cargas elétricas tivessem escapado das máquinas e parado nos olhos, ouvidos e nas veias deles.

— O que ele disse? — o camarada Sobrancelhas de Raposa resmungou.

— O vencedor Löwe quer tomar um banho — Yael explicou. — Não precisam se preocupar. Ele não entende russo.

— Mas você sim. — As sobrancelhas ruivas do oficial se contorceram. — Me perdoem, camaradas, mas não acho que deveríamos discutir esses assuntos na frente dos prisioneiros. E não há por que debater isso até criarmos uma linha aberta com Novosibirsk.

Vários camaradas comandantes concordaram. O rádio crepitou — era Henryka esperando uma resposta. A ansiedade estática da sala começou a migrar para a pele de Yael, arrepiando seus pelos do braço e perpassando seus lobos.

— Concordo — Tchékhov disse. — Mandem trazer uma das unidades de rádio para cá. A camarada Mnogolikiy vai assumir as comunicações com a Alemanha. Mantenham os prisioneiros nos fundos da casa. Deixem que se alimentem e tomem banho, mas não devem ter acesso a esta sala em nenhuma circunstância.

Prisioneiros. Depois de tudo aquilo, ainda viam Yael como uma ameaça. Era ela que se sentia ameaçada, e a adrenalina sob sua pele zumbia.

NÃO DEIXE QUE PRENDAM VOCÊ.

Ela não podia ficar parada — cativa da burocracia e da política — enquanto seus amigos morriam.

— Não! Me deixem ficar e...

Miriam entrou na sua frente cheirando a lírio e com o queixo virado para o lado. Algo na maneira como ela se movia — tão deliberadamente em frente dos olhares fixos dos camaradas comandantes — acabou com o argumento de Yael, deixando um cadáver em sua garganta.

— Lembre o que eu falei — Miriam sussurrou em alemão. — Tome cuidado. Se finja de prisioneira. Deixe que cuide disto.

Seu terceiro lobo a estava protegendo, como sempre tinha feito.

Devagar, bem devagar, Yael assentiu.

POR FAVOR, AGUARDE. A QUESTÃO ESTÁ SENDO DISCUTIDA.

Felix ouvia tudo.

Ele estava deitado no chão entre as torres de papéis fingindo dormir. (Não era tão difícil com a morfina fazendo suas pálpebras pesarem.) Ele manteve os olhos fechados e a respiração leve para escutar a conversa. Não entendia russo, mas compreendia as partes em alemão — lidas em voz alta por uma mulher chamada Irmgard. O garoto guardou todos os detalhes que conseguia. (Nomes: *Erwin Reiniger*. Planos: *Avançar a noroeste para o porto do Mar do Norte*.) Precisaria do máximo de informações possível para provar sua lealdade a Baasch e garantir a segurança de sua família.

Se ainda estivessem vivos.

Se. Existia uma palavra mais terrível? Uma sensação mais intensa de queda livre?

Felix queria um “sim” ou um “não” sólido para se estabilizar. Queria ir até aquele rádio e ligar para o *Standartenführer* da ss. Queria ouvir a voz de *Papa*, o choro de *Mama*. Queria explicar a Baasch que ainda estava tentando consertar as coisas...

Uma espiada por entre as pálpebras enevoadas mostrou que o rádio estava perto, mas não havia como chegar até ele. Eles não paravam de falar. Alemão e russo atravessavam o ar como uma dupla de pardais duelando: ruído e conversa. Vozes subiam e desciam, subiam e desciam, até finalmente Luka dizer algo sobre um banho e a maca de Felix ser carregada para fora da sala.

Agora animais empalhados o encaravam com olhos vítreos e presas inúteis. Molduras tortas — abrigando não quadros, mas insetos — pontuavam o espaço da parede entre as prateleiras. E...

Aquilo era um telefone?

Felix não podia ter certeza. Os guardas que carregavam a maca o levavam rápido demais — já tinham virado para outro cômodo e o deixado no chão —, mas definitivamente parecia um telefone. Um vulto tão preto quanto alguns dos besouros fixados naqueles quadros.

Se os guardas os deixassem ali sozinhos... Se Felix conseguisse sair para o corredor sem ser visto... Se aquilo fosse mesmo um telefone... Se ele tivesse forças para discar o número que Baasch o tinha feito memorizar... Se conseguisse entrar em contato com o escritório do *Standartenführer* da ss para explicar... *Se, se, se...*

Mas, assim que as botas dos guardas se arrastaram para fora, Luka entrou de repente. O garoto pulou em cima da cama e começou a tirar os sapatos. A primeira bota caiu no chão e o cheiro... forte... estava perto demais do rosto de Felix.

Ele tossiu.

Luka parou.

— Está acordado, garoto prodígio? Precisa de mais morfina?

A droga estava começando a não fazer mais efeito. A dor de Felix, tanto a fantasma quanto a real, se recusava a ir embora. Ele a sentiu brilhando no espaço vazio sobre sua mão direita, cada vez mais quente contra seu curativo. Logo estaria queimando o bastante para fazê-lo suar.

Outra dose de morfina poderia tirar a dor de Felix, mas também o faria dormir. Ele não podia correr o risco de perder sua chance de chegar ao telefone só porque suas terminações nervosas não aceitavam a morte.

— Não.

— Fique à vontade. — Luka tirou a segunda bota, puxando a primeira a uma distância civilizada do rosto de Felix e deixando as duas ao lado da cama. — Vou dar uma olhada na cozinha. Trago um presunto ou alguma coisa para você.

Felix viu os calcanhares cheios de bolhas do garoto saírem pela porta. Esperou um instante, depois outro e mais outro... mas ninguém entrou no quarto.

Ele estava sozinho.

Era impossível saber, apenas pelo som, se o corredor estava mesmo vazio. A casa tinha um corpo de velho — cada articulação rangia e gemia. Aqueles guardas estavam andando de um lado para o outro das tábuas do assoalho lá fora? Ou eram anos de inverno ártico se fazendo ouvir? Seriam os fantasmas da vida selvagem correndo dentro de suas cabeças empalhadas?

A imagem dos lincos descendo o corredor e dos alces derrubando pilhas de jornal no chão com suas galhadas aveludadas fez Felix sorrir. A expressão causava uma sensação estranha em suas bochechas. Desapareceu assim que ele virou para sair da maca (DOR) e usou a cabeceira da cama para se apoiar (MAIS DOR). Quando levantou, Felix entendeu que não deveria ter levantado. Suas pernas estavam moles e o chão se inclinava em ângulos estranhos a cada passo. O quarto era pequeno — tinha três, talvez quatro passos de largura —, mas o que deveria ter levado alguns segundos se tornou uma jornada de minutos. Seu trajeto era circular, usando qualquer apoio que sua mão boa conseguisse encontrar: paredes, guarda-roupa, uma mesa de canto com um jogo de xadrez inacabado.

Estava a apenas meio passo da porta quando seu equilíbrio vacilou. Seus braços se agitaram, tentando encontrar alguma coisa — qualquer coisa — em que se apoiar, e acabaram encontrando o tabuleiro. Trinta e duas peças — reis, rainhas, cavalos, peões — caíram com um estrépito no chão. Felix foi junto. O impacto tirou o ar de seus pulmões. Ele ficou atordoado em meio ao fedor das botas de Luka.

— Felix?

Ele ergueu os olhos e encontrou a garota — Yael — parada na porta, recém-saída do banho. O cabelo molhado, quase translúcido, caía em volta de seu rosto. As manchas de sangue e terra dos últimos dias não estavam mais lá, tampouco as crostas de ferida. Os hematomas tinham assumido um tom esverdeado menos agressivo. Até suas roupas pareciam mais macias: um suéter de tricô que a mãe de Felix poderia ter feito. Antes. As mangas eram longas demais, tocando os dedos da garota enquanto ela o ajudava a sentar.

— O que aconteceu? — Os olhos dela perpassaram as peças do xadrez e voltaram a repousar nele. (Tão tristes. Tão brilhantes. Tão tristes. Tão brilhantes.) Conseguia vê-lo? Sabia o que Felix tinha feito? O que planejava fazer?

Não olhe para a porta. Não pense no telefone atrás dela. É mais fácil pensar do que fazer. Teria sido tão difícil para ela, uma mentirosa na pele de uma Wolfe, se esconder em plena vista? O que havia se passado por trás do rosto de Adele, dos olhos de Adele, quando acamparam nas areias noturnas, quando ele lhe dissera o quanto sua família precisava dela? Quando ela erguera a P38 e batera na cabeça dele?

Felix cerrou os dentes. Sentiu ecos do golpe nos cantos do maxilar.

— Tentei andar.

— Ah, Felix... — Yael apertou os lábios, cheios de uma emoção que ele só podia tentar adivinhar. Estresse? Desconfiança? Arrependimento? — Você acabou de sofrer um grande trauma. Deveria repousar.

— É difícil repousar com... tudo o que aconteceu. — *Não olhe para a porta. Não pense no Standartenführer Baasch esperando sua ligação.* — Não gosto de ficar sem fazer nada. Nunca gostei.

— Eu sei. Mas não acho que se recuperar de uma amputação é ficar sem fazer nada. — Ela o examinou. Seus lábios ficaram tensos. — Pelo menos seu rosto parece melhor.

— O seu também. Se for mesmo o *seu*. — Aquelas últimas palavras foram uma farpa, um pouco fiéis demais ao que Felix sentia. Sem rodeios, primitivas. Ele não podia deixar a garota ver emoções tão cruas. Era sua vez de pegar sentimentos e transformá-los em algo que ela queria ouvir. — Não é fácil acompanhar.

— Este rosto não é meu, e não é de mais ninguém. — Yael pigarreou. — Sei que tenho muita coisa para explicar. O que a ss falou sobre mim?

— Só que consegue manipular sua aparência. Eles não são muito de falar — Felix lembrou. — O interrogatório foi bem unilateral. Nada lateral, na verdade. Ficavam tentando arrancar respostas que eu não tinha como saber. Tudo o que eu podia dar a eles eram os cachorros e eu... não queria — *mentira, mentira, tudo mentira* —, mas a dor era tanta que eu só queria que parasse.

— Cachorros?

— No seu braço. — Ele apontou. — A tatuagem.

Yael arregalou os emaranhados de lã até o antebraço para mostrar para ele.

— São lobos.

Eram mesmo. Ele conseguia ver agora que estava mais perto.

— Lobos são os animais favoritos de Hitler — Felix disse para ela. O fato escapou, vomitado por força do hábito. Quando eram pequenos, Adele transmitia aquele conhecimento a todos que quisessem ouvir, com o peito inflado de orgulho de que a criatura sagrada do Führer fosse também o sobrenome dela. A coincidência inspirava o fascínio de seus colegas de escola, que soltavam “oh” no pátio da escola.

Yael não reagiu da mesma maneira.

— Vemos coisas diferentes neles. — Ela voltou a descer a manga.

— Desculpe. — Outro reflexo. (Por que Felix deveria se desculpar?) — Adele se gabava muito disso. Mas acho que você já sabe.

— Sou metamorfa, não adivinha. — A garota finalmente desviou o olhar e começou a recolher as peças de xadrez. — Teria ajudado muito na minha missão se eu fosse. Estudei sua irmã por um ano. Decorei todos os documentos escolares dela, seus hábitos, as fichas da Juventude Hitlerista. Aprendi todos os fatos possíveis sobre você, Martin, seus pais. Sei mais sobre sua família do que sobre a minha.

Você, Martin, seus pais. A voz da garota tinha mudado — era mais rouca que a da irmã dele —, mas ela ainda dizia aqueles nomes com o tom de voz da verdadeira Adele. Como se também fosse uma Wolfe.

Era o tipo errado de proximidade: unilateral, nada lateral. Deixava Felix furioso.

— Aprendi tudo o que pude sobre Adele para poder assumir o lugar dela na corrida. — A garota continuou falando enquanto juntava os peões, bispos e torres. — Na véspera do Tour do Eixo, entrei escondida no apartamento dela, a deixei inconsciente e assumi o rosto da sua irmã. Adele foi levada de volta ao quartel-general da resistência. Está sendo mantida lá desde então.

Felix sentiu o coração parar depois se agitar feito um motor transbordando de combustível. Pelo menos sua irmã estava viva!

Yael continuou:

— Quando você apareceu no Estádio Olímpico, tive certeza de que meu disfarce estava acabado. Foi por isso que tentei fazer com que saísse da corrida antes do Cairo. Estava colocando a si mesmo e a mim em risco. Se tivesse voltado para Frankfurt, teria sido levado com seus pais para um abrigo por alguns dos agentes da resistência antes de eu atirar no Führer.

Ao ouvir aquilo, o coração de Felix parou. Tudo o que ele sabia e tudo o que desejava estavam colidindo, explodindo numa bola de chamas inconciliável.

Tortura da Gestapo → BUM ← Abrigo da resistência

Felix precisou de toda a sua disciplina para não deixar a surpresa transparecer em sua expressão. Ele manteve o rosto muito, muito imóvel enquanto examinava o dela.

— U-um abrigo? *Mama* e *Papa* estão num abrigo?

— Claro. Estão com meu amigo Vlad. Não existe lugar mais seguro na Europa. Confie em mim.

O olhar dela parecia verdadeiro. Suas palavras pareciam sinceras.

Essa é a ideia, Felix lembrou. *Ela é uma ótima atriz.*

Mas Yael não tinha motivo para mentir sobre aquilo, e Felix queria acreditar nela.

Ele devia confiar na garota ou em seus próprios tímpanos? A voz de *Papa*, as lágrimas de *Mama*. Felix as tinha ouvido, com a mesma certeza devastadora que sentia a dor em seus dedos...

— Eu me esforcei muito para que fosse para casa. Não queria deixar você para trás no Palácio Imperial, muito menos com a SS por toda parte. — Lá estava aquela tristeza de novo, com mais facetas do que um diamante. Yael olhava para os curativos de Felix sujos de sangue e para o vazio hediondo depois do seu dedo médio.

Talvez não fosse *tudo* mentira. Talvez ela estivesse mesmo arrependida...

Mas estaria certa?

Felix não via como poderia estar. (*Papa* havia falado com ele ao telefone, pelo amor de Deus!) O problema da esperança, porém, era ser uma emoção imune à lógica. Felix estava enganchado, pendurado na ponta do barbante fino do sentimento.

Se a resistência estivesse com sua família... aquilo mudava as coisas. Muito.

— Você tinha o mundo com que se preocupar — Felix disse devagar, lembrando-se da conversa deles. O que estava quebrado, o que poderia ou não ser consertado. Quantas vezes ele revisitaria aquele quarto?

1: Adele, teimosa demais para ouvir. Felix, tentando impedir que as coisas se quebrassem.

2: A garota, sem dar a mínima para os Wolfe. Felix, tentando salvá-los.

3: Yael, tentando consertar o mundo. Felix, teimoso demais para ouvir.

Por Deus, como ele sentia falta da oficina mecânica — troca de velas, motores simples e diretos. Nada tão complexo quanto aquilo: tentar diferenciar o certo do errado, a verdade da mentira, descobrir o que salvaria sua família naquele mundo sangrento.

— Se eu soubesse do abrigo, não teria tentado deter você. — Seria mesmo verdade? Talvez. Talvez não. Era o que Felix precisava que Yael acreditasse.

Também parecia ser o que ela queria ouvir.

— Você é um bom irmão, Felix. Um bom filho também. Sua família tem sorte de ter você.

— Pode me levar até eles? — Mesmo se seus pais não estivessem no abrigo, Adele definitivamente estava no quartel-general da resistência, o lugar exato em que Felix precisava estar. Independente de qualquer coisa. Da salvação ou da condenação.

Yael franziu a testa.

— Não sei.

— Sei que sou um... fardo agora, mas vou fazer por merecer — ele disse. — A resistência precisa de mecânicos, não precisa?

— Não é isso. Tecnicamente, somos prisioneiros dos soviéticos. Minha amiga Miriam está negociando em nosso nome, mas não faço ideia de quando vão decidir nos libertar.

— Por favor — Felix insistiu. — Prometa que vai tentar.

Yael não disse nada. Arrumou todas as peças de xadrez reunidas no chão entre eles. Enfiou a mão no bolso da calça e tirou de lá algo prateado e doloroso. O relógio de bolso de Martin — surrado, gasto e finalmente quebrado. Quando deixou o objeto na palma da mão de Felix, ele não tentou abri-lo. Sua mão esquerda não parecia forte o bastante e ele já sabia o que encontraria se o fizesse: os ponteiros paralisados sob o vidro rachado, aprisionados num tempo que não existia mais.

Como poderia ter chegado àquele ponto?

Como *ele* poderia ter chegado àquele ponto?

— Felix Burkhard Wolfe. — A maneira como a garota sabia seu nome completo (e o dissera) fez um calafrio percorrer a espinha de Felix. — Prometo que vou fazer tudo ao meu alcance para levar você até a Alemanha. Vou levar você de volta para sua família.

A noite já havia caído quando Yael foi chamada de volta à sala de estar. O lugar estava ainda mais bagunçado do que antes; várias pilhas de jornais tinham sido empurradas de lado para dar lugar ao rádio e a seus operadores. O amontoado de papéis perto da máquina Enigma estava cinco vezes maior, todos cobertos pela letra de Miriam. Eram as negociações entre Henryka e Novosibirsk. Yael estava longe demais para ver em que consistiam.

A sensação incerta/ agitada/ perdida seguiu Yael enquanto entrava na sala. Ela não fazia ideia de onde ficar e o fato de que os sete oficiais soviéticos a encaravam com a mesma frieza de sempre não ajudava. Seus olhos logo buscaram os de Miriam. A amiga estava ao lado do piano, com as mãos entrelaçadas, o rosto firme ao acenar com a cabeça.

Tenha coragem, parecia dizer seu olhar dourado. Tudo é possível.

O camarada comandante Tchékhov foi o primeiro a falar:

— Sente, camarada Volchitsa.

Camarada. Não prisioneira. Yael levou aquilo em conta enquanto se sentava sobre o velho *Das Reich* de Luka. Os jornais afundaram com seu peso.

Depois que ela se acomodou, Tchékhov voltou a falar.

— Como pode ver, estamos em contato com Novosibirsk e com a Alemanha, tentando decidir que ação seria mais benéfica para os dois contingentes. Foi preciso muita negociação, mas chegamos a um acordo. Você e a camarada Mnogolikiy vão retornar à Alemanha e assassinar Adolf Hitler.

A sala ficou em silêncio. Yael percebeu que a televisão tinha sido desligada. O Führer eletrônico não estava mais lá, tampouco o zumbido, o ódio em suas palavras. Yael se viu refletida na tela: uma garota paralisada pelo choque do anúncio. Por sua circularidade.

De novo. Eles queriam matar Adolf Hitler de novo.

— O principal obstáculo da resistência à vitória é a deserção dos soldados da Wehrmacht — Tchékhov continuou. — Se o Führer for eliminado, como planejado a princípio, o *Führereid* será suprimido e as forças do general Reiniger vão crescer. Não apenas isso, mas seus amigos da resistência estão com Hermann Göring em custódia. Ele é o segundo no comando do Partido Nacional-Socialista, o sucessor natural de Hitler. Depois que o verdadeiro Führer for morto, Göring será forçado a anunciar sua demissão e nomear Reiniger em seu lugar, uma posição que ele poderia assumir com todo o apoio da Wehrmacht. O governo nacional-socialista seria desmantelado a partir daí. O controle de Novosibirsk sobre os territórios moscovitas não seria ameaçado. Tudo isso está nas transcrições, se quiser ler — Tchékhov

acrescentou, apontando para os papéis espalhados aos pés do piano.

Yael não precisava ler as anotações. Aquele poderia ser um veredicto inesperado, mas fazia sentido. Novosibirsk só sacrificaria um de seus soldados (em vez de milhares e milhares). A transição de Erwin Reiniger para o poder seria tranquila, apoiada por todo o peso da Wehrmacht. Nem a ss diria nada...

A sobrevivência de Hitler muda as coisas.

Então era preciso mudar de volta.

Não era impotência que corria pelas veias de Yael, puxando-a para baixo enquanto encarava sombriamente a tela da televisão. Não daquela vez. Era a ferocidade lupina, o chamado da Valquíria, o clangor de sua voz de ferro:

ATIRE DE NOVO MATE O VERDADEIRO DESGRAÇADO A MORTE DELE PODE PÔR UM FIM NISSO TUDO.

— Yael? — Foi só quando Miriam falou que ela se deu conta de que já estava encarando a televisão sem falar nada por um tempo.

— Precisamos tomar cuidado para matar o Hitler verdadeiro. Sabemos agora que o Führer está usando metamorfos em aparições públicas. Não foi ele quem levou o tiro no salão de baile. Talvez não tenha sido ele quem levou o tiro na Grosser Platz. — Pensar em Aaron-Klaus disparando aqueles quatro tiros (em vão) trespassou todas as palavras de Yael. — Se conseguirmos nos infiltrar no Führerbunker, talvez só consigamos uma chance de matar o homem real. Precisamos ter cem por cento de certeza de que o alvo é o original, e não mais um metamorfo.

— Você tem toda a razão — Miriam concordou. — É por isso que precisamos juntar o máximo de informações possível sobre os troca-rostos de Hitler antes de avançar com o plano de assassinato.

— Mas onde iríamos... — A boca de Yael ficou seca. Ela sentiu um ardor sob sua pele, não muito diferente daquele que as agulhas haviam deixado mais de uma década antes. “Como está se sentindo?”, podia ouvir a voz do dr. Geyer perguntando através de seu sorriso exagerado. Em vez de esperar a resposta da garota, ele folheava as anotações em sua prancheta, todo o sofrimento de Yael reduzido a letras e datas.

Ela sabia exatamente onde encontrariam as informações sobre os sócias do Führer. No coração das terras vermelhas, onde começavam os trilhos de trem e as chaminés, atrás de camadas e camadas de portões de arame farpado, ao longo da trilha cercada por choupos, dentro do prédio construído com tijolos empilhados caprichosamente, descendo o corredor até a sala onde o Anjo da Morte trabalhava durante todos aqueles anos, esperando pelo retorno dela.

Lá. No lugar aonde Yael não queria voltar.

Miriam tinha chegado à mesma conclusão.

— Se há uma pessoa que sabe os detalhes dos troca-rostos de Hitler, é o dr. Engel Geyer — ela afirmou com sua voz militar, à prova de balas, ricocheteando qualquer emoção. — Henryka verificou os registros. Ele ainda está trabalhando no campo.

Claro que o médico ainda estava lá, cortando corpos de crianças sem nenhum remorso. O

sangue de Yael fervia só de pensar naquilo!

— Depois que você e a camarada Mnogolikiy reunirem todas as informações necessárias sobre os troca-rostos, vão voltar para o quartel-general da resistência e usar esses recursos para definir os últimos detalhes do assassinato — Tchékhev disse a Yael. — Posso confiar que temos sua total cooperação?

MUDAR AS COISAS ESPERANÇA ESPERANÇA LUTAR.

A raiva ferveu e ferveu, subiu e transbordou, quente e espumosa, derramando-se nas palavras de Yael.

— Quando partimos?

O planejamento da primeira missão de Yael havia levado um ano inteiro. Os detalhes da corrida por Europa, África e Ásia e da tentativa de assassinato do Führer tinham sido repassados ao longo de meses. A elaboração dos detalhes daquela nova empreitada tinha sido concentrada em meras trinta e seis horas.

Forjar documentos foi mais fácil do que nunca com o gabinete do Reich em Molotov à disposição. Bastaram alguns minutos datilografando e algumas fotografias recortadas de documentos de identidade antigos e colados em novos. Yael e Miriam criaram codinomes para todos os territórios pelos quais pretendiam passar. Um conjunto de rostos, nomes, datas de nascimentos e nacionalidades que seriam plausíveis para qualquer área em que pudessem ser paradas por uma patrulha.

Levar os garotos dos territórios moscovitas para o Reich central sem serem descobertos era outra questão. O acréscimo de Felix e Luka ao grupo tornava as coisas infinitamente mais difíceis. Miriam se opôs — intensa, veementemente —, mas Yael se manteve firme. Por mais que a primeira insistisse que eles estariam mais seguros em Molotov, Yael não conseguia tirar da cabeça a imagem dos soldados executados. Empilhados. Chorando rios de sangue. Se os deixasse ali, ela não descansaria em paz.

Além disso, tinha uma promessa a cumprir.

Luka não estava tão facilmente reconhecível com seu rosto semicoberto pela barba, mas nem ela poderia disfarçar que era o duplo vencedor. O garoto-propaganda procurado em todo o Reich.

O rosto de Felix não era muito menos famoso e, mesmo depois de dias sem lâmina de barbear, ele continuava liso.

Uma solução para as aparências reconhecíveis e imutáveis dos rapazes se apresentou na forma de uma caminhonete. Era o tipo de veículo para o qual ninguém olhava duas vezes: salpicado por manchas de ferrugem pelos invernos rigorosos da taiga, feito para transportar colheitas e outras mercadorias entre as cidades. Tinha sido usado pela célula da resistência de Molotov para transportar pacotes (e pessoas) ilegais em um compartimento oculto atrás das tábuas da carroceria. O espaço era pequeno e tinha um cheiro insuportável de graxa. Foi uma prova do quanto Felix queria retornar à sua família quando se mostrou disposto a se esconder naquele espaço.

Quando Luka viu o para-brisa quebrado da caminhonete, fez uma careta. Quando viu o compartimento que teria de dividir com Felix, soltou um resmungo.

— E eu pensando que a viagem no ZIS-5 tinha sido difícil!

— Pode ficar aqui se quiser — Yael respondeu.

Ele ergueu as sobrancelhas.

— Está tentando se livrar de mim, *Fräulein*?

— Vai ser perigoso. — Cruzar três mil e trezentos quilômetros por um território devastado pela guerra tendo apenas uma caminhonete enferrujada e alguns documentos era loucura. Sem mencionar o pit stop, como Yael tinha passado a pensar na primeira parte da missão. Roubar as identidades de mulheres clandestinas, voltar para dentro das garras da morte e arrancar alguns dentes...

Mais que perigoso.

Mortal.

Muitas coisas poderiam dar errado. Dariam errado, se as estatísticas tivessem alguma influência na questão. Luka era esperto. O garoto devia saber de tudo aquilo, mas apenas deu de ombros.

— Ficar aqui com um bando de soldados que querem atirar em mim a qualquer momento não me parece muito mais seguro. Além disso, alguém precisa ficar com *Herr Wolfe*. Ele está cheio de morfina e pode soltar outro berro.

Argumentos sensatos à parte, Yael estava feliz por Luka ir junto. Ela tinha se acostumado com sua companhia, suas fugas de assunto, seu sarcasmo. Todos aqueles fios tênues e matizados de emoções não paravam de se romper e se religar entre eles.

— Tenho certeza de que você vai ser um enfermeiro incrível. — Ela conteve um sorriso.

Era uma coisa boa que Felix fosse acrofóbico e não claustrofóbico. Miriam insistiu que guardassem o máximo de munições possível nos espaços vazios, por via das dúvidas. Deitados juntos no compartimento oculto, os dois garotos ficavam bem apertados. Ombro a ombro dentro de um ninho de rifles, revólveres e caixas de bala, envoltos por uma lona impermeável. Era uma visão perturbadora.

Ficou ainda pior quando Yael fechou o painel de madeira, lançando uma sombra escura sobre os corpos. Ela hesitou no último instante, deixando seu olhar se demorar. Os dois a encararam.

Felix acenou com a cabeça.

Luka deu uma piscadinha.

Elas encheram a carroceria com sacos de batatas. Quando a caminhonete estava completamente carregada, o automóvel se inclinou alguns centímetros sob o peso extra. Yael examinou os pneus gastos, torcendo para que conseguissem aguentar as estradas secundárias de terra a que dariam preferência. *Herr Förstner* garantiu que o veículo daria conta.

— Dez anos e essa belezinha nunca nos desapontou. Conseguiria levar vocês até o coração da Alemanha e voltar, se quisessem. — Ele deu uma pancada forte na caminhonete.

Luka respondeu com duas outras pancadas.

Miriam parou na frente da porta da cabine. Ainda não tinha trocado de rosto, mas já parecia outra pessoa. Estava sem o uniforme soviético, substituído por tamancos, meias e uma blusa de tricô elegante. Roupas mais adequadas a uma moça do Lebensraum. Yael também estava

usando uma saia e lutava contra a coceira que as meias de náilon provocavam. O traje que Irmgard havia encontrado para ela estava longe de ser confortável, mas, pelo menos, era largo o bastante para esconder a velha pistola TT-33 que Miriam havia lhe dado. Um pó cor da pele tinha sido passado sobre todos os hematomas desbotados de Yael. Ela era o retrato da saúde ariana.

— Está pronta? — perguntou seu terceiro lobo em carne e osso.

Está pronta? Era a mesma pergunta que Kasper tinha feito a Yael no furgão às portas do prédio de Adele. Ela tinha rido da cara do agente e dito “Mais que isso” antes de se lançar ao apartamento da vencedora.

Yael não estava rindo agora. As mangas de seu suéter eram um pouco mais longas que seus braços, roçando nos dedos; outras memórias de lobos formigavam sob elas. *Mama*, Babushka, Aaron-Klaus. Ela não sabia se estava pronta para voltar a elas sem os exercícios de Vlad. Suportar pesadelos era muito diferente de voltar ao passado. Pés em pedra. Coração em mágoa.

Mas não eram apenas os mortos e suas memórias que dependiam dela, e sim os vivos. O garoto que precisava de sua família. O general que precisava de um Exército. Inúmeros países que precisavam renascer.

Por causa daquilo, Yael ergueu a saia e subiu na cabine da caminhonete.

Ela não estava pronta, mas ficaria.

Voltaria ao começo para encontrar um fim.

Estava a caminho de encontrar o Führer. O *verdadeiro* Führer.

Estava a caminho de terminar o que tinha começado.

INTERLÚDIO
TRÊS RETRATOS DE
2 DE ABRIL DE 1955

I

Abril chegou ao cemitério, um lugar frio e abandonado. A maioria das árvores estava sem folhas, arranhando uma aurora nublada. O cinza das pedras havia se espalhado pelo resto da paisagem. Grama, cascalho, terra... até o ar parecia acinzentado quando Felix o inspirou.

Ele estava adiantado aquele ano. Normalmente, quando ia visitar Martin, os poderes da primavera já avançavam. O calor e as flores de 2 de maio tornavam a visita mais suportável. Naquele dia, porém, o clima sugava a vida de Felix enquanto ele atravessava as fileiras de anjos e cruzes. Algumas lápides tinham se tornado ilegíveis de tão desgastadas. Outras estavam caídas no chão.

O marco que Felix estava procurando se mantinha de pé e legível, com o resumo da existência de seu irmão gravado no granito:

MARTIN WILLMAR WOLFE
FILHO QUERIDO. IRMÃO LEMBRADO.
15 DE OUTUBRO DE 1934-2 DE MAIO DE 1950

Felix parou e cerrou os punhos dentro dos bolsos. A ausência do irmão estava sempre lá, apoiada ao seu lado enquanto trabalhava em motores Volkswagen, amontoada no banco da igreja, pairando em volta de um raro almoço em família. Mas a lápide o acertava com o caráter definitivo daquilo tudo.

Martin. Querido. Lembrado. Morto.

Ele gostava de pensar que (em algum lugar, de alguma forma) seu irmão podia ouvi-lo. Então, uma vez por ano, ia conversar com ele.

— Oi, Martin.

Não houve resposta.

— Sei que você não estava esperando por mim hoje, mas este ano é diferente.

Diferente. A palavra menos raivosa em que ele conseguiu pensar para descrever o fato de que sua irmã gêmea tinha cortado o cabelo numa imitação perfeita do corte repartido ao meio de Felix com as tesouras de costura da mãe e a lâmina de barbear do pai. Tinha sido perturbador o quanto ele sentira que estava olhando para si mesmo quando Adele pedira seus documentos.

“Vou disputar o Tour do Eixo”, ela tinha dito. “Se alguém vier procurar por mim, *Papa* pode dizer que estou doente. Você precisa ficar escondido para manter meu disfarce.”

Ele queria dizer não para ela. Deveria ter dito. Mas as coisas não funcionavam assim entre

os dois, então Felix deu seus documentos para Adele e prometeu que ficaria longe de vista.

Durante a maior parte do Tour do Eixo, ele tinha ficado em casa com as cortinas cerradas, assistindo a si mesmo correr mundo afora. As imagens da Reichssender costumavam destacar o melhor e o pior da corrida. Durante os primeiros dias, não tinham focado muito em Felix Burkhard Wolfe, o menino de dezesseis anos de Frankfurt com tempos razoáveis na competição. Ele não era nem um vencedor nem um vencido. Além disso, tinha o estranho hábito de fugir das câmeras.

Com o passar do tempo, o número de participantes do Tour do Eixo foi diminuindo, como sempre acontecia, e o interesse por Felix Wolfe começou a crescer. Ele havia conseguido permanecer à frente do grupo, acompanhando o ritmo dos vencedores Löwe e Tsuda em meio a acidentes, alianças e tentativas de sabotagem.

Na terceira semana, a corrida estava apertada. Como resultado, os acidentes foram ficando mais graves. Alguns dias antes, perto de Hanói, um dos corredores alemães (Georg Rust, de dezessete anos) tinha sido empurrado para fora da pista e caído num arrozal, o que lhe custara uma perna. O acidente tinha sido filmado. Georg — um vulto em preto e branco — voara com sua Zündapp antes de ser esmagado na lama. Na primeira vez que Felix tinha visto, perdera o fôlego. Na quinta, teve vontade de vomitar. Na décima, tudo o que conseguira visualizar era o passado e o futuro:

Martin voando, esmagado na pista de corrida de Nürburgring.

Adele voando, esmagada no caminho para Tóquio.

As entranhas de Felix se espremeram de pavor, esmagadas pelo peso de sua própria impotência.

Tudo terminaria em breve. Os corredores haviam deixado o *Kaiten* e estavam percorrendo o último trecho. Mais algumas horas e surgiria um vencedor para reivindicar a vitória de 1955. A Reichssender estava repleta de projeções. Uma forte gastroenterite havia tirado o líder Tsuda Katsuo da corrida. O vencedor Löwe estava na dianteira, prestes a reivindicar a primeira vitória dupla do tour, mas Felix Wolfe estava logo atrás dele.

— Tudo pode acontecer quando os corredores entram nesse nível de desespero — um dos apresentadores da Reichssender havia dito.

Era exatamente aquilo que o verdadeiro Felix temia, assistindo a tudo da minúscula sala de estar de sua família em Frankfurt. Ele sabia que deveria cumprir sua promessa a Adele, ficar dentro de casa por mais um tempo. Mas não aguentava de tanto nervosismo. Três semanas vendo, esperando, sem saber se sua irmã morreria na pista o haviam esgotado. Ele precisava de uma distração que não fosse a Reichssender, por isso tinha ido na hora mais solitária ao lugar mais solitário, onde apenas os corvos poderiam vê-lo. Onde apenas os mortos poderiam ouvi-lo...

Embora não fosse 2 de maio, Felix manteve outra tradição de sua vigília anual: a conversa. Sentou ao lado da lápide e falou com seu irmão sobre os Wolfe e o ano que haviam tido. A tristeza de *Mama* — um dia após o outro de porta fechada — e as longas horas antes do Tour do Eixo na garagem com *Papa*, que não conseguia mais segurar uma chave inglesa como antigamente. Depois da partida de Adele, os dois haviam piorado. Eles nem olhavam para a

tela da televisão, por medo dos fantasmas do futuro, embora todo jantar *Papa* perguntasse sobre a colocação de Adele. Sua voz era baixa e seus olhos se enrugavam de orgulho.

Felix — diplomático e pisando em ovos, como sempre — passava aos pais uma versão fortemente editada. Deixava de fora a súbita queda do tempo de Adele na pista de Hanói a Shanghai. A vida arruinada e a perna amputada de Georg Rust *definitivamente* não foram mencionadas.

Ele guardara todas aquelas coisas para Martin.

— Ela está em algum lugar do Japão agora, atrás apenas do vencedor Löwe.

Tudo pode acontecer...

Felix precisava continuar conversando, se distraíndo, sem pensar naquilo. Mas o único Wolfe que podia falar sobre o assunto era ele próprio. E, como acontecia todo ano, quando Felix terminava sua história, nunca sabia o que dizer. Imaginava que, se Martin realmente pudesse ouvir (de alguma forma, em algum lugar), então já devia saber de tudo.

Nesse caso, inclusive, era provável que estivesse vendo Adele naquele instante. Vendo tudo o que Felix não podia ver.

— Cuide dela. — Aquele não era o trabalho dos mortos, mas Felix fez o pedido mesmo assim. Suas palavras subiram ao ar, ao céu, ao nada.

Nem mesmo o vento respondeu.

II

A primavera no Japão era esplêndida. Os céus claros e sem nuvens, as estradas cercadas por cerejeiras em flor, pétalas cor-de-rosa e brancas cobrindo o pavimento como neve.

O Tour do Eixo de 1955 marcou a quarta passagem de Luka Löwe por aquele trecho de asfalto. Mas era a primeira vez que ele prestava atenção na beleza das árvores. Talvez porque estava um pouco mais lento do que de costume, mantendo o ritmo com o corredor atrás dele.

Felix Wolfe. Era como o resto dos competidores (e as autoridades e a Reichssender) o conheciam. Mas, como Luka havia descoberto tão abruptamente num banheiro no posto de controle de Roma, se tratava de uma mulher. Seu nome verdadeiro era Adele, um nome lindo. Deslizava pela língua com facilidade. Luka adorava repeti-lo. Na maior parte do tempo, não podia, por causa do segredo que ele jurou guardar, mas à noite, quando estavam só os dois acampados sob as estrelas, o garoto o repetia com a maior frequência possível: *Adeleadeleadele*. Até sua língua se cansar e o som perder todo o sentido.

Mas continuava lindo.

Um nome lindo. Uma garota linda. Um mundo lindo repleto de cerejeiras.

Luka não estava pilotando tão rápido quanto nos anos anteriores, mas algo dentro dele parecia alçar voo. A alegria de ganhar uma bicicleta vermelha multiplicada por dez. Desde que havia descoberto o segredo de Adele e concordado em guardá-lo, desde que tinha feito uma aliança com ela, aquele sentimento vinha crescendo. Subindo, subindo, subindo, a ponto de explodir.

Não tinha como não o sentir. Ele tentou de tudo para não demonstrar, mas era quase impossível conter a contração de sua boca — sorrisos que apareciam só de pensar em Adele. No entanto, sempre que Luka sentava diante das câmeras da Reichssender, imaginava seu pai vendo. E controlava ao máximo seus sorrisos filmados.

Não havia câmeras naquele trecho da estrada. Quase não havia corredores também. (A maioria tinha parado mais de uma hora antes.) Nada o impedia de sorrir de orelha a orelha como um bêbado desajeitado enquanto pilotava ao lado daquela garota, que era tão diferente de qualquer *Fräulein* que ele havia conhecido em Hamburgo.

Adele acelerou apenas o bastante para avançar alguns metros à frente, com uma mão apontando para o acostamento, então diminuiu a velocidade da Zündapp até estacionar numa paisagem de conto de fada com flores de cerejeira caídas.

Luka não precisava parar, mas algo bem no fundo dele queria. Estavam nos arredores de Osaka, a pouco mais de quinhentos quilômetros da linha de chegada — a horas de distância

depois de semanas de corrida. Ele estava tão à frente dos outros corredores que um pit stop rápido não faria mal. Até mesmo Adele estava uns bons dez minutos atrás dele no tempo acumulado. Luka teria que se separar dela em breve, avançando apenas o bastante para garantir que sua chegada em Tóquio fosse triunfante.

Tudo mudaria depois que ele vencesse. A Reichssender não sairia de cima dele e Adele Wolfe seria obrigada a voltar em silêncio para sua vida em Frankfurt. Poderia levar semanas, meses até ele voltar a vê-la, por isso Luka decidiu parar.

Ele estacionou sua Zündapp a apenas um metro da estrada, tirando o capacete e esticando as pernas. Adele alongou seu corpo esbelto ao sair da motocicleta, tirou o capacete e balançou seu cabelo curto à moda da Juventude Hitlerista. Luka não podia deixar de encará-la (a constatação de como ela era linda o atingira) e se perguntar como podia ter pensado que aquelas bochechas atrevidas e aquelas sobrancelhas como uma cauda de cometa pertenciam a um garoto.

Adele o notou encarando e sorriu sob os óculos de corrida. Aquele sorriso era contagioso. Luka não pôde deixar de retribuir.

— Quis parar para sentir o cheiro das flores de cerejeira? — ele perguntou.

— São lindas. — Ela esticou a mão enluvada até o galho mais próximo, pegando uma. Suas pétalas balançaram enquanto ela a levava ao nariz e inspirava. — Mas não têm muito cheiro.

Luka observou a flor, tão próxima ao lábio dela, e desejou estar no lugar daquelas pétalas...

Adele expirou com força, o que fez a flor cair no chão.

— Você ainda tem um pouco de carne seca? Só tenho umas barras de proteína.

Luka sabia que tinha em algum lugar no fundo de seu cesto. Ele se virou para abri-lo.

— Estou precisando de um pouco de energia para chegar até Tóquio — Adele explicou.

Tóquio. Se Luka fechasse os olhos, conseguiria sentir a multidão gritando, o asfalto liso, o movimento das rodas de sua Zündapp quando atravessasse a linha de chegada, repetindo o triunfo de 1953.

Luka Löwe. Duplo vencedor. Herói do Terceiro Reich. Resistente como couro, duro como aço. Digno.

Ele estava tão ocupado imaginando aquela cena enquanto revirava suas coisas em busca do pacote de carne seca que não ouviu os passos atrás de si — BAM. DOR. Borrããããã.

PRETO.

Quando acordou, os galhos de cerejeira giravam sobre sua cabeça, uma névoa rosa sem vento. Sua têmpora latejava. Ele levou a mão à nuca e sentiu um ardor que o fez soltar uma série de palavras inapropriadas. Seus dedos voltaram com gotas vermelhas.

Ele não sabia que sua cabeça poderia doer tanto.

Quando finalmente levantou, os giros acima dele passaram para seu estômago. E voltaram a subir. Ele ainda estava limpando o vômito da boca quando começou a procurar por Adele. (Ela estaria bem? Também tinha sido atacada?) Não havia nenhuma *Fräulein* atrás dele. Nenhuma motocicleta também. Apenas as flores delicadas, esmagadas pela trilha de pneus. Luka permaneceu imóvel por alguns minutos, observando o vazio da estrada. Tentando não se mexer. Tentando não vomitar de novo.

Ele não sabia que seu coração poderia doer tanto.

III

Yael estava agachada no sótão do celeiro, com o corpo pressionado contra um fardo de palha. Tinha uma faca na mão. Permanecia imóvel enquanto observava seu alvo: Fedora de feltro e sobretudo preto. Havia uma queda de cinco metros e um salto de dois metros entre eles. O bastante para testar seus músculos enrijecidos. Ela se aproximou o mais silenciosamente que pôde da beirada, com a ponta lâmina para baixo.

SEJA SILENCIOSA SEJA RÁPIDA SEJA EXCEPCIONAL.

Yael pulou.

Era um salto completo, força e distância calculadas com precisão. Pousou a uma respiração da cauda do casaco, com os joelhos abertos e impiedosos. A faca continuou se movendo enquanto o resto de seu corpo parava, e ela a cravou fundo no tecido. Uma, duas, três punhaladas rápidas nos órgãos vitais do alvo: rim, fígado, coração.

O boneco caiu de cara no chão. Tripas de palha escaparam pelos buracos que ela tinha feito. Yael deu um chute forte e rápido no intestino dele, então olhou para Vlad. Seu treinador estava encostado na baia das vacas, com os braços cruzados. Sua expressão estava dura como ele havia ensinado a dela a ficar.

— Foi um bom salto — ele grunhiu. — Você acertou todos os pontos certos. Tecnicamente impecável.

— Mas? — Yael pôde sentir a palavra vindo na brevidade das sentenças dele e em sua postura, então decidiu adiantá-la.

Vlad deu um passo à frente.

— Palha é palha. Sangue é outra história.

Ela embainhou a faca e olhou para o boneco, tentando imaginar a outra história espalhando-se a seus pés.

— Acha que vou travar? Já vi sangue antes.

(Sangue, sangue demais. Rios, inundações e mares de sangue.)

— Eu *sei* que vai. — A voz do seu treinador ficou mais suave.

— Não vou hesitar quando chegar a hora. — Os olhos de Yael se demoraram no emblema da suástica que Vlad havia fixado no casaco do boneco. — Você me treinou bem demais para isso.

E era verdade. Vlad tinha se tornado um mestre na arte da morte no decorrer de duas guerras e três décadas de dois governos diferentes. Durante os três anos de Yael na fazenda, o ex-agente havia ensinado tudo o que sabia sobre o ofício. Atirar, esfaquear, estrangular. A última

coisa que a garota esperava que ele dissesse era:

— Não fique tão ansiosa. Não é fácil matar uma pessoa.

— Os nacional-socialistas não veem problema nenhum nisso — Yael disse, o tom de voz endurecido pelos pensamentos sangrentos. Aqueles em que ela tentara, esforçara-se tanto, não se afundar. Aqueles que, mesmo assim, sempre voltavam.

— Você realmente quer ser como eles?

A pergunta de Vlad doeu tanto quanto os golpes que ele havia lhe infligido nas primeiras sessões de combate corpo a corpo. Yael precisou de todo o seu treinamento para não estremecer, não se arrepiar, não gritar com seu treinador por perguntar algo daquele tipo. Por pensar algo daquele tipo.

Como eles. Ela não era como eles. Nunca seria como eles. Não era aquele o motivo pelo qual havia números em seu braço? Pelo qual estava lutando?

Yael apontou para o boneco.

— Então por que me ensina tudo isso?

A luz do fim da manhã que penetrava pelos buracos nas paredes do celeiro revelou as falhas e escarpas do rosto de Vlad enquanto ele ajoelhava para reerguer o boneco.

— Por que esta terra é governada pelos nacional-socialistas. E você, Yael, não nasceu para ser uma ovelha.

Aquilo ela sabia. Sabia desde que tinha aberto a enciclopédia de Henryka e lido sobre as valquírias. Donzelas com escudos e asas. Guerreiras poderosas que não morriam, mas eram portadoras da morte. Que paravam em meio à fumaça e à destruição das batalhas humanas para separar os vivos dos condenados.

Yael queria ser como elas.

— Você é uma das minhas melhores alunas e vai ser uma agente ainda melhor. Só estou dizendo isso porque queria que meu treinador tivesse me falado o mesmo. Viver pela espada tem seu preço. De um jeito ou de outro. — O olho bom de Vlad se estreitou; sua órbita ocular vazia (a cicatriz de que ele nunca falava) também se contorceu. — Todas essas habilidades que ensinei são fardos. Não presentes. Tirar uma vida também tira algo seu. Quando decidir matar, tome cuidado para que seja pelos motivos certos. Tome cuidado para que consiga viver com a decisão.

Yael não sabia o que dizer, então apenas assentiu. Vlad retribuiu o aceno e apontou para o sótão do celeiro.

— De novo.

Sabedoria transmitida. Peso somado à morte. Era aquilo.

Deveria ter sido aquilo. Mas as palavras continuaram ecoando em Yael. Salto após salto. Facada após facada. Permaneceram com ela em suas tarefas noturnas, no pão com guisado do jantar. Permaneceram diante dela quando não conseguia dormir em seu beliche, cuidando dos hematomas e músculos ardendo após um dia de treinamento.

Tirar uma vida também tira algo seu.

Você realmente quer ser como eles?

Mas as palavras de Vlad não eram as únicas de vigília. Havia outras mais pesadas. Ditas

pelos mortos, por um garoto que havia dormido naquele mesmo beliche.

Alguém precisa fazer isso. Tomar uma atitude e mudar as coisas. Matar o desgraçado.

Ela tinha ido para a fazenda para aprender sobre vida/ facas/ balas/ morte por causa do que Aaron-Klaus tinha dito. Seu amigo, seu mártir, estava certo. De que outro jeito aquele reino terrível de morte cairia, a menos que alguém tomasse uma atitude? Botasse um fim nele?

Mas Vlad também estava certo. A morte não era sua aliada. Yael precisava de regras para se diferenciar dos nacional-socialistas. Diretrizes que a mantivessem como uma valquíria.

Ela passou algumas horas acordada (Yael sabia que pagaria por aquilo durante a corrida matinal), mas finalmente traçou um plano.

- Nenhum inocente.
- Aqueles que tentassem detê-la seriam detidos.
- Aqueles que tivessem informações de que precisava e que se recusassem a fornecê-las seriam feridos.

Todos com que ela se defrontasse seriam avaliados segundo aquelas regras. Todos menos um. Pois Yael já sabia que, quando ficasse cara a cara com o Führer, ia matá-lo.

Era uma escolha com a qual conseguia viver.

PARTE III
TERRA DE CINZAS

— Documentos, por favor.

O *Schütze* da ss que bateu na janela e estendeu a mão não pareceu especialmente desconfiado. Por que estaria? Duas pequenas loiras numa caminhonete carregada de batatas era a coisa menos ameaçadora que ele tinha visto em toda a semana.

Yael sabia que a situação delas poderia mudar a qualquer momento. Bastava uma palavra errada, um gemido alto demais de Felix, um deslize da manga, uma falha na maquiagem e tudo poderia vir abaixo. Ela tomou cuidado para *CONTINUAR SORRINDO MOVER-SE DEVAGAR* enquanto abaixava o vidro e pegava os documentos dentro da blusa, tocando o metal frio da TT-33.

— Claro.

Havia outro *Schütze* da ss na janela de Miriam, folheando os documentos dela. Outros dois patrulhavam o bloqueio de trânsito. Yael conseguia ver mais um pelo retrovisor, rodeando a carroceria. Ele já tinha aberto um dos sacos de batata e estava perfurando o restante com a faca. Dava para ouvir os sons doentios e agudos de facada a facada.

O homem que lia os documentos falsos de Yael franziu a testa. Por um momento, ela teve medo de que tivesse dado o conjunto errado (rosto errado, nome errado, naturalidade errada, tudo errado, errado, errado), mas ele só disse:

— Tem muitas batalhas acontecendo ainda. Não é seguro para duas jovens *Fräuleins* viajarem sozinhas...

— Não viemos de longe.

Não era a primeira nem a maior mentira de Yael, mas ainda assim era uma mentira. Os números no hodômetro haviam se alterado quase três mil vezes desde que tinham partido. Quase setenta e cinco horas haviam se passado em um trajeto constante, com Yael e Miriam se alternando na direção. Sempre em frente, quase sem dormir. Tampouco era fácil para Felix e Luka. Os garotos sofriam quase tantos trancos quanto as batatas. A viagem deveria ter sido mais rápida — em circunstâncias normais, o trajeto não teria durado mais de dois dias.

Mas nada naquela jornada era normal. Estradas secundárias de lama, fileiras de refugiados, inúmeros desvios, batalhas se desenrolando... Com as instruções de Henryka, o mapa de Miriam e um pouco de sorte, elas tinham conseguido evitar as cidades maiores, onde balas ainda eram disparadas. Algumas das cidades menores eram inevitáveis, a maioria envolta pelo mesmo caos que havia caído sobre Molotov: prédios incendiados, fumaça enevoando as ruas, ruína reinando. Os resultados variavam. Em algumas, os combatentes da resistência ajudavam

o veículo a passar entre estandartes de suástica em chamas. Em outras, elas eram detidas com um “Pare!” e um “*Heil Hitler!*”.

Posto de controle após posto de controle, mentira após mentira, elas foram saindo dos territórios moscovitas e entrando nas profundezas do Reich central, onde a ss lutava para manter certa imagem de ordem.

Ali, a descoberta significaria morte.

— Essas estradas são perigosas — disse o soldado do lado de Yael. — A maioria das revoltas foi suprimida, mas ainda há alguns combatentes. Ontem mesmo uma unidade sofreu uma emboscada a menos de vinte quilômetros daqui.

Então a resistência não estava completamente eliminada por ali. Continuava lutando, apesar dos relatos pessimistas que Henryka havia recebido sobre a região. Aquele pensamento tornou o sorriso de Yael um pouco menos difícil de manter.

— Vocês não são da Alemanha, são? — O *Schütze* da ss indicou com o queixo a fila de veículos atrás deles, muitos apinhados de famílias com suas posses terrenas: pilhas e pilhas de malas pesadas com suas heranças. Um carro tinha uma gaiola com frangos vivos encostada à janela traseira. — Muita gente dos territórios está fugindo para a capital, achando que é seguro. Mas, pelo que eu ouvi, é como na Batalha de Moscou. Há combates de rua ferozes. É melhor evitar isso tudo.

— Não vamos ficar muito tempo na estrada — Yael respondeu, o que era verdade. O abrigo que Henryka havia indicado ficava a menos de uma hora de distância. A fazenda serviria como base para a primeira parte da missão. Seria um lugar para os garotos se esconderem enquanto Miriam e Yael... completavam o pit stop.

— Estamos transportando batatas para meu tio — Yael repetiu a história que contara nos últimos dez postos de controle. — Os preços estão altos, porque o combate atrasou os carregamentos.

A testa do *Schütze* da ss continuou franzida. Yael apertou o volante, continuou sorrindo e lutou contra o medo crescente de que algo estivesse prestes a dar errado.

Miriam se aproximou. Ela era tão habilidosa quanto a amiga em representar o papel de *Reichling* inocente. Sua longa trança loira tocou o câmbio. Seus cílios igualmente loiros, mas nem de perto tão longos, tremularam.

— Se puder nos indicar onde podemos comprar um pouco de combustível, ficaríamos muito agradecidas.

O soldado fechou os documentos falsos de Yael e os devolveu pela janela.

Ele ia deixá-las passar.

Yael sempre ficava assustada quando percebia que sairia impune com suas mentiras. O motor da caminhonete tremeu enquanto guardava os documentos. Ele andava fazendo muito aquilo ultimamente. (Mais de três mil quilômetros era pedir demais de uma máquina de vinte anos.) O homem da ss tinha acabado de dar as indicações quando o motor estalou e parou.

Tinha morrido.

O *Schütze* da ss apontou para o capô.

— Problemas no motor?

— É uma caminhonete velha — Yael disse. Ela conseguia ouvir seu próprio batimento nos tímpanos. — Acontece com frequência.

— Posso dar uma olhada se quiser.

Ter um ss mexendo no motor da caminhonete era a última coisa que Yael queria. A hora da morfina e dos antibióticos de Felix estava para chegar, e ela não conseguiria avisar Luka sem que o patrulheiro notasse. Com o motor desligado, o silêncio seria tão grande que o soldado ouviria até uma tosse, que dirá um grito.

Ela girou a chave com uma força desesperada. A ignição sacudiu e vários segundos agonizantes se passaram até ligar e se manter. O *Schütze* da ss fez sinal para que passassem pelo bloqueio.

VAI VAI VAI.

Mas a caminhonete não estava indo. O pé de Yael precisou pisar várias vezes no acelerador até ela finalmente seguir. A garota não sabia dizer se a dificuldade do motor se devia à rua de paralelepípedos ou ao motor debilitado.

Não morre. Não morre. Por favor, não morre. No silêncio de sua respiração, fina como uma corda de harpa, sua oração se erguia enquanto avançavam devagar pela cidade.

— Essa foi por pouco. — Miriam abriu a janela. — Imagina se não tivesse ligado?

Os olhos de Yael se voltaram para o retrovisor, observando os homens da ss a vigiarem. Seus uniformes pretos e suas medalhas prateadas iam se afastando devagar demais.

PERTO DEMAIS NÃO LONGE O BASTANTE.

A visão pelo para-brisas rachado não era muito mais tranquilizadora. Yael imaginou que a cidade poderia ter sido encantadora no passado, mas era impossível ter certeza. Suas casas de telhado empenado estavam lotadas de estandartes com suásticas. Pendurados de maneira ainda mais sinistra, havia corpos. Guerrilheiros com botas pendiam sobre as ruas, amarrados a todos os postes livres. Em sua maioria eram homens, mas também havia algumas mulheres. Corvos se apoiavam nos ombros caídos de alguns. Todos tinham a mesma placa escrita à mão em volta do pescoço inchado: *SOU UM TRAIADOR DO REICH.*

Yael tentou não contar os cadáveres, mas cinquenta e seis era um número grande demais para ignorar. Cinquenta e seis vidas, cinquenta e seis mortes. Cinquenta e seis placas feitas para tirar a esperança e a coragem de lutar.

Embora todas dissessem a mesma coisa, Yael leu o máximo que conseguiu. Cada declaração fazia seu pé pisar ainda mais fundo no acelerador.

ESPERANÇA ESPERANÇA LUTA VAI.

O motor continuou tossindo e voltando a cada nova injeção de combustível enquanto atravessavam lentamente as ruas mórbidas. Por fim, conseguiram chegar ao outro lado da cidade, que prometia ser uma zona rural silenciosa. Dentro de minutos, a paisagem da cidade voltou a se transformar em campos. As fazendas eram interrompidas por lagos e árvores, passando em tons de prata e verde conforme o ponteiro do velocímetro subia.

Aquele terreno era quase pacífico. Mas, por mais rápido que os pneus da caminhonete girassem com suas rodas corroídas, por mais que Yael abrisse a janela para deixar o ar primaveril invadir a cabine, a morte por que haviam passado ficou. Corrompendo suas narinas,

secando sua boca.

— Você realmente acha que esta caminhonete vai conseguir chegar até a Alemanha? — Miriam perguntou alguns quilômetros depois, quando o veículo voltou a estremecer. De alguma forma, Yael soube que sua velha amiga não estava se referindo ao motor.

“Esta caminhonete”: um monte de batatas esfaqueadas e inúteis + Luka + Felix.

Yael franziu a testa. Elas já tinham discutido e discutido aquilo.

— Vamos primeiro nos concentrar em chegar ao abrigo. Lá podemos dar um jeito em tudo.

Miriam insistiu:

— Só precisamos deixar os dois perto de uma das colônias. Podemos encontrar uma cidade com um hospital para Wolfe.

— Eles correm tanto perigo quanto nós. A SS os prendeu em Tóquio porque achou que tinham participado do atentado. Luka e Felix estavam sendo enviados para o Volksgerichtshof...

— Acha mesmo que o Volksgerichtshof executaria o duplo vencedor? — Miriam perguntou.

— Hitler executou milhares quando a primeira Operação Valquíria fracassou. Alguns membros de seus círculos mais próximos. Não há por que poupar um vencedor. Além do mais, Luka e Felix sabem do nosso plano. Se os largamos à beira da estrada, quanto tempo levaria para a SS arrancar deles à base de socos?

Com aquilo, Miriam se acalmou.

— Não deveríamos ter trazido os dois.

Yael queria que o cheiro de carne putrefata não fosse tão inesquecível. Queria não estar dirigindo em direção a outras centenas de corpos. Queria que não tivesse de ficar o tempo todo entre seu passado e seu presente, entre Miriam e os garotos.

Desejou que, pelo menos uma vez, sua vida pudesse ser minimamente normal.

— Me conta sobre seu apartamento em Novosibirsk. — Yael nunca tinha morado em um apartamento. Porões, sótãos de celeiro e barracões, sim. — Qual é a cor das paredes?

Era uma mudança de assunto abrupta, mas Miriam entendeu. (Claro que sim.)

— Eram brancas quando mudei, mas achei uma lata de tinta azul e pintei. É pequeno, tem um quarto só. Consegui um desconto porque fico no sétimo andar e não tem elevador no prédio. Tenho uma vista esplêndida da cidade e p-panturrilhas t-t-tonificadas...

Daquela vez, quando a sacudida do motor chegou ao auge e Yael bombeou uma rajada extra de combustível, ele não continuou. Em vez disso, foi morrendo até parar no meio da estrada de terra. Quando Yael girou a ignição, o motor resmungou, chiou e não pegou, não pegou, não pegou.

Daquela vez, ele havia morrido de verdade.

Luka estava lá pela carona.

Não era uma carona agradável.

Pausas para o banheiro (ou qualquer pausa, na verdade) eram um luxo no Expresso *Fräulein* e mijar num cantil vazio deitado de lado passando por estradas mais acidentadas do que pele marcada pela varíola não era nada fácil. O fato de *Herr Wolfe* estar ao alcance de sua língua não ajudava. O tempo todo encostado no ombro de Luka, soltando seu bafo irritantemente quente enquanto dormia o dia todo sob a influência da morfina. Luka ficou tentado a tomar a droga, só para escapar daquele tormento de sacolejos movidos a diesel, mas a quantidade de ampolas era limitada, e eles não podiam correr o risco de Felix soltar outro berro.

Ele não soltou. Mesmo quando o efeito da morfina passava e ele acordava, era um garoto quieto. Mas uma mesma pergunta era sussurrada toda vez: “Estamos perto?”.

“Mais perto”, Luka sempre respondia. Ele não fazia ideia de quão perto. O compartimento da caminhonete eliminava qualquer noção de tempo. Os espaços entre as tábuas de madeira eram largos o bastante para deixar o oxigênio entrar, mas os sacos de batata impediam que a luz passasse. As paradas para verificação de documentos estavam mais frequentes. Uma ou duas vezes, ele pensou ouvir tiros.

Eles estavam parados agora. O motor girava alto o bastante para acordar *Herr Wolfe*.

— Tem alguma coisa errada — ele murmurou. — Está ouvindo?

— Estou ouvindo você — Luka respondeu, fechando a cara na escuridão. — E, a menos que queira virar recompensa nas mãos de algum *Schütze* da ss, sugiro que fale o mín...

O motor parou. Luka parou junto.

Scheisse! Ele tentava prender a respiração enquanto ouvia a conversa entre as *Fräuleins* e o que imaginava que era algum patrulheiro. Foi rápida, e em seguida a caminhonete voltou a ligar.

— Isso não é bom — Felix murmurou quando o veículo voltou a andar. — Vai morrer de novo.

Verdammt se aquele mecânico não estava certo. Mas a profecia dele não se concretizou naquele momento — levou uma boa meia hora até o zumbido das marchas parar de novo. Daquela vez, não havia vozes. Apenas a agitação forte da ignição pegando, parando, morrendo de novo. Uma das portas se abriu com um rangido.

— Acha que conseguimos levar a caminhonete para o meio das árvores? Somos alvos fáceis aqui na estrada. — Aquela voz, aquela lógica, era de Yael.

— Não com todo o peso extra na traseira — Miriam retrucou.

Elas tiraram os sacos de batata em tempo recorde, abrindo as tábuas falsas do piso para que Luka pudesse finalmente, finalmente, inspirar um ar que não cheirasse a gasolina, mijo e sangue. Nenhuma delas mencionou o cheiro enquanto se agachava sobre a abertura. Havia trocado de rosto para parecerem garotas locais e as mangas de suas camisas eram longas o bastante para cobrir as tatuagens, mas Luka descobriu que, mesmo assim, conseguia diferenciá-las. Não era tanto a cor das blusas, mas seus olhos. Janelas para a alma, ele tinha ouvido certa vez. A alma de Yael não parecia odiá-lo com todas as forças. Mas não podia dizer o mesmo da de Miriam.

Foi Yael quem se agachou para tirar Luka do compartimento. Suas mãos se encostaram, os calos das palmas alinhadas. O toque passou calor para a pele de Luka, erguendo-o. Ele nutriu a sensação por um bom tempo depois que ela o soltou.

É mais do que nada então.

Luka enfiou a mão no bolso da jaqueta e observou ao redor. Eles obviamente não estavam mais nos territórios moscovitas. Os pinheiros comestíveis tinham ficado para trás, substituídos por uma estrada rural cercada por faias e tílias — folhas afinadas pela primavera. *Não é uma boa cobertura*, Luka pensou. *Por mais que tentemos.*

— Felix? — Yael se ajoelhou sobre a abertura da carroceria. — Consegue examinar o motor?

A única coisa de que o mecânico parecia capaz era de voltar a dormir. Luka tinha visto plantas mortas mais animadas. De algum modo, Felix encontrou forças para assentir e sair para a luz do dia com movimentos crispados.

A caminhonete era uma monstruosidade. Foram precisos todos eles (menos *Herr Wolfe*) para empurrá-la para fora da estrada, onde, com os giros de chave de Yael e o olhar de Felix, ela morreu mais uma dezena de mortes ruidosas.

— O motor não está recebendo combustível. — As palavras do mecânico eram especialmente lentas, lutando contra os opiatos em seu sistema. — Esse é o problema.

Yael saiu da cabine e foi se juntar ao resto do grupo.

— Alguma coisa errada com os tubos?

— Carburador sujo é meu melhor palpite. Precisaria tirar e limpar para ter certeza.

— É melhor você não pôr a mão no motor — Yael disse. — Eu faço isso, é só me explicar. Do que a gente precisa?

— Ferramentas. Tempo.

— Quanto tempo? — Miriam perguntou.

— Meio dia. — Felix franziu a testa. — Talvez mais.

Miriam olhou para Yael com o maxilar tenso.

— Não podemos perder metade de um dia. O abrigo deve ter ferramentas. Luka pode ajudar Felix a consertar a caminhonete enquanto cumprimos nossa tarefa.

— Faltam poucos quilômetros de estrada — Yael disse. — A caminhonete vai aguentar até lá?

— Não — respondeu Felix. — Mesmo se conseguirmos dar a partida, vai enguiçar de novo.

Não vamos conseguir avançar muito.

— Quantos poucos quilômetros? — perguntou Luka.

— Cinco. — Yael pensou por um momento, depois acrescentou: — Mais ou menos.

— Nenhuma cidade daqui até lá?

— Provavelmente não. — Seus olhos encontraram os dele. Estavam verdes agora. Vivos como as folhas de primavera à sua volta. — Por quê?

Luka deu um soquinho na caminhonete.

— Vamos empurrando.

Ele se arrependeu da sugestão. Amargamente. Suadamente.

Luka transpirava por lugares em que sequer imaginava que tinha poros. Novas bolhas importunaram seus calcanhares e sua sede ficava voraz. Um de seus consolos era que Yael estava ao seu lado. Com as mãos no para-choque e as mangas arregaçadas.

Era a primeira vez que ele via as tatuagens dela à luz do dia. Eram hipnotizantes. Cada lobo era único. Corria com uma marcha diferente. Um tinha as orelhas abaixadas. O outro rosnava. Luka podia ver que significavam algo, mas tinha medo demais para perguntar. Medo porque queria saber. Medo porque ainda havia algo grande e secreto entre eles.

Medo porque era mais do que nada.

Então continuou empurrando, canalizando todo o medo e a frustração das últimas semanas para seus ombros, empurrando tudo aquilo para a caminhonete. Várias vezes, passaram por carros cheios de famílias em fuga. Toda vez, Luka virava a cabeça na direção oposta e Yael puxava a manga até o punho, mas as pessoas mal olhavam para eles. Não paravam para oferecer ajuda. Tinham seus próprios problemas.

Eles levaram duas horas e meia para chegar à entrada da fazenda.

— É aqui! — Yael gritou para Felix, que estava guiando a cabine enquanto os outros três empurravam. — Vire aqui!

— Como você sabe? — Para Luka, o desvio parecia igual a todos pelos quais haviam passado reto. Coberto de cascalho, cercado por ervas sôfregas de abril, subindo um *verdammt* morro.

— Henryka me falou para procurar por aquilo. — Ela indicou com o queixo uma pilha de pedras no canto. Estavam empilhadas com um descuido cuidadoso, espalhadas o bastante para serem naturais, incomuns o bastante para avisar quem soubesse o que procurar. — Esta fazenda é um antigo porto para U-boats.

— Submarinos? — Luka não tinha energia suficiente para arquear a sobrancelha. — Não estamos um pouco longe do oceano?

— Judeus escondidos — Miriam respondeu.

Ah.

Com o fim à vista, Luka empurrou com ainda mais força. Suas escápulas eram asas ardentes

quando Felix apertou os freios. Não demorou para ele perceber que tinha algo errado. O pátio da fazenda estava silencioso demais — e havia aquele cheiro. *Scheisse* de couro úmido. Dedos cheios de pus. Praças centrais repletas de corpos.

Morte.

Yael se eriçou e soltou o para-choque, sacando uma arma sabe-se lá de onde. Miriam fez o mesmo e as duas avançaram para as laterais do veículo. Luka saltou para dentro da carroceria, pegando sua jaqueta e o revólver que ela guardava. (Não sua Luger, mas uma arma russa mais antiga, que parecia estranha em suas mãos.) Ele se agachou perto da cabine, esperando o primeiro tiro. O primeiro grito.

Não foi o que esperava.

— Tudo limpo!

Luka saltou para fora da carroceria. Vestiu a jaqueta. Manteve a arma junto ao corpo.

O odor estava vindo do pátio da frente, sob uma nuvem de moscas. Era um pastor-alemão — os membros rígidos, a pele empapada — envolto por ervas daninhas. Luka só se aventurou a se aproximar o bastante do animal putrefato para ver que tinha levado um tiro no crânio.

A casa era uma carcaça enorme. A porta principal pendia nas dobradiças como um dente de leite mole. Dentro, havia um caos de coisas quebradas. Porcelanas estilhaçadas. Prateleiras viradas. Colchões rasgados. Tábuas arrancadas. Luka não conseguia pisar em nenhum lugar sem esmagar vidros enquanto seguia a voz de Yael até o vestibulo.

— Este é o abrigo? — ele perguntou.

— Era. — Yael ajoelhou no chão, examinando um retrato de família que havia sido jogado ali. O pastor-alemão do pátio estava sentado no canto da fotografia. Havia uma família ao seu lado: pai, mãe, filho, filha, filho. Rostos emoldurados por vidro denteado.

— Aquele cachorro está morto há dias. — Yael colocou o retrato de volta onde o tinha encontrado. — A Gestapo foi embora faz tempo.

— Não é garantia de que não vão voltar. — Luka olhou pela janela, como se a polícia secreta estivesse subindo pela pista naquele mesmo instante e esperasse gabardinas e Luger traiçoeiras. Tudo o que viu foi a nuvem de mosquitos e Felix ainda sentado na cabine da caminhonete.

— Não é — Yael concordou. — Mas estamos a cem quilômetros da Alemanha. A SS e a Gestapo estão por toda parte. Esta fazenda é nossa melhor chance de esconder você e Felix enquanto eu e Miriam completamos a primeira parte da missão.

Qual era a primeira parte da missão? Luka sabia mais ou menos: campo de trabalhos forçados, médico, Experimento 85, troca de rostos, algo sobre Führers falsos. Mas nada que a imaginação dele conseguisse concatenar poderia explicar a expressão no rosto da *Fräulein*: medo real. Medo branco.

Ver aquele sentimento em alguém como Yael, com a dureza do aço e a resistência do couro, fez o estômago dele revirar.

— Quanto tempo exatamente essa viagem paralela de vocês vai durar?

— Fique no celeiro. Ajude Felix a consertar o motor. Se não voltarmos em vinte e quatro horas... — Yael não completou sua frase. Estava cercada por prateleiras destroçadas e retratos

de crianças desaparecidas.

— O que eu faço? — ele perguntou.

— Você é um sobrevivente. — Yael levantou. Suas palavras não eram cruéis, apenas afiadas. — Vai dar um jeito.

— Não quero. Quero dizer... — Luka parou. O que ele queria dizer?

Por que estava ali, naquele abrigo destruído?

A resposta estava bem à sua frente. Olhos verdes, cabelo cor de palha, rosto com formato de coração. Parte da maquiagem dela tinha saído com o suor da caminhada empurrando a caminhonete. Luka podia ver os prenúncios dos hematomas; o amarelo e o marrom-claro eram tudo o que restava dos golpes do *Standartenführer* da ss.

— Diga que vai voltar — ele pediu.

O lábio de Yael se contorceu.

— Está preocupado comigo?

Na verdade, sim. Era mais do que preocupação. A ideia de Yael não voltar era insuportável, e não por causa dos tubarões da ss e dos lobos na mata ao redor, mas porque a *Fräulein* estava fazendo seus músculos cardíacos *sentirem*. (Agora mesmo Luka queria estender a mão e passar os dedos na curva do maxilar dela, como quisera fazer aquela noite na cabana.)

— Só... me diga. Por favor. — Suas mãos pendiam, pesadas e temerosas demais, ao lado do corpo. — Preciso ouvir você dizer.

— Pensei que tudo de que o duplo vencedor Löwe precisava era de um cigarro. — Pareceu um teste, Yael estendendo cada sílaba num sussurro.

Será que sempre tinha sido assim?

Não atrás da loja de *Herr Kahler*. Quando dera seu primeiro trago (terrivelmente amargo), o Luka de onze anos só precisava ser ele mesmo. E todas aquelas noites com Adele, quando o ar em volta deles ficava coberto pela névoa de um cigarro atrás do outro e envolto por risos? Ele precisava ser ouvido, entendido, conhecido de uma forma que mil pôsteres de *Sieg heil* nunca poderiam fazer.

Os cigarros eram apenas muletas. Luka percebeu que fazia dias que não sentia falta de um trago. Talvez Baasch tivesse tirado seu vício. Ou talvez, apenas talvez, ele houvesse encontrado algo melhor.

Alguém melhor.

— Eu... — Luka começou a dizer quando Miriam surgiu no batente.

Ela ainda estava com a arma em punho e, embora usasse o mesmo conjunto de saia e blusa de Yael, parecia um soldado em todos os sentidos.

— O celeiro está vazio. Nenhum animal. É melhor levar a caminhonete para lá para os dois poderem começar a limpar o carburador. Temos que sair logo para chegar ao campo ao pôr do sol.

— Já vamos. — Yael acenou, depois voltou a olhar para Luka. — O que você ia dizer?

— Nada. — Pelo menos nada que ele pudesse admitir com a camarada Nome Estranho ouvindo. Nada que ele não pudesse dizer a Yael depois, quando estivessem a sós, porque ela ia voltar. Ela sempre voltava. (Os hematomas dela, o fato de Luka estar ali, eram prova daquilo.)

Ele virou ainda em chamas e foi em direção à caminhonete.
— Vamos acabar logo com isso.

A mão boa de Felix estava quase tão branca quanto a enfaixada enquanto ele apertava o volante, dirigindo para lugar nenhum. Ele encarava seu destino através do para-brisa coberto de lama.

Quando Yael explicou que parariam num abrigo a caminho da Germânia, a esperança do garoto cresceu um pouco mais. Era um brotinho minúsculo, mas ele se apegou àquela sensação mesmo assim. A ideia de que seus pais estavam vivos, ilesos, de que os veria em breve, de que nem tudo estava destruído (exceto talvez sua audição) era tentadora demais.

“Não aquele em que seus pais estão”, ela havia explicado depois de ver a expressão no rosto dele. “É só uma parada enquanto eu e Miriam buscamos informações sobre o Experimento 85. Você e Luka vão ficar seguros lá.”

Mas não havia nada de seguro naquela casa. O lugar estava em pedaços: dobradiças caídas, vigas lascadas, vidro por toda parte. Escuridão que não pertencia às sombras espalhadas pela grama alta, erguidas na forma de nuvens de moscas. Yael deu uma longa volta para evitar aquele ponto enquanto voltava à caminhonete.

— O que aconteceu aqui? — Felix sabia a resposta. Sabia, mas não queria que fosse verdade.

— Gestapo.

Alguns homens foram até nossa casa. Da Gestapo. Nos pegaram...

Ouvidos não mentem, tampouco olhos. As janelas da casa pareciam famintas por luz do sol: dentes de vidro quebrado e sombras indistintas. A casa tinha sido destripada.

Yael estava errada. Nenhum lugar era seguro. *Mama e Papa* não estavam seguros.

(*Se, se, se* já não estivessem mortos.)

— Vamos empurrar a caminhonete até o celeiro para que você e Luka possam consertar. Do que você precisa? — Yael perguntou.

— Supondo que seja o carburador, uma chave de fenda, um pano... — Só havia um item de que Felix realmente precisava, mas ele não podia listá-lo em voz alta. Tudo o que podia fazer era examinar a casa e torcer para que, em algum lugar de sua esqualidez, houvesse um telefone funcionando.

— Vou ver o que consigo encontrar — Yael disse a ele. — Se tudo correr bem, vamos voltar do campo por volta da meia-noite. Consegue resolver tudo até lá?

Ele conseguiria? O motor não era um grande problema. Mas o resto fazia Felix duvidar.

— Vou fazer o possível.

Suas intuições mecânicas se provaram certas: o carburador GAZ-AA estava entupido de sujeira, atrapalhando o fluxo do combustível. Com duas mãos funcionais e sua oficina mecânica, Felix teria conseguido fazer o motor voltar a rodar em poucas horas.

Mas seria preciso mais tempo ali.

Ele tinha recusado sua última dose de analgésico. Consertar um motor tendo apenas um *Arschloch* segurando uma chave de fenda enferrujada exigia a mente lúcida. Aquilo teve um preço: seus dedos ausentes latejavam enquanto ele tirava as atenções de Luka do radiador.

— Não é esse aí!

A chave de fenda que Yael encontrara no galpão do trator podia ser uma marreta pela maneira como o duplo vencedor a batia contra o motor. Indelicado ao extremo.

— Foi para este que você apontou.

— Isso é um radiador, não um carburador.

— Para mim parece tudo igual. — Luka fechou a cara.

Felix não entendia como as partes do motor poderiam parecer iguais quando eram tão diferentes. Ele fechou os olhos, com dor de cabeça.

— Como conseguiu passar por cinco Tours do Eixo sem aprender as peças básicas de um motor?

— É mais fácil consertar as coisas quando se tem uma frota de mecânicos atendendo todos os seus desejos.

Ao contrário de apenas um mecânico? Felix engoliu a pergunta. Se ficassem discutindo, não conseguiriam fazer nada.

Não que o progresso até então fosse extraordinário. Luka levou vinte minutos para entender o que era o carburador e como tirá-lo. Pela maneira como o vencedor manejava as ferramentas, Felix estimou que a tarefa levaria mais uns quinze minutos. No mínimo.

Normalmente, um trabalho tão demorado teria causado uma contração na têmpora de Felix. (Tanto tempo desperdiçado! Tantos parafusos espalhados no chão! Bah!), mas, daquela vez, achou oportuno. Fazia mais de uma hora que Yael e Miriam haviam saído a pé da fazenda. O trabalho de Luka com a chave de fenda dava a Felix a chance de procurar um telefone.

— Estão faltando algumas ferramentas — ele disse ao outro garoto. — Vou ver se consigo encontrar alguma na casa. Continue aí. Tente não explodir nada.

Os tinidos cessaram. Luka ergueu os olhos.

— Isso pode acontecer?

Na verdade, não. Mas aquele ruído estrondoso estava piorando a dor de cabeça de Felix. Ele se sentiu melhor ao deixá-lo para trás e atravessar a grama alta da fazenda. Graças aos dias de repouso e antibióticos, seus passos não estavam tão firmes desde... bom, desde Tóquio. Felix arrastou os pés o mais rápido que pôde ao passar pelas moscas no pátio da frente, bem como pela mangueira de jardim de que precisariam para tirar combustível do tanque do GAZ-AA a fim de limpar o carburador. (Ele tinha se esquecido de pedi-la, de tão preocupado que estava. Não tinha importância. Depois voltaria para buscá-la.)

O interior da casa estava pior do que havia imaginado. A maneira como estava destruída — com a fúria tão intencional da Gestapo — deu um impulso frenético à sua busca. Não havia telefone no vestíbulo, apenas pés de mesa quebrados e cacos de vidro que ameaçavam empalá-lo caso caísse. Felix se manteve perto da parede enquanto entrava na cozinha. Não havia nenhum telefone ali também, apenas uma abundância de moscas, frutas podres e uma gaveta de talheres arrancada de seus trilhos — prataria espalhada por toda parte.

Felix encontrou um telefone no corredor, intacto, com o cabo conectado. Parou e encarou o disco. A casa estava terrivelmente silenciosa ao seu redor, lembrando-o que o *Standartenführer* Baasch não era seu aliado. O oficial da ss não era o menor dos seus males. Era um homem com uma sola de ferro sobre sua família.

Por isso, Felix não sentiu culpa ao pegar o aparelho, apenas puro terror. Seu estômago reviveu aqueles quinze segundos aterrorizantes depois de saltar do avião: queda livre enquanto discava os números que Baasch havia lhe passado. Salvação, perdição, por Adele, por qualquer Wolfe restante...

Era uma ligação direta, sem intermediação de uma telefonista de voz doce. A pessoa que atendeu foi cortante. Brusca.

— Alô? Quem está falando?

— Desculpe. — Felix não fazia ideia do por que dissera aquilo. Começou a gaguejar. — E-eu preciso falar com o *Standartenführer* Baasch. Ele pode atender?

— Quem está falando? — a voz do outro lado da linha repetiu.

— Felix. Wolfe. Ele mandou eu ligar...

— Um momento.

Havia um relógio do outro lado do corredor. Seu vidro tinha sido quebrado e seus pesos tinham quase completado seu longo percurso de corda de oito dias, mas o pêndulo continuava balançando e os ponteiros giravam pelo quadrante de números graciosos. Felix observou seus movimentos, hipnotizado.

Pelo menos alguma coisa ainda funcionava.

Quando o *Standartenführer* da ss atendeu, não houve nenhum “Olá, como vai você?” ou coisa parecida. Apenas um chiado de respiração antes da pergunta:

— Você está em posição?

— Quero falar com meus pais. — Felix não se sentia tão forte quanto sua voz soava. — Não vou contar nada até ter certeza de que eles estão vivos.

Houve uma pausa. Longa o bastante para fazer Felix temer que Baasch desligaria o telefone na cara dele, cortando a ligação de vez. Mas o oficial da ss só resmungou:

— Seu pai está vivo. Mandeí que fosse transferido para a Alemanha assim que cheguei para... me dedicar mais pessoalmente ao interrogatório.

— E minha mãe?

— Você não seguiu os planos da missão — Baasch lembrou. — Isso tem consequências. Não posso dizer que ela não sofreu.

Caindo, caindo. Tudo dentro de Felix estava despencando. Seu coração doía. Tudo em que conseguia pensar era em *Mama*, diante da pia da cozinha, com cascas de batata grudadas no

punho enquanto cantarolava uma melodia inexistente. *Mama*, sempre tão paciente, tentando ensinar Adele a passar linha nas agulhas de tricô. *Mama*, que, mesmo nunca tendo sido a mesma desde 2 de maio de 1950, ainda sorria quando Felix lhe trazia sua xícara de chá à noite, andando devagar para não derramar o líquido escaldante no macacão.

Mama... morta.

— Não — Felix sussurrou, como se uma palavra pudesse tornar aquilo mentira. O que estava feito estava feito. O que estava quebrado nem sempre podia ser consertado. Especialmente quando havia morte envolvida.

— Mas seu pai ainda está entre nós. Acabam de trazê-lo aqui...

— Felix? Filho? — A voz de *Papa* de novo. Soava ainda mais partida do que antes. Cordas vocais sem lubrificação, despedaçadas de tristeza. — Fez o que eles pediram?

— Estou tentando, *Papa*. Estou a caminho da Germânia agora. Vou chegar em breve. Farei o que for preciso. Você vai ficar bem.

— Você precisa se apressar — seu pai disse com a voz rouca. — Esses homens...

Houve um ruído do outro lado da linha, do telefone sendo trocado de mãos.

De volta a Baasch:

— Preciso lembrar você, *Herr Wolfe*, que essa não é uma negociação. Está em posição?

— Ainda não... eu... pulamos cedo demais. Mas estamos a caminho. Vamos chegar à Germânia em um dia ou dois se os seus patrulheiros não nos pararem...

— Minha paciência está se esgotando. A do *Reichsführer* também. Se levar tempo demais, o acordo já era.

— Não! Não, por favor! — A mão boa de Felix apertou o fone. Os tendões estavam tão esgarçados que pareciam prestes a se romper. — Um dos líderes deles se chama Erwin Reiniger. Ele é um general...

— Não preciso de um nome só, *Herr Wolfe*. Preciso de todos. Cabeças na bandeja. A resistência precisa ser esmagada completamente para não ter chance de voltar a se erguer. Está vendo a hora? — Baasch não esperou pela resposta. — Lembre. Você tem trinta e seis horas para chegar à posição e entrar em contato comigo. Se não fizer isso, as vidas do seu pai e da sua irmã estão perdidas.

Felix estava mergulhando em direção à terra. Velocidade terminal: duzentos quilômetros por hora. Salvação, perdição, salvação, perdição. Ele faria qualquer coisa, diria qualquer coisa, para impedir aquilo.

— Eles têm um plano. Algo sobre um campo e buscar informações sobre o Experimento 85...

— *Herr Wolfe*? — A voz que interrompeu Felix daquela vez veio de fora do gancho metálico, acompanhada pelo crepitar/ tilintar/ quebrar das botas de Luka Löwe caminhando sobre os destroços do vestibulo. — Você está aí?

— Estou a caminho — Felix sussurrou para o gancho. Ele tinha acabado de pousar o aparelho quando o garoto entrou inadvertidamente no corredor. Havia uma grande mancha de graxa no nariz dele.

— Não explodi nada. Por enquanto — Luka acrescentou. — O que está procurando?

Náusea, choque e trinta e seis horas repousavam na ponta da língua de Felix. Sua mãe estava morta e o resto da sua família também estaria se ele não engolisse aquilo e mentisse.

— Preciso de uma escova de dentes.

— Entendo a importância da higiene, mas não acho que seja nossa prioridade agora...

— Vamos precisar para esfregar a cuba do carburador. É melhor que o pano que a gente tem.

Os olhos de Luka se estreitaram no corredor escuro.

— E você decidiu procurar aqui?

— Eu estava indo pro quarto. — Felix apontou para o relógio, prestes a bater cinco horas. Ele torceu para que realmente houvesse um quarto ali. — Andar não é exatamente meu forte agora.

Luka avançou pelo corredor, logo voltando com uma escova de dentes vermelha e gasta em mãos.

— Mais alguma coisa?

— Precisamos da mangueira do jardim — Felix disse, um pouco alto demais, tentando abafar as ameaças do *Standartenführer* da SS em sua cabeça. Elas continuaram gritando mesmo assim: TRINTA E SEIS HORAS contra sua ENXAQUECA. Debatendo-se como um homem sem paraquedas.

— Certo. — Luka colocou a escova atrás da orelha. — Vamos lá buscar. Quanto antes a gente fizer a caminhonete funcionar, melhor.

Felix concordava plenamente.

Anoitecer. Os holofotes se chocavam contra as sombras crescentes. A jornada de trabalho da morte estava chegando ao fim. Yael estava deitada de barriga para baixo numa floresta de pinheiros, com os olhos na estrada de cascalho que serpenteava ao longo do perímetro do campo. Onze anos antes, ela havia atravessado aquela trilha como Bernice Vogt, de mãos dadas com a enfermeira do dr. Geyer. Onze anos antes, tinha corrido para dentro daquela mesma floresta, com o coração esburacado.

Agora, Yael queria correr de novo. Mesmo depois de ter passado a maior parte da tarde empurrando a caminhonete e andando pela longa estrada até ali, suas pernas se contorciam no ritmo de sua voz ferrenha.

NÃO É SEGURO CORRA CONTINUE CORRENDO NÃO OLHE PRA TRÁS.

Mas ela precisava permanecer imóvel. Precisava olhar para trás.

Precisava ignorar os instintos que a tinham mantido viva tantas vezes.

De que outro jeito o mundo sobreviveria?

Houve um movimento na floresta atrás dela. A escuridão cortando a escuridão, materializando-se na forma de uma *Aufseherin*, uma guarda. A simples visão do uniforme, com casaco e saia de lã, quepe nada prático e águias por toda parte, fez as entranhas de Yael se revirarem, mesmo depois que Miriam disse:

— Sou eu.

Mesmo tendo se olhado no espelho inúmeras vezes e encontrado uma estranha, ainda era perturbador ver a mudança em sua amiga. Ela se perguntou se Miriam teria se sentido assim tantos anos antes, quando descobrira a jovem Yael usando o rosto da mãe morta.

— Sucesso? — perguntou, com a boca seca.

A única maneira de entrar no campo era através dos portões da frente. Para atravessar aquela trilha, elas precisavam de codinomes — e codinomes convincentes. Nomes e rostos que pertencessem a guardas de verdade. Fora aquilo que Miriam tinha ido buscar. Levara pouco menos de uma hora.

Ela assentiu e começou a tirar as roupas roubadas de dentro do casaco. Sapatos, quepe, grampos... todo o necessário para um segundo uniforme de *Aufseherin*.

— O bom é que esses casacos são largos.

O ar da noite beliscava a pele de Yael enquanto ela tirava a roupa de jovem do Lebensraum e vestia o uniforme de guarda. Trocando meia por meia. Saia por saia.

— Quem somos nós?

Miriam tirou um conjunto de documentos do bolso.

— Meu nome é Ingrid Wagner. O seu é Elsa Schwarz. Ela tinha esse rosto. *E essa voz.* — A laringe dela ficou fina e aguda, o rosto mudando no mesmo instante. Quando Yael abriu o livreto da mulher, encontrou exatamente o mesmo rosto a encarando, com bochechas destacadas. Olhos límpidos, tingidos de crueldade.

Normalmente, quando trocava de pele, tentava imaginar a vida da pessoa que estava usando, deixando que penetrasse em seus pensamentos e sua fala. Mas Elsa Schwarz não se encaixava. Tudo dentro de Yael se rebelava contra aquela mulher.

— Dá para ver meus hematomas? — ela perguntou depois que terminou a transformação. Tinha retocado a maquiagem antes da caminhada até ali, mas era um equilíbrio delicado: empoar o rosto o bastante para esconder a surra de Baasch, mas não demais que parecesse estranho.

— A maquiagem está ótima. — Miriam retomou o rosto de Ingrid enquanto ajeitava a gola de Yael e prendia o cabelo de Elsa do jeito certo. — Pressione os lábios um pouco mais. Deixe o olhar mais duro.

— Eu sei! — Yael retrucou. Nervos. Estavam à flor da pele. Suas entranhas pareciam iguais às cercas do campo: farpadas e eletrificadas. — Faço isso há mais tempo que você!

As mãos de Miriam pararam.

— Você não precisa fazer isso.

— Precisamos dessas informações. Se cometermos um erro e assassinarmos o homem errado de novo...

— Não. — Miriam engoliu em seco. — Estou falando de você, Yael.

O zumbido no estômago dela se interrompeu e saltitou.

— Você não me abandonou, Volchitsa. Eu fiz você ir. Você tinha seis anos. *Seis.* — Miriam cuspiu o número. — Deixei que partisse sozinha para enfrentar lobos muito maiores que você. Mentir para os guardas, mentir para o dr. Geyer... Mal consigo imaginar como deve ter sido assustador. Não vou pedir para enfrentar tudo aquilo de novo. Posso juntar as informações sozinha.

Esperar e observar entre os pinheiros. Deixar Miriam assumir. Deixar outra pessoa segurar a tocha por um tempo. Eram pensamentos estranhos, porque, durante muitos anos, Yael tinha sido a única capaz de fazer o impossível. Mudar as coisas era sua função, seu fardo. Seu, seu e apenas seu.

Mas ela não estava mais sozinha.

Yael fez que não.

— Vou com você.

— Tem certeza? — Era surreal ver tanta preocupação no rosto de uma *Aufseherin*. Tão Miriam. Sua irmã. Sua guia. Nenhum uniforme ou nariz aquilino poderia mudar aquilo.

— Dois pares de olhos são melhores do que um — Yael respondeu. — Assim como dois conjuntos de revólveres e facas. Vamos juntas.

Voltar a atravessar aqueles portões foi a coisa mais difícil que Yael já tinha feito. Nada no treinamento de Vlad a havia preparado para aquilo: retornar à beira do abismo, olhar e mergulhar nele.

Não havia tanta fumaça daquela vez. Saía lentamente das chaminés, contorcendo-se para o céu da noite com seus dedos fantasmas. O estoque de corpos para a máquina de morte havia diminuído. Com a virada da década, o Reich central tinha sido oficialmente declarado livre de judeus, mas não era apenas o povo de Yael que alimentava a fome das chamas do crematório. Ciganos, eslavos e outros grupos que Hitler designava como *Untermenschen* continuavam fazendo os vagões de trem correrem, embora aqueles carregamentos agora fossem raros. Segundo os documentos de Henryka, a maioria dos prisioneiros do campo naquele momento era ariana — homossexuais, prisioneiros políticos e suas famílias, qualquer pessoa que o Führer considerasse uma ameaça à Nova Ordem —, condenada a uma vida de trabalhos forçados. As fornalhas continuavam a receber seu fim mirrado, chamas antes crepitantes passaram a emitir um brilho fraco. Os guardas vigiavam tudo de suas torres lá no alto. Yael sentiu seus olhos e miras apontados em sua pele trocada. Marcando-a.

Miriam não hesitou quando o *Sturmmann* da ss no portão as cumprimentou, tampouco estremeceu quando os pastores-alemães rosnaram e tiveram suas coleiras puxadas.

CONTINUE ANDANDO CABEÇA ERGUIDA NÃO TENHA MEDO.

A voz de ferro finalmente havia mudado, determinada a fazer o melhor com a decisão de Yael.

ELES NÃO VEEM VOCÊ.

Ninguém deteve as duas *Aufseherinnen* para fazer perguntas. Elas atravessaram as portas balouçantes, passando pelos dentes dos cachorros com facilidade. Os guardas das torres voltaram o olhar para outro lugar. Em todo canto, Yael esperava ver o médico com seu casaco branco, branco. Os braços abertos, agulhas em mãos.

Mas o dr. Geyer não estava no primeiro canto. Nem no segundo. Não estava parado na larga via de acesso cercada por álamos perto do bloco médico. Não estava sentado nos degraus de pedra da enfermaria.

O corredor do bloco médico era menor do que Yael se lembrava. O lugar todo chegava a ser corrosivo de tanto alvejante, um cheiro que queimou seu estômago conforme passava pelo quarto que abrigava a maca de exame. Felizmente, aquela porta estava fechada.

As cortinas estavam fechadas sobre os vidros do corredor que davam para as salas de observação, e Yael não teve coragem de abri-las. Haveria alguma vítima lá dentro? Alguma criança do último carregamento, trazida especialmente para aquele campo pela vontade do dr. Geyer? Mesmo se houvesse, ela não poderia fazer nada para salvá-la. Não sem colocar a missão em risco. Se Yael olhasse seu rosto agora...

Os pensamentos de Miriam pareciam os mesmos — o passado adentrando o presente e sangrando no futuro, ensaiando aparecer nas arestas do rosto emprestado da *Aufseherin*. Sua mão não se ergueu para levantar as persianas. Ela continuou descendo o corredor.

A porta da sala do dr. Geyer estava trancada. Miriam ficou de vigia enquanto Yael tirava dois grampos do cabelo de Elsa e arrombava a fechadura. Seu coração bateu forte quando a

porta abriu, mas o Anjo da Morte não estava sentado à mesa. Não a recebeu de volta com seu sorriso com caninos pronunciados.

Yael soltou um longo suspiro. Elas tinham se planejado para as duas possibilidades: a presença e a ausência do médico. Arrancar as informações de que precisavam do dr. Geyer usando a dor ou vasculhar os documentos de sua sala à procura dos dados.

Yael ficou grata que — por enquanto — fosse a segunda opção.

Não havia viva alma naquele lugar, mas ele não estava abandonado. Uma pequena televisão ficava no canto. Havia uma tigela de balas na mesa, ao lado de um telefone preto. Gabinetes de metal cercavam as paredes, pilhas sobre pilhas de informações presas atrás de fechaduras. Estavam todas marcadas com etiquetas escritas à mão, experimentos aglomerados em grupos de dez.

Yael trancou a porta, fechou as cortinas e foi direto para o gabinete marcado como EXPERIMENTOS 80-90, usando seus grampos para arrombar a gaveta central. Encontrou uma série de envelopes pardos etiquetados com esmero. O sistema de catalogação do dr. Geyer era muito melhor que o de Henryka. Seus papéis estavam preenchidos de acordo com o número do experimento e ordenados por data.

Miriam os folheou, murmurando em voz alta:

— Oitenta e três, oitenta e quatro, oitenta e seis...

Onde deveriam estar os documentos do Experimento 85 havia uma transição direta do Horror 84 para a Selvageria 86. Yael abriu as outras gavetas do gabinete. Nenhuma continha nenhuma prova do Experimento 85.

— É impossível não ter nada — ela disse, examinando uma terceira vez. Não existia nenhum Experimento 85 naqueles arquivos.

— São documentos confidenciais. — Miriam fechou a gaveta central, que se fechou com um ruído. — Os apontamentos do dr. Geyer devem ter sido realocados.

Ou renomeados.

O Anjo da Morte tinha andado ocupado desde que elas tinham fugido. Os experimentos dele chegaram às centenas, com um número descomunal de gavetas etiquetadas. Yael estava começando a temer que nunca chegariam ao fim quando viram os gabinetes marcados com letras em vez de números.

PD.

Ela arrombou a gaveta de cima do primeiro gabinete. Assim como as outras, abrigava fileiras de envelopes pardos organizados cronologicamente. Quando Yael pegou o primeiro e o abriu, uma série de fotografias escorregou: uma dúzia de versões da mesma garota. Ela era jovem em todas as fotos, pequena demais para preencher o espaço negativo dos retratos. Seu olhar parecia feito de bronze e colidia com a câmera. A palidez se instalava mais a cada retrato, clareando seu cabelo e manchando sua pele. Apagando todas as marcas. Apenas seus ossos continuavam os mesmos.

Yael pegou a fotografia mais antiga, com olhos escuros e cabelo sombreado. Ela a virou para ver a inscrição no verso. Yael Reider. 121358ΔX. Pré-injeção.

Era ela.

Yael Reider. Uma menina perdida havia tantos anos. Alguém que não estava FALECIDA, ao

contrário do que afirmava o carimbo vermelho coagulado no verso do envelope pardo, mas vivíssima. Viva e ali, olhando pela primeira vez para como tinha sido.

Aposto que você tinha um cabelo castanho lindíssimo. Você parece o tipo de garota com cachos.

Henryka estava certa. A primeira foto tinha sido tirada antes do corte. O cabelo de Yael era castanho e longo, com espirais nas pontas que a polonesa chamaria de “maravilhosas”.

— É isto. — Yael colocou o retrato discretamente no bolso do casaco de *Aufseherin* e virou o envelope, mostrando a etiqueta. Experimento 85 tinha sido riscado, substituído por: Projeto Doppelgänger.

— Tem gavetas e gavetas sobre isso. — Miriam examinou todos os gabinetes PD com a respiração cortante. — Tanta coisa...

Ela estava certa. O próprio arquivo de Yael não era fino, e era apenas o começo. Papéis sobre papéis seguidos de papéis e mais papéis. Yael tentou não pensar em quantas vidas (em quantas mortes) eles simbolizavam enquanto tirava a pasta seguinte.

— Só pegue o que for importante.

— Tudo é importante. — A devastação transbordava na voz de Miriam. Yael conseguia ouvi-la porque sentia o mesmo. O oceano de desgraça sempre lá, por baixo de tudo. Envolto por correntes de fúria.

— Sim — Yael concordou, com um nó na garganta. — Mas agora precisamos de informações sobre os sócias do Führer.

Miriam não disse mais nada. Tirou a segunda pasta e começou a ler.

Anos espiando as informações da resistência de Henryka haviam treinado Yael na arte de folhear arquivos. Seus olhos passavam pelas palavras feito um chicote, o cérebro apanhando fatos que considerava importantes, armazenando-os para mais tarde.

De agosto de 1946: Modificações na fórmula após as autópsias do grupo de teste doze produziram uma taxa de sobrevivência de setenta e cinco por cento no grupo de teste treze.

Yael fechou aquela pasta e passou para a gaveta seguinte.

De dezembro de 1946: O interesse do Reichsführer Himmler pelo Experimento 85 aumentou desde a última apresentação. Ele concordou em repassar as descobertas para o Führer.

De junho de 1948: A taxa de sobrevivência continua acima de noventa e cinco por cento. O Führer aprovou o Projeto Doppelgänger. Os primeiros candidatos da ss devem chegar amanhã para as injeções. O Reichsführer Himmler me garantiu que apenas os homens mais aptos foram selecionados como parte desse destacamento.

Um destacamento da ss! É claro. Todos os guarda-costas de Hitler tinham postos de *Schutzstaffel*. Fazia sentido que seus sócias também pertencessem àquela força implacável.

Yael continuou folheando. A taxa de sobrevivência se mantivera firme. Dez homens da ss tinham passado com sucesso pelo “Tratamento Doppelgänger”, como o dr. Geyer o chamava. Foram mantidos sob estrita observação durante um ano — suas habilidades de mimetismo testadas e testadas e testadas — até serem liberados para retornar à Alemanha. Outros dez homens da ss foram enviados em seu lugar. No verão de 1949, o ciclo recomeçara. Injeções, observação, testagem e testagem e testagem...

Mas aquelas anotações eram de sete, oito anos antes. Yael precisava do quadro completo.

Quantos metamorfos da ss elas iam enfrentar? Setenta? Oitenta? Mais? Onde aqueles homens estavam posicionados?

Talvez fosse melhor pular para os documentos mais recentes. Pesquisar de trás para a frente...

Yael abriu a sexta gaveta. Pegou o último envelope pardo. A etiqueta a deixou sem ar: ss—Maskiertekommando des Führers.

Destacamento mascarado do Führer.

O arquivo começava com uma lista, composta por vinte soldados. Homens de todos os tipos sanguíneos (A, B, AB, O), mas todos de sangue “puro”. Aquelas cobaias haviam tido o direito de manter seus nomes, bem como suas patentes da ss. A maioria eram *Rottenführers* e *Unterscharführers*. Haviam sido acrescentados números ao fim da tatuagem obrigatória com o grupo sanguíneo: A1, A2, A3, B1, B2, B3, e assim por diante.

Havia um carimbo de FALECIDO com tinta fresca justapondo-se às informações de AB4. O ~~metamorfo anônimo~~ tinha um nome: Gustav Lohse, *Rottenführer* da ss.

Rottenführer. Os homens que entravam para a ss não tinham vidas inocentes, não morriam sem culpa. Gustav Lohse poderia ter sido um metamorfo, mas não era como Yael. Ela tinha sido fiel a seus princípios.

O sangue em suas mãos pareceu um tom mais claro enquanto entregava a lista para Miriam.

— Isto é um começo. Há um perfil de cada membro do destacamento.

As unhas de Miriam apertaram o documento. Ela o examinou.

— O dr. Geyer marcou todos.

— Ele tinha que fazer isso — Yael refletiu. — Senão, seria impossível distinguir o verdadeiro Führer dos metamorfos.

— Tatuagens no lado interno do bíceps esquerdo — Miriam leu. — Não é uma localização visível. Não posso dizer que estou gostando da ideia de rasgar a camisa de dezenove nacional-socialistas para encontrar o verdadeiro Führer.

Yael concordava. Tinham sobrado dezenove sócias. O número era ao mesmo tempo baixo (pela frequência das primeiras anotações do dr. Geyer, ela estava esperando algo quatro vezes maior) e terrivelmente alto. Dezenove homens poderiam usar o rosto de Hitler a qualquer momento... Quantos Yael e Miriam conseguiriam enfrentar discretamente até encontrar o verdadeiro Hitler e pôr um fim nele?

Seria possível assassinar o verdadeiro Führer?

Ainda havia tanto que elas não sabiam... Yael olhou todos os arquivos que tinha pulado em sua pressa para chegar ao fim e pensou em quantos outros segredos guardavam. Será que o *Maskiertekommando* de Hitler era o único? Até que ponto a fórmula teria evoluído? O metamorfismo ainda era o único efeito colateral ou o Anjo da Morte havia conseguido arrancar outras impossibilidades sinistras do corpo humano?

— Você já se perguntou como estaria se... — Yael continuou encarando os gabinetes abertos, pensando no primeiro rosto da garota Reider em seu bolso — ... tudo isso... não tivesse acontecido?

— Morta. — Miriam tirou os olhos da lista. — Por quê?

— Você não acha que... — Yael hesitou. Talvez o veneno que sentia dentro de si não tivesse saído das agulhas do dr. Geyer. Talvez estivesse sozinha naquilo...

— Que o quê?

— Que ele nos transformou em monstros? — Era a primeira vez que Yael tinha deixado o medo tomar forma em palavras. Sua voz nunca tinha soado tão baixa.

— Não importa quantas drogas o dr. Geyer injetou em nossas veias. Ele não nos criou. Fomos nós que nos criamos. Lutamos com garras e dentes pelo direito de viver. — Yael ansiava pela certeza que cobria as frases de Miriam. — Monstros abrem o corpo de crianças e chamam isso de progresso. Monstros matam grupos inteiros de pessoas sem pestanejar, mas ficam irritados quando têm que limpar as cinzas humanas dos morangos de seus jardins. Monstros veem as pessoas cometerem isso tudo e não fazem nada para impedir. Eu e você não somos monstros. Somos milagres.

Talvez Miriam estivesse certa. Talvez Luka também estivesse. Talvez um monstro não fosse feito de algumas gotas de sangue ou dos gritos febris de uma mãe (“É um monstro!”) ou dos sussurros de monstro, *monstre*, *Монстр* das mulheres amedrontadas do Barracão Sete. Talvez a morte de Katsuo na motocicleta tivesse sido mesmo um acidente. Talvez a morte do *Rottenführer* da ss Gustav Lohse pudesse ser perdoada...

Talvez ela fosse, *sim*, um milagre.

O milagre necessário para *mudar as coisas*.

Seu primeiro lobo sempre tinha visto aquilo. (“Você é especial. Você ainda vai mudar as coisas.”) Seu segundo lobo havia silenciado os murmúrios de monstro, *monstre*, *Монстр* até o fim. Seu terceiro lobo estava ali, dizendo aquilo para ela. Seu quarto lobo havia atirado em um metamorfo e ela sabia em seu coração que ele não era um monstro. Nem Vlad, o quinto lobo, mestre em matar.

Seus lobos a conheciam.

E agora Yael Reider estava começando a se conhecer.

O escritório se encheu de barulho — fulgurante e terrível. Não um alarme, mas o telefone. Tocando. Uma vez. Outra. Alto demais. Alguém ia ouvir, se já não tivesse ouvido. Yael estendeu a mão para arrancar o cabo da parede.

— Não! — Miriam a deteve. — Vai levantar suspeitas!

Yael olhou para a porta com um nó de pavor na garganta.

— Mas não podemos deixar tocando!

Um terceiro toque. Um quarto. A mão de Miriam ergueu o fone. Sua voz baixou oito oitavos, o mais próximo que suas cordas vocais limitadas conseguiam do timbre do dr. Geyer enquanto dizia:

— Alô?

Era raro o dr. Engel Geyer deixar o telefone tocar mais de uma vez, pensou o *Reichsführer* Heinrich Himmler enquanto mantinha o fone no ouvido. No entanto, concluiu que suas conversas não andavam sendo especialmente agradáveis nos últimos tempos. Nenhuma delas. Como poderiam ser, quando tudo o que haviam se esforçado tanto para alcançar estava sob ataque, erodindo território por território...

A cena do Baile da Vitória tinha deixado Himmler tão chocado e abalado quanto todos no Reich. Aquilo, junto com mais de uma dúzia de revoltas em todo o mapa, o fizera entrar em pânico, o que o tinha feito aprovar o plano de liberação e aprisionamento do *Standartenführer* Baasch. Um plano incrivelmente inútil e desnecessário, como Himmler veio a descobrir depois que o *Immelmann IV* pousara com três passageiros a menos. Ele não precisava de um mecânico de Frankfurt brincando de espionagem se tinha todo um destacamento de *doppelgangers* à sua disposição. Bom, não todo um destacamento agora. Houve a primeira morte em Tóquio e outro membro do *Maskiertekommando* tinha levado um tiro ao tentar atravessar o fronte. Três outros na mesma missão haviam conseguido atravessar as linhas inimigas, mas deixado de responder ao rádio.

O silêncio não era um bom sinal, tampouco as notícias do espião de Baasch.

Tu, tu, chamou o telefone. Himmler estava prestes a desligar quando o médico atendeu:

— Alô?

A voz de Geyer soou estranha, como se estivesse resfriado. Talvez fosse o caso, mas Himmler não tinha tempo para perguntar. Aquela não era uma ligação cordial.

— Dr. Geyer. Aqui é o *Reichsführer*. Sei que está tarde, mas tenho um assunto que exige sua atenção imediata. Fomos informados de que a resistência pode tentar acessar informações sobre o Projeto Doppelgänger. Isso não pode ser permitido em nenhuma circunstância. Alerta os guardas do perímetro para ficarem atentos a intrusos. Destrua tudo relacionado ao projeto. Documentos. Amostras da fórmula. Absolutamente tudo.

— Mas é o trabalho da minha vida...

— Existe muito mais em jogo do que o seu trabalho, dr. Geyer! Ou sua vida! — Pânico. De novo. Fazendo-o estourar. Himmler fez uma pausa. Inspirou e expirou até ter certeza de que conseguia voltar a falar sem gritar. — Aqueles arquivos contêm informações confidenciais. Se caírem nas mãos erradas...

A hesitação do médico escoou pelo telefone. O *Reichsführer* conseguia entendê-lo. A pesquisa e os resultados do Experimento 85 eram extraordinários, de fato o trabalho de uma

vida inteira. Mas nada valia o que aqueles documentos poderiam custar a eles.

— Quem informou você sobre essa possibilidade? — Tudo naquela pergunta de Geyer, desde as palavras e a vagueza da voz à falta de respeito, irritou Himmler. Toda a compaixão evaporou.

— Preciso lembrar você, dr. Geyer, de que foi o seu descuido que possibilitou a sobrevivência da prisioneira 121358ΔX? Essa confusão é culpa sua e, no momento, sou a única pessoa que está entre você e a ira do Führer. É melhor não me questionar. Destrua todas as evidências do Projeto Doppelgänger. Agora. Fui claro?

— Sim. Vou cuidar disso imediatamente.

— Sim. Vou cuidar disso imediatamente.

— Quem era? — Yael perguntou depois que Miriam desligou. A conversa havia durado menos de um minuto, mas o que quer que tivesse acontecido do outro lado da linha fora drástico. O rosto de Ingrid Wagner estava branco-ladrilho, branco-cadáver, repleto de raiva e medo incolor.

— Deixamos alguma coisa passar... — A voz de Miriam retornou ao normal, tão cerrada quanto seus dentes. Ela voltou aos arquivos.

— Do que você está falando?

— Tem algo aqui, algo importante. — A ordem meticulosa das gavetas PD veio abaixo enquanto Miriam começava a tirar envelopes, empilhando-os na mesa do médico. Era uma pilha aleatória, contendo alguns arquivos de cada gaveta: desde o começo de 1945 até os perfis do *Maskiertekommando*. Angústia resumida. — Precisamos levar o máximo que conseguirmos. Encontre alguma coisa que possamos usar para prender os documentos dentro do casaco. Rápido!

Yael precisava de mais informações, mas a urgência de Miriam era contagiosa. Ela vasculhou as outras gavetas do escritório e encontrou dois rolos de gaze.

— Isso deve servir.

Miriam já estava desabotoando o casaco, erguendo a blusa e enfiando o máximo possível de envelopes contra o tronco nu. O formato e o fato de que ficavam empilhados uns sobre os outros fizeram Yael pensar em explosivos. A quantidade de gaze usada para segurá-los só seria justificável para um paciente cirúrgico.

Yael fez seu corpo ficar mais magro para que coubessem mais papéis entre o algodão e as costelas. Elas conseguiram amarrar toda a pilha da mesa do dr. Geyer a seus corpos, mais alguns envelopes extras pegos por precaução. Miriam trancou as gavetas, todas um pouco mais vazias do que antes.

— Precisamos ir — Miriam disse. — Agora.

— O que você... — Yael ainda estava enfiando a blusa dentro da calça, mas a outra já estava na porta, espreitando o corredor vazio através das persianas. — Seu casaco nem está abotoado!

Os dedos de Miriam fecharam o uniforme da guarda. Os papéis escondidos se encreparam.

— Cuidado! Se você se mexer rápido demais, vai dar para ouvir — Yael comentou. — O que está acontecendo?

— As perguntas ficam para depois. — A camarada comandante Mnogolikiy estava de volta. (Em espírito, se não em rosto.) Vociferando ordens. — Precisamos sair do campo.

Miriam abriu a porta da sala antes que Yael pudesse discordar, adentrando o corredor a passos curtos. Yael foi atrás. Resmas escondidas farfalhavam contra sua caixa torácica enquanto as duas atravessavam o bloco médico, deixando as persianas cerradas e o cheiro de alvejante descorado para trás.

A noite tinha caído completamente agora, pesando sobre os galhos de choupo e as cercas de arame farpado. Os gemidos de sofrimento do barracão da infância de Yael haviam diminuído assim como a fumaça, reduzidos a ponto de o campo quase parecer silencioso. Aquilo tornava a pressa de Miriam ainda mais notável.

— Ande devagar! — Yael se esforçava para acompanhar o ritmo dela. — Se andar como uma presa, vai ser notada.

Era uma citação das muitas aulas de Vlad. Uma que havia ficado com Yael durante todos aqueles anos. Uma com que Miriam concordou. Seus passos ficaram mais lentos, embora Yael ainda conseguisse ver o latejar de alguma emoção (Raiva? Medo?) nas veias do pescoço de Ingrid Wagner.

Yael segurou a manga de Miriam e a puxou para que parasse.

— Falta pouco, mas você não pode atravessar os portões com essa cara. Respire.

Miriam fez o oposto. Deixou os pulmões vazios. Paralisados. As pupilas dilatadas se fixaram no caminho à frente. Yael virou e sentiu seus próprios pulmões pararem, vazios diante do que estava vendo.

O Anjo da Morte atravessava a luz do holofote, com o jaleco branco entrando e saindo das sombras. Assim como tudo no acampamento, os anos o haviam diminuído. Yael sabia que, obviamente, era porque ela havia crescido, mas a ideia de que algo dentro do dr. Geyer tinha encolhido ajudava.

CONTINUE RESPIRANDO.

No salão de baile, quando ela ficou cara a cara com o homem que pensava ser o Führer, a única emoção que havia sentido fora raiva. Mesmo cercada pelo inimigo por todos os lados, não tinha passado pela sua mente sentir medo.

Agora ela sentia. Aquele medo era diferente do que ela havia sentido depois da confissão de Luka na traseira do caminhão. Era um terror infantil. Arranhando seu estômago, subindo por sua garganta, exigindo ser sentido.

Os tijolos e granitos despedaçados reclamavam sob os sapatos do dr. Geyer enquanto ele andava. O olhar baixo. Os braços atrás das costas. Ele estava a apenas três passos quando notou as *Aufseherinnen* atrás do choupo.

NÃO OLHE EM SEUS OLHOS ELE VAI VER VOCÊ E VAI SABER.

— Boa noite, *Fräuleins*. — O médico sorriu e cumprimentou com a cabeça. Ainda havia um espaço entre seus dois dentes da frente. Yael se pegou caindo em velhos hábitos, fixando o olhar ali em vez de nos olhos dele.

Ele não me criou. Ele não me quebrou, Yael pensou para conseguir continuar respirando. Mas, com os arquivos amarrados tão firmemente a seu peito, tudo o que ela conseguiu dizer foi

“boa noite” antes de seus pulmões se amarrotarem.

Miriam não conseguiu fazer nem isso. Só o cumprimentou com a cabeça.

Ele não me criou.

CONTINUE RESPIRANDO.

Ele não me quebrou.

O dr. Geyer passou por elas sem dizer mais nada. Seu jaleco resplandeceu sob a luz de um segundo holofote, apagando-se na escuridão enquanto seguia em direção ao bloco médico.

Yael se deu conta de que estava indo para a sala dele. Haviam saído com tanta pressa... não deveriam ter deixado tudo exatamente como estivera antes. O médico notaria algo fora do lugar e um alarme seria dado.

Quando Miriam praticamente começou a correr, Yael fez o mesmo, ignorando o barulho dos papéis sob seu casaco de lã e se distanciando o máximo possível daquilo pelo que havia acabado de passar. Quando viram o portão, andaram mais devagar. Havia luz por toda parte, entalhando detalhes em vultos perversos. Os canos dos rifles dos guardas, as pontas das presas caninas, os gumes de arame farpado... tudo parecia mais afiado sob os holofotes. Esperando para espetá-la.

Eles não me criaram.

CONTINUE ANDANDO.

Eles não me quebraram.

Yael apagou todo o seu medo, mantendo a calma em todos os detalhes de Elsa Schwarz. Ela não olhou para Miriam para ver se estava fazendo o mesmo. Cumprimentou um dos guardas com a cabeça e entreabriu um sorriso.

Os portões se abriram.

Yael deu um passo, depois outro e mais outro, com os sapatos da *Aufseherin* afundando nos sulcos de pneus deixados pelos caminhões de carga. Aquela trilha a mantinha equilibrada: passando pelo *ofegar*, *ofegar* do hálito quente dos pastores-alemães, pelo *chiado*, *chiado* das linhas de metal carregadas. Mesmo quando as cercas elétricas e os dentes dos cães estavam passos atrás, Yael ainda sentia a impossibilidade da fuga. As presas da morte a seguindo, prontas para morder e engolir.

Mas a saída das *Aufseherinnen* foi tão fácil quanto a da enfermeira havia sido. Não houve comandos de “Pare!”, nenhuma chuva de balas das torres de guarda, apenas o clangor do portão sendo fechado atrás delas. Miriam, Yael e seus rostos de *Aufseherinnen* caminharam todo o caminho até a beira dos holofotes. Só lá Yael fechou seu meio sorriso. O vazio doloroso tomou seu lugar.

Quando estavam bem longe do campo de visão dos portões, voltaram a entrar na floresta até o ponto onde estavam escondidos seus documentos e suas roupas. Miriam tirou o uniforme de guarda até ficar apenas de envelopes e gaze, voltando a mudar seus traços para os da camponesa. Yael fez o mesmo, crispando-se contra a brisa que batia por entre as árvores. Cinzas antigas.

— Miriam? — ela perguntou. — O que aconteceu lá atrás?

— Estes arquivos são valiosos. — Ela estava montando pilhas de gravetos de pinheiro.

Montículos funerários para os trajes das *Aufseherinnen*. — Muito valiosos.

Yael tirou do bolso a fotografia de seu primeiro rosto antes de jogar o casaco com o restante das roupas. A imagem a chamava, pedia para ser examinada, mas ela a guardou no bolso da blusa com a tachinha, a boneca menor, a TT-33 e tudo o mais que carregava.

— Quem era ao telefone?

— Não importa — Miriam disse. — Precisamos levar estes documentos para a Alemanha.

— Precisamos voltar para o abrigo. Não vou...

— Deixar Luka e Felix. — Miriam parou de jogar vegetação na cova rasa e levantou. — Eu sei. Eu estava planejando buscar os dois.

— Estava? — Yael não conseguiu esconder a surpresa. Era a primeira vez que o assunto dos garotos surgia sem uma discussão.

Quando Miriam voltou a andar, as sombras da noite na floresta mudaram, todas pousando de repente no seu rosto, escuras e sinistras.

— Precisamos resolver isso.

Luka levava horas e vários palavrões, mas a caminhonete não soava mais como um cavalo asmático. Ele parou diante do motor aberto, ouvindo seu ronco por um longo minuto até Felix fazer um sinal de positivo da cabine.

— Já não era sem tempo. — Luka fechou o capô. — Como consegue fazer isso o dia todo?

— Normalmente não levo o dia todo. — Felix desligou o motor. Como leite esquecido, ele ficava mais e mais azedo. Estava na cara que Felix havia acordado do lado errado do compartimento secreto.

— Relaxa — Luka disse, embora estivesse longe de aceitar seu próprio conselho. Fazia tempo que havia escurecido e a patrulha *Fräulein* ainda não havia retornado. Faltava bastante para dar vinte e quatro horas, mas aquilo não impedia seus olhos de se voltarem de cinco em cinco minutos para a porta do celeiro. — Agora está tudo em ordem.

— Em ordem? — O rosto do mecânico estava voltando a recuperar um pouco de cor. Seu corpo devia estar compensando todo o sangue perdido. — Você acha que isso está em ordem?

— Não sei mais como chamar um motor ligado.

Felix saiu da cabine, apoiando a mão ferida na porta. Seus lábios se abriram em agonia. Luka imaginou que aquela quantidade de dor deixaria qualquer um rabugento. Ele tirou uma ampola de morfina reserva do bolso e arrancou a tampa com os dentes.

— Acho que alguém precisa de mais suquinho anestésico.

Surpreendentemente, Felix pegou a agulha sem discutir. Recostou-se no caminhão com os olhos fechados, soltando um suspiro gutural quando a morfina voltou a entrar em seu corpo. Seu cabelo, grudado na testa, era um esfregão de suor e sujeira.

Adele ficava igual quando tirava o capacete depois de longos dias na estrada e estendia a mão pedindo um cigarro. As bochechas dela tinham o mesmo vinco exausto.

— Não ataquei sua irmã, sabia? — Luka surpreendeu a si mesmo ao dizer aquilo. A opinião de Felix sobre ele tinha sido formada muito antes dos dois se conhecerem. Assim como a de Miriam e a da maioria das pessoas. — Só dei uns beijos nela. Vários, na verdade.

— Isso é quase pior — Felix resmungou.

Luka jogou a ampola vazia no chão.

— Juro para você que foi consensual.

A cara de leite azedo do mecânico estava de volta. Quando abriu os olhos, suas pupilas estavam contraídas como um alfinete, efeito da droga.

— Me poupe dos detalhes. Por favor.

Detalhes. Luka levou os dedos à nuca, tocando a cicatriz perolada. Ele nunca havia contado a ninguém. (Nem mesmo quando pediu a autoridades para usar um cabelo mais longo a fim de esconder a marca.) Não seria agora que ia contar.

— Adele sabe se virar. Ela vai ficar bem.

— Você me deu uma dose dupla? — Felix perguntou depois de um instante.

— Não. Por quê?

— A morfina deixa você menos *Arschloch*.

— Posso dizer o mesmo de você — Luka retrucou.

— Ah, lá vem você de novo. Deixa pra lá.

A porta do celeiro se abriu. Luka observou as *Fräuleins* entrarem: uma silenciosa, a outra mais ainda. Ambas pareciam mais pesadas... não apenas nos quilos granulados no suéter, mas no olhar. Yael estava à beira das lágrimas. Miriam parecia querer comer Luka vivo e usar os ossos dele para limpar os dentes.

— Encontraram o que estavam procurando? — ele perguntou, da maneira mais tranquila possível.

Yael assentiu.

— E mais. — O olhar fixo de Miriam ao falar valia um arsenal de mil adagas especialmente afiadas naquele momento.

Yael foi direto até Felix. Pegou sua mão ferida e a examinou antes de perguntar:

— Conseguiu consertar o caminhão?

— *Eu* consertei o caminhão. Muito obrigado. — Luka tirou a escova de dentes velha da orelha e a ergueu como um troféu de guerra. O objeto estava tão cheio de graxa que chegava a lembrar o bigode de Hitler. — Mas Felix ajudou um pouco — ele admitiu.

— Está funcionando — o mecânico disse. — Vai conseguir levar a gente para a Alemanha.

— Que bom. Vamos carregar...

— Não vamos partir ainda.

Todos pararam e olharam para Miriam. Ela estava com a mão embaixo da blusa, tirando punhados de gaze e envelopes. Jogou um depois do outro no chão do celeiro.

— Miriam, o que está fazendo?

Não era aquele o plano. Bastou olhar para o rosto de Yael para Luka perceber. Um frio incômodo estava começando a se instalar em sua barriga. Não havia nada de bom naqueles arquivos. Nada de bom no olhar fixo de Miriam. Os envelopes continuaram caindo, mas a segunda metamorfa não tirava Luka de vista.

— Deixamos passar alguma coisa. Pretendo descobrir o que é.

Yael observou a pilha de arquivos crescer, caindo sobre a palha.

— É perigoso aqui. Podemos organizar os documentos depois que chegarmos à Alemanha.

— Qualquer lugar é perigoso — Miriam respondeu. — Isso precisa ser resolvido agora.

O último envelope caiu sobre a pilha. Miriam agachou e começou a abri-los. Yael ficou de lado, parecendo exausta, sem fazer nada para impedi-la. Luka não conseguia tirar os olhos dos papéis enquanto Miriam os dispunha em pilhas organizadas.

O que ela empurrou para mais perto dele tinha uma fotografia fixada na capa. Uma garota de

sorriso assustado com uma estrela de seis pontas costurada na camisa.

O frio na barriga dele ficou cada vez mais intenso.

Luka já tinha visto uma estrela como aquela. Era uma de suas memórias mais antigas: ainda pequeno, andando nas calçadas de Hamburgo, viu um garoto mais velho com uma estrela costurada no casaco e quis uma igual. Quando pediu à mãe, ela brigou com ele. “Não é para pessoas como nós”, dissera.

Aquilo só fez Luka desejar ainda mais a estrela. Ele procurava as estrelas toda vez que sua mãe o levava para passear. Mas os pedaços amarelos de tecido foram ficando cada vez mais raros, até as estrelas desaparecerem por completo. Quando Luka perguntara à mãe aonde tinham ido, ela franzira a testa e dissera: “Longe”.

Longe fizera Luka imaginar terras distantes. Jornadas de barco para cidades com arranha-céus como Nova York ou as selvas acidentadas da América do Sul. Na escola, seus professores explicavam que a raça ariana precisava de espaço para crescer, por isso as populações *Untermenschen* do Lebensraum eram realocadas ou postas para trabalhar em campos de trabalhos forçados.

Ele acreditava.

Quase sempre.

Parte de Luka — uma parte que foi crescendo com a idade — sabia que aquilo não estava certo... Aquelas respostas eram polidas demais. Simples demais. Não preenchiam os vazios das cidades saarianas varridas de areia. Não falavam dos esqueletos emaranhados nos territórios moscovitas. Não diminuía os ventos que às vezes atravessam as ruas da infância de Luka, enchendo Hamburgo de um cheiro que queimava suas entranhas, um cheiro que sua mãe, seus professores e seus vizinhos faziam de tudo para ignorar.

Ignorância não era felicidade, mas era fácil. Muito mais que a alternativa...

Por que escolher ser despedido a sobreviver?

“Alguns de nós não têm essa escolha.” Aquela tinha sido a resposta de Yael na carroceria do caminhão. Era a verdade que se revelava para ele agora, espalhada sobre o chão do celeiro pela mão firme de Miriam. *Longe* não era uma metrópole em expansão nem os trópicos verdejantes. Não era nem mesmo uma vida de escravidão.

Longe era aquilo: páginas e páginas de vidas, mortes e angústia. Luka se pegou lendo informações brutais, inacreditáveis. Garranchos sobre substâncias químicas, injeções e níveis de pigmentos. Relatos diários sobre pressão arterial e temperaturas internas. Notas detalhadas sobre dissecações.

Havia mais retratos. Mais crianças. *Gottverdammt* crianças — algumas beirando a adolescência, outras que ainda nem tinham idade para ir à escola — fitavam a câmera, com olhos em tons escuros solenes, cabelos pretos e castanhos. As fotografias eram divididas em séries. Luka as folheou com uma sensação crescente de terror revirando seu estômago. Todo conjunto de retratos, toda criança terminava do mesmo jeito: um instantâneo *post-mortem* fixado a um relatório de autópsia. Todas tinham a mesma aparência assombrosa: pele calcária; olhos vazios, pálidos como água; cabelo da cor de nada; braço esquerdo nu com números tatuados.

Os números de Miriam. A palidez de Yael.

Tudo em que Luka conseguia pensar ao fitar aqueles arquivos era: *Não é possível*. Ninguém é capaz de suportar isso. Ninguém é capaz de fazer isso.

Mas tinha sido feito. E refeito e refeito e refeito. Era apenas uma fração do sofrimento, ele percebeu, enquanto fitava a enormidade de papéis. Havia outros escondidos sob as roupas de Yael. Mais ainda deixados no campo. E o crime em si... não o haviam chamado de Experimento 85? Havia oitenta e quatro experimentos antes daquele. E quantos depois?

— Isso... — Felix sentou no chão, parecendo tão pálido quanto os retratos. Ele balançava a cabeça. — Não pode ser verdade.

— Mas é. — Yael era a única em pé no celeiro. — É daí que vêm os metamorfos. Foi assim que Hitler enganou a morte tantas vezes.

— São crianças — o mecânico sussurrou.

— Sim. Éramos crianças. — Miriam estava agachada no meio dos arquivos. Sua voz era todo aquele sofrimento e muito mais, limitado por uma caixa vocal finita. — Crianças do *Untermenschen* do Terceiro Reich. Judeus, ciganos, poloneses, eslavos e muitos outros... A intenção de Hitler era nos eliminar da face da terra. Os nacional-socialistas assassinaram nações inteiras. Você é realmente tão ingênuo a ponto de pensar que a pouca idade faria diferença?

Felix cobriu o rosto com a mão boa.

Luka não conseguia desviar os olhos. Não mais.

Nações inteiras. Assassinadas.

Os olhos de Miriam se voltaram para ele.

— O que você vê, *Herr Löwe*?

Luka não entendeu o que ela estava perguntando, mas sabia a resposta. Via o que não teria como deixar de ver: o trabalho de demônios, executado pelas mãos de homens. Homens como as centenas de camisas-pardas repetindo *heil* na Grosser Platz, que olhavam para o Führer e mais nada. Homens como Kurt Löwe.

Os dentes de Luka pareciam apodrecer em sua boca. Bile. Uma névoa cercava seus olhos. Nem mesmo passar a manga na boca podia impedi-la de sair. *Nunca demonstre emoção*, veio o refrão ressonante, gritando através da neve de pensamentos. *Os jovens alemães têm de ser fortes*.

De que adiantava a força se era aquilo que ela fazia?

Miriam continuou perguntando, mudando as questões.

— O que deixamos de ver? Hum?

Deixamos de ver? Do que ela está falando?

Luka não estava preparado para o salto. Miriam era tão ágil e forte quanto seu antigo uniforme militar havia sugerido. Estava em cima dele em um segundo — papéis voando, faca tirada do nada pressionada contra sua garganta. Em qualquer outra situação, qualquer outro momento, Luka teria resistido. Mas ficou parado, com as costas no chão. Completamente em choque. Desejando que a podridão acre deixasse sua boca.

— O que você está fazendo, Miriam? — Yael gritou, mas aquilo não fez a pressão na laringe

de Luka diminuir. Ele tinha certeza de que, se engolissem em seco, sua pele ia se rasgar, espalhando bile, sangue e vida por toda parte. Luka não podia se dar ao luxo de nenhum milímetro de movimento, então continuou deitado, encarando os olhos de Miriam.

— O que você contou para eles? — Um rosnado. A lâmina afundou mais.

— P-para q-quem? — ele disse, rouco.

Os lábios de Miriam se curvaram. Ela tinha incisivos muito afiados.

— Você pode ter enganado Yael, mas meu coração não se deixa levar pelo seu charme.

— Isso está claro. — Assim que Luka abriu a boca, soube que estava falando algo idiota, cretino. *Scheisse*. Por que sempre tinha que dizer coisas idiotas e cretinas?

— Miriam! — Yael surgiu de repente no canto de sua visão. Tentava puxar a outra metamorfa para longe sem cortar a garganta de Luka no processo. — Sai de cima dele!

Miriam fechou a boca e olhou para Yael.

— Deixe que eu cuide disso.

— Disso o quê? — Yael perguntou.

O pulso de Luka bateu três vezes contra a lâmina antes de Miriam responder:

— A ss sabia que estávamos a caminho.

Outras duas batidas.

— Com quem você estava falando ao telefone?

— O *Reichsführer*. Ele mandou o dr. Geyer destruir todos os vestígios do Experimento 85. Estava assustado, Yael. Havia algo naquelas páginas... “Informações confidenciais”, ele disse. Confidenciais o bastante para que a ss preferisse eliminar a existência do Projeto Doppelgänger a deixar que seus arquivos caíssem nas mãos da resistência.

— É por isso que você quis trazer os arquivos — Yael sussurrou. — Mas... como Himmler soube da nossa missão?

— Ele disse que tinham sido informados. Precisamos saber o que mais vazou.

— O que faz você pensar que Luka contou para eles?

A risada de Miriam não tinha qualquer senso de humor.

— O que faz você pensar que não foi ele? Quantas mentiras *Herr Löwe* já contou para conseguir o que queria? Ele não traiu você só para vencer o Tour do Eixo e ganhar a aprovação do Führer?

Sua vingança contra Adele. Deus, tudo aquilo parecia tão cretino agora. Tão idiota e mesquinho.

— O vencedor Löwe é o herói do Reich e agora tem uma chance de salvar o Império. Uma oportunidade que você entregou de bandeja para ele.

— Não acho que seja isso — Yael disse.

— Você não pode confiar cegamente nesse garoto...

— Não confio cegamente nele.

— Precisamos de respostas — Miriam retrucou.

— Vamos conseguir respostas, mas Luka não pode falar com uma faca na garganta.

Quando Miriam afastou a arma, a lâmina estava molhada de sangue.

A garganta de Luka ardia. Seus dedos investigativos voltaram carmesins.

— Se eu quisesse me barbear...

Idiota. Cretino. Pare. Miriam não precisava de nenhum outro incentivo sarcástico.

Yael se posicionou entre os dois e encarou Luka nos olhos. Não havia amor (ou ódio?) nem gelo (ou fogo?) em seu olhar. Ela era ainda melhor em cortar as coisas do que ele. Yael estendeu a mão para sentir o pulso de Luka, com o toque mais pesado do que nunca em seu punho enquanto lançava seu próprio interrogatório.

— Qual é seu nome?

— Luka Löwe — ele conseguiu dizer apesar da laringe ferida.

— Quantos anos você tem?

— Dezesete.

— Contou à ss sobre nossa missão?

Luka balançou a cabeça.

— Não.

— Teve algum contato com o *Reichsführer* Himmler ou seus homens?

De novo:

— Não.

Yael manteve o olhar mais um segundo. Soltou o punho dele.

— Ele está falando a verdade.

— Você não tem como saber isso...

— Tenho, sim — Yael disse. — Encare seus olhos.

— Lágrimas são fáceis de fingir. — Foi só depois que Miriam disse isso que Luka percebeu que estava chorando. Lágrimas completas. Demais para uma manga de couro macio secar.

— As pupilas dele estão apertadas. Se estivesse mentindo, estariam arregaladas como as de uma coruja — Yael explicou. — O pulso dele está constante. Não tem nenhum dos indícios típicos de quando mente.

— Ele já enganou você uma vez.

O beijo a bordo do *Kaiten*.

— Sim. — Yael pigarreou. — Eu estava distraída.

Luka havia mentido muitas vezes na vida. Mas não estava mentindo agora.

Miriam não estava convencida. Sua mão continuava colada ao cabo da faca enquanto se voltava para Luka.

— Se não está aqui para conseguir informações, então qual é o motivo?

Luka não tinha nada a perder. Havia perdido seu sangue, suas defesas e suas respostas idiotas e cretinas.

— Por causa de Yael — ele respondeu.

As duas *Fräuleins* observaram suas pupilas. Ambas viram a verdade na contração delas.

Miriam embainhou a faca. Yael desviou o olhar.

Não era apenas o coração de Luka que doía. Ele conseguiu conter a náusea apenas por tempo suficiente para sair correndo do celeiro até o pátio. Escorou-se contra a parede desgastada enquanto o vômito vinha, vinha e vinha. Continuando até muito depois de esvaziar seu estômago.

Seu rosto era apenas lágrimas e bile amarga na barba. Luka limpou tudo com a manga da jaqueta, engasgando com o cheiro de *Scheisse* do couro molhado. Ou era o cachorro — ainda zumbindo putrefato a menos de dez metros — que tinha aquele cheiro? Tudo tinha o mesmo fedor.

Tudo estava morto.

Outra ânsia (seca, cheia de nada) tomou conta de Luka enquanto pegava a plaqueta de identificação em volta do pescoço. Seu sangue. *Quero ser igual a você, melhor/ mais forte/ mais.* Herói de guerra. Seguidor leal. Assassino. Ele puxou e continuou puxando, até a linha em chamas em sua nuca ficar igual à da frente do pescoço. Até as argolas estourarem, não tão fortes afinal.

De que adianta?

Durante a maior parte da vida de Luka, a jaqueta tinha sido grande demais para ele. Cobrindo sua mão, roçando em seus dedos, empurrando-o para baixo. Só no último ano realmente havia começado a servir. A fisionomia do pai, o corpo do pai. Parecia pequena demais agora. Sufocando-o. Ele a tirou, enfiou a plaqueta de identificação no bolso, pegou a arma e enfiou na cintura. Não se deu ao trabalho de prender a respiração enquanto caminhava até o pastor-alemão morto. O fedor estava por toda parte. Com as duas mãos, pegou a jaqueta de Kurt Löwe e a jogou sobre a carcaça. O couro marrom cobriu o pelo empapado de sangue.

Luka não conseguia voltar para o celeiro. Não ainda. Não agora que sabia a escolha que Miriam, Yael e tantos outros nunca tiveram. A escolha que ele tinha feito de não fazer muitas perguntas, encontrar muitas respostas, porque tinha visto o preço da verdadeira resistência na Grosser Platz (inferno na pele, Luger no crânio, BANG).

Eu tinha medo.

Ainda tenho.

Mesmo assim, a culpa o dominava, pressionando-o com o peso de uma galáxia. Todas aquelas estrelas. Todas as centenas de milhares, de milhões de estrelas...

Atravessou a grama irregular até a escada da casa, onde sentou com a cabeça entre os braços. Sentindo tudo.

As fotos não podiam ser reais.

Foi o que Felix disse a si mesmo enquanto as encarava. Crianças de cabelo branco deitadas em mesas frias, com uma imobilidade que ultrapassava o tempo e a tinta. A maioria tinha sido... desmontada. Aberta. As vísceras para fora. Alguém com uma letra curvada havia separado aquelas peças, feito um inventário. Densidade óssea, amostras de urina, análise sanguínea, tamanhos de todos os órgãos e glândulas. Tireoides — havia muitas fotos delas — espalhadas como borboletas carnudas antes de ser fatiadas, cortadas em pedacinhos.

A escrita na fotografia aos pés de Felix o informou que aquela tireoide em particular pertencia à prisioneira 125819ΔX. Não uma criminosa, mas uma menina. Ele sabia daquilo porque os números eram iguais aos de outro retrato: Anne Weisskopf. 125819ΔX. Pré-injeção. Ela devia ter mais ou menos a idade de Felix. Parecia assustada. Seus olhos encaravam a lente da câmera, suplicantes.

Em Tóquio, ele havia se perguntado como funcionava a troca de rostos. O que a tornava possível? Agora as respostas estavam espalhadas aos seus pés e tudo o que Felix conseguia fazer era cobrir os olhos. Era mais fácil não olhar para Anne Weisskopf e suas vísceras, então ele continuou sentado na palha, com a mão sobre o rosto. Só sentia a morfina que Luka havia lhe dado, brilhando através de suas artérias, veias, capilares. Pegando o ferro em seu sangue e o fazendo cintilar.

Um tumulto e um grito fizeram Felix espiar por entre os dedos. Miriam estava em cima de Luka, com o joelho em seu peito e uma faca em sua garganta. Yael tentava intervir. Um drama se desenrolava. Embora o cheiro de graxa de motor se misturasse ao odor doce e dourado de forragem, parecia que ele estava assistindo a um programa na Reichssender. Gritos, lágrimas, faca empunhada... tudo aquilo através de um filtro de distanciamento.

— Com quem você estava falando ao telefone? — Yael perguntou a Miriam.

— O *Reichsführer*. Ele mandou o dr. Geyer destruir todos os vestígios do Experimento 85...

A ligação de Felix para o *Standartenführer* Baasch tinha circulado até voltar a Miriam. Mas como ela havia convencido o *Reichsführer* Himmler de que estava falando com o tal dr. Geyer? A menos que...

A menos que os ouvidos pudessem mentir... A menos que os *doppelgängers* conseguissem mudar suas cordas vocais para soar como qualquer pessoa. Yael havia alterado as dela para soar como Adele. O que impediria um dos *doppelgängers* da ss de imitar seu pai?

Verdadeiro, errado, falso, certo. A verdade girava, tudo girava...

E se a Gestapo nunca tivesse capturado seus pais? E se *Mama* e *Papa* estivessem mesmo no abrigo de Vlad, vivos e ilesos? E se Felix — e não Yael — fosse o rato, correndo freneticamente rumo à armadilha do *Standartenführer* Baasch?

Todos aqueles pensamentos o acertaram de uma vez. *Bam, bam, bam*, enquanto via Miriam apontar a faca para a garganta de Luka. Enquanto ouvia as perguntas de Yael para Luka. Informações que *ele* havia dado. Não demoraria até as atenções delas se voltarem para ele.

Seria melhor correr? (Fora de questão. Com a morfina, suas pernas não o levariam longe.) Seria melhor contar a verdade para Miriam e Yael e implorar por piedade? (Mas e se a voz de *Papa* fosse mesmo de *Papa*? E se Felix só tivesse um dia e meio — menos agora — para salvá-lo?)

Elas já haviam dado a volta na pilha de papel de crianças mortas. Yael se ajoelhou na frente do arquivo de Anne Weisskopf, com a saia se abrindo sobre palha e aquelas informações infernais. Ela pegou o lado de dentro do punho dele, pressionou os dedos em seu pulso.

Bem, menos, mal, morte, tantas peles mutantes... havia muita coisa em que se concentrar. Coisas demais. Felix precisou estreitar a visão. A única coisa que sabia com certeza era: ele não podia colocar a vida de *Papa* em risco. Mentir era sua única opção.

— Qual é seu nome?

— Felix Burkhard Wolfe. — Enquanto respondia, encarava a ponte do nariz maquiado de Yael. A irrerealidade recobria suas entranhas. Ele se apegou à sensação.

— Quantos anos você tem?

— Dezessete.

— Felix, você contou à ss sobre nossa missão?

Uma das poucas coisas úteis que o *Standartenführer* Baasch havia dado a Felix era uma lista de coisas a evitar quando contasse uma mentira. Linguagem corporal básica: não engolir em seco, não olhar para a esquerda, não hesitar. Não havia muito que ele pudesse fazer em relação ao formato de suas pupilas ou ao ritmo de seu pulso...

— Não, não contei — ele disse.

Miriam se assomava por perto, observando seus olhos com uma intensidade de rapina. O rosto de Yael era uma tela em branco enquanto lia o de Felix. Elas conseguiriam ver? Seu corpo poderia traí-lo, as pupilas se alargando como borrões de tinta? O pulso batendo *mentira, mentira, tudo mentira* através de sua pele?

— Você teve algum contato com o *Reichsführer* Himmler ou seus homens?

— A última vez que vi a ss foi quando nos enfiaram no *Immelmann IV* para nos levar para o julgamento — Felix disse.

— Não foi isso o que ela perguntou — Miriam apontou.

— Não, não tive nenhum contato com o *Reichsführer* Himmler nem nenhum de seus homens. Por que teria? Tudo o que quero desde o começo é voltar para minha família. Adele, *Mama*, *Papa*, todos estão seguros com a resistência. — *Não estão?* Yael parecia acreditar naquilo, o que era a única coisa que importava para a mentira. Ela não tinha como saber o que Baasch tinha contra ele, porque talvez não tivesse nada.

— Nenhuma dilatação na pupila. Nenhuma variação no pulso — Yael declarou depois de

um momento.

Felix piscou e se perguntou *como*. Talvez tivesse alguma coisa a ver com a irrealidade de tudo... Nem mesmo seu corpo conseguia distinguir a verdade da mentira, a dor da droga, sua família de espectros de *doppelgängers*.

— Alguém contou. — Miriam continuava desconfiada. Continuava alerta. — Quem mais, se não eles?

— Pode ter sido qualquer um. — Yael soltou o punho de Felix. Levou os dedos às têmporas, pressionando cada lado da cabeça como se pudesse arrancar uma solução. — Pode ter sido alguém de Molotov. Ou da Alemanha. Ou os nacional-socialistas descobriram nosso código Enigma e deram um jeito de escutar nossa conversa.

— Se for esse o caso... — A respiração de Miriam se assemelhava a um sibilo. — O que mais a ss sabe? Yael, se eles souberem dos nossos planos de assassinato, podem estar à nossa espera no *Führerbunker*. O verdadeiro Führer pode ser transferido para qualquer lugar. Para Kelhsteinhaus. Wolfsschanze.

— Não temos como saber — Yael disse.

— Exatamente. Não temos como saber! — Miriam chutou um tufo de palha. Seu rosto não revelava muito, mas ela ainda parecia prestes a esfaquear alguém. — Podemos estar indo direto para uma emboscada sem fazer ideia disso!

Só então Felix notou o objeto sob o pé de Miriam. Era a ampola que Luka havia acabado de usar nele. A morfina corria como um pôr do sol dourado dentro dele, transformando a dor em paz, mentiras em verdade.

A droga! Ela o havia salvo — acalmando seu batimento cardíaco, contraindo suas pupilas. Yael não devia ter considerado aquilo. Se visse a ampola amassada, se entendesse como aquilo o afetava...

— Temos uma vantagem. — Yael apontou para os arquivos. — Mas seria melhor organizar esses documentos na Alemanha. Henryka e Reiniger precisam ser informados do vazamento o mais rápido possível.

O pé de Miriam continuou se arrastando no chão do celeiro, chutando palha suficiente para cobrir a ampola. Fora da vista, fora de suspeita.

— Vou atrás de Luka — Yael disse. — Assim que tudo isso estiver arrumado, podemos partir. De acordo?

Raspa, pisa. Miriam concordou. Yael saiu pela porta entreaberta do celeiro. Felix continuou sentado; a droga em suas veias foi mais alto e brilhou mais forte enquanto Miriam começava a juntar os documentos do Projeto Doppelgänger. Ele considerou o monte de palha, sem saber se deveria desenterrar a ampola vazia e enfiá-la no bolso. Não. Em vez disso, pegou os papéis de Anne Weisskopf — cabelo quebradiço, massa encefálica, olhar de socorro — e os enfiou de volta no envelope pardo.

Era melhor deixar algumas coisas enterradas.

Luka não tinha se mexido. Estava sentado nos degraus da casa, com o rosto entre os braços, parado. O cachorro morto também não havia saído do lugar, mas o fedor estava começando a melhorar. Era incrível a que os nervos olfativos conseguiam se adaptar e de que os níveis de negação do corpo eram capazes...

— Luka?

Yael. Ele não a tinha ouvido se aproximar. Luka queria erguer os olhos e cumprimentá-la. Mas ele temia aquilo. Quando tentou se mexer, percebeu que não conseguia. O peso do céu continuava esmagador. Quem era ele para se livrar daquilo?

Yael sentou ao seu lado. A blusa dela roçou seu braço. Ninguém disse nada. O silêncio se contorceu dentro de Luka até ele não conseguir suportar mais.

— Sinto muito. Eu não sabia dos experimentos. Pensei que eram campos de trabalho. Pensei... — Luka se interrompeu. Não sabia mais o que tinha pensado, só que ficavam longe. Não havia desculpa. Não para um assassinato em massa naquele grau. Não para todo o sofrimento que se passara enquanto ele fumava um cigarro após o outro.

Luka ergueu a cabeça. Grande parte da lua havia decidido tirar a noite de folga; o pouco que restava dela pendia fraco e inútil como um pedaço de unha. Yael era apenas um esboço sob sua luz — o cabelo prata sobre os ombros, o rosto desbotado. Seus olhos eram o ponto focal: escuros como o perigo, aguçados pela emoção.

— Você não sabia. É verdade? — ela perguntou finalmente.

A verdade. Era aquilo que estava entre eles agora. Não uma muralha de incógnitas, mas um abismo sem fundo, sem fim.

Como as coisas poderiam algum dia ficar quites?

— Sim. E não. Não sabia, mas tinha medo demais de descobrir. Sei que medo não é desculpa e... não quero mais ser covarde. — Luka passou a mão pelo cabelo, pela cicatriz perolada (que parecia não ser nada agora), descendo pela nuca (tão vazia sem a corrente da plaqueta de identificação). — É muito tarde para entrar?

— Para quê?

— Para a resistência. Ainda dá? Tem alguma lista de inscrição? Um juramento de sangue? Ou coisa do tipo?

Yael o observou por mais um momento. O olhar dela não poderia ser mais diferente que o de Miriam, mas Luka ainda tinha a clara impressão de estar sendo julgado. Toda palavra era pesada, toda tremulação de pupila era notada.

— Pode se considerar um membro — ela disse.

— Só isso? — Não parecia suficiente. (Por que nunca parecia?)

— Já verifiquei seu perfil. Luka Wotan Löwe. Nascido em Hamburgo, Alemanha, filho de Kurt e Nina Löwe.

Wotan. O segundo nome medonho era do avô. Já era antiquado na época dele.

— Você foi minuciosa.

— Precisava saber onde estava me metendo.

— E no que *eu* estou me metendo?

O braço de Yael desencostou do dele para tirar algo da blusa. Ela colocou um papel na palma da mão dele. Mais uma fotografia. Luka precisou virá-la na direção da luz distante do celeiro para ver o que já sabia que estava lá: mais uma garotinha. Era um retrato feito de contrastes. Cabelo escuro. Pele clara. Lábios aterrorizados. Olhos que pareciam prestes a fazer algo acender, pegar fogo, explodir. Havia um tipo de força diferente neles. Algo mais profundo, muito mais verdadeiro do que a brutalidade de blitzkrieg defendida por seu pai.

— É você, não é? — O retrato parecia frágil na palma da mão de Luka enquanto ele o virava para ler as palavras tênues no verso. — Yael Reider.

— Encontrei nos arquivos do Projeto Doppelgänger junto com os outros. Tinha esquecido como eu era. Até hoje.

— Não consigo nem imaginar como é isso — Luka sussurrou. Havia tantas coisas que ele não conseguia nem imaginar.

— Por anos, fiquei só flutuando. De rosto em rosto. De nome em nome. — Yael arregaçou a manga esquerda até seu braço estar descoberto ao lado do dele. — Essas tatuagens eram tudo o que eu tinha para me lembrar de quem eu era.

Os olhos de Luka se esforçaram para se acostumar à visão, assim como tinham feito com a fotografia. Focaram primeiro nas partes claras: manchas de pele banhada pelas estrelas. Foi só depois de alguns segundos que as linhas pretas ganharam foco. Lobos que não poderiam ser esquecidos. Marcas que significavam algo.

Luka ainda tinha medo, mas de que adiantava? Sua jaqueta tinha ficado para trás, e a verdade ainda estava entre eles. Queria saber quem era aquela garota e o que a tornava tão forte.

— O que eles significam? — o garoto perguntou.

Diferenciar verdades de mentiras era simples, depois que se descobria a ciência por trás daquilo. Naquela noite, Yael estava vislumbrando a verdade por toda parte.

Verdade: Luka queria entrar para a resistência.

Verdade: Luka tinha medo.

Verdade: Ela também tinha, ainda.

Saber quando confiar em alguém não era uma ciência exata. Era uma equação misteriosa, feita de fios e intuições. Então, quando o olhar de Luka recaiu sobre seus lobos e ele perguntou “O que eles significam?”, Yael não podia se basear em um pulso ou uma pupila, apenas em sua voz de ferro.

DIGA A ELE QUEM VOCÊ É.

Do princípio ao presente. Era uma longa história e, às vezes, difícil de contar. Yael se esforçou ao máximo para fazer jus a cada lobo. As palavras mágicas e milagrosas de Babushka. Os dedos de *Mama* aliviando a febre. A bravura de Miriam. (Naquele ponto da narrativa, Luka a interrompera. “Aquela Miriam?”, ele perguntara, esfregando a memória inchada da faca em sua garganta.) O atentado de Aaron-Klaus. (Uma segunda interrupção: “Eu me lembro dele. Seu rosto estava pegando fogo. Quero dizer, não pegando fogo de verdade. Mais como... iluminado”. Yael soube exatamente o que ele queria dizer.) O treinamento de Vlad.

Olhe para o alvo. Bem à frente. Lute com sua fraqueza.

Ao final, Yael percebeu que não parecia bem um final. Ainda havia muito em sua história. Um dos maiores pedaços estava sentado ao seu lado. Os braços arripiados. O maxilar firme. Embora tivesse terminado de falar, ele continuou ouvindo com uma intensidade que iluminou os lobos à mostra.

Ela o observou no escuro silencioso e pensou no próximo capítulo.

— Yael Reider — Luka disse depois de um momento. — Você é impossível.

— Você também, Luka Löwe.

— Acho que estamos usando a palavra de maneiras diferentes, *Fräulein* de rostos infinitos que fala seis línguas e identifica venenos pelo cheiro.

— Alguns meses atrás, eu acharia igualmente absurda a ideia de um garoto-propaganda nacional-socialista com um coração. — Yael pousou a mão sobre a dele. O retrato de seu eu mais antigo ainda estava entre os dedos de Luka. — Mas aqui estamos nós.

Ele apertou sua mão. Arrepios dispararam pelo braço de ambos. Aquilo não era o beijo do

Kaiten. Nenhum céu ou terra passava sob eles e nenhuma intensidade queimava seus lábios sob o brilho do sol. Tampouco era o beijo do trem.

Era apenas um toque: pele contra carne viva contra pele. A coisa mais simples.

Real.

Ela fitou seus dedos: os esguios dela com unhas ovais bem-feitas; os dele, encrustados de graxa de motor. Ambos feitos de digitais, pele e terminações nervosas que disparavam sinais para o cérebro. (*Estamos nos tocando!*)

(*E agora?*)

— Não quero ser o garoto-propaganda deles — Luka disse, rouco. — Nunca quis.

— Então por que correu?

— Meu pai.

Kurt Löwe. Kradschützen. Quando Yael lera o arquivo de Luka pela primeira vez, imaginara que o corredor estivesse dando continuidade a um legado, assumindo o guidão cromado de seu pai. Mas havia uma pontada nas palavras de Luka que dizia outra coisa.

— Quando eu era pequeno, ele só falava da guerra, de pilotar pelos territórios moscovitas matando comunistas. Eu pensava que ele era um herói. Ele pensava que eu era um fraco. Comecei a correr porque queria provar que meu pai estava errado, fazer com que se orgulhasse de mim. Mas ele tinha reservado todo o seu *verdammt* orgulho para si próprio. Não importava quantas corridas eu vencesse, nunca era o suficiente para ele. Eu precisava ser mais rápido, mais forte, melhor. Nada fazia diferença. Nem virar o garoto-propaganda. — A mão de Luka ficou tensa na dela, como se estivesse prestes a afastá-la. — Desculpe.

— Pelo quê?

Foi a vez dele de olhar para seus dedos unidos e o retrato entre elas.

— Você passou por tanta coisa e eu aqui reclamando do meu pai... — Luka perdeu a voz. — Deve parecer algo muito pequeno.

Yael observou seu antigo eu.

— Nenhuma vida é pequena — ela disse.

— Yael. — O nome dela parecia rouco e aveludado quando Luka o pronunciava, tão familiar de repente. — Não quero ser só um membro da resistência. Quero fazer mais. Lutar. Impedir que isto — seus dedos tremeram sobre a fotografia — aconteça.

— Esse sempre foi o objetivo — Yael disse. — Mas os nacional-socialistas não estão ajudando. Achei uma lista na sala do dr. Geyer. Tem todo um destacamento de metamorfos dedicados a proteger Hitler. O *ss-Maskiertekommando des Führers*. O *doppelgänger* que matei no salão de baile era um deles. Existem outros dezenove.

— Dezenove? — Luka assobiou baixo. — *Scheisse*. Esse sim é um belo seguro de vida.

Dezenove homens que poderiam desaparecer em meio a uma multidão e reaparecer na Reichssender a qualquer momento. Cabeças de hidra. Não era apenas uma questão de encontrar o verdadeiro Hitler em meio aos *doppelgängers*, mas de garantir que nenhum deles pudesse ressurgir...

— Também tem a questão do vazamento — Yael continuou. — Ter acesso ao Führer já era difícil quando os nacional-socialistas não nos esperavam. Agora a ss pode estar em qualquer

esquina.

— Então vamos mudar de rota — Luka disse. — Se a ss está esperando que encontrem e matem o verdadeiro Führer, não façam isso. Afinal, as chances de sucesso parecem mínimas. Até onde a gente sabe, ele pode estar bebendo água de coco numa praia tropical agora.

— Novosibirsk não vai mandar nenhum reforço, e a única esperança de Reiniger de conquistar a Alemanha é aumentar seu Exército. Isso só vai acontecer se assassinarmos Hitler e livrarmos a Wehrmacht do juramento de lealdade. — Sem mencionar a dança política com Hermann Göring cativo. — O plano é perfeito.

— É o melhor, eu sei. — A luz das estrelas lá no alto só convinha para os fantasmas, mas todos os centímetros do rosto de Luka brilhavam conforme ele falava. — Mas e se você não tiver que matar Hitler de novo? E se só precisar destruir a ideia dele?

Yael parou de respirar.

— Como assim?

— O *Führereid* obriga os soldados a jurar obediência incondicional ao “líder do Império e do povo alemão, Adolf Hitler”. Não aos seus dezenove sócias. Bastaria provar a existência deles para anular o juramento na cabeça de alguns homens. Se copiássemos esses documentos e os colocássemos no *Das Reich*, se encontrássemos uma maneira de expor o Projeto Doppelgänger na Reichssender, não seriam só os soldados da Wehrmacht que entrariam para a causa do general Reiniger. — A luz na sobancelha e nas bochechas de Luka também tomou conta de sua voz. — Sabemos que Hitler usa metamorfos, mas o restante do Reich não faz ideia disso... Mostre para o Reich o que você me mostrou, publique todas as “informações confidenciais” e com certeza vamos ganhar o apoio de muitos civis.

Das Reich? Reichssender? Civis? A cabeça de Yael estava girando com as possibilidades e faiscando com a falta de oxigênio. Ela voltou a inspirar e deixou os pensamentos se acalmarem.

Não era um plano terrível. Nem chegava a ser ruim. Poderia até ser bom. (Afinal, qual o melhor jeito de matar uma hidra do que decepar todas as cabeças de uma só vez?) Com a publicação das evidências do *Maskiertekommando* e de suas origens, toda confiança na figura do Führer ia se quebrar. O controle inquestionável de Hitler sobre as massas seria questionado de verdade. (Real? Ou *doppelgänger*?)

— Seria o caos.

— Exatamente. — Luka sorriu.

Invadir o Ministério para Esclarecimento Popular e Propaganda seria mais fácil do que se infiltrar no *Führerbunker*. Possível, pelo menos.

— Ter acesso à gráfica do *Das Reich* levaria tempo demais. Seria melhor usar a Reichssender, mas...

— Mas o quê?

A verdade que Yael trazia sob a blusa, sob a pele, era chocante demais. Não desceria bem para a maioria da população. Mesmo com provas de papel e tinta. Mesmo se ela mostrasse ao mundo quem ela era, o que havia sofrido.

— Quem vai acreditar em mim?

— Não precisa ser só a sua palavra contra a dos nacional-socialistas. Deixe que eu apresente as informações na Reichssender com você. — Luka era como uma vela. Rosto, palavras e confiança: brilho, brilho, brilho. Vivo e ardente. — Antes de você atirar no Führer falso, todo o Reich me viu brindar com ele. Eles me acompanharam correr nos últimos cinco anos. Me conhecem. Caramba, alguns podem até confiar em mim! Se for para ser um *verdammt* garoto-propaganda, que pelo menos eu possa usar essa posição para ferrar com aquele *Saukerl*.

Os dedos dele dançavam sob os dela. Os nervos gritavam mais alto do que nunca: *AINDA ESTAMOS NOS TOCANDO! E AGORA? E AGORA?*

— Luka, o prédio da Reichssender fica no meio da Alemanha...

— Eu sei onde fica. No Ministério para Esclarecimento Popular e Propaganda. No Ordenspalais, na Wilhelmstrasse. Perto da ss. Ao lado da Chancelaria. Fui lá várias vezes para ser entrevistado. A recepcionista tem uma coleção de autógrafos meus.

É claro que tem.

— Sei que você adora usar a jaqueta como chapéu, mas isso não vai funcionar desta vez — Yael disse a ele. — Descer a Wilhelmstrasse com o vencedor Löwe seria o mesmo que usar um alvo nas nossas costas.

— O Ministério não deve ser o único lugar com equipamentos de filmagem — Luka argumentou. — Se encontrarmos uma câmera na zona de Reiniger da Alemanha, podemos gravar a apresentação, como fazem com o *Conversa de Chancelaria*. A única coisa que você precisaria levar escondida para o Ordenspalais é o rolo de filme.

Se havia algum outro argumento contra, Yael não conseguiu encontrar.

— Isso pode dar certo.

— Vai dar certo. — A confiança de Luka era contagiosa. Espalhando-se como o calor de uma febre dos dedos dele para os dela até as entranhas transbordarem. Nervos misturando-se à voz de ferro e a uma esperança que não era pesada.

E agora?

AGORA NÓS NOS CRIAMOS.

Yael não era um monstro. Luka não era a próxima geração do nacional-socialismo. Eles eram o que o Reich mais temia. Uma garota judia e um menino alemão segurando o futuro e o passado de mãos dadas.

Ficaram daquele jeito pelo maior tempo que conseguiram — os lobos dela contra a pele dele —, até a porta do celeiro se abrir, banhando o pátio de luz. Miriam os chamou.

Luka estreitou os olhos diante da luz forte.

— Ela não vai me esfaquear, vai?

— Hoje não. — Yael não queria soltar a mão dele. — Uma última coisa.

Seu retrato estava mais claro sob a nova luz, cheio de detalhes: curvas dos cílios e fios soltos na gola. Yael olhou para onze anos atrás, reunindo todos os sentimentos que zumbiam e transbordavam dentro dela para se transformar.

Em si mesma.

Não era uma réplica exata, mas uma releitura. (A adolescência dava muita margem à interpretação.) Testa grande, cabelo castanho cacheando nas pontas, roçando os ombros. Para

os olhos, Yael escolheu uma cor igual aos da mãe: escuros como uma floresta de pinheiros, feitos de sombras frias e terra fértil. Um conjunto completamente diferente de Adele Wolfe, Elsa Schwarz ou das muitas peles que ela havia usado durante a vida.

Aquela, sim, servia.

Seria bom ter um espelho, mas ela não precisava de um. Sabia que aquele era o rosto certo. Pôde ver pela maneira como Luka a encarou. As pálpebras dele estavam inflamadas pelas lágrimas e pela chama de uma ideia, um plano. Mudar as coisas ainda bramia atrás de sua íris azul-escura.

— É seu melhor rosto até agora — ele disse.

A estrada para a Germânia não era um caminho reto. Eles voltaram para buscar os sacos de batata abandonados antes de percorrer o trajeto que Henryka havia recomendado. Primeiro para o norte, subindo por estradas rurais vazias. Era a vez de Miriam dirigir e, embora o roxo de suas olheiras estivesse começando a ficar da cor do poente, ela o fez sem reclamar. A exaustão também tomou conta de Yael, mas, juntando o desconforto dos arquivos amarrados em volta de seu tronco com o pensamento do que aguardava adiante, só conseguiu ter um sono fragmentado.

A oeste, as barricadas e filas de refugiados foram ficando mais densas, assim como o impulso de PEGUE O REVÓLVER E SE ARME toda vez que um patrulheiro batia na janela. Ela se continha, recitando a mesma história de “transportando batatas para o meu tio” (aquela que parecia menos e menos crível quanto mais era contada) enquanto ouvia os sacos receberem mais facadas, à espera de que alguém pedisse para ela erguer a manga.

Aquilo nunca acontecia. Elas sempre passavam.

— O informante não deve saber sobre esta caminhonete. Senão já teriam nos parado a essa altura — Yael disse. — Isso elimina qualquer vazamento de Molotov.

Miriam resmungou. Tinham passado a maior parte da manhã em silêncio, interrompido apenas pelo ronco constante do motor e pelas perguntas dos patrulheiros.

— Queria que você tivesse me contado do telefonema lá no escritório — Yael continuou.

— Eu estava tentando proteger você.

— Eu sei. — Ela voltou a colocar a mão no bolso e encontrou a boneca menor, exposta a tanto tempo que havia desgastado até as veias da madeira. — É difícil me acostumar com isso.

— É difícil me acostumar com *Herr Löwe* também.

— Pode dizer Luka.

Miriam mordeu o lábio.

— É difícil me acostumar com Luka — ela cedeu. — Se fosse ele... você faria o que precisava ser feito?

— Você quer dizer tortura? — Vlad também havia treinado Yael naquela arte. Continuava dentro dos limites dela, mas era muito mais fácil se imaginar quebrando as patelas de um *Schütze* da ss do que apontando uma faca para Luka. — Não foi ele.

“Foi o que imaginei” estava escrito na testa de Miriam.

O dia ficou mais cinza, escondendo quase todo o sol. As estradas secundárias de terra foram desaparecendo, abrindo espaço para o pavimento. (Todas as estradas de asfalto levavam à

Germânia.) A caminhonete se encaixava perfeitamente em meio ao dilúvio de refugiados do Lebensraum: *Volk* comum enfiado em Volkswagens, meninos de bicicleta, mulheres andando em vestidos sujos de lama e até algumas carroças. As pessoas faziam de tudo para fugir da guerra.

Ao mesmo tempo em que corriam na direção dela.

Já havia passado do meio-dia e a chuva tinha começado a bater nas rachaduras do para-brisa quando o fluxo de pés e rodas ficou mais lento, obrigando Miriam a diminuir a marcha. Elas haviam chegado a um cruzamento onde um ramallete de placas brancas de trânsito em forma de flechas informou que a GERMÂNIA estava perto: vinte quilômetros à frente.

Mas o caminho estava bloqueado. Arame farpado se curvava através do pavimento, jogado apressadamente. Os soldados da ss ali perto não estavam verificando documentos, só apontavam para uma rota alternativa com os canos de seus Kar98Ks.

— Vocês não podem ir por este caminho! — um deles gritou quando Yael abriu a janela. — Tem um conflito...

Um estrondo — grave, tão profundo que chegava a ser tátil — mergulhou no céu, interrompendo as palavras do soldado. O primeiro pensamento de Yael foi um trovão, mas não havia nenhuma luz e logo ela ouviu outros dois urros distantes, próximos um do outro.

Tanques.

Se havia panzers e outros veículos blindados envolvidos, o que estava à frente não era um simples conflito. Eles haviam chegado às linhas de frente. *Ou linhas laterais*, Yael se corrigiu ao imaginar os campos de batalha da Germânia como Henryka os havia descrito pelo rádio. O norte do rio Spree estava nas mãos da resistência. O general Reiniger avançava além das fronteiras da capital, em direção ao Mar do Norte.

Mas a ss os estava direcionando para o sul, de volta às profundezas de seu território. Os refugiados obedeciam sem questionar. Apenas idiotas quereriam avançar para o meio da batalha.

Idiotas e Yael.

Seu coração se contorceu com o volante enquanto Miriam seguia o restante do tráfego. Ela dirigiu apenas alguns quilômetros — sul, sul, mais ao sul — antes de ir para o acostamento e desligar o motor.

— É o mais longe que a caminhonete pode ir. Todas as estradas para o oeste vão estar bloqueadas. Se quisermos chegar ao território do general Reiniger, vamos ter que continuar a pé.

Se ao menos fosse tão simples assim... Mas eles teriam que atravessar um fronte ativo com um garoto convalescente sem qualquer informação sobre onde as unidades estavam localizadas, ao mesmo tempo que evitavam se tornar alvo dos homens de Reiniger...

— É melhor esperar escurecer — Yael disse. Por mais que odiasse aquilo, precisavam da escuridão. Até agora, ninguém da corrente de refugiados que passava havia olhado duas vezes para a caminhonete; quando Luka e Felix saíssem, seu anonimato teria vida curta.

— Sim. Descanse um pouco. Vamos precisar. — Miriam reclinou seu banco, com os olhos fechados.

Yael fez o mesmo, escutando os sons da chuva batendo no vidro e a canção distante da batalha. Tiros de Mauser, estrondos de panzers, morte caindo com a tempestade. Era estranhamente embalador.

Yael dormia e acordava. Não houve tantos pesadelos. Em vez de apontar uma arma para o rosto de Adolf Hitler, erguia sua foto para as lentes de uma câmera. Todos os seus lobos estavam sentados ao seu lado no estúdio da Reichssender enquanto ela os apresentava um a um para o vidro que tudo ouvia. Uma luz de NO AR pendia vermelha sobre eles. Ela estava acabando de apresentar Aaron-Klaus quando Miriam a acordou com um cutucão.

— É hora de ir.

O crepúsculo deixava tudo mais pesado. A chuva continuava caindo e as semiautomáticas ribombavam no ar. Os sons eram terríveis, mas sua constância aumentava a coragem de Yael. Significava que as forças de Reiniger continuavam firmes o bastante para manter seu território.

Agora, só faltava seu grupo se juntar a elas.

Yael subiu na carroceria e empurrou os sacos de batata esburacados de lado uma última vez. Miriam havia estacionado a caminhonete longe o bastante da estrada para evitar os faróis dos *Reichlings* refugiados. As sombras eram aliadas enquanto Yael abria o compartimento oculto.

— Como estão se sentindo? — foi sua primeira pergunta à dupla.

— Molhados. — Luka realmente estava ensopado quando sentou. Seu cabelo caía empapado sobre o rosto e a barba, como se tivesse acabado de sair de um manicômio. Pelo menos, não havia arroz grudado daquela vez. — Já chegamos?

— Precisamos fazer uma caminhada antes. — A alguns quilômetros, outra saraivada de balas pontuou a frase de Yael. — Vamos tentar alcançar os homens de Reiniger a pé. Felix, consegue nos acompanhar?

— Tenho outra opção? — ele perguntou.

— Podemos tentar usar a maca.

— Não. — Ele se contraiu enquanto levantava. — Não precisa me levar. Posso andar.

Mais tiros ao longe.

— Se formos avistados, vamos ter que correr.

— Nesse caso a maca é definitivamente uma má ideia. — Felix foi enfático. Estava tão encharcado quanto Luka. Seus lábios estavam tão azuis que Yael queria envolvê-lo num cobertor.

— Tem certeza? — ela perguntou.

— Ele perdeu dedos da mão, não do pé. Ontem estava trotando pelo celeiro feito um pônei premiado — Luka disse. — Quanto vamos ter que andar?

— Não faço ideia. Talvez só alguns quilômetros. Talvez uma patrulha da ss esteja esperando naquelas árvores. — Ela apontou para um conjunto de pinheiros, pingando pela chuva forte. Quase era grande o bastante para chamar a atenção, que dirá para esconder uma patrulha. Mas, como Vlad havia lhe ensinado, avaliar seu inimigo significa levar em conta todas as possibilidades. Subestimá-lo pode levar à morte.

— Passem para cá. — Miriam apareceu, apontando para as armas.

Juntos, Luka e Felix entregaram o arsenal. Eles tinham uma quantidade suficiente de armas:

um rifle e um revólver cada, além de balas suficientes para deter uma ofensiva considerável. As bolsas de munição tinham ficado cobertas e ainda estavam secas. Yael tentou manter a sua assim enquanto a amarrava ao corpo.

Os documentos do Projeto Doppelgänger eram ainda mais valiosos. Não haveria como atravessar a lama de uma noite tão chuvosa sem os estragar, então as duas mulheres os tiraram de dentro das roupas. Yael pegou a lona à prova d'água que cobria a munição e enrolou os arquivos (junto com seu próprio retrato e seus talismãs) três vezes antes de enfiá-los num embrulho. Ela o entregou a Miriam, que assumiria a liderança, como tinham concordado. Caso caísse, Yael precisaria salvar o saco.

— Armas são um último recurso — Miriam disse enquanto pendurava o embrulho sobre o ombro, ao lado de sua Mosin-Nagant. — Se começarem a atirar, suas chances de ser mortos se multiplicam por cem. Entendido?

Todos assentiram.

— Fiquem sabendo que — o olhar esmagador de Miriam se alternou entre os rapazes —, se eu achar que algum de vocês está apontando para mim ou para Yael, vou atirar. Não vou hesitar. Não vou errar.

Luka ouviu o alerta com tranquilidade, apoiando sua arma no ombro.

— Pode confiar. Você é a última pessoa com quem quero arranjar uma briga.

— Esse é o problema — Miriam comentou. — Não confio em você.

— Vamos andando — Yael insistiu, ansiosa para pôr fim àquela conversa e àquela noite. Um de cada vez, foram saindo. Yael foi a última, desejando muito roupas que não fossem de uma jovem do Lebensraum enquanto chapinhava na terra encharcada. Meia-calça e tamancos eram péssimos acessórios táticos.

A chuva significava proteção contra a detecção inimiga, mas também significava visibilidade zero. Sem lua ou estrelas, apenas nuvens. A visão perfeita de Yael teve dificuldade para acompanhar as costas de Luka enquanto o grupo atravessava a escuridão furtivamente, conseguindo caminhar por poucos metros antes de Miriam assinalar uma parada. Precisou de alguns clarões de artilharia (distantes, na direção da cidade) para Yael entender o porquê. As árvores haviam desaparecido, um campo se estendia além delas: lama até onde a noite permitia enxergar. Yael notou algumas sebes que pontuavam o chão — grandes o bastante para se abrigar, grossas o bastante para ocultar uma emboscada. Os perigos ali variavam por quilômetro. Patrulhas da ss de um lado, homens de Reiniger do outro.

Miriam reajustou as fivelas do pacote.

— Vamos devagar. Em silêncio. Me sigam.

Com os disparos tão distantes, a chuva caindo tão fortemente e a escuridão tão pesada, não havia necessidade de ir rastejando. Ela os guiou para o campo aberto, seguida por Felix, Luka e Yael. A cada passo dentro do campo, a lama ficava pior, passando dos dedos para os tornozelos e para as canelas. Os sapatos precários de Yael não duraram muito. (E foram tarde!) Ela chapinhava de meias nas pegadas que as botas de Luka deixavam.

Chegaram ao primeiro conjunto de arbustos sem nenhum problema. Não havia nenhum capacete ou Kar98K escondido entre as folhas. À direita, a cidade em conflito lançava luzes

fortes. Sua silhueta estava devastada, como se um dragão lendário tivesse descido das nuvens e comido pedaços dos telhados pontiagudos. Eles ainda estavam a alguns quilômetros das linhas de batalha, onde encontrariam os homens de Reiniger.

Não havia olhos no campo, apenas terra devoluta e vazia. Miriam abriu caminho para a segunda, a terceira e a quarta sebe. Felix caiu algumas vezes — apoiando a mão no chão, ou de cara —, recusando as tentativas de Luka de ajudá-lo. (Ele ajudou mesmo assim, os músculos das costas contraídos revelados pela camiseta encharcada.)

Yael torceu muito para que não tivessem de correr.

Perto do quinto conjunto de arbustos, ela estava começando a achar que não teriam. A maior parte do campo havia ficado para trás e eles estavam paralelos ao centro da cidade iluminado pela guerra. Logo sairiam do território da ss.

Miriam devia ter pensado o mesmo. A marcha deles foi ficando mais atrevida.

Atrevida demais.

O sexto monte de folhagem não estava vazio. Quando Miriam deu de cara com o destacamento de batedores, ambos os lados ficaram surpresos. Os uniformes pretos recuaram diante da *Fräulein* encharcada pela tempestade, sem saber o que pensar sobre seu suéter colado à cintura fina e aos seios. Eles hesitaram por um momento longo demais.

Miriam ergueu o rifle e atirou.

Havia chuva e caos demais para contar os oponentes. Tudo o que Yael conseguiu distinguir foi a medalha de runa *Sieg* na manga do soldado mais próximo. ss. Aqueles homens haviam matado e matado e matado para ganhar sua patente, e matariam Yael se ela não acabasse com eles antes. Aquela era a verdade cruel e implacável. Aquela era a razão por que Vlad a havia ensinado a lutar.

Yael não era um monstro. Era uma sobrevivente.

“Vida ou morte” não era uma questão daquela vez.

PARA A FRENTE RÁPIDO ACHE A GARGANTA DELE.

Yael avançou, a meia-calça enfiada na lama enquanto girava, pegando o soldado mais próximo em um mata-leão. Ela apertou e apertou. Tiros iam de um lado para o outro. O dragão devorando a cidade rugia. Yael conseguia sentir o fogo quente em seu abdome, a respiração vacilante do homem se debatendo contra seu cotovelo.

Mais tiros. Uma das balas encontrou o soldado. Ele caiu nas mãos de Yael: nenhuma resistência, morte. Ela o soltou. Próximo alvo. Um capacete e um par de olhos arregalados. O soldado estava pronto, virando-se com Yael quando ela saltou, usando a força dele para jogá-la no chão. Ela enganchou as pernas nas dele enquanto caía. A gravidade o arrastou para a lama também. Yael pegou sua arma e atirou.

Foi um tiro precipitado, mas certo.

Ela manteve o dedo no gatilho, vasculhando a chuva e as sombras em busca de um terceiro alvo. Tudo o que sua visão encontrou foram mais corpos e Luka.

— Sou eu! — Ele ergueu os braços acima da cabeça. — Não atire!

Miriam estava perto, desgrudando os fios de cabelo das bochechas. — Todo mundo vivo? Ileso?

— Sim e sim. — Luka abaixou as mãos. — Está feliz por eu ter uma arma agora, senhorita? Miriam soltou um resmungo.

— Levei um tiro — Yael disse. A adrenalina do tiroteio estava passando e o ardor em sua caixa torácica havia piorado. Uma dúzia de abelhas vermelhas se retorciam para atravessar seus poros. Quando ergueu a blusa, Yael esperou encontrar um buraco tão aberto e torrencial quanto os de seus pesadelos. Ao olhar para baixo, viu a sola das botas do homem morto perto dos seus próprios pés.

Tirar uma vida também tira algo seu.

Daquela vez, havia tirado carne. Não um buraco, mas uma linha de pele entalhada no torso de Yael. A ferida latejava, mas o sangramento parecia mínimo.

— Só de raspão — ela declarou.

— Tem certeza? — Tanto Miriam como Luka perguntaram, aproximando-se de Yael ao mesmo tempo. Um olhou para o outro como se estivesse se intrometendo.

— Sim. — Yael abaixou a camisa. — Cadê o Felix?

— Aqui! — O irmão de Adele estava a um metro de distância, o rosto cheio de lama, o rifle pendurado. A chuva marcava seu cabelo arrepiado, lavando a terra. — Não consegui pegar a arma com a mão esquerda. Me joguei no chão para não virar um alvo.

— Pode haver outros batedores por perto — Miriam advertiu enquanto Luka levantava o outro garoto. — Precisamos nos mover.

Eles continuaram atravessando o campo. As abelhas no abdome de Yael se transformaram em vespas — furiosas, como se alguém tivesse atacado seu ninho. Ela as ignorou, fixando o olhar nas costas de Luka. De vez em quando o vencedor olhava por cima do ombro, como se para confirmar que ela estava lá. De vez em quando, ele parava e ajudava Felix a ficar em pé, segurando-o pela cintura. Os tropeços do mecânico estavam ficando cada vez mais frequentes.

Eles deveriam ter carregado a maca.

A colmeia na caixa torácica de Yael saltava furiosa. Quanto tempo fazia que estavam andando? Faltava muito para amanhecer? A chuva ficaria ainda mais fria? Eles já não tinham ido longe o bastante?

(Ela já não tinha ido longe o bastante?)

Luka olhou para ela de novo. Com um clarão vindo da cidade, Yael viu que o rosto dele estava tão translúcido quanto a camiseta, reduzido a veias e emoções. Olhos azuis, azuis, choque e medo.

— Atrás de você!

Quando Yael virou, viu um movimento na direção dos corpos que haviam deixado. O tiroteio devia ter chamado a atenção de outro grupo de batedores. Ela não soube dizer quantos, com visão turvada pela chuva àquela distância — uma coisa boa, pois a segunda patrulha da ss ainda não tinha avistado seu grupo.

Mas a visão tinha duas vias. Se ela os conseguia ver...

SE ESCONDA CORRA LUTE.

Yael não teve tempo de decidir qual era a melhor estratégia.

— Ali! — Um grito cortou a chuva. Matilhas de balas vieram em seguida.

Tiros atingiram a terra aos pés de Yael. A chuva tornava qualquer mira péssima, o que ela confirmou quando ergueu seu rifle para retribuir. Lutar naquelas condições era impossível. Eles estavam expostos demais para que uma bala não aterrasse numa segunda ou terceira saraivada.

Esconder-se também era impossível. Eles já tinham sido avistados e Yael não via nenhuma sebe próxima.

Sua única chance era:

— CORRAM! — ela gritou enquanto apertava o gatilho.

Os outros obedeceram. Miriam parou para somar seu próprio protesto retumbante à confusão. Felix escorregou. Daquela vez, Luka não se contentou em deixá-lo de pé: ergueu o outro garoto sobre os ombros com um grito hercúleo, tornando-se uma maca de carne e osso. Seus passos se cravaram mais fundo do que nunca enquanto Yael os seguia.

Ela correu, esperando que mais mil picadas de abelha se cravassem em suas costas. Mas a morte, que sempre se assomava ali, não a alcançou. Ela correu e correu, até a dor em seu abdome virar nada e o campo acabar de repente. Árvores com galhos feito garras de bruxa apanharam Luka e Felix. Yael mal teve tempo de proteger o rosto enquanto mergulhava na vegetação rasteira. Balas urravam atrás deles, acertando a casca das árvores com baques sombrios.

Hércules desapareceu, caindo na vegetação com Felix e seus rifles.

HORA DE LUTAR.

Luka pegou um Mosin-Nagant, pressionou o cabo da arma no ombro e girou para ficar de frente para o campo. Miriam fez o mesmo, usando um tronco como escudo. Yael se acorrou perto de uma árvore, destravando seu rifle para dar mais um tiro. Pelo número de balas e a ofensiva constante, ela soube que a patrulha era maior do que a anterior. Muito maior.

Yael perscrutou em meio à chuva resplandecente, à espera do próximo clarão. Ele veio, trazendo consigo as silhuetas do inimigo que se aproximava. Dez sombras de infantaria. Deixou a imagem se gravar em suas pálpebras, mirou de memória no homem mais próximo e disparou. Fez aquilo mais três vezes, embora o próximo clarão revelou que ela só havia detido dois de dez. Seu Mosin-Nagant precisava ser recarregado, mas havia oito homens atacando as árvores e mais sete balas em sua TT-33.

Um tiro de Miriam derrubou um. As balas de Luka eram curingas. Felix estava se esforçando ao máximo para estabelecer um acordo entre suas mãos e a arma. Yael disparou outra bala. O tronco perto de seu rosto se lascou com um tiro.

Três mortos. Sete a caminho. A patrulha estava a poucos metros, aproximando-se rápido. Os clarões de artilharia não estavam vindo rápido o bastante para que Yael distinguisse os alvos.

A próxima bala que ela disparou ressoou como se todas as árvores ao redor dela tivessem decidido cair. Barulho demais. Demais para uma única arma. Ou mesmo para um revólver mais o rifle de Luka. Estava vindo de trás deles. Tiros disparados das árvores!

O entalhe de luz seguinte mostrou os patrulheiros da ss parando, hesitantes.

O próximo os retratou em plena retirada.

Yael olhou para as árvores atrás deles, encontrando vultos que não estavam lá antes. Vários

se reuniram em volta de Felix e Luka. Seus uniformes não tinham nada de especial — não eram pretos nem exibiam suásticas. Estava escuro demais para ver, mas Yael teve certeza de que, se olhasse melhor, haveria rasgos idênticos aos de Ernst Förstner.

Aqueles homens eram da resistência.

Eles haviam chegado à linha de Reiniger.

Ela estava prestes a expirar sua gratidão quando os homens ergueram suas Mauser novamente, apontando as armas para as cabeças de Luka e Felix.

— Senha?

O cano da arma estava apontado para o rosto de Felix, um círculo tão pequeno evocando tanto pavor. A boca dele tinha ficado seca e sua língua parecia pregada aos dentes. O garoto ergueu as mãos. Os outros estavam fazendo o mesmo. Armas ao chão, mãos ao alto.

— Os lobos da guerra estão se juntando! Eles cantam a canção de ossos podres! — Yael puxou a manga, exibindo os lobos tatuados. — Sou Volchitsa e os três estão comigo!

As Mauser não se moveram.

Era normal suar quando se sentia tanto frio?

— Todos vocês, tirem as camisas — disse o combatente cujo fuzil estava prestes a atirar em Luka. A manga esquerda do homem estava rasgada na altura do ombro. (Na verdade, a manga esquerda de todos os soldados estavam rasgadas.)

— Como é que é? — Miriam questionou, cortante.

— Se são quem alegam ser, isso não deve ser um problema. Tirem as camisas. Agora.

Eles obedeceram. Um combatente perto de Felix agarrou seu braço nu, esfregando a lama de seu bíceps esquerdo. Continuou esfregando até a pele ficar irritadiça.

— Ele está limpo!

— Este daqui também — o inspetor de Luka declarou.

O soldado que examinava a tatuagem de Miriam pausou, fitando os números como se fossem a combinação de um cofre que não conseguia decifrar.

— Não é uma tatuagem de grupo sanguíneo, se é isso que estão procurando — ela disse. — Sou uma troca-rosto, assim como Volchitsa aqui, mas não sou da ss.

— Eles estão comigo — Yael repetiu. — O general Reiniger e Henryka estão à nossa espera. Agora, podemos por favor vestir nossa blusa?

A resposta foi positiva. Os rifles foram abaixados e as camisas vestidas.

— Peço desculpas — o soldado mais próximo de Yael disse. — Novo protocolo. Tivemos algumas brechas nos últimos dias.

— Brechas? — Yael se arrepiou ao levantar, levando a mão ao abdome. — Metamorfos inimigos?

— Quatro, até onde sabemos. Um foi morto tentando cruzar o fronte. Parecia congelado *post-mortem*. Quando examinamos o corpo, encontramos a tatuagem de grupo sanguíneo. Outro quase matou o general Bauer tentando assumir o lugar dele. Também tinha a marca de grupo sanguíneo. Foi então que o general Reiniger ordenou que todos mostrassem o braço

esquerdo. Descobrimos mais dois dessa forma.

— *Saukerls* traiçoeiros — Luka murmurou.

— Quando foi isso? — Yael perguntou.

— O primeiro foi morto faz um tempo. Só descobrimos os outros dois dias atrás.

— Isso explica o vazamento — Yael disse a Miriam, que apenas franziu a testa.

Felix ficou grato por ninguém estar observando atentamente demais seu rosto coberto de lama. A armadura de morfina tinha ficado para trás, e o prazo de Baasch era um laço no pescoço, apertando a cada minuto que passava.

Havia apenas algumas horas para chegar ao quartel-general da resistência, pedir que entrassem em contato com o abrigo de Vlad e encontrar a verdade. O que era real? A morte ou a vida de *Mama*? A audição de Felix ou sua esperança?

Quando o *Standartenführer* da ss falara da resistência pela primeira vez, Felix imaginara algumas centenas de homens armados com fuzis entrincheirados num quarteirão. Escutar a conversa de rádio em Molotov só havia reforçado aquela imagem. Mas, enquanto a patrulha os guiava para um caminhão — passando por rastros de tanque, barracas militares e homens vociferando ordens —, Felix percebeu que a havia subestimado.

Era mais do que algumas centenas de homens. Muito mais.

Era a Wehrmacht.

Para onde quer que olhasse, via alguma versão do uniforme de seu pai. Todas as medalhas nacional-socialistas haviam sido retiradas e o tecido marrom estava encharcado, mas a semelhança era inconfundível. Gerações de homens os usavam — alguns exibiam o mesmo cabelo grisalho de *Papa*, outros tinham cerca de vinte e um. A idade que Martin teria. Felix avistou um ou dois soldados de sua idade, com uniformes da Juventude Hitlerista reduzidos a botões e costuras. Garotos que facilmente poderiam ser ele.

Papa, Martin, ele mesmo, *Papa*, Martin, *Papa*, Martin.

Felix apertou o relógio em seu bolso com a mão boa e se perguntou o que o irmão faria diante de tudo aquilo. Martin teria ligado para Baasch do telefone da fazenda? Seria capaz de entregar todas aquelas pessoas para a ss em troca da segurança da família?

Felix seria capaz daquilo, se fosse necessário?

A terra estava escorregadia de tanta água, assim como os muitos quilômetros terríveis que haviam percorrido. Tinha sido pisada por dezenas de botas, sulcada por muitos tanques. Era uma paisagem especialmente traiçoeira, perfeita para tropeços.

Felix não tinha a menor chance.

Papa, Martin, *Papa* — o rosto cheio de lama, os dentes pressionados às pegadas. Grãos de terra formando contornos sob as pálpebras de Felix. O chão recuou antes mesmo que ele conseguisse pensar em levantar.

Luka — o *Arschloch* que tinha acabado de salvar sua vida — o estava ajudando a se levantar de novo.

— Tudo bem aí, garoto prodígio?

Não muito. Ele estava perdendo o foco, distraíndo-se com o quadro grande demais para processar. Aqueles soldados que passavam em números estonteantes não eram Felix nem sua

família. Não eram quem importava. Se ele se permitisse pensar de outra forma... era ali que a dúvida entrava. Era ali que a escolha que Baasch dera a ele seria terrível demais de fazer.

— Estou ótimo. — Felix tentou limpar a terra dos olhos, mas seu braço estava igualmente imundo, e ele só conseguiu sujar ainda mais as pálpebras cor de neve.

Foi um alívio quando chegaram ao veículo, um Kübelwagen. O carro era pequeno demais para os quatro mais um motorista, mas era o único que o fronte podia ceder. Eles se aglomeraram nos bancos, escorregando por conta da lama em toda parte. Felix não soube dizer se as garotas tinham mudado o cabelo para tons mais escuros ou se apenas estavam cobertas de terra.

— Estamos parecendo gólems — Miriam murmurou enquanto sentavam.

Felix não fazia ideia do que era um golem, mas Yael riu enquanto entrava no banco da frente. O som era tão discordante do ambiente, tão... cheio de esperança.

— Logo mais vamos tomar um banho — ela prometeu, depois virou para Felix. — Você vai ver sua irmã. Vou pedir que o motorista nos deixe no escritório de Henryka.

Quase lá.

Os sons da batalha começaram a sumir quando o veículo se afastou das linhas de frente, mas retornaram poucos minutos depois. A Germânia estava em chamas. Felix sentiu o cheiro das cinzas da cidade entrando pelas janelas abertas, misturando-se à chuva. Eles adentraram mais e mais na cidade, passando por bondes paralisados e prédios perfurados por constelações de balas. Era difícil relacionar aquelas ruas com a capital vibrante que Felix tinha visitado apenas um mês antes. Não havia mais donas de casa carregando pães frescos embaixo do braço ou crianças pelas calçadas. Os cafés normalmente amontoados de xícaras e conversas amigáveis estavam vazios.

Felix ficou esperando que o Kübelwagen estacionasse — na frente de uma casa imponente com uma aldrava de bronze, diante dos degraus de uma estrutura de mármore imponente —, mas o motorista continuou dirigindo até os disparos chegarem a uma proximidade ensurdecedora. Ele quase conseguia sentir o calor da batalha quando o motor foi desligado.

Yael desceu do carro e acenou para eles a seguirem.

Ele estava ali. Ele tinha chegado! A uma... cervejaria?

De todas as localizações onde Felix imaginara que a liderança da resistência poderia se encontrar, um *bierstube* com estandartes de suástica sobre as paredes não estava entre elas. Lugares como aquele eram ninhos de oficiais nacional-socialistas. O próprio Baasch poderia ter bebido um ou dois copos ali.

— O quartel-general esteve aqui esse tempo todo? — Felix franziu o nariz para o cheiro de cerveja velha enquanto seguia Yael para dentro. Assim como a maioria dos lugares por que haviam passado, a cervejaria tinha sido abandonada às pressas: luzes apagadas, mesas espalhadas com copos meio vazios.

— Mudamos quando Aaron-Klaus atirou no *doppelgänger* — Yael explicou. — Mas sempre usamos uma cervejaria como cobertura. Qualquer nacional-socialista leal à resistência poderia frequentar uma sem chamar atenção. Se operássemos numa residência privada ou num galpão, a Gestapo teria notado.

— Vocês se escondem sob os copos deles — Miriam soltou um resmungo de admiração. — Esperto.

— *Verdammt* esperto — Luka concordou.

Eles andaram até os fundos do estabelecimento e desceram um lance de escada. Aos olhos de Felix, o porão parecia tão vazio quanto o salão no andar de cima, mas Yael os guiou por uma série de portas ocultas. A última era de aço reforçado, trancada por dentro. Pararam na frente dela. Yael bateu no metal — duas séries de batidinhas duplas e fortes — e esperou.

A primeira coisa que Felix viu quando a porta se abriu foi uma nuvem de cabelo frisado e ondulante. Havia uma mulher embaixo dele, empunhando um marca-texto destampado.

— Yael?

— Henryka!

Eles foram convidados a entrar no quartel-general e a porta foi trancada atrás deles. Henryka e Yael não esperaram muito para se abraçar. Aquilo lembrou Felix de que era o retorno dela ao lar.

E que lar. Ele examinou o porão. Havia algumas pessoas agrupadas em volta de um par de rádios e máquinas Enigma. Estantes cercavam a abertura do corredor. O Führer reluzia na tela da televisão ao canto, dizendo “Vocês serão eliminados”. Uma máquina de escrever jazia no chão, despedaçada. Não havia nenhum sinal de sua irmã.

— Cadê Adele?

Henryka soltou Yael. Havia um pequeno grupo de marcas em sua bochecha esquerda, cortes que tinham perdido a casquinha recentemente. Eles se juntaram quando ela franziu a testa.

— Ela está...

— FELIX? — O grito agudo soou abafado, mas Felix não teve dúvida de que era a voz de Adele. Ele sentiu o alvoroço da irmã, batendo os punhos contra uma segunda porta reforçada.

A sala era pequena demais para a maneira como Felix correu por ela. Ele bateu contra a porta com força. Nada se moveu além de seus ossos.

— ESTOU AQUI, AD!

— ME TIRA DAQUI! POR FAVOR, ME TIRA DAQUI!

Felix girou a maçaneta. Trancada. Bateu a mão direita contra o metal, lembrando apenas tarde demais que estava machucada. DOR disparou através dele, fantasma e real.

Os outros ficaram em um semicírculo, observando seus esforços. Henryka cruzou os braços.

— A menos que tenha um morteiro ou uma chave, não vai conseguir atravessar essa porta — ela disse.

Felix aninhou a mão junto ao peito, contendo um grito.

— O que ela está fazendo lá dentro? É só uma garota...

Todas as mulheres da sala lhe lançaram um olhar desmoralizante.

Luka bufou.

— Pode até ser “só uma garota”, mas consegue fazer muito estrago. — Um rapaz moreno tirou o fone dos ouvidos e arregaçou as mangas para mostrar vergões em seu braço. Obra de unhas.

— Ela luta como um gato se afogando.

— Porque vocês a mantiveram TRANCADA por um mês! — Era o pior pesadelo de sua irmã:

ficar numa ratoeira, sem ter para onde ir. Não era nenhuma surpresa que o aço chacoalhasse às costas de Felix, com chutes, socos e o que quer que Adele conseguisse lançar. — Cadê a chave?

Os braços de Henryka continuaram cruzados.

— Mantivemos Adele aí dentro para a segurança de todos, especialmente a dela. Estamos em uma zona de guerra e ela tem o rosto da garota que atirou em Hitler.

O rosto que VOCÊS roubaram! Felix engoliu a acusação em seco. Não podia deixar a raiva crescer, não podia deixar que a percebessem.

— Cadê a chave?

Henryka usou a liberdade de Adele para barganhar de maneira tão eficaz quanto Baasch fazia. A porta seria destrancada com uma condição: Felix assumiria toda a responsabilidade por sua irmã. Se ela ferisse alguém ou quebrasse alguma coisa, os dois iriam para o cubículo.

Entendido?

Entendido. (Qualquer coisa para soltar Adele.)

Quando a porta abriu, ela ergueu um braço diante do rosto, chiando com a luz forte. Tanto Felix como a irmã eram criaturas pálidas de nascença, mas um mês sem luz do sol havia deixado a garota translúcida. A única cor estava em suas mãos, que ela havia batido contra a porta até ficarem em carne viva. Quando Felix ergueu os olhos para a lâmpada do cubículo, tudo o que viu foi a corrente do interruptor. Nenhuma lâmpada.

Eles a tinham aprisionado sozinha no escuro.

Sozinha. No escuro.

Por todo aquele tempo.

— Felix? — Adele baixou os braços, piscando enquanto tentava conciliar a luz do porão com a visão de seu irmão. — Como...? O quê...?

As escápulas de Adele se cravaram como asas cortadas nos antebraços de Felix quando ele a abraçou. Ela sempre tinha sido tão angulosa? Ou a resistência a tinha feito passar fome também?

A ferida de Felix ardeu e sua irmã se contorceu (ela sempre tinha sido avessa a abraços mais longos do que três segundos, outra prova de que aquela era, de fato, Adele), mas ele a apertou com força, com medo do que poderia acontecer se a soltasse.

— Ai, Felix! — Adele conseguiu se soltar de seus braços. Ela parecia prestes a socar alguma coisa (punhos cerrados, lábios apertados) enquanto observava o resto da sala do mapa. Seu olhar se cravou em... — Luka?

— *Fräulein*. — O vencedor a cumprimentou com a cabeça, mas o resto de seu corpo se enrijeceu, como se Adele fosse uma granada prestes a explodir e ele estivesse resistindo ao impulso de fugir. — Eu diria que faz tempo, mas...

— O que é isto? — Adele avançou, mas Felix a segurou pela gola. — Vingança por Osaka?

Felix precisou usar as duas mãos para contê-la. Ele conhecia sua raiva, sentia sua raiva. Mas Henryka estava observando com os lábios apertados, e o jovem com os braços arranhados estava tenso, disposto a empurrar os gêmeos para dentro do cubículo.

— Me solta! — Adele girou, rasgando a própria blusa. Ela pegou as mãos do irmão, parando

apenas quando viu o curativo. — Sua mão! Ah, Deus... Felix, seus dedos...

— Não dói mais — ele mentiu.

— O que está acontecendo? — Adele sussurrou.

Felix gostaria de saber. Um relógio perto de uma das prateleiras informou que era pouco mais de meia-noite. Trinta e uma horas haviam se passado desde sua ligação para Baasch. Só faltavam cinco para... o quê?

O que aconteceria? Tudo dependia da próxima pergunta de Felix. Da próxima resposta de Henryka.

— Yael me falou que meus pais estão num abrigo da resistência, com um homem chamado Vlad. Tiveram notícias deles?

— Kasper, recebeu alguma mensagem da fazenda de Vlad? — a mulher perguntou. O homem com os braços arranhados fez que não. — Johann?

Ele estava sentado com um dos fones encaixados, imerso em conversas verbais e elétricas. Levou um momento para responder.

— Não. Nada.

— Isso não é raro — Yael garantiu a Felix. — Vlad é quase um ermitão.

— Podemos entrar em contato com ele? Quero falar com meus pais, ter certeza de que estão bem.

Por favor, que estejam vivos. Por favor, que sejam eles mesmos.

Todos os traços de guarda de cela de Henryka sumiram de seu rosto, substituídos por um sorriso maternal.

— É claro que quer. Mas está muito tarde. Devem estar dormindo...

— Por favor. Podemos pelo menos tentar? — *SUAS VIDAS DEPENDEM DISSO*, ele quis gritar, mas a vida de *Papa* talvez dependesse da discrição de Felix. Então ele respirou fundo e explicou: — Queria falar com eles o mais rápido possível. Devem estar loucos de preocupação comigo e com a Ad.

Depois de um momento, Henryka cedeu.

— Kasper? Reinhard? Podem tentar chamar Vlad?

A exaustão matizou os olhos de Kasper enquanto ele ajustava o rádio na frequência certa. Outro homem — mais velho, na casa dos trinta — estava mexendo em uma máquina Enigma. Ele anotou os resultados numa caderneta e os passou para Kasper, que os leu em voz alta pelo transceptor. Letras incompreensíveis, não muito diferentes das conversas que Felix presenciou em Molotov.

O resto da sala voltou ao trabalho. Johann e uma garota com lápis enfiados nos cabelos operavam uma segunda estação de comunicação. Luka se recostou numa estante, quase sem tirar os olhos de Adele. Miriam começou a organizar os arquivos do Projeto Doppelgänger em uma mesa de carteador, com as fotografias no topo. Felix se virou em um ângulo em que o brilho da televisão encobrisse as imagens.

Yael começou a falar com Henryka quase aos sussurros.

— Acho que temos algumas complicações. Houve um vazamento...

O rádio de Kasper era uma mina de ouro para mecânicos: fios e calibradores e botões e luzes

vermelhas. A máquina Enigma parecia mais simples, não muito diferente de uma máquina de escrever. Continha dois alfabetos. Uma espécie de teclado mais uma placa de luz, que iluminava a letra codificada referente às teclas normais pressionadas. O código era indecifrável sem a combinação de rotor exata.

Felix se aproximou do ombro do operador o máximo que teve coragem e, mesmo assim, teve de estreitar os olhos para distinguir as letras nos marcadores: W-L-S.

Três letrinhas era tudo o que havia entre a resistência e seu inimigo.

Três letrinhas e um telefonema.

Felix torceu para que aquilo não fosse necessário. Torceu para que seus pais estivessem sãos e salvos. Mas aquela esperança estava diminuindo conforme o laço no pescoço de Felix se apertava. Segundos se acumulavam em minutos. Pelo semblante de Kasper, ninguém havia respondido ao seu chamado. Quando o jovem encontrou seus olhos — observando, observando —, balançou a cabeça.

— Tente outra vez — Felix insistiu.

Kasper repetiu as letras no rádio. A sala zumbiu ao redor deles. A conversa de Yael estava a todo vapor, mais calorosa e chiada quando Miriam também começou a participar. A televisão emitiu um som agudo que deixaria cães malucos. Lápis riscavam. Teclas estalavam. Mas o som que Felix mais precisava ouvir nunca chegou: o lado de Vlad da linha continuou em silêncio.

Kasper suspirou.

— Sem resposta. Sinto muito. Como Henryka disse, está tarde, e Vlad é madrugador. Deve estar dormindo. Não posso continuar ocupando as ondas de rádio tentando entrar em contato. Elas são mais importantes.

NADA É MAIS IMPORTANTE DO QUE ISSO!

— Ele não tem um telefone?

— Não. Temos sorte de ter um receptor de ondas curtas, na verdade. — Kasper já estava reajustando seus canais de rádio.

— Mas...

— Deixe Kasper com as obrigações dele. — Uma mão pousou no ombro de Felix. Os dedos eram delicados como ossos de passarinho, mas o aperto era ferrenho. Henryka o girou e apontou para seus curativos imundos. — Você tem outras preocupações agora. Tem um kit de primeiros socorros no banheiro. Vá se lavar.

— Eu mostro onde é — Yael se ofereceu. — Você e Adele podem conversar no meu antigo quarto.

O porão da cervejaria tinha vários cômodos. Os corredores eram cercados por mais estantes, cheias de títulos que Felix nunca tinha visto antes: *A metamorfose*, *Chamado selvagem*, *Biologia da vida selvagem do deserto*, *Os miseráveis*. Livros queridos com lombadas vincadas. Todo o lugar parecia querido. Um cheiro de chocolate rondava a cozinha e três dos quatro quartos estavam repletos de vitrolas, luminárias, mantas, fotografias, extintores de incêndios, tapetes felpudos, obras de arte diferentes de tudo o que Felix já vira — como se os pintores tivessem pingado seus temas, fragmentando-os até quase ficarem irreconhecíveis. Ele notou

que em um dos quartos havia um telefone.

Yael parou à porta do quarto cômodo, estranhamente vazio. A maçaneta estava despedaçada, a madeira em volta dela socada até não restar nada.

— Imagino que a culpa disso seja sua? — ela disse a Adele.

— E imagino que a culpa disso tudo seja sua? — A energia de um mês se desafojou nas palavras de Adele enquanto retrucava. Felix não precisou virar para saber que sua irmã estava se preparando para mais uma briga.

A última coisa que ele precisava era ser trancado num cubículo.

— Ad...

— Não me venha com “Ad”! Passei uma *gottverdammt* eternidade trancada no escuro e você fica agindo como se estivesse tudo BEM? — Ela cuspiu balas. — Uma garota entrou no meu apartamento, Felix. Ela me atacou na noite em que você foi embora...

— Eu sei.

— VOCÊ SABE? — O grito de Adele foi alto demais para o corredor. — Você sabe e a única coisa que vai fazer é tomar uma ducha?

— É... complicado. — Como ele poderia dizer à irmã que tinha ido até os confins da terra e voltado por causa dela? Que iria mais longe ainda?

— Então descomplique.

Por mais estranho que parecesse, Yael foi ao seu resgate.

— Você tem todo o direito de sentir raiva, Adele, mas Felix é a última pessoa que merece seus berros. Deixe seu irmão limpar a mão dele. Vocês vão ter tempo de sobra para conversar.

Adele fungou e entrou pela porta quebrada sem mais delongas. Era uma trégua. Pelo momento. Felix ficou grato. Quanto mais ficasse com os curativos encrustados de lama, mais provável seria que uma nova infecção se espalhasse.

Ele ainda tinha muito a perder.

O banheiro ficava no fim do corredor, tão habitado quanto os outros cômodos. Havia incrustações no chuveiro e uma família de escovas de dentes sobre a pia. Yael verificou o armário de toalhas em busca de gaze e antisséptico — e, embora Felix estivesse cansado daquelas coisas, resmungou em agradecimento quando ela os entregou.

— Sei que você é bom com primeiros socorros, mas... — Ela apontou para a ausência em sua mão direita. — Dá conta sozinho?

— Adele pode me ajudar — ele disse, incisivo.

— Certo. — Yael pegou mais coisas no armário. Quando terminou, fechou-o com o joelho e começou a voltar para o corredor, mas parou de repente. — Felix, sinto muito por você ter encontrado sua irmã daquele jeito. Eles não deviam ter deixado Adele no escuro.

“Sinto muito.” Como se aquele pedido de desculpas não tivesse sido diluído a ponto de não significar mais nada. Era tão inútil quanto o curativo ensopado que Felix tirou do punho e jogou no lixo.

Yael desapareceu para cuidar de seus próprios ferimentos. Felix ligou o chuveiro.

Seria preciso muito mais do que um “sinto muito” para consertar as coisas.

Luka não deixaria Lady Wolfe atacá-lo por trás de novo. Sempre que havia uma parede, ele apoiava as costas nela. Quando foi sua vez de ir para o chuveiro, tomou banho com a cortina aberta, sem nunca tirar os olhos da porta enquanto a água gelada batia em seus ombros. Ele se barbeou com as costas expostas, mas só porque estava diante de um espelho. A porta no reflexo continuava imóvel enquanto a lâmina passava pelo queixo de Luka.

Ela o cortou sem nem mesmo se esforçar.

Luka demorou para perceber. Não doeu, mas sangrou: vermelho e menos vermelho quando se misturou à espuma. Ele se limpou da melhor maneira que pôde, voltando toda a atenção para tirar os pelos do rosto.

Adele Wolfe não merecia seu medo. Nem sua garganta ensanguentada.

Ela estava esperando por ele no corredor — em plena vista e tão impressionante quanto as memórias de Luka. Ele parou, sem saber se deveria se aproximar ou se trancar no banheiro de novo.

— O que está fazendo aí?

— Esperando você sair — ela disse com frieza. — *Eu* não entro no banheiro sem avisar quando alguém está tomando banho.

A luta havia começado. A farpa inicial fazia referência a quando Luka tinha entrado no banheiro do posto de controle de Roma e visto... bom... basicamente tudo.

— Tem um cigarro?

— Não. — Ele tentou contornar a garota, mas o corredor era estreito o bastante para Adele bloquear seu caminho.

Onze meses, quase um ano dos dezessete. Aquele era o tempo que havia dedicado a planejar o momento em que enfrentaria Adele Wolfe novamente. Agora que havia chegado, tudo que ele queria era seguir em frente.

— Qual é? — Ela ergueu o queixo como tinha feito em sua primeira noite em Daka, quando a selva cantou sinfonias em volta do acampamento e eles fumaram quase um maço inteiro para afastar os mosquitos. — Você sempre teve alguns escondidos. Atrás da orelha? Na barra da calça?

Adele estendeu a mão para procurar. Luka se esquivou.

— Não tenho nada para você.

Os olhos dela se estreitaram.

— Ainda está chateado por causa de Osaka?

— Chateado, não. Mas tenho a cicatriz.

— Talvez eu tenha exagerado no golpe — ela admitiu. — Mas não finja que não teria feito o mesmo se estivesse na minha posição. Na verdade, acho que *já fez*. Felix me contou que encontrou a falsa Adele drogada no *Kaiten*. — Ela insistiu: — Como fez isso? Colocou algo no *kake udon* dela quando não estava olhando? Usou uma seringa?

— Não saio falando por aí sobre quem eu sedo ou deixo de sedar.

— Você não tinha esse problema quando a gente corria juntos.

— Muita coisa mudou desde aquela época. — O Tour do Eixo de 1955 tinha ficado para trás, como uma obra de museu. Quando Luka pensava no garoto sentado no calor da selva beijando uma garota com um cigarro entre os dedos, não sentia raiva ou sede de vingança. Sentia...

— Mudou? — Adele franziu a testa. — Então me responde o seguinte: por que a convidou para o Baile da Vitória?

— Por que você se importa?

A garota ergueu ainda mais o queixo e deu um passo à frente.

— Ela era *eu*, não era?

Não. A falsa Adele não era Adele. Sempre tinha sido Yael — uma garota que, quando o tocava, fazia seu coração bater dez vezes mais rápido do que havia batido nos braços da outra *Fräulein*. Yael, que acreditava que nenhuma vida era pequena. Yael, que o fazia querer ser *mais*, de uma forma que fizesse a diferença. Yael, que estava esperando por ele na sala principal para que pudessem começar a tramar o golpe fatal contra o Reich.

— Vocês são completamente diferentes. Agora, se me der licença...

Para alguém que tinha passado um mês trancada num cubículo, Adele era surpreendentemente ágil, e acompanhou seu passo para o lado feito uma sombra.

— Eu conheço esse olhar. Você *gosta* dela. Ou até *mais* do que isso.

— É um crime? — Luka perguntou.

— Há quem diga que sim. — Adele soprou os fios finos de cabelo da frente do rosto. Antes, Luka os achava lindos: pálidos e desfiados como a coroa de uma princesa do gelo. Agora, sem magia, não eram nada além de cabelo.

Luka a empurrou com delicadeza para poder passar. Seus ombros se tocaram e ele não sentiu nada. A vaga melodia da voz de Yael do outro lado do corredor carregava mais eletricidade.

— Tem certeza de que não tem nenhum cigarro? — Adele não o tentou impedir daquela vez, apenas o observou enquanto a contornava e se afastava.

— Nunca tive tanta certeza na vida — ele disse.

Yael estava sentada na frente do mapa de operações, observando todas as revisões feitas nele. Egito, Grã-Bretanha, Iraque, Finlândia, metade da Itália, Turquia. Parte da tinta azul-escura estava fresca: Península Ibérica, Grécia e uma boa porção dos territórios moscovitas. (O exército de Novosibirsk cercava Moscou, varrendo os campos ao redor com frentes de fios cinza.) Países novos tinham sido marcados em linhas pretas pontilhadas. Entrecruzavam os continentes, cortando-os em pedaços menores. Muitos assumiram formas que Yael já tinha visto nas páginas do Atlas Mundial de 1931 de Henryka.

Era muito diferente do mapa que Yael tinha estudado um mês antes. A Velha Ordem estava sendo restaurada. Países esquecidos eram reformulados.

— É lindo — ela disse, estendendo a mão para tocar as fronteiras do Egito.

— Não se mexa! — Henryka estalou os dentes ao lado dela, brandindo uma agulha com fio cirúrgico. — Isso não é exatamente um bordado.

Yael se recostou na cadeira. O raspão da bala, ainda que ardesse, não era nada de mais. Henryka tinha passado bastante tempo tirando todos os grãos de terra possíveis com pelo menos três passadas de antisséptico. Nunca houvera um ferimento mais limpo.

— Também estava com saudade, Henryka.

As marcas de sorriso nos cantos da boca da polonesa não eram tão fundas quanto deveriam ser para sua idade. A agulha parou enquanto Henryka observava o mapa pesado de tinta.

— É bonito de ver mesmo, mas tenho medo de não durar se perdermos a Alemanha. Esses novos governos têm a integridade estrutural de uma semente de dente-de-leão. Não precisaria muito para dissipar todos eles se Hitler e seu governo sobreviverem.

— As forças de Reiniger parecem manter a posição. — Yael apontou para um segundo mapa, que mostrava as ruas da Alemanha em detalhes sinuosos. Tachinhas pontilhavam os quarteirões mais próximos do Spree, cercando os furos de territórios ganhos e perdidos.

— É uma guerra milimétrica. — O sorriso de Henryka desapareceu enquanto continuava suturando Yael. — Não é o bastante para fazer diferença. A SS nos cercou por todos os lados e nossas provisões estão acabando. Talvez não tenhamos nem o suficiente para chegar ao Mar do Norte...

— Chamem a cavalaria — Miriam disse, à mesa de cartado. Sua aparência estava de volta à que Yael considerava normal: cabelo escuro entremeado de prata, olhos pontilhados de dourado. Ela estava sentada, com os cotovelos sobre os documentos.

Os arquivos do Projeto Doppelgänger haviam sobrevivido à travessia do fronte em melhores

condições do que todos eles — secos e sem amassar. Não eram os únicos sobre a mesa. Com o vazamento, todas as opções estavam na mesa. Plantas da Chancelaria e do *Führerbunker* estavam ao lado de um mapa do Ministério para Esclarecimento Popular e Propaganda, traçado à mão pelo próprio Luka. Yael notou que ele era bem talentoso, mostrando firmeza no menor dos traços. Seu conhecimento do prédio do Ordenspalais era parcial, abrangendo apenas os corredores que havia percorrido, mas bastava para guiar uma infiltrada pela ala anexa que abrigava os estúdios da Reichssender. Era o suficiente para levar um rolo de filme expondo o Experimento 85 e o *Maskiertekommando* de Hitler para a sala de controle.

O plano foi recebido com muito menos animação do que Yael havia esperado, especialmente por Miriam. Ela e Henryka ouviram seu raciocínio — quinze cabeças de hidra, caos e a cara do garoto-propaganda — sem interromper, talvez apenas porque seu plano inicial de assassinato era (praticamente) impossível.

Ao fim de tudo, Henryka assentiu.

— Vamos ter que consultar Erwin e os outros oficiais. Mas concordo. Revelar essas informações pode invalidar o *Führereid* e enfraquecer as forças nacional-socialistas.

A única oposição de Miriam foi à presença de Luka. Não era sua influência que ela questionara, mas seu direito. Ver meia dúzia de fotografias e derramar algumas lágrimas não criavam um membro da resistência. Quem era ele para falar por elas?

Não *por* elas, Yael havia argumentado, mas *com* elas. Tinha sido difícil tirar Miriam do “de jeito nenhum” para um “talvez”. O tema agora era um ponto sensível entre elas.

Por falar em sensível... Yael rangeu os dentes enquanto Henryka dava os últimos pontos. Agulhas penetrando a pele — mesmo que para fins curativos — a deixavam nervosa.

— A cavalaria encontrou alguma coisa? — ela perguntou a Miriam.

— Apenas mais do mesmo. — Miriam só havia se separado dos arquivos para tomar banho e fazer um lanche rápido, examinando todas as páginas uma, duas, três, o maior número de vezes possível para entender o pânico que tinha ouvido na voz do *Reichsführer* Himmler. — Nenhuma solução milagrosa até agora.

Yael achava que o que eles tinham — provas do experimento, uma lista do *Maskiertekommando*, a palavra de Luka — era suficiente. Mesmo assim, fazia sentido organizar. Quem quer que se infiltrasse no Ministério teria poucos minutos para colocar o vídeo no ar antes de ser descoberto. O programa teria que ser breve o bastante para caber nesse intervalo e forte o bastante para desencadear a mudança. Apenas os documentos mais relevantes seriam usados.

Henryka cortou o fio, passou antisséptico na barriga de Yael e fez um curativo, então apontou para o mapa das ruas da Alemanha.

— Talvez seu tempo fosse mais bem aproveitado estudando maneiras de entrar e sair do Ordenspalais.

Na escala do papel, elas estavam a apenas um dedo da estação da Reichssender — uma caminhada de meia hora além do Spree, descendo pela Wilhelmstrasse. Mas as tachinhas das unidades da ss pareciam uma teia de aranha. Yael fitou as runas *Sieg* tão fixamente que se turvaram numa aranha peluda. Precisariam ser furtivos e contar com a sorte para se infiltrar

naquela área. Para fugir, seria preciso ainda mais.

Não era tão impossível quanto entrar no *Führerbunker*, mas era quase tão perigoso quanto.

— Luka vai ajudar quando planejarmos a apresentação. Alguma novidade sobre as câmeras?
— ela perguntou a Kasper, que tinha acabado de terminar uma transmissão de rádio.

Ele coçou os olhos, como se a privação de sono fosse algo que pudesse arrancar à força.

— Nada ainda. Mas estão falando para todas as unidades ficarem de olho. Se algum dos nossos homens encontrar equipamentos de filmagem, vai entrar em contato conosco.

Yael foi até a mesa de carteador. Embora fosse tarde, o sono do dia e a adrenalina da travessia a deixaram energizada demais para dar a noite por terminada. Era hora de começar a ler — com a aprovação de Reiniger pendente e com ou sem câmeras.

Luka surgiu do corredor, recém-saído do banho. Seu cabelo molhado estava penteado para trás e ele havia se barbeado tão rente que Yael notou ângulos desconhecidos em seu rosto. A arquitetura das bochechas dele a lembrou uma catedral: abobadada, um tanto quanto gótica e com alicerces pétreos.

Era engraçado como, mesmo completamente desmascarado, ele continuava revelando novas facetas.

O coração de Yael acelerou — rápido como em uma estrada — enquanto Luka sentava na cadeira ao seu lado. Ela precisou abaixar os olhos para confirmar que não estava flutuando. Devia se manter com os pés no chão, agora mais que nunca. Havia cometido o erro de deixar que Luka a distraísse no fim de sua última missão, e aquilo havia lhe custado a corrida.

Yael tentou controlar os sentimentos, mas era como engolir um raio de sol em seco. Raios amarelos e vibrantes cintilavam dentro dela. Se estivessem a sós, ela teria tocado Luka de novo. Não a mão daquela vez. Algum outro lugar. A saliência do ombro. A parte de trás do pescoço...

— Você se cortou — ela disse.

— Ah. Sim. — A mão dele tocou o ponto embaixo do queixo, parando quando se sujou de sangue. — Só um cortezinho.

— Não ouse manchar estes arquivos — Miriam avisou.

— Nem pensaria nisso, camarada Mnogolikiy. — Luka limpou o sangue na camisa, pronunciando o nome russo de Miriam tão perfeitamente que ela ergueu os olhos para o garoto.

— Seu russo está melhorando.

— *Nyet*. — Luka balançou a cabeça. — Só meus modos.

O sorriso de Miriam foi breve, mas Yael notou a marca dos futuros pés de galinha. Ela apontou para uma pilha de relatórios de autópsia ao lado do cotovelo dele.

— Se vai fazer a apresentação *com* a gente, é melhor se familiarizar com o Experimento 85. Comece lendo estes.

Luka pôs mãos à obra. Abriu a primeira pasta e separou as fotografias com dedos cuidadosos. Yael mergulhou em sua própria pilha. Era um trabalho penoso, que exigia muito tempo e esforço, revivendo o Experimento 85 vida após vida, através de Anne Weisskopf (125819ΔX), Edith Jacobson (137992ΔX) e Talaitha Mirga (143026ZX).

Ainda maior era a lista de nomes. Ainda mais alto escalavam os números.

No entanto, havia algo estranho nos números quando o assunto era o *Maskiertekommando des Führers* da ss. Era uma discrepância que Yael já havia notado quando lera as anotações do dr. Geyer. Se o Projeto Doppelgänger tinha começado oficialmente em 1948 e dez candidatos da ss haviam passado pelas injeções todo ano com uma taxa de sobrevivência de 95%, a matemática básica definia que deveria haver sessenta e cinco metamorfos desse tipo.

Então por que só tinham encontrado evidências de vinte?

— Boa pergunta — Miriam disse. — Pode haver outros *Maskiertekommandos* que não foram designados a Hitler.

— Mas não teria uma lista deles aqui?

— Tivemos que deixar muitos papéis para trás — Miriam lembrou. — E não lemos tudo ainda.

— Mais cinquenta e seis metamorfos à solta? — Luka resmungou. — Que notícia animadora...

Exatamente.

Aquilo apertou ainda mais o coração de Yael, mas ela não queria deixar passar nada, então continuou lendo. Todas as palavras em todas as páginas. Sempre que números, nomes e memórias se tornavam avassaladores demais, ela olhava para o mapa de operações e seu banho encorajador de azul-marinho. Pensava na esperança que Henryka tinha, marcando aqueles territórios reconquistados a tinta — permanente, imutável. Yael olhava para ele pelo tempo que a culpa permitia, mas a tinta da caneta do Anjo da Morte — igualmente permanente, imutável — sempre a chamava de volta.

Havia chegado a uma entrada de junho de 1952. O Reichsführer Himmler ordenou a descontinuação de novas cobaias da ss em virtude da decisão recente do Führer de ficar longe do olhar do público.

Yael apresentou aquilo para o grupo.

— Isso explica os números. — Miriam franziu a testa. — De certa forma.

— Mas foi poucas semanas depois que Aaron-Klaus tentou acabar com o Führer — Luka apontou. — Por que parariam a produção em série se um sóia tinha acabado de salvar a vida de Hitler?

Yael continuou lendo e resumindo para os outros.

— Existiam mesmo outros *Maskiertekommandos* para algumas autoridades nacional-socialistas de alto escalão. Bormann, Göring, Goebbels, Himmler. Diz aqui que todos os membros foram eliminados para reduzir o risco de exposição do Projeto Doppelgänger.

— Himmler e Hitler deviam imaginar o pânico que isso causaria — Miriam considerou. — Depois do tiro na Grosser Platz, fizeram o povo acreditar que a sobrevivência do Führer tinha sido um milagre e apagaram todas as evidências dos *doppelgängers*. Agora a história está se repetindo.

— Não exatamente. — Yael balançou a cabeça e deixou a página tomada pela caligrafia do dr. Geyer de lado, junto com Anne, Edith e Talaitha. Perto da fúria de seus cinco lobos. — Certas coisas não podem ser apagadas.

E aquelas coisas iriam ao ar pela Reichssender para que todo o mundo soubesse. Tudo o que o Führer havia tentado esconder se inflamaria como mato seco na selva, transformando em cinzas tanto o *Führerreid* como a confiança da população.

Hitler, Himmler e Geyer — eles não a tinham criado.

Tampouco a tinham quebrado.

Mas Yael tentaria destruí-los com tudo o que havia dentro dela — luz do sol e sofrimento, vidas roubadas e morte na ponta de suas asas.

O tempo nunca havia se arrastado tanto. As horas nunca haviam passado tão rápido.

Quatro horas: Felix deveria ter se sentido melhor depois do banho. Sem a lama, com os músculos relaxados. Mas se sentia tão exposto quanto a ferida que mostrava para a irmã. Em carne viva. Ambos estavam sentados no beliche do quarto de Yael. As roupas de cama brancas e lisas ficaram cobertas de curativos e frascos enquanto Adele fazia os curativos, deixando de lado tudo o que não precisava. Incluindo o relógio de bolso de Martin.

— Depois vou consertar isso. — Aquilo significava muito vindo de Adele. Ela olhava para o relógio de bolso de Martin com a mesma frequência com que visitava o túmulo do irmão, ou seja, nunca. — Vamos precisar de alguma coisa para ficar de olho no tempo, e podem desconfiar se ficarmos entrando e saindo da sala do mapa.

Felix tinha contado a Adele tudo o que podia, resumindo o Tour do Eixo, a tortura em Tóquio, o plano de Baasch e o que aquilo havia causado.

— Aqueles *Saukerls*! — Adele dissera quando a história terminou.

— Quais deles? — Felix perguntara.

— Todos! — O cabelo dela estava caído brilhante em volta do rosto, mas os dias de escuridão turvavam suas palavras. — Baasch, Yael, o *verdamm*t bando todo!

Felix se lembrava daquela raiva, uma raiva vermelha de vingança. Recordava como cobrira o chão em Tóquio, preencher a boca. Parte dela ainda latejava sob seus curativos novos, mas o caráter absoluto do sentimento havia evaporado. A missão de Baasch não parecia mais direito seu. Era tudo uma mistura enlameada de vidas, mortes e erros, e Deus sabia que ele não queria lavar as mãos naquilo!

— Acha mesmo que *Mama* está morta? — Uma emoção escura feito piche atravessou os dentes cerrados de Adele.

— Se não está, se ela e *Papa* estão mesmo na fazenda de Vlad... — Que bem as conjecturas haviam feito a ele? Era melhor se contentar com uma resposta mais sólida. — Não sei. Não sei o que fazer, Ad.

Ela pegou o relógio quebrado de Martin.

— Não sabe?

Três horas: Adele contou seu lado da história enquanto consertava o relógio, seguindo as instruções de Felix e usando a tesoura do armário de remédios. (Precisou esperar que Luka saísse do banheiro para pegá-las.) No fim, a história e o conserto foram breves. Tirando o ataque de Yael no apartamento e as três tentativas de fuga, seu mês havia se limitado a dedos feridos e sons na escuridão. Ela tinha ouvido muita coisa através das camadas de aço. O suficiente para saber que as chances da resistência derrubar o Führer eram mínimas.

— Mesmo se seu *Standartenführer* da ss não estiver com *Mama* e *Papa*, o que vai acontecer quando a ss recuperar o controle da Germânia? — Adele perguntou. — Vamos ser capturados e decapitados de qualquer forma. Eles vão torturar alguém até descobrir onde fica a fazenda desse tal Vlad, e *Mama* e *Papa* vão morrer.

Quando o relógio voltou a funcionar, eles o ajustaram seguindo a hora do relógio de parede da sala do mapa: duas e quarenta e três, de acordo com o horário do Reich Central. O relógio de Martin contou os segundos com firmeza, tiquetaqueando com a mesma urgência que tivera no quarto de hóspedes do Palácio Imperial.

Você sabe o que precisa ser feito, ele parecia dizer. Não sabe? Não sabe?

Duas horas: Adele tinha razão.

Uma hora: Ele atravessou o corredor a passos pesados, entrando no cômodo com o telefone. Os outros estavam na sala principal, suas vozes se misturando enquanto discutiam os documentos do Projeto Doppelgänger. Como se todos aqueles arquivos realmente pudessem fazer alguma diferença.

E se pudessem? A pergunta seguiu Felix pela porta. Serpenteou em volta de seu pescoço enquanto ele caminhava até o gaveteiro onde ficava o telefone. Inflamou-se em seus dedos fantasmas enquanto erguia o fone, tentando não pensar em Yael ou nas centenas de homens da Wehrmacht que poderiam ser *Papa*, Martin, ele mesmo.

O pensamento apareceu mesmo assim. Dúvidas — com dezenas, centenas, milhares de rostos — entraram pelos tendões da mão boa de Felix e a fizeram parar. Mas os ponteiros continuavam se movendo — o relógio de Martin queimava em seu bolso. Lembrando Felix que sua vida — a vida de todos que mais amava — seria muito mais curta se ele não mantivesse o foco, estendesse a mão e discasse. E, afinal, em que rostos estava pensando? Yael era a garota sem rosto. Os soldados tampouco tinham rosto, destinados a morrer independentemente do que Felix fizesse.

Os únicos rostos que importavam eram os que podia salvar.

Era aquilo. A última peça.

Salvação, perdição.

Felix discou.

Apesar da hora, levou apenas dois toques para atenderem a ligação e a transferirem. Felix mal teve tempo de repensar sua decisão quando Baasch entrou na linha, resmungando com voz de sono.

— Alô?

A respiração de Felix tremulou em sua garganta.

Haveria sangue.

Precisava haver.

Mas não seria dos Wolfe.

— Estou em posição — ele disse.

Nenhuma notícia dos equipamentos de filmagem, mas aquilo não impediu Luka de ler até sua visão embaralhar todas as letras em uma. Então nem a caneca de café ao seu lado (que tinha ficado vazia e sido enchida várias vezes) podia mais manter as palavras no lugar.

Mas ele não estava apenas lendo, estava? Seu trabalho era falar. As palavras eram o forte de Luka, mas pegar o assassinato em massa, os experimentos humanos, a maior das mentiras de Hitler e fazer tudo aquilo caber num discurso era um desafio até para suas habilidades de oratória.

Ele passou quase uma hora com um lápis na mão, tentando pensar no melhor jeito de expressar uma coisa tão terrível. Com o grafite correndo pelo papel em explosões, o esqueleto de um discurso foi tomando forma.

Povo do Terceiro Reich. Aqui é Luka Löwe, seu duplo vencedor, e vim lhes revelar a verdade. O Führer Adolf Hitler está mentindo para vocês sobre várias coisas. Paz. Pureza. Progresso. Isso é o que ele diz que nosso Império atingiu. “A raça ariana é grandiosa”, ele diz. “A raça ariana é forte. A raça ariana tem o direito divino de governar.”

Mentiras.

Vou contar a verdade para vocês. A verdade que acho que a maioria já sabe: não somos grandiosos. Não somos fortes. Somos assassinos, com o sangue de inocentes em nossas mãos. Centenas, milhares de

Ele parou. O lápis pressionava o papel com tanta força que o furou.

Aquelas palavras não pareciam suficientes.

— Alguém tem uma borracha? — Luka perguntou.

Em vez de responder, Yael pegou o papel de sua mão e passou os olhos por ele.

— Está ótimo!

Ela passou o discurso para Miriam antes de Luka apanhá-lo de volta.

— Números são fáceis de ignorar. É por isso que nos marcaram desta forma. — Miriam apontou para o próprio antebraço. — Números não sentem dor. Não sangram. Escolha um dos relatórios de autópsia. Exiba isso na Reichssender, se quer que eles encarem a verdade. Mostre o retrato de uma criança para as pessoas, dê um nome, uma data de nascimento. Revele que somos de carne e osso. Não números.

Luka passou mais meia hora relendo os arquivos. Carne, sangue e osso.

Escolha um.

Como poderia escolher apenas um quando havia tantos?

Tantos...

Não eram apenas as palavras que se misturavam, mas as próprias páginas. Luka as encarou até seus olhos se confundirem e a pilha perder o foco. A dor em seus ombros se prolongava por toda a coluna. Quem diria que papéis poderiam ser tão pesados?

A cadeira de Yael se arrastou no chão.

— Acho que um pouco de ar fresco faria bem para nós. Miriam? Luka?

Ar fresco. Aquilo ainda existia?

Miriam ignorou os dois, sem tirar os olhos de sua cota de documentos. Sua dedicação era lendária. Se ao menos houvesse uma forma de pegar aquela energia e espalhá-la por toda a resistência... A vitória deles seria conquistada em questão de dias.

Sua vitória. A ideia não surpreendeu Luka, apenas confirmou o que ele já sentia se contorcendo dentro de si fazia muito tempo. Tão feroz e inflamado quanto o sentimento por trás do rosto de Aaron-Klaus naquela manhã na Grosser Platz. Tão frenético quanto aquela zibelina.

Aquela luta também era dele.

Yael o guiou pelo porão. Em vez de voltar para a cervejaria, ela pegou um segundo lance de escadas circulares que dava para o terraço. Em algum momento, a chuva havia passado. As nuvens tinham se aberto para revelar indícios da manhã nascente. Uma luz tênue se refletia nas várias poças do terraço.

Não era uma aurora silenciosa. Lá embaixo, a cidade retumbava, não com bondes elétricos ou caminhões de entrega, mas com um tiroteio não muito distante.

— Eu não me afastaria muito da porta se fosse você — Yael avisou quando Luka saiu. — Pode haver franco-atiradores. — Ele parou logo depois do batente. Ela ficou ao seu lado. — Que noite.

— Que mês — Luka murmurou em resposta.

Yael sorriu. Sob a luz tênue, era mais ela mesma do que nunca. Tinha vestido seu antigo uniforme de corrida e seus traços arianos haviam desaparecido, substituídos pelo rosto que havia mostrado a ele na fazenda. Queixo resoluto. Cílios pretos tão densos que pareciam tingidos. Olhos que faziam Luka sentir como se estivesse de volta à taiga, correndo entre as pegadas dos lobos na neve, de um verde tão escuro que era castanho, de um castanho tão viçoso que era vivo. Seu cabelo ainda tinha cachos suaves, mas ela os havia prendido num coque. Alguns fios haviam se soltado, caindo na testa com a brisa pós-tempestade.

Um fio roçava os lábios dela.

Luka queria beijá-la. Mais do que nunca. Em vez disso, manteve as costas no batente, respirando o ar com cheiro de fumaça.

— Tenho a impressão de que tudo isso vai acabar em breve. — Yael observou os terraços. A cidade estava pouco iluminada, o que fazia as silhuetas das casas se destacarem mais. Do outro lado do Spree, o Volkshalle fazia o resto do horizonte se curvar. — Tudo está prestes a desmoronar. De um jeito ou de outro.

Luka se perguntou quantos explosivos seriam necessários para demolir um gigante como o Volkshalle. Não muitos. Bastaria tirar alguns pilares centrais que o peso do prédio o faria ruir

sobre si mesmo.

— O que você vai fazer quando tudo isso acabar? — ele perguntou.

— Se eu sobreviver... — ela começou. — Se eu sobreviver, vou viver. Vou usar blusas de mangas curtas. Quando as pessoas perguntarem meu nome, vou responder a verdade. Não vou ter que pensar no meu rosto toda vez que sair à rua.

Eram coisas simples com que sonhar.

— E você? — Yael perguntou. — Ainda pensa em virar poeta?

— Poeta?

— No posto de controle de Roma, você falou que talvez virasse poeta quando tudo acabasse.

— Falei, é? — Tudo o que Luka conseguia lembrar sobre Roma era o quanto queria vencer, tirando de Adele a vitória que ela havia arrancado de suas mãos. Ele havia sentado naquela mesa do refeitório fervilhando em meio à fumaça de cigarro enquanto ela comia seu macarrão.

— Você me falou que precisávamos um do outro. Foi a primeira vez que comecei a ver você... — Yael perdeu a voz, mas ela ainda o observava.

Luka encarou de volta a floresta perene dos olhos dela.

— Eu menti para você, Luka — Yael murmurou.

— De qual das vezes você está falando? — ele perguntou.

Os dois sorriram, porque haviam trocado incontáveis mentiras.

— No salão de baile. — A voz dela foi tão vertiginosa quanto a valsa deles havia sido.

Aquele era um momento de que Luka se lembrava perfeitamente. Ele havia revelado a verdade do seu coração: “Não posso amar outra pessoa”. E Adele (que era a falsa Adele, mas sempre tinha sido Yael) havia arrancado o músculo cardíaco do peito dele e o despedaçado com caninos afiados: “Não amo você. E nunca vou amar”.

O coração dele estava de novo entre os dentes dela. Luka ficou paralisado, à espera da verdade.

— Quando você venceu o Tour do Eixo, achei que tinha arruinado tudo. Quando me seguiu até aquele beco em Tóquio, achei que tinha arruinado tudo. Mas você me surpreendeu, Luka Löwe. De novo e de novo, você me surpreendeu no melhor dos sentidos.

Yael Reider se aproximou. Estava mais perto do que tinha estado no beco de Tóquio, no convés do *Kaiten* ou no trem para Nova Delhi. Tão perto que Luka pensou sentir o coração dela palpitando sob o peito, quase em sincronia com o seu.

— Eu te amo, sim — ela disse, e deu um beijo nele.

Ele. Ela. Lábios se encontrando sem mentiras. Era a coisa mais pura, mais intensa, mais forte de todas.

Luka também a amava.

Scheisse, e como a amava! Não era apenas o sentimento, mas uma *certeza* quente dentro dele. Amor ardente.

Luka retribuiu o beijo. Até não saber mais onde ele terminava e Yael começava. Até os dedos dela passarem por seu cabelo e sua cicatriz, e Luka não se importar, porque os dois estavam vivos, e aquela era a coisa mais sincera que ele já tinha feito. Até o mundo explodir em chamas em volta deles.

Por um momento, Luka se perguntou se suas emoções tinham simplesmente levantado voo. Mas, quando Yael recuou assustada, ele abriu os olhos para ver que não havia nenhuma fênix, nenhuma encarnação mágica dos sentimentos dentro de seu peito.

As chamas eram muito, muito reais. Lá embaixo, a rua estava pegando fogo.

Todos os pensamentos relacionados a franco-atiradores e beijos inesquecíveis desapareceram quando Yael correu até a beirada do terraço. As chamas que a haviam arrancado da felicidade absoluta eram consequência de uma granada, que se tornara apenas um ponto chamuscado na calçada. Combatentes (todos de Reiniger, Yael pôde ver, porque estavam sem a mangas esquerda) batiam em retirada, utilizando carros estacionados e fachadas para se proteger do fogo inimigo que avançava.

A guerra tinha chegado à porta deles.

Soldados da ss viraram a esquina, movendo-se com uma audácia que indicava números altos. Eles metralharam a rua. Estilhaçando vidros, marcando pedras, esfolando carne. Yael observou do terraço, hipnotizada — uma valquíria no alto da batalha. Incapaz de decidir: *vida ou morte?*

Morte...

Morte...

Havia apenas morte embaixo dela. Mais ss e Wehrmacht leal encheram a rua. (E mais e mais e mais, até Yael duvidar de que ainda houvesse alguma tachinha ao sul do Spree.) Os homens de Reiniger não tinham a menor chance. O que tão poucos poderiam fazer contra tantos? Os últimos combatentes da resistência recuaram, mas os nacional-socialistas não saíram em sua perseguição. Em vez disso, avançaram diretamente para a entrada da cervejaria.

Eles sabiam sobre o quartel-general.

Foi o único prédio em que entraram, avançando com *determinação*. Nada os impedia. Nem mesmo uma porta trancada. E ela e Luka haviam deixado a entrada do porão aberta, porque voltariam rápido.

MIRIAM HENRYKA KASPER FELIX ADELE JOHANN REINHARD BRIGITTE VAI VAI VAI.

Quando Yael virou para a escada, encontrou Luka bloqueando o caminho, com as mãos espalmadas na porta, de batente a batente. Ela tentou passar por ele, mas o garoto colocou os braços em volta dela, não em um abraço, mas em algo mais violento.

Yael o empurrou. Luka segurou firme. Ele era forte, e mesmo o esforço mais intenso dela não o moveu nem um centímetro.

— Se descer, só vai ser capturada com os outros. — A voz dele retumbou entre os dois. — Isso não vai ser bom para ninguém.

Havia um jeito de passar pelo vencedor, mas envolvia machucá-lo, machucá-lo de verdade.

Yael poderia tê-lo considerado se Luka não tivesse tanta *verdammt* razão. Ela não tinha como salvar seus amigos. Não daquela vez. Mesmo se descesse as escadas voando com a fúria de uma valquíria, quantos homens conseguiria enfrentar desarmada? Não tinha nem um revólver... Feito uma *dummkopf*, tinha-o deixado na mesa de carteador. Ao lado dos arquivos.

Ah, *Scheisse*, os arquivos!

DESÇA E NUNCA MAIS SUBA LÁ EMBAIXO É A MORTE.

Ali era a morte também, Yael se deu conta. Os soldados da ss já estavam enchendo os andares inferiores do prédio. Quanto tempo levaria até subirem ao terraço?

Luka pareceu pensar o mesmo. Seus braços relaxaram, de modo que ela pôde se inclinar para trás e ver o medo no rosto dele, emaranhando-se com seu cabelo desgrenhando. Seus olhos bombardearam a escada.

— O que a gente faz?

Miriam, Henryka, Kasper, Felix, Adele, os outros agentes...

Ela não tinha *espaço* para tantos lobos.

— Yael!

— Você... você tem alguma arma? — ela perguntou.

— Tirando meu bom humor e meu charme irrepreensível? Não. Você?

— Minha faca. — Estava escondida na bota, por força do hábito, mas uma luta estava fora de questão. Restava apenas uma opção.

Os terraços.

Ela puxou Luka para longe da porta, chapinhando pelas poças ao sol nascente. Eles correram até a beirada, o vão entre os prédios exigindo um salto. Yael ignorou toda a sua dor — o lamento de seus lobos, os pontos na barriga — e pulou. Luka cometeu o erro de olhar para baixo e parou na beirada.

— Por acaso você guardou aquele paraquedas?

Yael não soube se o som em sua garganta era um riso ou um choro. Provavelmente os dois. Aquele garoto era inacreditável, absurdo, irrepreensível. Ele não estava com medo *de verdade* de cair. (Ela pôde ver aquilo pela maneira como ele pulou sobre o vão, o dourado matinal cintilando pelos olhos de Luka enquanto pousava ao lado dela.) Estava apenas tentando distraí-la. Rindo, chorando, enquanto a vida dela era metralhada sob seus pés.

Juntos, eles correram, avançando um quarteirão até chegarem a um vão largo demais para atravessar. Quando entraram naquele prédio, estava em silêncio. As portas dos apartamentos estavam trancadas. Yael se lançou contra a mais próxima.

Foi um ataque inútil, causando mais estrago nela do que na porta. Yael ainda tinha seus grampos de cabelo, mas suas mãos tremiam demais para arrombar a fechadura. Ela não conseguia parar de pensar no que estava acontecendo no porão de Henryka. Havia apenas uma saída do porão. Nenhuma chance de escaparem... Nenhuma...

— Yael?

O corpo dela não conseguia acompanhar sua necessidade de RESPIRE APENAS CONTINUE RESPIRANDO, e ela começou a sufocar.

— Yael? Yael? — A voz de Luka parecia um trem: *ya-el, ya-el, ya-el*.

Mortos. Ah, Deus. Estão todos mortos.

Como aquilo havia acontecido? Como ela tinha ido parar de quatro no chão, chorando até sentir ânsia de vômito? Como Luka estava ao seu lado, repetindo seu nome como se aquilo ajudasse de alguma forma?

— Yael, não podemos ficar aqui. Temos que ir.

— Para onde? — Ela riu e chorou.

Para o norte? Onde as forças de Reiniger esperavam paralisadas pela perda de seu quartel-general?

Para o sul? Onde o Volkshalle e o Führer imortal espreitavam, escrevendo o discurso da vitória para as câmeras da Reichssender?

Para o leste? Onde o exército de Novosibirsk avançava rumo a Moscou, sem fazer ideia do golpe devastador que a resistência havia acabado de sofrer?

Para o oeste? Supondo que os americanos os deixassem entrar, já que seu desejo de neutralidade política deixava pouca tolerância para os refugiados. Muitos haviam fugido para lá na última guerra, só para serem enviados de volta para as presas do Reich.

Tudo aquilo supondo que conseguissem sair do prédio. Mesmo se Yael e Luka invadissem um dos apartamentos e se passassem por civis, não conseguiriam dar dez passos no quarteirão sitiado sem ser vistos.

— Estamos encurralados...

Cinco andares abaixo, uma porta foi arrombada. Luka levou a mão à boca dela. Tachas de aço ressoaram contra a madeira polida da escada.

A SS estava a caminho.

Felix sabia que a ss estava a caminho. Tinha até confirmado que a porta estava destrancada para eles, mas aquilo não tornou a entrada do *Standartenführer* da ss menos assustadora. A blitzkrieg foi barulhenta. Tantas botas com chapas de metal batendo no chão de concreto. Tantas balas trincando estantes e paredes. Miriam pegou uma arma da mesa de carteador e a usou para derrubar três dos primeiros soldados antes de levar um tiro. Os operadores de rádio tinham suas próprias armas, mas, em vez de usá-las para eliminar membros da ss, eles as apontaram para seus equipamentos de comunicação. A garota com o coque cheio de lápis liquidou sua máquina de criptografia, girando os rotores para uma combinação inútil antes de jogá-la no chão. Henryka correu para o mapa, rasgando os territórios moscovitas da parede até o Mediterrâneo antes que os invasores a alcançassem. Ela não se entregou facilmente. Seus membros se debateram enrijecidos, quebrando o nariz de um *Sturmmann* da ss e apertando a laringe de outro. No fim, só uma bala conseguiu detê-la. Kasper e Johann conseguiram quebrar ainda mais cartilagens antes de ser jogados ao chão sob a mira de armas.

Durou apenas trinta segundos — uma supernova de pó de ossos e ruídos. Meio minuto e a sala mergulhou em ruínas. Reinhard estava caído sobre sua máquina Enigma, morto. Henryka parecia ainda menor no chão, cercada por tachinhas, a grandeza da vida arrancada dela com um tiro. Uma bruma rósea na nuvem de seu cabelo.

Felix estava na entrada do corredor, ensurdecido. Suas mãos tremiam sobre a cabeça e continuaram assim quando um dos soldados da ss o puxou para a linha dos combatentes da resistência ajoelhados. Suas rótulas estalaram contra o concreto perto de onde Henryka havia caído. O corpo dela estava de frente para o dele. Felix não conseguia tirar os olhos da violência ao redor.

O que ele tinha feito?

Tecnicamente, as botas do *Standartenführer* Baasch não tinham um som diferente das de nenhum dos outros homens que ressoavam pelo porão. Eram feitas exatamente do mesmo material: placas no calcanhar e tachas de ferro. Mas Felix *soube* que Baasch estava chegando antes mesmo de entrar na sala do mapa. *Tap, tap, tap* revelando olhos cinza (ainda sem vida). A visão fez calafrios subirem por seus dedos inexistentes.

— É isso? — O oficial parou e observou a sala do mapa. — Bem simples para um ninho de ratos.

— Tem mais cômodos no fundo, *Standartenführer* Baasch — informou um *Sturmmann* da ss. — Estão sendo revistados agora.

Baasch tirou o chapéu e o jogou sobre a mesa, sobre os documentos do Projeto Doppelgänger. Felix continuou esperando que o *Standartenführer* o reconhecesse. O oficial sentou numa das cadeiras e continuou a dar ordens para seus homens.

— Verifiquem os rádios. Vejam se algum ainda está funcionando.

— Tirem a mão de mim! — Eles haviam encontrado Adele. A irmã de Felix estava de volta à sua versão de gato selvagem enquanto o *Sturmmann* da ss a puxava para a sala do mapa. — Sou uma vencedora do Terceiro Reich! Premiada pelo próprio Führer! Houve um engano! Meu irmão...

Quando Adele avistou a linha de joelhos — Luger contra têmporas, incluindo Felix —, suas palavras murcharam. Ela parou de se debater. Baasch acenou para que fosse trazida para perto de sua cadeira.

— Vencedora Wolfe, presumo.

Ao sinal do oficial, a manga esquerda de Adele foi arregaçada. Nenhum lobo.

— Sou eu mesma, muito obrigada — ela disse a Baasch com frieza. — Agora, se puder dizer a seus homens para não me machucar...

Baasch não obedeceu.

— Verifiquem os outros! Ela pode estar se passando por qualquer um!

Um a um, eles puxaram as mangas dos prisioneiros. Nada de lobos. Nada de lobos. Eles pararam ao encontrar os números de Miriam — entrançados pelo sangue de seu ferimento.

— Como ela se livrou dos cachorros?

— Não é ela — Felix disse. Ele precisava afastar a Luger de sua cabeça. Precisava que a ss deixasse que ele e Adele saíssem livres. Seguros. Como tinham prometido.

— Mas ela tem um X...

— *Herr Wolfe* está certo. Os números não coincidem. Então *onde* está a prisioneira 121358ΔX? — Os olhos de Baasch recaíram sobre Felix. Estreitaram-se e fizeram o garoto se sentir de volta ao Palácio Imperial. Treze dias e vinte mil quilômetros antes. Nada estava consertado. Tudo estava em pedaços. Salvação, perdição, perdição, perdição.

Felix observou cada rosto na sala do mapa e não viu nenhum dos de Yael. Luka tampouco estava lá.

— Ela... ela não está no quarto?

— Só a vencedora Wolfe estava lá atrás — explicou o soldado que ainda apertava o braço de Adele. — Podemos confirmar.

— Não. — O *Standartenführer* da ss acenou para a irmã dele. — Deixe a vencedora Wolfe com os outros.

Adele foi posta de joelhos e mantida ali por outra arma. Quando a trava de segurança foi solta, Felix soube que não havia acordo. O *Standartenführer* Baasch nunca havia pretendido deixar que saíssem livres. Sua irmã era um bode expiatório e ele era um idiota. Um idiota traidor com uma Luger apontada para a cabeça.

O que ele tinha feito?

— Você disse que Adele seria absolvida — Felix disse com a voz rouca. — Deu sua palavra.

O oficial da ss continuou em silêncio enquanto pegava seu lenço — impecável e dobrado em

oito — e começava a desdobrá-lo.

— Seu traidor! Seu *przeklęty* covarde! — Felix *sentiu* o rosnado de Kasper. Os xingamentos misturados a cuspe de verdade, grudando na face do mecânico.

Johann e a menina loira não disseram nada. Não precisavam dizer. Seus olhares assassinos de *punhaladas*, *punhaladas* comunicavam tudo. E Miriam... Se olhares matassem, seria um massacre.

Mas havia uma morte pior dentro de Felix. Uma revelação: ele não só estava quebrado, mas havia quebrado tudo aquilo. Tudo — os fios do cabelo de Henryka roçando em sua perna, os rádios destrocados e o sangue por toda parte — era culpa dele. *DELE*.

Adele continuou se dirigindo ao *Standartenführer* da ss com um tom imperioso.

— Quando o Führer souber disso...

— O Führer ordenou isso. Lamento dizer que a palavra dele vale mais do que a minha, no esquema geral. — *Lamenta?* Certamente o *Standartenführer* da ss não secava lágrimas com aquele lenço. Na verdade, ele parecia muito satisfeito consigo mesmo. — Particularmente, acho um desperdício eliminar espécimes como você, mas, para estabilizar a população depois de uma revolta generalizada, vai ser preciso um espetáculo muito... público.

Adele pestanejou.

— Do que você está falando?

— Eles vão nos executar na Reichssender — Kasper disse, a voz já morta.

Retaliar na mesma moeda. Sangue pago na lâmina da guilhotina. Cabeças rolando pelas pedras da Grosser Platz diante das câmeras.

— Executar? — Sua irmã soltou um grito estrangulado. — Mas... eu não fiz nada!

— Comecem vasculhando os documentos. Procurem comunicados, listas, qualquer coisa que nos ajude a entender o tamanho desse movimento. — Baasch sacou sua Luger do coldre e começou a usar o lenço para poli-la. — As respostas estão aqui. Só precisamos descobrir onde.

Felix não conseguia tirar os olhos da arma.

O QUE ELE TINHA FEITO?

— Você prometeu que meu pai não seria ferido — ele conseguiu dizer, apesar do grito em sua cabeça. — Honre pelo menos isso.

O lenço parou de deslizar. A arma apontada para ele era tão reluzente que parecia líquida.

— Honra... — o oficial disse devagar. — Honra e sangue. “Sangue e honra.” Nada dessas coisas vai proteger você, *Herr Wolfe*. Sou membro do Partido Nacional-Socialista desde os primeiros dias em Munique. Vi homens subirem pelos escadões do partido e despencarem com a mesma rapidez. A honra e a estirpe ariana só levam até certo ponto. Para se sobressair, se sobressair *de verdade*, é preciso ser esperto. Implacável. Você tem que esmagar aqueles embaixo de você e arranhar aqueles acima...

— Este rádio está funcionando, *Standartenführer*! — O homem que examinava os equipamentos apontou para um aparelho no canto. As balas de Kasper tinham apenas raspado a tela; vidro quebrado aqui, botão denteado ali. Uma voz baixa palpitava pelo fone, recitando letras sem sentido. — As mensagens estão codificadas.

— Tente as máquinas de codificação — Baasch ordenou. — Use a combinação que *Herr*

Wolfe nos deu pelo telefone.

Foram necessários dois soldados para tirar o corpo de Reinhard da máquina Enigma. O primeiro ajeitou os rotores no lugar e apertou algumas teclas antes de declarar:

— Funciona! — Ele parou para traduzir o resto da mensagem. — Alguns dos combatentes da resistência alertaram seus superiores que controlamos esta rua. Querem saber se o quartel-general ainda está seguro.

Baasch levantou.

— Se mantivermos as comunicações de rádio abertas, vamos saber todos os movimentos deles. Podemos ter o próprio general Reiniger antes do pôr do sol.

Tap, tap, tap — o som que fez Felix querer se fechar em si e nunca mais sair. Mas o *Standartenführer* da ss não estava se dirigindo ao mecânico daquela vez. Quando ergueu sua Luger perfeitamente polida, apontou-a para o nariz de Adele.

— Quem opera os rádios? — ele perguntou a Felix.

O garoto indicou com a cabeça Kasper e Johann.

A Luger mudou de lugar, dirigindo-se para Kasper.

— Você vai mandar uma mensagem para o general Reiniger, garantindo que o quartel-general está seguro — Baasch disse a ele. — Depois vai continuar operando o rádio como faria em circunstâncias normais. Eles não devem suspeitar que estamos ouvindo.

O jovem moreno encarou a arma de Baasch sem pestanejar.

— Acha que não estou disposto a morrer?

— Seus homens estão cercados e com recursos limitados. Mesmo se você não operar o rádio para nós, vamos arrancar os ossos do seu exército à força. — O oficial apontou para os papéis que enchiam todos os cantos e as fendas da sala do mapa. — Estamos em meio aos segredos mais ocultos do seu movimento. Temos cada agente. Cada nome. Cadernos inteiros de mensagens que vocês codificaram e decodificaram. De que adianta esconder essas informações de mim? Que esperança vocês têm?

Baasch inclinou a arma brilhante, brilhante.

Kasper não disse nada.

A Luger começou a perambular, passando de testa em testa enquanto as botas de Baasch batiam em seu ritmo aterrorizante. *Tap, tap*, têmpora de Felix. *Tap, tap*, ponte do nariz de Miriam. *Tap, tap*, maxilar cerrado de Johann. *Tap, tap*, Adele — NÃO, NÃO MINHA IRMÃ, NÃO DEPOIS DE TUDO ISSO!

— Opere o rádio ou um deles morre.

— Acha que a máquina de guerra nacional-socialista já não devorou todos os membros da minha família? — Kasper perguntou. — Acha que não perdi mais amigos do que consigo contar para as armas da ss? Apelar para o sentimentalismo não vai levar você a lugar nenhum.

A pistola continuou a perambular.

— Vou contar até três — disse o *Standartenführer* da ss. — Um, dois...

Adele estava tentando manter uma expressão corajosa, mas seus ombros tremiam. Um soluço estava entalado na garganta dela. Os outros agentes da resistência sabiam seu destino: capturados pela ss, uma bala na cabeça seria um ato de misericórdia. Eles continuaram encarando, em um silêncio de pedra, todos imóveis. Miriam observou pelas pálpebras pesadas

o oficial andar. Felix fechou as suas quando a Luger passou por ele uma segunda vez.

Todo aquele sangue e ninguém tinha sido salvo.

Que esperança eles tinham?

— Três.

Yael não conseguia conter as lágrimas, mas conseguia chorar em silêncio. Elas escorriam por seu rosto enquanto as botas subiam. Primeiro andar, PISA PISA, segundo, PISA PISA... Faziam tanto barulho que Yael não soube dizer quantos homens eram. Doze? Três? Menos? Mais?

Não que importasse. Não havia como sair dali. Estavam acabados. Todos mortos. Tudo em vão.

Luka tirou a mão da boca dela.

— Me dá sua faca!

A lâmina deslizou suavemente da bota de Yael, que a entregou a ele. Luka a pegou, pesando o objeto, testando o corte da lâmina no ar enquanto levantava. Depois, ajudou Yael a levantar e pressionou a ponta da faca contra a garganta dela.

— Continue chorando, fique pronta — ele fez com a boca antes de girá-la para ficar de frente para a escada. — AQUI EM CIMA!

Três andares abaixo, as botas pararam.

— AQUI! — O segundo grito de Luka ressoou dentro do tímpano de Yael. Ela não se atreveu a tremer. (A lâmina em sua pele não era de mentira. Bastaria um deslize para um corte real demais.)

Os soldados da ss *PIS*Aram mais rápido no último lance de escadas, com as armas em punho. Yael contou quatro deles por entre as lágrimas: dois *Schützes* e dois *Oberschützes*. Quando avistaram Luka, eles pararam, com o semblante pasmo. Nenhum deles sabia exatamente o que pensar do duplo vencedor, da faca que empunhava, da garota sob ela.

Quatro.

Não era um número impossível.

ESTEJA PRONTA.

— Vencedor Löwe? — perguntou o primeiro *Oberschütze* da ss.

— É ela! — A faca de Luka se contraiu contra sua jugular. Estavam tão perto quanto no momento que tinham se beijado. — A prisioneira que estão procurando!

Os homens franziram a testa e baixaram as armas. O *Oberschütze* da ss mais próximo terminou de subir a escada e os outros o seguiram. Estavam todos à distância de um golpe.

— Prisioneira 121358ΔX?

— Mostre sua marca! — O bafo de Luka era feroz contra seu ouvido.

DISTRAIA-OS.

Yael arregaçou a manga. Tudo dentro dela ficou tenso.

Quatro pares de olhos se voltaram para os cinco lobos correndo.

O punho de Luka se moveu. A faca se afastou da sua garganta...

AGORA.

Valquíria lançada.

Os lobos de Yael saltaram à frente com ela, atacando o *Schütze* da ss mais próximo da escada, apanhando a pistola da mão dele e o empurrando para trás. A arma já estava preparada para *morte, morte, morte*. Três tiros em rápida sucessão se converteram em três cadáveres no chão. Um dos soldados da ss conseguiu disparar, mas suas balas atingiram o teto. Luka tinha dominado o primeiro *Oberschütze*, encontrando outra garganta para sua lâmina.

Ao fim de tudo, reboco escorria do teto como areia de uma ampulheta. A escada estava em silêncio. Yael se ajoelhou sobre os homens que havia matado, com estilhaços de adrenalina da batalha correndo por suas veias. Suas lágrimas haviam cessado, e agora ela tinha uma visão melhor dos rostos. Narizes, bocas, olhos, cadáveres sem luz.

Como podiam parecer tão humanos?

— Este aqui... — Os dedos dela apontaram para o *Schütze* que havia jogado para a escada. Ela tirou o quepe do homem e o jogou para Luka. — Você pode se passar por ele. Mantenha a aba e a cabeça baixas.

Para ela, Yael escolheu o uniforme com menos sangue, do segundo *Oberschütze* da ss. Sua transformação não tinha como ser exata (nunca era com homens). Tudo o que podia fazer era diminuir ao máximo os seios, imitar os ossos faciais largos e torcer para que ninguém prestasse muita atenção na garganta dela, onde não haveria um pomo de adão.

Era o mais temporário dos disfarces.

O uniforme da ss ficou pequeno demais em Luka — os botões quase estouraram quando ele abaixou para pegar as armas, estofando o tecido já tenso com a segunda Luger. Ele ofereceu a terceira arma para Yael.

— Que tal mais uma? Armas nunca são demais. Principalmente considerando o que tem lá embaixo. — Ele apontou para os corpos semidespidos na escada.

Ela fez que não.

— Se entrarmos num tiroteio lá embaixo, estaremos mortos.

Dando de ombros, Luka pegou a arma para si.

— Então vamos usar suas habilidades de superespiã para sair deste quartirão infernal... e depois?

— Vou para o Ordenspalais. — Yael não sabia que aquela era sua intenção até expressá-la, mas, depois que saiu de sua boca, pareceu certo. Era sua parada final. Sua única parada. — Vou fazer o discurso na Reichssender.

As mãos de Luka ficaram paralisadas na terceira arma, enfiada em sua cintura.

— Sei que a gente perdeu — Yael disse. — Mas não posso deixar Hitler apagar da história o Experimento 85 e as vidas que ele tirou.

— Mas a ss está com os arquivos... — Luka vacilou.

— Vou ser a evidência. Vou contar ao mundo quem sou, com meu próprio rosto. — Com ou sem mudanças, Yael deixaria sua marca. Anne, Edith, Talaitha... todas deixariam sua marca.

— Vou mostrar como é simples para um metamorfo imitar o Führer. Talvez seja o bastante para lançar dúvidas sobre a liderança dele. Você... deveria ir para o leste. Buscar asilo em Novosibirsk e continuar a luta lá.

Luka a encarou com os olhos intensos mais pretos do que azuis. Neles, Yael pôde ver os quarenta mil quilômetros que haviam percorrido juntos. Os três beijos que tinham dado. As histórias e emoções que borbulhavam entre eles.

Luka a conhecia.

Qualquer que fosse o rosto que ela usasse, ele a conhecia.

— Não vou abandonar você. — O garoto cruzou os braços, os punhos escapando do uniforme justo demais. — Alguém tem que operar o equipamento de filmagem, e duvido que você encontre muitos voluntários no Ministério. Vai precisar de mim.

Luka estava certo. Ela precisava dele para filmar. Precisava dele para se orientar no prédio. Precisava *dele*.

Mas a que preço?

— Luka, eu... — A verdade, tão difícil de dizer. Mas Yael conseguiu, mesmo com a respiração ofegante. — Não acho que vou voltar.

— Eu sei. — Luka segurou as mãos dela. — Eu sei, Yael. E estou com você.

O inimigo estava por toda parte. Mais da metade dos homens que ocupavam a rua era da Wehrmacht — com uniformes e medalhas intactos —, jurados ao Führer ressuscitado. *Totenkopfs* da ss cintilavam à luz matinal, sacudindo com os passos dos soldados. Os crânios quase pareciam rir.

Yael puxou seu quepe para baixo e permaneceu meio passo atrás, usando seus ombros alargados como escudo. Ela e Luka se mantiveram num bom ritmo: lento o bastante para não parecer apressado, rápido o bastante para que ninguém prestasse atenção neles. Ninguém prestou. Os homens por quem passavam estavam compenetrados em seus próprios deveres, revirando prédios, metralhando e guardando o quarteirão.

O rio estava a poucas ruas de distância. A ponte mais próxima estava enegrecida pelo tráfego da ss, fluindo de um lado para o outro. Yael e Luka não encontraram nenhum arame farpado nem bloqueio ao atravessarem. O Spree corria sob eles, tão obstinado quanto no dia em que Aaron-Klaus pegara Yael tentando bater sua carteira. Tão novo e antigo quanto a tristeza dentro de Yael. Todas as mortes que a garota já havia enfrentado estavam à flor da pele. Babushka, *Mama*, Miriam, Aaron-Klaus, Katsuo, Felix, Adele, Kasper, Reinhard, Johann, Brigitte, Henryka, Miriam de novo...

As malditas lágrimas faziam seus olhos arderem.

Não em vão.

Eles chegaram à margem sul sem que ninguém os parasse. Yael sabia que estavam perto dos estúdios da Reichssender quando avistou a torre de transmissão — seu esqueleto alto se alçava

aos céus. (Tirando os pilares de fumaça subindo do horizonte norte, a manhã era azul, toda azul. Um dia perfeito para a derrocada.)

Wilhelmstrasse. O coração das coisas, onde estandartes com a suástica pendiam tão grandes nos prédios que chegavam a ocultar os edifícios. Os uniformes e os documentos mostrados rapidamente foram o bastante para eles passarem pelo primeiro posto de controle, em frente à Wilhelm Platz. O parque era bem simples. Olhando para suas árvores e trilhas de cascalho cravejadas de memoriais, ninguém suspeitaria que era um lugar de monstros.

Numa ponta estava a Chancelaria. Na outra, o Ordenspalais. A fachada do antigo palácio era remendada — o antigo costurado ao grotescamente novo. Depois da guerra, quando as transmissões de rádio deram lugar à Reichssender como principal meio de propaganda, Joseph Goebbels mandou expandir o Ministério, acrescentando um anexo grande o bastante para abrigar os estúdios de filmagem. Havia cenários para programas com roteiros terríveis sobre famílias do Lebensraum, além de bancadas para os jornais do horário nobre (com roteiros igualmente terríveis). Era enorme — corredores serpenteando em torno de cantos sem sentido, com todas as portas iguais. A entrada principal fervilhava de seguranças, em números grandes demais para não perceberem seus disfarces imperfeitos.

Luka não parecia abalado. O vencedor assumiu a liderança, guiando Yael para a extremidade mais nova do Ministério.

— Aonde estamos indo? — ela perguntou, tentando manter os passos confiantes mesmo sem sentir confiança alguma.

— Filmar uma propaganda é demorado e insuportavelmente chato — Luka explicou. — Eu precisava achar todo tipo de lugar para fumar escondido entre uma tomada e outra.

Um daqueles lugares era um estacionamento de cascalho para os veículos da frota de câmeras, ao qual se chegava por uma porta de serviço. Era um anexo muito pouco importante para ser protegido, trancado à chave pelo lado de dentro. Yael se ajoelhou diante da fechadura, pegando os grampos que tinha guardado no bolso do uniforme do *Oberschütze* da ss. Suas mãos tinham ficado mais firmes na última meia hora, mas ela rangeu os dentes e lambeu o lábio várias vezes antes de conseguir arrombar a fechadura. Com um suspiro de alívio e o rangido das dobradiças, uma fresta da porta se abriu.

Eles entraram.

Ninguém notou. Não havia *ninguém* para notar. O anexo estava estranhamente deserto, mas Yael supôs que não tinham necessidade de filmar *História de uma mentira perfeita do Lebensraum* quando a maioria das colônias tinha sido varridas do mapa. Tampouco havia necessidade de notícias quando o Reich queria manter a população no escuro. O discurso do Führer bastava.

Os corredores de granito se estendiam infinitamente. Décadas de pôsteres de propaganda cobriam as paredes. As melhores obras de Goebbels. Muitos eram do tempo da guerra: soldados impossivelmente altos com maxilares impossivelmente fortes diante de bandeiras com a suástica ondulantes como se em tempestade. Havia anúncios antigos em aquarela para a Liga das Moças Alemãs, incluindo aquele com o rosto que Yael havia roubado tanto tempo antes.

E havia Luka.

1953. *Sieg heil!*

Yael já tinha visto aquele pôster, mas, daquela vez, chamou mais sua atenção.

O maxilar dele era tão impossivelmente forte quanto o dos outros. Luka estava parado diante de uma Zündapp KS 601, saudando alguém fora do quadro. Uma Cruz de Ferro pendia em seu pescoço. Ao fundo, uma bandeira da suástica se fundia a um mapa do trajeto do Tour do Eixo.

O verdadeiro Luka parou ao lado dela, soltando um resmungo não impressionado.

— Tive que passar horas posando pro pintor, Mjöltnir. Goebbels gritava comigo toda vez que eu me mexia. Você não pode imaginar os lugares que começam a coçar quando você não pode se mexer. Lóbulo da orelha, dedinho do pé, partes íntimas... Sempre que Goebbels não estava olhando, eu tentava me aliviar com o guidão da moto.

Yael não conseguiu conter um sorriso com a imagem: o Luka de catorze anos usando uma Zündapp estacionada para saciar suas ansiedades epidérmicas. Uma imagem tão diferente dele, tão distante daquele retrato *Sieg heil!* com suásticas por toda parte.

Luka não estava sorrindo. Seus olhos se estreitaram para o pôster, aguçados de uma forma que fez Yael se perguntar o que ele via quando observava tanto, para além da tinta, para a memória.

— Esse não é Luka Löwe — ela sussurrou. — É o menino que Hitler, Goebbels e Mjöltnir tentaram criar. Você poderia ter se tornado ele, mas decidiu ser mais.

Algo naquela última palavra fez Luka tirar os olhos da aquarela. Ele sorriu. Não aquele sorriso torto com que Yael estava acostumada. Não era forçado. Não mostrava os dentes. Vinha de uma emoção suave, sincera...

— É melhor ir, antes que nossa sorte acabe — ele disse. — Nunca vi este lugar tão deserto...

Era perturbador como seus passos ecoavam por uma dezena de outros retratos de Mjöltnir. Eles viraram em outro corredor vazio, com todas as portas fechadas. Luka os levou até a porta mais próxima.

— Aqui é o estúdio onde conduziram minhas entrevistas mais formais — ele explicou. — Deve ter o que a gente precisa para filmar uma apresentação.

Ele estendeu a mão e abriu a porta.

O estúdio não estava vazio.

Eu não vou morrer.

Mas Miriam sabia que poderia morrer ao final da contagem regressiva de Baasch. Um processo simples de eliminação lhe disse aquilo. Ele precisava das vozes de Kasper e Johann. E do rosto de Adele. Wolfe cedia informações fácil demais para ser morto. Yael, por sorte, havia escapado.

Miriam e Brigitte eram descartáveis. A menos que Kasper falasse, uma delas levaria bala. Ela já havia levado uma no ombro e era mais do que suficiente. Havia maneiras mais inteligentes de enfrentar a situação. Se Baasch precisava da voz de Kasper, era aquilo que Miriam lhe daria:

— Posso fazer isso. Operar o rádio.

O oficial não baixou a arma. Seu anel de sinete cintilava.

— Não perguntei a você.

— Sou uma troca-rosto. — Miriam imitou a voz grave de Kasper. Funcionou. A voz do agente estava rouca pelos dias falando sem parar. — Eles não vão conseguir distinguir entre minha voz e a dele. É disso que você precisa, certo? Uma mentira convincente?

Os lábios de Baasch se contorceram. Miriam não soube dizer se o movimento denotava decepção ou prazer. A expressão poderia ser difícil de interpretar, mas o homem não era. Ela havia conhecido muitos iguais a ele: criaturas desalmadas que sentiam prazer em ver sua presa dançar antes de devorá-la.

O truque para lidar com eles?

Ser a presa e dançar, dançar até eles lamberem os beijos.

Depois atacar.

Não era difícil se fingir de presa. Miriam, uma mulher judia ferida — três características que a rebaixavam na visão do *Standartenführer* da ss.

— Quantas cobaias o dr. Geyer deixou escapar afinal? — O oficial estalou a língua, depois apontou para o banquinho do rádio. — Muito bem. Sente. — Ele se voltou para seus homens. — Amordacem os outros. Não queremos que façam nenhum ruído desnecessário. E alguém estanque o ferimento dela. Não queremos que tenha uma hemorragia no meio da mensagem.

A perda de sangue tinha deixado Miriam zozua. Ela cambaleou até a estação de comunicações. Kasper a xingou antes da mordada silenciá-lo, mas Miriam se fez de surda. Também fingia que a traição do Wolfe não revirava suas entranhas. Ela devia ter imaginado que ele era o espião, devia ter questionado mais suas motivações, nunca devia ter deixado que

saísse de sua vista. Não que aquilo importasse agora. Ele iria para a mesma guilhotina que os outros se Miriam não conseguisse...

Ela nem sabia ao certo o que deveria conseguir enquanto se sentava na frente do rádio, contraindo-se de dor. Um dos soldados começou a fazer um curativo em sua ferida, sem gentileza nenhuma.

— O que devo dizer? — Miriam manteve os olhos baixos, examinando a sala. Tachinhas, dois corpos se enrijecendo, uma máquina de escrever quebrada, a televisão (que, sabe-se lá como, havia sobrevivido ao tiroteio) ainda bruxuleando atrás da mesa... nenhuma daquelas coisas ajudaria. Os homens do *Standartenführer* da ss estavam saqueando o lugar, arrancando livros das prateleiras e jogando documentos de que não precisavam no chão.

Estavam fazendo um barulho terrível.

— Diga a eles que o quartel-general não foi descoberto e que todos estão seguros — Baasch disse. — Depois, vamos pedir uma atualização das posições de Reiniger.

— Eu não mergulharia diretamente nisso — Miriam aconselhou. — Deixe que ofereçam as informações. A conversa precisa fluir num ritmo natural.

Foi só quando o olhar do *Standartenführer* se estreitou que Miriam se deu conta de que havia retomado seu tom de comandante sem perceber. Sílabas abrasivas tinham se tornado um hábito antigo quando ela era confrontada por homens de uniforme.

— Estou no comando dessa conversa. — As palavras de Baasch estavam na ponta dos dentes. — Eu dito a mensagem.

Foi o que ele fez. Um soldado obediente a escreveu no verso de um dos arquivos descartados e a passou pela máquina codificadora. Miriam recitou as letras codificadas na voz rouca de Kasper, deixando o dedo no botão de transmissão o maior tempo possível, na esperança de que os ouvidos do outro lado da linha escutassem fragmentos do saque da ss ao escritório.

O processo era lento como um burro de carga. Minutos se passavam enquanto a mensagem era passada e a resposta era costurada, codificada, recitada de volta e processada pela máquina.

OS LOBOS DA GUERRA ESTÃO SE JUNTANDO.

— Os lobos da guerra estão se juntando? — Baasch leu em voz alta. — O que isso significa?

Poderia significar inúmeras coisas. Talvez a pausa entre a transmissão inicial e a resposta de Baasch tivesse sido longa demais. Talvez o alerta de Miriam tivesse sido percebido, com o pisar de uma bota ou o cair de um livro.

— É uma senha — Miriam disse ao oficial, lembrando do grito frenético de Yael aos combatentes da resistência na noite anterior. — Eles querem confirmar nossas identidades.

O *Standartenführer* cerrou os lábios. (Raiva ou resignação? Impossível dizer.) Ele caminhou até onde Felix Wolfe estava ajoelhado, o cabelo pálido escorrendo no rosto ainda mais pálido, ensopado de suor. O garoto se encolhia a cada passo do oficial da ss. Miriam precisou se lembrar de que não sentia pena dele.

— Qual é a resposta?

— Algo... — Felix estava sem fôlego quando Baasch arrancou o pano da boca dele. — Algo sobre canções p-podres e ossos! Não lembro as palavras exatas.

Miriam lembrava. *Eles cantam a canção de ossos podres*, murmurava sua memória. Podres, podres. Tudo aquilo estava podre. E se conseguissem deixar claro para a resistência que suas

comunicações haviam sido controladas sem que a ss notasse...

— Sua canção de ossos está podre — Miriam disse ao *Standartenführer* da ss. — Essa é a resposta.

A bochecha de Kasper se contorceu contra a mordaca. Brigitte e Johann mantiveram seus olhares pétreos. Bem treinados, todos eles. Nenhum dos membros da ss tinha se dado ao trabalho de amarrar seus braços e pernas. Por que amarrariam, se os agentes estavam tão claramente em menor número? Armas apontadas bastavam.

— É isso? — Baasch perguntou a Felix. — Jura pela vida da sua irmã que é isso?

Toca, toca. Vê a presa dançar.

Se Wolfe empalidecesse mais, ficaria invisível. Ele confirmou.

— Sim, sim. É isso!

Foi uma resposta humilhante, tão convincente que Miriam não soube dizer se o garoto estava mentindo por eles ou se realmente acreditava que aquela era a resposta certa. Tão convincente que Baasch a engoliu facilmente.

— Envie — ordenou o *Standartenführer* da ss.

SUA CANÇÃO DE OSSOS ESTÁ PODRE.

Eles tinham entrado no meio de um discurso. Não, não de um discurso, Luka percebeu ao parar no batente. No meio de uma *Conversa de Chancelaria*. O mesmo estandarte da suástica que aparecia em todas as telas do Reich pendia do teto do estúdio, servindo de pano de fundo para a cadeira de encosto alto em que o Führer estava sentado.

O *gottverdammt* Führer. Ou, pelo menos, uma versão dele. Qualquer tatuagem de grupo sanguíneo que poderia provar o contrário estava coberta: o homem usava a camisa abotoada até o colarinho e um casaco sobre ela — cinza-carvão, de corte militar. Uma medalha da águia dourada do partido tinha sido costurada no bolso sobre o peito; a ave brilhava sob as luzes do palco.

Hitler não estava sozinho. Havia uma câmera com a mais escassa das equipes de produção atrás dela: um operador de câmera e um operador de som. Quatro guardas da ss estavam na lateral da sala numa fileira escolar. Nenhum deles pareceu alarmado com a chegada de Luka. (Até porque ele estava vestindo o uniforme deles. Com o quepe inclinado e a escuridão do estúdio, ninguém o tinha reconhecido. Ainda.)

— Infligimos um golpe poderoso ao inimigo, mas a batalha ainda não foi vencida. Convoco vocês agora, povo do Reich, a... — Quando Hitler avistou a dupla, seu discurso murchou na garganta. — O que eles estão fazendo aqui?

Um quinto homem usando a insígnia da ss virou o rosto para encarar os recém-chegados. Luka reconheceu o *Reichsführer* Heinrich Himmler na mesma hora. Um par de óculos redondos que deixava os olhos esféricos ainda mais esféricos, uma fraca tentativa de bigode, um queixo afundado. Nenhum daqueles traços contribuía para uma aparência muito impressionante, mas havia algo mais, algo... predatório... sob a pele do homem, que não combinava com sua expressão calma.

— Dei ordens explícitas para não sermos perturbados — disse o *Reichsführer*.

Aquilo explicava os corredores desertos.

Lutar? Fugir? Fazer uma reverência? Luka não sabia que atitude tomar, então ficou parado no batente. Havia algo estranho. Todas as entrevistas que ele dera naquele prédio tinham duas constantes: luzes tão quentes que faziam suar e a presença de Joseph Goebbels observando todos os detalhes com cara de quem estava diante de um prato de cocô de cachorro. Nenhuma palavra e nenhum gesto saía do Ordenspalais sem a autorização expressa do ministro da Propaganda. Ele não estaria ausente em algo tão importante quanto uma *Conversa de Chancelaria*.

Então onde estava Goebbels? Onde estavam os outros guardas? Onde estava o resto da equipe de produção? Um estúdio como aquele deveria estar repleto de gente: assistentes de iluminação, produtores, assistentes de palco, microfones e câmeras... Era quase como se Himmler quisesse que a sala estivesse o mais vazia possível.

Yael passou por Luka a passos duros. Sombras a atravessaram enquanto avançava até o palco. Cabelo escuro, olhar destemido, tornando-se *ela*.

— Tenho uma mensagem urgente para o Führer a respeito do ataque recente ao quartel-general dos traidores.

— Todas as mensagens ao Führer devem passar por mim — Himmler começou, mas Yael já estava diante da câmera, ao lado da cadeira, com a arma pressionada contra a cabeça de Hitler.

Respirar já não importava mais. Luka continuou onde estava, hesitante. A minúscula equipe de filmagem não se moveu; a lente da câmera e o microfone continuaram apontados para o par improvável: Hitler atônito e a garota judia no uniforme da morte. Os verdadeiros soldados da ss mantiveram sua formação; todos os quatro encaravam Himmler à espera de instruções.

— Você é ela, certo? A prisioneira 121358ΔX. A garota da maca. Eu me lembro de você sentada na sala de exame, tão pequenininha... — O *Reichsführer* entrou na névoa das luzes do estúdio. O brilho delas fez o aro de seus óculos brilhar como mercúrio.

— Não! — Yael virou para trás, a arma ainda firmemente apontada para a cabeça de Hitler. — A menos que você queira que o Führer leve um tiro na Reichssender pela terceira vez.

— Isso nunca iria ao ar pela Reichssender — Himmler garantiu. — Acho que é seguro dizer que, depois de Tóquio, o Führer não faz mais nenhuma aparição ao vivo na TV.

Não era apenas o vazio da sala que importunava Luka, mas a maneira como o *Reichsführer* o preenchia. Por que o líder da ss não estava de joelhos, implorando pela vida de Hitler? Por que as mensagens ao Führer tinham de ser transmitidas por Himmler?

...

...

Maldito Scheisse!

— Que *doppelgänger* é esse? — A órbita da terra parecia ter parado, fazendo Luka se mover para dentro da sala, para cima do palco. A velocidade derrubou seu quepe, estourando um botão de seu uniforme apertado, mas ele não se importou. A jaqueta o estava sufocando, então ele a arrancou e ficou só de camiseta. Não havia por que se esconder agora.

Luka sacou uma de suas Luger enquanto se movia, apontando para o *Reichsführer* Himmler. Logo acima da abominação de pelos faciais, logo abaixo dos óculos.

— A1? B3? O5?

A aparição da arma não abalou o *Reichsführer* como Luka havia esperado. Ele ficou cara a cara com o metal perverso. Seus lábios não se contorceram. Ele não piscou.

O bigode de Hitler estremeceu. Não de medo, mas de raiva.

— Não sou um *doppel*...

Himmler ergueu a mão. O Führer fechou a boca.

Tudo ficou claro.

O homem na cadeira era um metamorfo. Mas ele não era apenas um dublê ou uma versão

em carne e osso de um alvo em papel. Era um porta-voz.

Era o Führer.

— Vencedor Lo... — começou o *Reichsführer*.

— Há quanto tempo? — Luka perguntou. A ponta da pistola tremeu.

Heinrich Himmler não era o tipo de homem que costumava ser interrompido, muito menos sob a mira de uma arma.

— Como é que é?

— Há quanto tempo você está controlando o Reich, *Reichsführer* Himmler? — Parecia tão óbvio agora que Luka parava para pensar. — O *Maskiertekommando des Führers* da ss não é um destacamento de segurança. Não são nem substitutos para aparições públicas... Você tem toda uma lista de metamorfos sob seu comando que podem assumir o rosto de Adolf Hitler a qualquer momento. Todo esse regime é um teatro de fantoches sob seu comando.

Luka estava certo. O silêncio foi a resposta.

O operador de câmera se remexeu no banquinho. O microfone estremeceu na ponta do suporte. Os quatro guardas da ss nem piscaram. A arma de Yael deixou de apontar para a têmpora do metamorfo, buscando um novo alvo em Himmler. O falso Hitler arrancou a arma antes que Yael pudesse apertar o gatilho, movendo-se com muito mais velocidade do que seria possível para um homem de sessenta e seis anos. Seu rosto se transformou de volta no de um homem muito mais jovem, de cabelo claro, enquanto apontava a arma para ela. Yael encarou o cano com uma respiração arfante.

O dedo de Luka no gatilho começava a doer, mas ele não estava pronto para atirar. Ainda havia muitas respostas que precisava ouvir, muitas coisas que queria dizer.

— O Führer está morto. Não está?

— Essa é a beleza do Projeto Doppelgänger. O Führer não pode morrer. — Heinrich Himmler apontou para os quatro guardas da ss. Todos se transformaram em Hitler em um piscar de olhos: bigodes felpudos, olhos azuis. — Ele é imortal.

— Mas Adolf Hitler não era. — Memórias novas e antigas se juntavam na mente de Luka. Anotações do Projeto Doppelgänger se encaixavam perfeitamente com a cena da Grosser Platz. O *Reichsführer Himmler ordenou a descontinuação de novas cobaias da ss* (o tiro de Aaron-Klaus, o vermelho atravessando, espalhando-se pela camisa de Hitler) *em virtude da decisão recente do Führer de ficar longe do olhar do público*. O Führer caindo no chão, com três buracos no peito. A ss cercando o corpo. Luka incapaz de se mover enquanto tudo ruía ao seu redor.

Ele tinha visto a verdade desde o começo.

— Hitler não deixou de fazer aparições públicas depois do discurso da Nova Alemanha porque temia por sua vida. Ele morreu naquele dia.

— Aaron-Klaus... — O barulho que Yael soltou era tão alegre que não fazia sentido com uma arma apontada para ela. — Ele conseguiu.

As acusações de Luka continuaram fluindo:

— Você, *Reichsführer* Himmler, estava tentando controlar a narrativa. Foi por isso que eliminou os *Maskiertekommandos* de todos os outros oficiais e mandou o médico parar de criar

doppelgängers novos. Não porque Hitler temia a exposição do projeto... mas porque você temia! Queria enganar os potenciais sucessores de Hitler. Se Bormann, Göring e Goebbels acreditassem que o Führer havia encerrado o Projeto Doppelgänger, não desconfiariam de que você o estava utilizando para assumir o poder.

— Muito bem, vencedor Löwe. — A expressão de Heinrich Himmler permaneceu fria. Havia uma tranquilidade no cair de suas pálpebras, algo gélido em sua voz. — Quatro anos inteiros e nem mesmo o dr. Geyer chegou perto de adivinhar a verdade. Mas você está errado em um ponto: o *Maskiertekommando* era um destacamento de segurança no início. O próprio Hitler teve a ideia quando apresentei para ele os resultados do Experimento 85. Sempre que uma situação era considerada de alto risco, um dos *doppelgängers* assumia o lugar do Führer. Ele escrevia os discursos e os repassava com os sócias até aperfeiçoarem todas as entonações. Mas o dia 16 de maio de 1952 foi diferente.

O queixo de Himmler se inclinou. Seus óculos cintilaram. Ele prosseguiu:

— O Führer queria dizer seu próprio discurso no palanque da Nova Germânia. A capital reconstruída era fruto do seu trabalho, e Hitler achou que deveria apresentá-la pessoalmente ao *Volk*. Ele morreu no palco, mas o *Maskiertekommando* levou o corpo antes que alguém se desse conta disso. Eu o substituí por um *doppelgänger* com ferimentos menos graves. Os poucos que sabiam do projeto pensaram que um sócia havia morrido. Todos os demais simplesmente acharam que os cirurgiões da Germânia faziam milagres.

— Então você e o *Maskiertekommando des Führer* assumiram o controle do Reich. Sem disputas com Göring. Sem reclamações de Bormann. Uma transição de poder simples e harmoniosa. — Luka riu. O som era esparso, acusatório. — Trabalho feroz, *Reichsführer* Himmler. De altíssima qualidade.

A equipe de produção estava se remexendo novamente, mas o microfone continuava sobre eles e o operador de câmera não havia tirado os fones. O filme continuava rodando. A transmissão não era ao vivo, e a película provavelmente nunca sairia daquela sala.

Luka tinha a impressão clara de que eles tampouco saíam daquele estúdio. A confissão de Himmler não era gratuita, e cinco Luger contra uma indicavam um péssimo fim. (Ele não era um atirador *tão* talentoso.)

Sobreviver era impossível.

Bem que ele poderia dar seu *verdammt* discurso agora...

Luka esperava uma audiência maior, na casa dos milhões. Mas, se oito pares de ouvidos eram tudo o que tinha, então eles ouviriam. O garoto manteve a pistola erguida e continuou falando.

— Meu pai foi membro da Kradschützen. Sabia disso? Quando eu era criança, costumava pedalar por Frankfurt numa bicicleta enferrujada fingindo que estava em uma moto atirando em comunistas imaginários, porque queria ser igual a ele. Queria sentir que era parte de algo importante. Quando você tem essa sensação... quando tem tanta *vontade* de ser importante e não é, acredita em qualquer coisa, não é? Se algum lunático subir numa mesa de bar e disser que você é a melhor coisa que já aconteceu para a humanidade porque nasceu dos pais certos, não vai dizer que ele está errado. Pode até começar a torcer para que esteja certo.

— Vencedor Löwe. Não temos tempo para ouvir seus monólogos. — As botas de Himmler rangeram enquanto ele transferia o peso de um pé para o outro. Quatro soldados da SS transformados em Hitlers falsos imitaram seu movimento, inquietos.

— Finja que esse é meu Discurso da Vitória — Luka retrucou. — Foi só depois que conheci Yael que entendi do que meu pai, do que *eu*, do que todos os cidadãos do Reich faziam parte: da erradicação de vilas inteiras. Não, de *países* inteiros. As populações eliminadas para dar espaço ao Lebensraum não foram apenas mandadas para longe. Foram assassinadas em massa. Usadas para experimentos médicos doentios e perversos. Li os arquivos sobre o Projeto Doppelgänger. O Experimento 85 foi feito com centenas de crianças que acabaram mortas.

— Foi uma missão muito difícil. — O *Reichsführer* não vacilou. — Muito difícil mesmo. Mas a realizamos com o amor do nosso povo. O progresso exige sacrifícios. Eles não passavam de *Untermenschen*...

— Eram crianças inocentes que tinham nomes! — As palavras não eram o bastante, nem perto do bastante, mas Luka continuou, porque precisava ser ouvido. Precisava fazer todas aquelas crianças e seu silêncio serem ouvidos. — Abel Topf. Mary Grausz. Naomi Hirsch.

— Silêncio. — Finalmente, o *Reichsführer* estava começando a parecer perturbado. Suas sobrelhas finas se juntaram. — Agora chega.

— Anne Lehrer. — Luka ergueu a voz. — David Mandel.

— Eu disse chega! — Himmler começou a berrar. — CHEGA!

Se mantenha firme. Faça o silêncio ser ouvido.

De que adiantava a força se não ajudasse Luka naquilo?

O metamorfo mais próximo do *Reichsführer* sacou sua arma e apontou para Luka. Não houve tempo para pensar, muito menos atirar. Os nomes continuaram a sair:

— Esther Reuter. Levi Wexler. Charani Weisz.

A lista era infinita, mas terminou aí. (Não com um suspiro, mas como uma EXPLOÇÃO.)

Luka não sentiu nada. A bala havia errado. Ele ainda estava em pé...

Mas então ouviu seu nome sendo gritado:

— Luka! Luka! NÃO! — Himmler o estava encarando, o terror esculpindo seu rosto flácido. Aquilo fez com que ele baixasse os olhos para o próprio peito.

Um buraco pequeno tinha aparecido em sua camiseta. Estava cercado por vermelho.

Hum.

A sensação veio alguns segundos depois. Suas terminações nervosas venceram o choque em uma onda de dor. Ardente, ardente. O mundo se curvou diante dele. Luka caiu com as costas no chão, e a arma que não chegou a disparar saiu rodando. As lâmpadas do estúdio brilhavam no alto.

Luz branca e brilhante. Que verdammt clichê.

Yael surgiu, apertando seu peito com as mãos. O cabelo escuro dela caía por toda parte: bloqueando a luz, flutuando com a súplica em seus lábios.

— Não! Não! Seu *Arschloch*! Por favor! Não me deixa!

Luka não queria deixá-la, mas achava que não tinha escolha. Já conseguia sentir o que quer que o compunha se esvaír. Precisou de todas as forças para levar a mão ao rosto de Yael. Ela

era quente e *viva* ao seu toque.

— Y-Yael.

— Sim?

Sua mão escorregou. Ela a pegou. A palma de Yael estava molhada com seu sangue.

Havia muitas coisas que ele podia dizer. (*Eu te amo. Não tenho mais medo. Acho que isso nos deixa quites. Não quero ir. Yaelyaelyael.*) Mas as palavras estavam ficando escassas e ele queria que suas últimas fizessem alguma diferença.

— A-armas d-demais — ele sussurrou, na esperança de que ela entendesse.

Yael se enrijeceu e assentiu, seus olhos cintilando por entre as lágrimas. Luka os encarou até estar de volta à taiga, correndo entre as pegadas de lobo na neve, através do verde tão escuro que era castanho, do castanho tão viçoso que era vivo.

Correndo...

correndo...

...

Yael não apenas viu a vida deixar o corpo de Luka Löwe. (Olhos azuis brilhantes, turvos, apagados. Queixo tenso, depois imóvel. Sua última máscara despida.) Ela *sentiu*. Luka estava lá. Depois não mais.

Como alguém tão *presente* poderia partir?

Aquilo a dilacerou, arrancando mais um pedaço seu com uma dor que nem o grito mais alto poderia expressar. Yael ficou em silêncio, curvada sobre o corpo de Luka, deixando seus cachos castanhos criarem um véu em volta dos dois. Ninguém tinha considerado as outras armas do vencedor, o que ela supôs que fora o motivo por que ele tinha usado seu último suspiro para lembrá-la que estavam lá. Cobertas de sangue, as mãos de Yael encontraram a segunda Luger dele e apertaram-na com força.

Seis homens eram um número impossível de derrubar sem levar nenhum tiro.

Tirar uma vida também tira algo seu.

VOCÊ NÃO TEM NADA MAIS A PERDER.

Yael soltou a trava de segurança.

— O sangue. Não posso... — A voz do *Reichsführer* Himmler estava estranhamente distorcida, tão aguda quanto um violino desafinado. — Limpem essa bagunça! Tudo! Quero que isso suma!

O metamorfo na cadeira da *Conversa de Chancelaria* foi o primeiro a se aproximar de Yael. A arma dela estava nas mãos dele, por isso o homem se movia mais devagar. Yael continuou agachada, avaliando todos os alvos na sala por entre o cabelo. Se atirasse no tempo certo, conseguiria levar pelo menos dois, talvez três dos *Saukerls* consigo. Incluindo Himmler, se tivesse sorte...

CRASH! O microfone caiu com estrépito no chão; o operador de som, temendo por sua vida, tinha desandado a correr para a saída. O operador de câmera não estava muito longe. Duas versões de Hitler correram atrás deles, com armas em punho. Tiros estalaram pelo estúdio e os dois membros da equipe de filmagem caíram, com as costas perfuradas pelo chumbo.

O metamorfo mais próximo de Yael ergueu os olhos na hora errada.

Ela não atirou nele, mas não foi um ato de misericórdia. Em sua outra forma, o oficial do *Maskiertekommando* era um homem musculoso, um alvo perfeito. Yael girou para trás, com a Luger em punho, exalando morte. O som foi o tremor dentro dela ampliado. Balas cortando tecido, perfurando ossos. Disparou em volta do metamorfo (que já estava caindo sob os tiros de seus colegas), contra o par de Hitlers perto do palco.

Tiro, transformação.

Tiro, transformação.

Eles morreram, ficaram brancos, continuaram mortos.

Os dois metamorfos perto da porta deram as costas para os corpos da equipe de produção. Sem seu escudo humano, Yael correu para o objeto mais próximo: a cadeira da *Conversa de Chancelaria*. Em questão de segundos, o assento estava esfarrapado. A madeira era pesada o bastante para aguentar a maior parte dos tiros. Yael ainda estava viva quando levantou e usou a munição restante.

Acertou o quarto metamorfo no peito. Ele caiu.

O quinto e último Hitler se jogou atrás da câmera. Yael não atirou, percebendo pela primeira vez que poderia sobreviver àquilo e que, nesse caso, precisava do filme intacto. Ela tinha que atirar no metamorfo de outro ângulo.

Continuou atrás da cadeira, na esperança de que ele desperdiçasse seus últimos cartuchos na madeira lascada. Quando ficou claro que não faria aquilo, ela examinou o resto da sala. Tirando a cadeira e a câmera, não havia muito para servir de cobertura. O único escudo que poderia usar estava caído entre os corpos do *Maskietekommando*, o rosto de óculos tão cinza quanto os cadáveres. A visão de tanto sangue havia acabado com o *Reichsführer*.

Sangue. Aquele era o motivo pelo qual os pisos do bloco médico estavam sempre tão limpos para as visitas de Himmler. O homem que havia supervisionado o assassinato de nações inteiras tinha medo de sangue. As mãos dela ainda estavam cobertas pelo sangue de Luka. Quando ela tocou em Himmler, ele engasgou. Yael se agachou atrás do *Reichsführer*, apertando a pistola na base do pescoço dele.

— Levanta! — Ela não reconheceu a própria voz. Era mais do que um rosnado; era ferro forjado por luto sobre luto. Yael fez Heinrich Himmler se levantar, cambaleante.

Ela o empurrou para a frente segurando o colarinho cinza, examinando as sombras em busca do quinto metamorfo. Não o tinha ouvido se mover, e ele não tinha conseguido dar um tiro enquanto a garota corria da cadeira até o homem. Talvez estivesse ferido...

— Não atire! — Himmler ordenou, com sua voz ecoando pelo estúdio. Yael ouviu um ruído atrás do equipamento de filmagem.

O metamorfo ainda estava lá. Esperando.

A garota enganchou o braço em volta do pescoço do *Reichsführer* e apontou a arma para a câmera. Não foi Hitler quem saiu de trás dela. Não foi sequer um estranho. Foi Luka. O lindo e morto Luka. Seu cabelo dourado entrou sob a luz. Seus lábios se contorceram num rosnado enquanto atirava em Yael, acertando seu novo escudo humano. Seus olhos estavam pretos, pretos e furiosos, mas não eram nada comparados ao que Yael sentia crescer dentro dela.

O *Saukerl* havia roubado o rosto de Luka na esperança de que aquilo a desarmasse, fazendo Yael hesitar por tempo suficiente para que conseguisse dar o tiro perfeito.

Não foi o que aconteceu.

Ela conhecia seus fantasmas.

Yael puxou o gatilho no exato momento em que o *Reichsführer* caiu atrás dela. Observou uma bala perfurar o peito de Luka uma segunda vez, despedaçando seu coração. Observou-o

ficar tão pálido até desaparecer e o último metamorfo cair no chão.

Tiro, transformação.

Todos os sentidos de Yael bramiam. Ela parou no centro da sala, com a Luger ainda em punho, mas não havia porquê. O único som restante era o de sua própria respiração pesada. Seu grito silencioso.

O primeiro corpo verificado foi o que estava a seus pés. O último tiro inimigo havia estilhaçado os óculos e o crânio de Heinrich Himmler. Foi uma morte rápida, indelicada.

Yael não virou para onde Luka jazia, porque sabia que, se fizesse aquilo, não conseguiria continuar. Cairia de joelhos e ficaria sentada ali, em seu pesadelo real, até os outros membros da ss que estavam no Ordenspalais ignorarem a ordem de Himmler de não perturbar a filmagem da *Conversa de Chancelaria*.

Não, Yael precisava seguir em frente. Aqueles cinco metamorfos estavam definitivamente mortos — traços congelados, membros se enrijecendo —, mas eram apenas um terço do *Maskiertekommando* restante. Ainda havia dez homens que poderiam usar o rosto de Hitler quando bem entendessem

O Führer não podia morrer. Não ia morrer.

A menos que Yael mostrasse ao mundo que ele já estava morto.

Não foi difícil retirar o filme. Yael tinha assistido à equipe da Reichssender fazer aquilo diversas vezes depois de suas entrevistas na corrida como Adele Wolfe. Ela escondeu o rolo embaixo do braço e caminhou para a porta. Seus passos tremiam, não porque tivesse sido ferida, mas porque a sala ao redor não parecia real. *Ela*, uma garota oca entre cadáveres, não parecia real.

Homens brancos cobertos de vermelho. A verdade enrolada com firmeza sob seu braço.

Seria o bastante para mudar as coisas?

Adolf Hitler estava morto havia muito, muito tempo. Aaron-Klaus tinha feito a diferença. Não tinha sido uma morte em vão, afinal. Mas e tudo aquilo? E Luka? De que adiantava? Por que ele teve de morrer?

Por que ela sempre era a única que sobrevivia?

A equipe de filmagem tinha quase chegado à porta antes de ser abatida. O operador de som tinha sido atingido no pescoço e morrido instantaneamente. O operador de câmera... estava vivo. O homem a encarou. Um gemido baixo deixou seus lábios. Dor.

Dor significava *vida*.

Yael parou e ajoelhou, virando o homem para avaliar seus ferimentos. Ele tinha levado um tiro nas costas. A bala havia atravessado o corpo, deixando um buraco de saída no ombro direito. O sangramento era um problema, mas, se Yael estancasse o fluxo, ele poderia sobreviver.

— Você quer viver? — De novo, a voz não parecia dela. Como se outro ser estivesse dizendo as palavras logo acima de Yael.

O homem assentiu.

— Preciso exhibir o que foi gravado na Reichssender. Se eu fizer um curativo em você, você me ajuda?

Ele assentiu de novo.

Vida. Yael precisava daquilo agora. *Vida* e a verdade revelada. Então ela rasgou um pedaço da camiseta do operador de som morto, fez uma bola com ele e pressionou na ferida do operador de câmera.

O nome dele era Dietrich. Dietrich Krauch. Ele era operador de câmera desde os tempos da guerra, um dos primeiros empregados da Reichssender, motivo pelo qual tinha sido escolhido como um dos poucos a gravar as reclusas *Conversas de Chancelaria* do Führer. Era uma enorme honra, envolta por um grau atípico de confidencialidade.

— Nunca filmamos na Ch-Ch-Chancelaria de verdade — ele explicou, batendo os dentes, com o choque se manifestando. — A luz lá n-não é boa, não dá para conseguir a mesma qualidade de imagem. Mas o Führer queria alimentar o boato de que era recluso, d-dizia que era mais seguro que ninguém soubesse que ele vinha ao Ordenspalais para filmar. Hitler sempre mandava seus guardas esvaziarem esta ala para as produções. Não queria nem a presença de Goebbels.

Então aquele era o motivo por que ainda estavam sozinhos. Desde o último tiro, Yael tinha esperado o som de passos da ss, que não tinha vindo. Himmler havia esvaziado aquela área do prédio tão completamente que ninguém ouvira o tiroteio. O *Reichsführer* havia se enterrado em sua própria cripta.

E estava prestes a levar o Terceiro Reich consigo.

— Agora você sabe o porquê. — Yael apertou o pano no ombro de Dietrich. — Himmler e o *Maskiertekommando* queriam o mínimo de testemunhas possível caso fossem expostos. O Reich precisa saber disso. Precisamos revelar o segredo de Himmler.

— Eu e Werner íamos entregar o filme na sala de controle principal depois que acabasse — o operador de câmera explicou. — Iria ao ar imediatamente.

— Quantos homens tem na sala de controle?

— Só um. O nome dele é Bernhard. Mas a sala fica do outro lado do anexo. — Dietrich franziu a testa. O operador de câmera sabia que não estava em condições de andar tanto. — Ele não vai aceitar o filme de você...

— Isso não vai ser um problema. — Yael examinou o rosto do operador de som: cicatrizes de catapora, uma pitada grisalha na sobrancelha, lábios carnudos. Através do esmalte vítreo da morte, seus olhos brilhavam azuis.

O choque de Dietrich se duplicou enquanto via Yael adotar os traços de seu colega morto. Ela despiu o operador de som, trocando seu uniforme de *Oberschütze* pelas roupas dele. Havia uma mancha de sangue ainda úmida na parte de trás da gola da camiseta. Ela grudou no pescoço de Yael enquanto abaixava para pegar o rolo de filme.

— Continue pressionando a ferida — ela instruiu o operador de câmera. — Não solte, ou você vai morrer.

Depois que a *Conversa de Chancelaria* fosse ao ar, o estúdio ficaria cheio de gente. Aquilo ajudaria Dietrich, mas seria a perdição dela.

Os corredores estavam vazios, produzindo ecos. Para chegar à sala de controle, Yael teve de voltar pelo mesmo caminho, passando pelo pôster de Luka de 1953. O garoto que nunca foi. O garoto com quem ela nunca mais conversaria, riria, choraria, que ela nunca veria de novo.

Mas por quê, por quê, por quê?

Tantas perdas exigiam uma resposta. As entranhas de Yael ansiavam por aquilo. Seus dedos ficaram brancos contra o estojo do filme. Ela continuou andando, passando pela entrada de serviço até chegar à sala de controle. Encontrou Bernhard em uma cadeira giratória, com as pernas apoiadas no painel de controle e a cara enfiada num livro. Ele levantou de um salto quando viu Werner, fazendo o livro voar.

— *Scheisse!* Desculpa, Werner. Não ouvi você chegar.

Yael soltou um resmungo. Continuou de costas para a porta, escondendo a mancha escura da morte na camiseta do operador de som. Bernhard também estava atrapalhado demais para notar. Ele ergueu a mão para pegar o rolo.

— Já terminaram? Essa foi rápida.

TUDO PRESTES A TERMINAR.

Ela entregou o filme para ele.

O alerta dos ossos podres foi enviado.

Felix ajoelhou, os ossos batendo lentamente no concreto enquanto ouvia Miriam simular a voz de Kasper. A imitação era tão próxima da verdade que o encheu de uma dúvida agonizante. Tinha sido simples para o *Standartenführer* da ss colocar um *doppelgänger* na linha. Felix tinha realmente conversado com seu pai?

Ele teria perguntado aquilo se não tivesse sido amordaçado outra vez. Silenciado para impedir que a resistência descobrisse o que já sabia: a sala do mapa estava comprometida. Os homens de Baasch pareciam determinados a destruir o lugar, mas a tarefa se revelou árdua. A quantidade de papéis que encontraram nos gabinetes de arquivos e enfiados entre as prateleiras era absurda. As páginas se multiplicavam diante de seus olhos. Listas, plantas, notas de operações, passaportes falsos, transcrições do Tour do Eixo de 1955, mapas... era uma compilação incendiária de informações, o suficiente para queimar a resistência até as raízes.

O *Standartenführer* da ss observava tudo com um contentamento estranho. Sem dúvida, estava prevendo a promoção que ganharia com aquilo: *Oberführer* Baasch da ss. Via as tiras de gorjal em sua gola, costuradas com *duas* folhas de carvalho prateadas.

Sempre que seus homens lhe entregavam um novo documento com um novo nome, os olhos do *Standartenführer* brilhavam mais: aço, prata esterlina, titânio.

— Excelente. Separe para apresentar no tribunal popular.

A pilha crescia. Miriam continuou a conversa de rádio. Os joelhos de Felix continuavam doendo. O cabelo de Henryka tinha passado de rosa a ferrugem, os cachos endurecidos tentando arranhá-lo. Tantos mortos e tantos que ainda iam morrer pelas palavras de Felix... Ele não tinha como desfazer aquilo. Não sabia se sua mentira, se seu “sim, sim” faria alguma diferença. Talvez agora o general Reiniger não entrasse na ratoeira. Talvez...

— O que é isso? — Um dos homens que saqueava a mesa de Henryka parou, espantado com o brilho da televisão. O *Führer* apareceu na tela, mas não estava sozinho.

Yael não apenas havia escapado, mas tinha chegado aos estúdios da Reichssender! Mesmo sem ver os lobos, Felix conseguia identificar seu rosto. A raiva também era dela, ardendo com a arma pressionada na têmpora de Adolf Hitler. A pistola apontada para o crânio de Felix relaxou, com o guarda hipnotizado pela imagem. O homem perto da mesa aumentou o volume e todos na sala do mapa ficaram paralisados: olhos arregalados, ouvidos atentos, incapazes de desviar o olhar enquanto a verdade saía das caixas de som. Um drama que obviamente *não* estava no roteiro. Yael, *Reichsführer* Himmler, Luka, quem quer que fosse o homem na

cadeira... todos eram feitos de emoções tão reais que atravessavam a Reichssender e enchiam a sala do mapa.

Confusão: “Espera, o Führer está morto?”.

Medo: “Isso é verdade, *Standartenführer*? O senhor sabia?”.

Todos os que olhassem para Baasch veriam que não. O rosto dele tinha ficado pálido a ponto de reluzir. Seu lenço pendia ao lado do corpo, manchado pelo óleo da Luger.

Luka estava listando as vítimas: versões em carne e memória dos papéis sob o quepe de Baasch. Felix esperou o nome de Anne Weisskopf ser pronunciado. A perda dentro dele continuou crescendo — vértebras quebradas, ossos dos dedos perdidos, passado de lápide, futuro de guilhotina, mulher fantasma e seus cachos fantasmas... todos aqueles nomes e nada de Anne, mais e mais alto, transformando-se em algo QUENTE.

A sala explodiu.

Em algum momento durante a transmissão, Miriam havia desconectado o fone do rádio e enrolado o fio nas mãos como um garrote. Ela o enroscou na garganta de seu guarda, arrancando a vida dele.

Os agentes da resistência se moveram em unidade. Brigitte tirou um lápis do cabelo, o coque se soltando enquanto enfiava o instrumento na perna do ss mais próximo. Kasper agarrou a arma apontada para sua cabeça e direcionou o tiro para o guarda diante de Adele. O golpe de Johann foi o mesmo — igualmente rápido, igualmente fluido.

Tudo aquilo aconteceu antes que a maioria dos homens de Baasch conseguisse tirar os olhos da televisão. Os agentes estavam em menor número, numa proporção de três para um, mas sua disposição para morrer, sua necessidade de viver, era equivalente à confusão da ss.

Felix já tinha lutado antes, mas nunca daquela forma: garras e dentes, a vida do outro ou a dele, a dele, a dele. A sala se turvou e focou ao mesmo tempo. Momentos capturados passaram em alta velocidade: Brigitte conseguiu derrubar uma estante para servir de cobertura; Miriam trocou o garrote por uma arma; papéis voaram da mesa de Henryka enquanto um guarda ss caía atrás dela.

As chances mudavam o tempo todo. Ficaram de quatro para um quando Johann levou um tiro no esterno, caiu e não levantou mais. Dois para um depois que a ss levou uma saraivada de balas e os Wolfe entraram na briga. Os golpes de Felix eram muito menos fortes que os de Kasper, mas faziam efeito. Ele usou até a mão enfaixada, batendo com a fúria de um animal encurralado. De novo e de novo e de novo. Até não saber se o vermelho em seus dedos era dele ou do rosto do *Schütze* da ss que estava espancando.

A luta se equilibrou. Um para um. O lenço de Baasch caiu no chão quando o oficial bateu em retirada rumo à saída.

NÃO.

Não foi o desespero para sobreviver que fez Felix se levantar. Não foi raiva nem vingança que o fizeram correr atrás do *Standartenführer* da ss. O CALOR dentro dele era um animal diferente, liberto.

Pela primeira vez desde que conhecera Baasch, ele não estava encurralado. Estavam nos termos de Felix: ombro a espinha a concreto. Caíram no chão.

O que ele tinha feito? Algo que um “sim, sim” não poderia desfazer. Algo que Felix nunca poderia retirar, mas aquilo não o impedia de tentar. Usou os dois punhos, o quebrado e o quebrador.

Baasch não era um homem fraco, nem do tipo que levava uma surra em silêncio. A luta foi mais do que justa: foi feroz. Esmagar embaixo, arranhar em cima. Os socos do *Standartenführer* da ss acertaram Felix no maxilar, nas costelas, no peito, onde quer que conseguissem alcançar. Felix nem tentou desviar deles.

— Você chegou... a estar... com... meus... pais? — Ferro afiava suas palavras. Ele estava ensanguentado, completamente ensanguentado. O rosto de Baasch se afogava sob seus punhos, mas Felix não se importou. — Responda!

O *Standartenführer* da ss abriu a boca: dentes quebrados, resposta abafada. Havia ricochetes demais ecoando pela sala do mapa para ouvir.

— MAIS ALTO! — Felix urrou. Só então percebeu que os golpes do oficial tinham parado. Baasch estava derrotado, mas aquilo não era nada. As brasas continuaram ardendo dentro do peito de Felix. Sua mão direita era uma tocha, doendo mais que nunca.

A dor também cobria os olhos de Baasch. Ele tomou fôlego.

— Seus... — Foi a única palavra que conseguiu dizer antes de seu crânio ser atingido. O buraco era pequeno, de apenas nove milímetros, mas grande o bastante para deixar a morte entrar e levar a vida do *Standartenführer* da ss.

Aqueles olhos estavam mortos. Prova a posteriori de que Baasch tinha ao menos uma centelha de alma, por mais endurecida que fosse. Felix se virou para encontrar Miriam poucos passos atrás dele, ainda segurando a arma. A alma nos olhos *dela* transbordava, um trovão radiante e luminoso.

Ela apontou a arma para o coração de Felix.

Ele não ergueu as mãos, como os sobreviventes de Baasch faziam diante das armas de Brigitte e Kasper. Não tentou implorar ou suplicar. Tinha feito o que fora preciso, e era hora de pagar.

Felix retribuiu o olhar de Miriam, seus olhos passando de azuis a incandescentes, e assentiu.

Adele correu até o irmão, colocando-se na frente dele. Ela encarou Miriam.

— Não! Por favor! Eu falei... eu falei para Felix fazer aquilo! Ele só estava tentando me proteger! Baasch ia matar toda a nossa família.

A arma não se moveu.

Nem Adele.

— Ad — Felix sussurrou —, sai da frente.

— NÃO! — Adele vociferou, com todo o seu amor obstinado e furioso no corpo. — Não! Isso não está certo! Baasch obrigou você...

— Mesmo assim, fui eu que fiz a ligação — ele disse, rouco. — Eu escolhi.

Um silêncio havia caído sobre a sala do mapa, deixando entrar novos sons do alto: disparos, maquinaria pesada se encrespando contra o asfalto. Então aquele era o motivo pelo qual os reforços da ss não tinham vindo. Eles estavam envolvidos em outro combate. Teriam os homens de Reiniger conseguido voltar ao quarteirão tão rapidamente? Parecia improvável...

Quem poderia estar do outro lado da batalha?

Miriam também ouviu os sons. Esperou outra batida. A artilharia trovejou. Adele continuou na frente do irmão. Braços abertos, como se mais alguns centímetros de carne e osso pudessem protegê-lo.

— Saiam.

O quê? Felix não conseguiu acreditar nos próprios ouvidos.

— *Saia e leve sua irmã!* — Miriam apontou a Luger para a porta de entrada. — Se vir você de novo, *Herr Wolfe*, é um homem morto.

Ele acreditou em suas palavras.

Adele enganchou o braço no do irmão, puxando-o para longe do cadáver de Baasch. Eles saíram juntos do porão. Os dois homens restantes do *Standartenführer* da ss os seguiram: desarmados, pasmos por suas vidas intactas. A porta se trancou atrás deles, fechando Miriam e os outros dois agentes lá dentro com uma montanha de cadáveres.

Por que aquele lugar mais parecia uma tumba?

A dança da presa havia chegado ao fim.

Miriam trancou a porta do porão, na esperança de que a ss não testasse seus morteiros contra o aço reforçado. Na esperança de que a batalha lá em cima virasse contra os nacional-socialistas.

Era impossível evitar os mortos; desviar de um cadáver a levava a outro. Ela precisou caminhar na ponta dos pés até a estação de comunicações. Seu golpe de garrote havia quebrado o fio do fone de ouvido. Pouca coisa havia sobrevivido ao segundo tiroteio, embora o rádio ainda parecesse funcionar.

Kasper e Brigitte também eram exceções. Por mais bem treinados que fossem, a dupla parecia devastada pelo número de corpos. Miriam se perguntou o que dizia sobre ela o fato de que a carnificina não fosse chocante para ela, desde muito, muito tempo.

O que *tinha* chocado Miriam fora o que acontecera na Reichssender: Luka Löwe não estava apenas representando o herói, mas *era* um herói. A confissão de Himmler na tela. Yael entre os lobos...

Ela não tinha visto o fim, ocupada como estava lutando pela própria vida. A televisão era um cadáver como os outros: tela estilhaçada, circuitos estourados. O rosto do Führer finalmente havia desaparecido, mas Yael também.

Era fácil se preocupar com ela, e difícil ter esperança. Mas nenhuma daquelas coisas ajudaria muito ali entre os mortos. O que *seria* útil era uma linha de comunicação com o mundo exterior. Miriam testou o fone do rádio quebrado de Johann na máquina de Kasper. Alguém ainda estava transmitindo no outro lado da linha, listando letras mais rápido do que Miriam era capaz de memorizar.

— Você tem um lápis, Brigitte?

A agente apalpou o cabelo apenas para lembrar que seu lápis estava enfiado em um dos corpos no chão.

— Eu tinha alguns reservas. Em algum lugar...

— Ainda estão transmitindo? — Kasper se aproximou do banquinho.

— Sim — Miriam respondeu. — Depois do que aconteceu na Reichssender, o general Reiniger precisa desta sala mais do que nunca. Vocês têm protocolos para dizer que a crise foi evitada?

— Sim...

— Ótimo. Pode usar. — Miriam entregou o fone para ele e se juntou a Brigitte na busca. Ela

procurou na mesa de carteador, onde os arquivos do Projeto Doppelgänger permaneciam intocados. Luka usara um lápis para escrever seu discurso, não foi?

O quepe do *Standartenführer* Baasch coroa o topo da pilha dos papéis. Miriam o afastou. Ela não se arrependia de nenhuma das vezes em que apertara o gatilho. O que continuava com ela era a pontaria final, o tiro que não dera.

Tinha sido inteligente deixar Felix e sua irmã irem embora? Provavelmente não.

Tinha sido a coisa certa a fazer? Miriam não sabia. Aquela misericórdia ia contra tudo o que os soviéticos haviam lhe ensinado: “Vamos destruir os assassinos de nossos filhos/ camaradas/ amigos”. Mas ela havia aprendido novas lições recentemente, e a maneira como Adele havia se jogado entre Felix e a arma a lembrara de Yael e da linha de fogo de Molotov. Aquilo a lembrara de que matar Wolfe seria tolice.

No fim, não cabia a ela tirar a vida dele.

O lápis de Luka estava onde o vencedor o havia deixado, sobre seu discurso escrito pela metade, mas agora finalizado. Miriam o entregou a Brigitte.

— Toma.

A agente ergueu um banquinho caído e se acomodou diante da máquina Enigma. Dois buracos de bala manchavam a casca, mas o maquinário interno continuava intacto. Depois de algumas letras decifradas e das mais suficientes trocas de senhas, a comunicação entre a sala do mapa da resistência e as forças superiores foram reestabelecidas. Miriam deixou os agentes em sua conversa de rádio e avançou em direção à parede oposta, onde o mapa de Henryka estava dobrado sobre si mesmo. O papel estava pesado com tanta tinta azul-escura, que tinha vazado para o outro lado. Tudo o que Miriam conseguia ver eram os países novos. De cabeça para baixo, reconstruindo-se num mar de branco.

Ela se ajoelhou e juntou as tachinhas caídas até suas mãos não conseguirem aguentar tantos cortes. Uma a uma, usou-as para colocar o mundo de volta no lugar.

— Werner, que droga é...? — Bernhard girou na cadeira quando Yael apareceu nos monitores. O medo perpassou seu rosto. — Goebbels vai cortar nossas cabeças por exibirmos isso.

O operador levou a mão ao painel de controle. Yael pegou a arma.

— Não toque em nada! — ela vociferou.

Bernhard parou. O terror em seu rosto ficou um tom mais escuro.

— W-Werner? O que há de errado com a sua voz? O que está acontecendo?

Yael não respondeu. Ele logo descobriria a resposta.

O mundo inteiro descobriria.

Algo nos monitores chamou a atenção do operador, prendendo sua atenção.

— É... o vencedor Löwe?

Era. Os olhos de Yael lacrimejaram ao ver Luka diante do *Reichsführer* Himmler. Ele parecia tão vibrante diante das câmeras. Tão *verdammt* vivo.

Mas ela sabia o que aconteceria em seguida.

Yael manteve a Luger apontada, com uma orelha direcionada para o corredor. Nada ainda. Mas a ss a tinha visto na tela. Telefonemas estavam sendo feitos. Botas viriam correndo. Havia apenas uma porta para a sala de controle principal. Ela a trancara atrás de si, mas era uma defesa fraca. O metal (uma fechadura + quatro balas + uma lâmina em sua bota) não deteria uma unidade da ss.

Sempre existe uma saída. Uma das lições de Vlad. Seu treinador a tinha ensinado a procurar todas as possibilidades dentro de uma sala: janelas, mentiras que poderia inventar, rostos que poderia roubar. Mas agora Yael não tinha tanta certeza se queria encontrar uma.

Vida ou morte?

A segunda opção nunca tinha parecido tão tentadora. Havia levado todos os outros, por que não ela? Por muito tempo, Yael acreditara que era a escolhida. Poupada para fazer o que os outros não podiam: matar Hitler, destruir seu reinado da morte. Seu trabalho estava cumprido, e a espada que havia utilizado para tanto estava vindo atrás dela. Lá fora, sons explodiram no corredor: gritos, botas, gritos mais altos. Tinham encontrado o estúdio. Cabeças de hidra, Himmler, o duplo vencedor Löwe, sangue por toda a parte e Dietrich.

Não faltava muito.

Luka recitava os nomes. Bernhard estava sem palavras; sua boca estava aberta, sem demonstrar medo. Ouvindo não apenas uma lista de vítimas, mas toda uma nova versão da história. Vendo não apenas o vencedor Löwe levar uma bala, mas toda uma estrutura vigente

cair, estilhaçar-se, morrer.

Mas por quê? O coração de Yael se despedaçou. Por quê, por quê, por quê?

Ela assistiu a si mesma correr até ele. Ouviu passos — reais — do outro lado da porta da sala de controle. A maçaneta chacoalhou. Alguém gritou. Na tela, Yael estava suplicando, tentava impedir o que não conseguiria.

Pergunta: Por quê?

Yael encarou a Luger em suas mãos. A mesma arma que estava tirando do corpo de Luka em uma dezena de monitores. A arma que a havia trazido até ali.

Resposta: Luka tinha morrido para revelar a verdade.

E agora ela estava revelada.

Resposta: Luka tinha morrido para que Yael pudesse viver.

E agora ela viveria.

VAI VAI VAI.

A porta do corredor tremeu e se lascou. A fechadura se manteve firme... por pouco. Yael apanhou um casaco de lã de um cabide próximo, vestindo-o sobre a mancha de sangue de Werner enquanto ia para o fundo da sala de controle, examinando as placas do teto, as telas, os botões... olhando, olhando...

SEMPRE EXISTE UMA SAÍDA.

O lugar tinha sido segmentado pelas colunas estruturais, algumas da largura de paredes. Era maior do que Yael tinha imaginado. Painéis se estendiam por quase metade do comprimento do anexo do Ordenspalais. Yael desviou de cadeiras giratórias e inúmeras imagens de seu antigo eu, passando pelo maior número de colunas possível para se afastar da porta do corredor.

Tiros soaram. Balas novas? Ou as suas, disparadas no passado? Yael não parou para descobrir. Continuou correndo com toda a sua velocidade e ânsia de viver.

EXISTE UMA SAÍDA.

A sala terminava com a luz do sol. Uma janela! O vidro descia do teto até o chão, a assinatura rígida e grandiosa da arquitetura de Albert Speer.

DUAS SAÍDAS.

À direita, havia uma porta. A placa dizia ARQUIVOS. Quando Yael a entreabriu, sentiu cheiro de naftalina misturado a pó. Um fio de escuridão.

SEM SAÍDA.

A janela não era muito melhor. Seus painéis davam para uma rua cercada por prédios do governo com soldados alertas. Yael não andaria meio quarteirão usando as roupas civis ensanguentadas de Werner sem ser parada.

A ss esperaria que ela tentasse. Yael contava com aquilo enquanto usava suas últimas balas para estilhaçar o vidro, abrindo com um chute um buraco considerável na janela. Ela entrou na sala de arquivos. Houve um breve segundo de luz para memorizar o espaço: grandes prateleiras com rolos de filme de antigas *Conversas de Chancelaria*.

A porta se fechou em silêncio. A escuridão caiu sobre o túmulo das palavras do Führer.

Yael não sentiu confiança para avançar muito sem tropeçar, mas precisou se afastar da porta.

Passos cuidadosos a guiaram até o fim da primeira pilha de filme. A garota passou por ela, e pela segunda, terceira e quarta coluna de rolos.

Sentia seu coração bater em toda parte, dispersando-se. Os homens da ss trovejavam atrás da porta. O vidro crepitou enquanto eles quebravam a janela, seguindo o suposto trajeto de Yael.

— Para a rua! Rápido! Ela não deve ter ido longe! O operador da sala de controle disse que ela está usando roupas civis. Casaco preto. Espalhem a informação! Alertem os postos de controle!

Mais vidro estalou e trincou. E, então, nada.

A distração de Yael havia funcionado...

A porta da sala de arquivos se abriu, banhando o lugar com luz. A escuridão encolheu as sombras na parede, reunindo-se na forma de um único homem. Sua silhueta parou no batente. Yael continuou encostada às pilhas, sentindo a respiração seca na garganta de Werner.

As luzes do teto se acenderam. As sombras desapareceram, mas o homem não. Yael ouviu seus passos enquanto ele se movia ao longo da primeira pilha de rolos. Ela girou ao longo da quarta. Fora de vista, agachada.

Seu perseguidor parou ao fim da pilha. A apenas três colunas, a dois metros de distância. O ar parecia ácido aos pulmões de Yael. Ela pegou a faca em sua bota. Seus dedos tremeram contra o cabo.

Os passos retomaram seu ritmo: sola de ferro sobre linóleo. Soavam famintos, espreitando pela segunda pilha e pela terceira, mais perto, mais perto...

Mais um passo e ele soaria o alarme.

Mais um passo e a vida de Yael estaria acabada.

Ela deu o bote antes, usando o corpo robusto de Werner para derrubar o oponente no linóleo. O chão duro tirou o ar dos pulmões do soldado, abafando seu grito prestes a sair. Aquilo não o impediu de se debater, golpes desvairados de que Yael desviou com precisão automática. Ela estava com a faca na mão. Bastaria um movimento, um golpe... mas...

O uniforme do *Sturmmann* da ss estava intacto. Feito sob medida para uma fuga. Facas eram, por natureza, armas sujas. Se Yael usasse a sua, danificaria seu futuro álibi com manchas de sangue e buracos de punhalada.

Não seria pela faca daquela vez, mas pelo punho.

Osso contra carne contra carne contra osso.

Um golpe na têmpora e o soldado ficou imóvel. Yael não perdeu tempo para tirar a roupa de Werner, examinando o *Sturmmann* da ss enquanto fazia aquilo. Cabelo castanho, corte perfeito. Quando levantadas, suas pálpebras revelaram olhos azuis ásperos. Verruga no canto do queixo. Dentes inferiores levemente encavalados.

Yael se moveu numa lufada de botões, despindo as roupas do *Sturmmann* da ss e vestindo a insígnia do soldado: caveiras, águias, runas... tudo prata. Os documentos oficiais no bolso do uniforme indicaram que estava personificando Otto Gruber.

O *Sturmmann* da ss não estava morto, apenas desacordado. Yael não conseguiu cortar a garganta inconsciente dele (ainda tinham restado *alguns* limites), então usou pedaços das roupas de Werner para prendê-lo no canto distante dos arquivos, bem longe de qualquer pilha

de rolos de filmes contra as quais Otto pudesse se debater quando acordasse. Levaria algum tempo até ser encontrado.

Yael endireitou a gola do uniforme de Otto e guardou a faca na bota do *Sturmmann* da ss. Andou até a saída, apagou a luz e fechou a porta. Parou perto da janela quebrada; a cena além dela era igualmente estilhaçada. Uma rua frenética, repleta de uniformes da ss.

Ela se encaixou perfeitamente.

Otto Gruber desceu a travessa com a mesma expressão de perseguidor dos outros. Seus olhos azuis e secos vasculhavam batentes, passavam por janelas de veículos. Toda vez que alguém perguntava se ele tinha visto um homem de casaco preto, fazia que não. A pergunta foi ficando mais rara conforme caminhava, substituída por rumores diferentes.

Adolf Hitler. Heinrich Himmler. Mortos.

Aqueles nomes, combinados com aquela palavra, exibiam uma emoção que Yael nunca tinha visto antes nos rostos da *Schutzstaffel*: medo. Eles estavam duplamente órfãos. Sem líder. Do mais inferior *Schütze* ao mais superior *Oberst-Gruppenführer*, ninguém da ss estava livre do pânico.

Pela primeira vez, Yael andou entre eles como a única pessoa sem medo. Continuou a busca por si mesma, circulando arbustos da Wilhelm Platz e até parando para espiar pelo portão da estação U-Bahn. (Por onde não dava para entrar.) Ela se moveu o mais sutilmente possível até o posto de controle. Os guardas estavam sendo bombardeados de ambos os lados. Autoridades nacional-socialistas preocupadas queriam ver com seus próprios olhos evidências da morte do *Reichsführer* e de seus fantoches do *Maskiertekommando*. Outras autoridades queriam deixar a Wilhelmstrasse para resolver assuntos urgentes. Um deles tinha o azar de estar vestindo um casaco preto.

Mesmo assim, os guardas tiveram a chance de pará-la e pedir seus documentos. Yael obedeceu, estendendo a caderneta de Otto Gruber, mantendo o queixo abaixado para disfarçar o fato de que não tinha pomo de adão. A poucos metros de distância, o dirigente de casaco preto gaguejava diante do cano de uma arma.

Mais um passo e ela conseguiria desaparecer na paisagem da Alemanha, roubar dezenas de rostos, encontrar Reiniger.

Mais um passo e ela viveria.

O guarda devolveu os papéis de Otto Gruber a Yael, acenando para que seguisse em frente.

Mais um passo...

E ela o deu.

A verdade estava no sinal.

O sinal estava por toda parte.

Através de continentes, telas de televisão bruxulearam e mudaram. Do rosto do Führer para o rosto do Führer. No começo, a maioria dos telespectadores não conseguiu diferenciar o que estava vendo da reprise infinita. Era uma cadeira, uma bandeira e o Führer dando um discurso que poderiam repetir em seu sono inquieto.

Então, surgiu a garota com a arma. O volume foi aumentado ao máximo. Silêncio em BARULHO. Alta foi a confissão de Heinrich Himmler. MAIS ALTO foi o Discurso da Vitória de Luka Löwe. AINDA MAIS ALTO foi o tiro disparado para silenciá-lo.

Passou apenas uma vez. Nem todo mundo viu.

Nem todo mundo viu, mas todos ouviram. Notícias da morte de Adolf Hitler — e da conspiração inacreditável em torno dela — se espalharam mais rápido do que um incêndio na seca. Trespasaram abrigos antiaéreos e unidades da Wehrmacht, chegando a ouvidos da ss e de guerrilheiros. A morte do vencedor Löwe veio depois, como fumaça, abafando quaisquer ilusões de que o sangue os mantinha seguros.

O jogo virou. Tudo mudou.

Não foi apenas a resistência que se revoltou daquela vez. A Wehrmacht não estava mais compelida pelo *Führerleid*. Os revolucionários saíram de casas comuns. O exército do general Reiniger se multiplicou por dois, três, dez, enquanto o resto dos soldados da liderança nacional-socialista se lançava uns contra os outros, corroendo-se de dentro para fora. As suásticas da Alemanha queimaram e queimaram até os céus ficarem pretos e a Nova Ordem se tornar coisa do passado.

As forças ampliadas do general Reiniger avançaram para o noroeste, assumindo o controle do campo de aviação da Luftwaffe e abrindo linhas de suprimento para o Mar do Norte. Munição, combustível, maquinário pesado, todas as tropas que a Grã-Bretanha renascida poderia emprestar... tudo veio em grande quantidade, esculpindo um novo reino com a capital em seu centro — reconquistada e renomeada como Neuberlin.

Mais e mais o azul se espalhou. Mais e mais o vermelho se esvaiu.

Durante meses, a luta continuou devastadora. Outras dezenas de batalhas. Outros milhares de vidas. As forças de Reiniger forçaram os resquícios dos nacional-socialistas e das Waffen-ss para o sul, até os encurralarem contra os Alpes, sem ter como recuar mais. A última grande batalha foi travada ao pé das montanhas. Os nacional-socialistas eram uma onda batida contra

as rochas, batida e batida, até, finalmente... se renderem.

5 de janeiro de 1957. Uma noite de neve em Innsbruck. O general Erwin Reiniger se encontrou com o Führer Martin Bormann, um homem tão esfarrapado quanto seu título autoproclamado. Caneta e papel. A assinatura de Bormann em tinta.

A guerra estava acabada.

E agora?

PARTE IV
TERRA DA PROMESSA

A sessão de tatuagem foi diferente. Houve uma agulha, sim, e dor (mais do que o bastante), e lembranças. Yael sentou na cadeira de couro rachado no quartinho dos fundos da Luisenstrasse. Fazia quase um ano que tinha visto o homem pela última vez, mas ele parecia muito mais velho. Seus óculos pareciam grandes demais para seu rosto. Havia rugas em torno de suas bochechas que não estavam lá antes.

Ele não aceitou o dinheiro dela, nem quando ofereceu o dobro.

— É o mínimo que posso fazer. Depois do que você e os outros fizeram... posso vender minha arte de novo — ele disse baixo enquanto começava a preparar a agulha. — O que são mais dois lobos comparados a um recomeço?

Mais dois lobos. Não serve. A memória de Henryka fazia parte da matilha, mas Luka... A mente de Yael se encheu de lembranças de sua jaqueta marrom e de seus cigarros. Coisas que ele usava para se distinguir, porque não era como os outros. Nunca como os outros.

Luka Löwe, o garoto que ela odiara, amara e perdera, não era um lobo.

— Só mais um lobo — ela disse ao homem. — Depois vou querer outro animal.

Os dedos do homem eram uma canção em movimento, deixando a agulha na mesa, pegando o caderno. Ele tirou o lápis de carvão da orelha e o colocou na página num desenho primoroso do lobo de Henryka. Linhas que cruzavam a pele do cotovelo de Yael das presas do lobo de Vlad até...

— Qual é o segundo animal?

Não um lobo, não um lobo, não um lobo.

Luka sempre a tinha lembrado de outra coisa. Predador e orgulhoso, espreguiçando-se no chão, no deserto. Observando Yael com uma emoção perigosa e feroz no olhar. (Amor, ela sabia agora, amor que ainda arranhava seu coração.) Lutando quando mais importava.

— Um leão — Yael sussurrou.

O homem continuou desenhando, totalmente concentrado, com a língua para fora no canto da boca. Traço a traço, o leão foi ganhando forma. Juba grande, trote largo, músculos potentes — todos traduzidos por um conjunto de linhas elegantes. O animal fluiria perfeitamente ao lado do lobo de Henryka na pele em branco do bíceps esquerdo de Yael, saltando entre a antiga vida e a nova.

— Pode ser assim? — Ele mostrou o caderno. O último lobo e o único leão.

Yael ficou sem palavras. Assentiu e estendeu o braço uma última vez. A agulha do tatuador doeu como sempre, entrando deslizando em camadas profundas de sua pele. Ele copiou as

linhas do papel com uma precisão impecável. *Buzz, buzz, buzz.* Caudas, torsos, cabeças. *Buzz, buzz, buzz.* Dor a cada linha. Dor que significava vida.

Passaram-se algumas horas até a agulha finalmente ficar em silêncio.

Ela sentiu aquilo como uma conclusão.

As formas do lobo e do leão brilharam ardentes enquanto Yael sentava para examinar o trabalho do artista. As feridas estavam inflamadas, vermelhas, expostas, mas ela conseguia ver no que se tornariam. Dezenas de linhas delicadas como teias de aranha que ligavam a memória de Luka Löwe e Henryka a seus outros fantasmas.

Babushka, *Mama*, Miriam, Aaron-Klaus, Vlad, Henryka, Luka.

Os vivos e os mortos.

Os recordados.

O homem também foi muito cuidadoso ao enfaixar a tatuagem. O cheiro pungente de hamamélis surgiu no quartinho enquanto ele enrolava a gaze em torno do braço de Yael.

— Não se esqueça de trocar o curativo e manter limpo — ele instruiu. — Vai demorar para cicatrizar. Como sempre.

Era uma manhã quente — com muitos traços de primavera, até algumas pinceladas do verão que estava por vir. Dentro da oficina, Felix arregaçou as mangas do macacão. Estava com os cotovelos enfiados no motor de um Volkswagen, e a graxa dominava todas as partes livres de sua pele — cutículas, linhas da palma da mão, poros —, parte dela incrustada tão fundo que nem um banho seria capaz de tirar. O único pedaço seu realmente limpo era a mão direita. O rolo de gaze e os antibióticos tinham sido substituídos havia tempos por uma luva preta sem dedos. Adele havia costurado as duas últimas aberturas para cobrir a cicatriz espiralada.

Felix tinha levado meses para treinar a mão mutilada a segurar uma chave inglesa. Mesmo assim, a pegada não era a mesma. A mão esquerda ficou mais forte por necessidade. Ele e Adele precisavam comer, e o preço dos alimentos não era nada convidativo — dois consertos de motor compravam um jantar digno. Houve várias semanas, no auge da guerra, em que Felix sentiu que as dores da fome viravam seu estômago do avesso.

Aquilo tinha acabado quando as batalhas rumaram para o sul e Frankfurt retomou uma rotina mais normal após a derrocada do Terceiro Reich. As pessoas levavam suas coisas quebradas à Oficina Mecânica Wolfe e Felix as consertava. Havia pão na mesa, às vezes até queijo. Em alguns dias raros, Adele conseguia trocar seus marcos escassos por carne ou ovos.

Felix comia toda noite se perguntando se seria sua última refeição.

Yael estava viva. Ele a tinha visto na televisão — tatuagens escondidas, rosto não transformado — ao lado do general Reiniger enquanto ele discursava a Neuberlin e à Alemanha sobre o futuro da república. Felix não prestou atenção em nenhum detalhe das eleições e da reestruturação do parlamento. Via Yael e sabia que a misericórdia de Miriam tinha apenas adiado o inevitável.

Os lobos estavam a caminho. Mais cedo ou mais tarde, apareceriam à sua porta, exigindo sangue pelo sangue que fora tirado.

Toda vez que um novo cliente entrava na oficina, toda vez que ouvia Adele limpar os sapatos no capacho, tinha certeza de que o acerto de contas havia chegado. Mas não tinha. E não tinha. E não tinha. O inverno havia se transformado em primavera, a qual já flertava com o verão.

Felix continuou trabalhando. Os mortos sempre se debruçavam nos motores com ele. Martin, *Mama*, *Papa*. Luka Löwe (ele sentia mais falta daquele *Arschloch* do que imaginava que poderia sentir). Henryka e aqueles operadores de rádio. Anne Weisskopf. O calor do dia tornava a presença deles ainda mais opressiva.

— Achei que você não estaria aqui.

Felix derrubou a chave inglesa. Ela caiu com estrépito dentro do motor. Ele não se deu ao trabalho de pegá-la. Seu destino estava à porta da oficina mecânica, ao lado de uma pilha de estepes. Cabelo escuro, mangas curtas o bastante para mostrar a matilha no braço esquerdo. Ele não tinha ouvido Yael chegar. Claro que não. Ela era uma espiã de passos leves. Seria fácil aparecer atrás de Felix e cortar sua garganta.

Não era nenhum consolo o fato de que não havia feito aquilo. Uma dívida tão grande quanto a dele só poderia ser paga cara a cara.

Felix se endireitou. Sabia que Yael tinha armas escondidas nas roupas e ficou esperando que ela pegasse uma. Mas não foi o que a garota fez. Ela cruzou os braços e inclinou a cabeça para trás, lendo as palavras que o pai de Felix havia pintado ali nos anos 1930. OFICINA MECÂNICA WOLFE em branco contra blocos de cimento pintados de preto. O tempo e o clima haviam descascado os cantos, mais delicados. *Papa* sempre falava em retocar, mas era uma tarefa que acabava empurrada para o fim de uma lista crescente.

Felix desejou tê-la retocado. Duvidava que Adele faria aquilo depois que ele morresse.

Yael entrou pela porta da oficina. Seus braços continuavam cruzados.

— Pensei que você tinha vendido a oficina para *Herr* Bleier e pagado para entrar no Tour do Eixo.

— E vendi.

Depois da sala do mapa, os gêmeos tinham passado algumas semanas na Alemanha, pulando de abrigo antiaéreo em abrigo antiaéreo quando os conflitos de rua permitiam. Eles chegaram à periferia da capital, onde o apartamento de Adele continuava intocado. Os dois ficaram tempo o bastante apenas para guardar na mala objetos de valor, fotografias e comidas enlatadas. Felix havia convencido a irmã de que *Mama* e *Papa* iriam para Frankfurt se ainda estivessem vivos. Era a única chance de serem uma família de novo.

A jornada que deveria ter levado menos de seis horas durou mais de uma semana. As estradas eram tão ruins que eles foram obrigados a ir a pé. Mais de uma vez, a guerra interrompera seu trajeto. A guerra também havia atingido Frankfurt: casas abandonadas, lojas saqueadas, famílias desaparecidas. Felix e Adele encontraram a oficina fechada, com garrafas de leite amontoadas na entrada.

Herr Bleier nunca aparecera para reivindicar sua propriedade. Felix descobrira depois o motivo:

— *Herr* Bleier foi morto durante as revoltas. Sem família e sem governo, a escritura é nossa.

Yael soltou um grunhido e examinou o lugar, repousando os olhos na mancha de óleo na forma de um coração assimétrico onde Felix costumava sentar enquanto observava seu pai trabalhar.

— É exatamente igual às fotografias.

Felix continuou esperando pela bala, pela faca, mas não houve nenhuma punhalada, nenhum disparo súbito. Ele não aguentava mais.

— Você veio me matar?

Os olhos de Yael saíram do chão, carregados de todos os elementos que Felix havia

imaginado: raiva ácida, a retração de uma pessoa traída. O garoto se perguntou o que eles viam. (Não por fora; os espelhos sempre lhe contavam como os meses tinham sido cruéis. A falta de refeições havia encovado suas bochechas e acinzentado suas pálpebras. Até seu cabelo havia assumido um tom cinzento.)

Será que ela conseguia *ver* os mortos reunidos em volta dele? As noites em que não conseguia dormir porque sentia os cachos de Henryka se enrolarem em volta de sua tireoide? Os dias que pareciam longos demais porque Felix sabia que tinham sido tirados daqueles que queriam vivê-los a todo custo? Pessoas que tinham rostos?

— Pensei nisso. — O olhar de Yael abandonou o dele, recaindo sobre sua luva. — Mas já fomos feridos demais, você não acha?

Ele não soube o que dizer. Não soube como respirar.

— Então por que... por que está aqui?

— Adele está em casa?

Estava. Felix sabia que, se entrassem, encontrariam sua irmã na sala de estar, contando os marcos da semana.

— Por quê? — ele perguntou de novo.

— Fiz uma promessa para você em Molotov — Yael disse devagar. — Só consegui cumprir metade dela até agora. Hoje vou cumprir o resto.

Isso é real? A oficina estava girando. Felix pestanejou, respirando fundo para apagar as centelhas. Pensou que o mundo estava girando. Fazia muito tempo que ele não tinha um sonho tão bom como aquele.

— Vim para levar você e Adele até seus pais.

Yael foi à frente em sua moto, outra Zündapp KS 601. Adele a seguia, os dedos batendo nervosos contra o volante do Volkswagen enquanto atravessavam o interior. Felix olhava pela janela. O dia estava tão agradável que quase esperou ver famílias fazendo piqueniques do lado de fora. Cestas cheias de queijos, pães, figos e garrafas de água, toalhas estendidas sobre a grama. Mas a maioria das famílias não tinha tempo nem comida para um piquenique. E a grama...

A guerra havia esparramado sua destruição pela terra. Quilômetros e quilômetros de pomares chamuscados e campos esburacados se mostravam pela janela. Eram cicatrizes de meses. Nem a força da primavera fora capaz de repará-las.

Mas havia lugares que a guerra não havia tocado. Onde a própria estrada se tornara mais uma sugestão do que uma realidade. Onde as árvores cresciam com uma firmeza sólida que lembrara Felix da taiga moscovita. Onde as montanhas eram grandiosas: rocha, rocha, neve, pico.

O motor do Volkswagen sacudiu sobre as inclinações crescentes. Os desvios foram diminuindo e a pista pareceu mais longa. Felix começou a se perguntar se Yael os estava

guiando para o fim do mundo. Eles certamente estavam perto do topo: o azul do céu parecia perto o bastante para tocar. Felix abriu a janela. Era possível o ar ter um aroma tão doce? Era possível sentir seu peito tão leve?

O lugar mais seguro da Europa era no alto de uma colina. A fazenda de Vlad. Felix se debruçou para olhar pelo para-brisa. Identificou um celeiro, uma casa — construções simples de madeira. A primeira pessoa que ele viu foi... *Mama!* Viva. Fora da cama. *Trabalhando no jardim.* Ela estava ajoelhada entre as mudas, com o cabelo amarrado sob um lenço xadrez e uma pá na mão. Quando voltou os olhos para a entrada de carros e viu o rosto de Felix encostado na janela do Volkswagen, começou a correr.

Papa apareceu em seguida, na porta do celeiro, segurando um balde. Quando entendeu na direção de quem sua mulher estava correndo, deixou-o cair, esparramando leite por toda parte.

O carro ainda não havia parado, mas aquilo não impediu Felix de abrir a porta, tropeçar no cascalho, cair de quatro, voltar a levantar e correr até seus pais. O reencontro se deu com um abraço soluçante. *Papa* cheirava a palha; *Mama* estava coberta de terra. Eles abraçaram Felix com uma força que ele não sabia que ainda tinham, apertando-o contra o peito até as orelhas dele doerem. Adele não demorou para entrar no emaranhado de braços. Só tentou recuar quando seu cabelo estava quase ensopado pelas lágrimas de sua mãe.

— Pensamos que vocês estavam mortos! — a garota disse entre as próprias lágrimas. Seus olhos se apertaram, como se estivesse tentando conter as emoções. — Estávamos em Frankfurt esperando, esperando... Por que não voltaram para casa?

— Nós tentamos — seu pai explicou. — Algumas vezes. Mas Vlad nos convenceu de que era mais seguro esperar aqui enquanto a resistência procurava vocês.

Isso é real? Felix precisava ter certeza. Até onde sabia, poderiam ser dois *doppelgängers*.

— *Mama*, de que cor era a blusa que você costurou para a boneca da Adele no Natal em que *Papa* voltou do fronte?

— Isso foi há tanto tempo... — Ela foi pega de surpresa pela pergunta. Seus olhos suaves piscaram algumas vezes antes de responder: — Era... era azul, não era?

Era.

Felix se voltou para *Papa*

— O que Martin ganhou naquele Natal?

O nome do irmão fez um véu cobrir o rosto de todos, sombrio e cinza. Era algo que fazia sua família ser quem era, e Felix soube, mesmo antes do pai responder, que os Wolfe estavam unidos novamente. Mais unidos que nunca.

— Um relógio de bolso — *Papa* respondeu. — Ele não desgrudou daquele negócio por uma semana. Até tentou tomar banho com ele. Você ainda o tem?

Felix tirou o relógio do bolso do macacão. Repousava, prateado e brilhante, em sua luva. *Mama* e *Papa* notaram seus dedos amputados e deram um grito sufocado ao mesmo tempo.

— São e salvo. — Felix entregou o relógio, que não parou de bater.

Você se lembra do que fez, não? Não?

Felix olhou por cima do ombro e encontrou Yael na entrada de cascalho. Estava mais frio ali. As mangas do macacão de Felix estavam puxadas para baixo novamente, mas Yael já

havia tirado as luvas e a jaqueta de motocicleta. Seus braços estavam nus, ainda cruzados. A luz da montanha iluminou seus lobos. Agora ele notou que havia alguns a mais — não, apenas um.

Felix nunca tinha perguntado a Yael o que as tatuagens *significavam*, mas, assim que viu o leão, ele soube. Pelo menos em parte.

Um terceiro habitante da fazenda apareceu na entrada. Vlad. Tinha que ser ele. Mesmo segurando uma xícara de chá, parecia perigoso, com uma coleção de cicatrizes e partes do corpo perdidas. Quando avistou Yael, ergueu a xícara em cumprimento.

Ela começou a andar rumo à casa.

— Yael. — Felix se separou da família, deu três passos e parou.

Ela parou também.

Desculpas não trariam os mortos de volta. *Desculpas* não consertariam nada. Mas eram tudo o que Felix tinha a oferecer.

— Desculpe.

O pedido parecia tão pequeno. Como um falcão emplumado contra o céu do tamanho do mundo, suspenso pelas correntes de vento. Sem subir nem descer, apenas planando.

Os braços de Yael relaxaram. Seus lábios se entreabriram e o ar escapou dela até a expiração chegar ao fim. Yael não tinha mais palavras, não para ele, pelo menos. Fez um aceno de cabeça tão sutil que o garoto não teria visto se tivesse piscado.

Algo dentro dele pousou.

Ela retomou a caminhada em direção à casa. Vlad a recebeu e fechou a porta. Felix parou na terra sólida, fitando a madeira bruta da cabana.

— Felix! — Adele o chamou. — O que você está fazendo?

Ele virou para encontrar os Wolfe ainda lá. *Papa* esfregando a careca no topo da cabeça. *Mama* segurando a pá em uma mão e apertando a filha com a outra.

Felix se juntou a eles.

A cozinha de Vlad não estava diferente das lembranças de Yael: a mesa coberta por um labirinto de marcas de caneca, prateleiras cheias de garrafas de vodca, a chaleira chiando no fogão. Dois anos depois, seu treinador continuava o mesmo, feito das mesmas cicatrizes e carrancas. Ele não tinha visto seus números ou reconhecido seu rosto, mas soube que era ela imediatamente.

— Já era hora de você aparecer — o velho espião resmungou em russo. — Aqueles dois estão me importunando para voltar para casa desde que chegaram. Sabe que não gosto disso.

— Eles não devem ter sido tão ruins assim. — Yael sentou, cruzando as mãos sobre o tampo gasto da mesa.

Vlad foi até o outro lado da cozinha.

— No começo, foram. Tentaram fugir algumas vezes, até que os convenci de que era melhor esperar. Ficaram suportáveis depois que os botei para trabalhar.

— Vim assim que pude. — Era em parte mentira, mas quase verdade.

Durante os meses da guerra, Yael tinha se mantido ocupada na sala do mapa. Juntara-se a Miriam, Kasper, Brigitte e uma dezena de rostos novos numa tentativa de fazer o papel de Henryka. (Ninguém poderia, mas eles tentaram.) Os meses depois da rendição de Bormann tinham sido nebulosos — as cinzas da guerra se assentando, a poeira da reconstrução das repúblicas se erguendo. Ela só teve tempo de pensar nos Wolfe semanas antes.

O tempo podia curar feridas, mas as cascas dos machucados dentro de Yael eram instáveis, caindo quando menos esperava e fazendo com que voltasse a sangrar de repente. Havia momentos em que ela achava que não poderia encarar Felix nos olhos e escolher a vida. Mesmo naquele dia, parada na porta da garagem da oficina, vendo o mecânico trabalhar, Yael sentira seu coração se dividir em um misto de feridas e vontades.

Assassinato ou misericórdia?

No papel, era uma questão simples. Na prática, era outra história.

Fora Miriam quem contara o que havia acontecido na sala do mapa. No começo, Yael não quisera acreditar, não conseguira entender que logo Felix tinha feito aquilo. Não combinava com quem ela conhecia — força obstinada, bondade inerente. O rapaz que havia consertado sua motocicleta e enfaixado seus ferimentos, que tinha dito que estaria ao lado dela em qualquer circunstância.

Não. Não era a motocicleta *dela*. Não eram os ferimentos *dela*. Não era ao lado *dela*.

Nunca ao lado *dela*...

Yael sabia que doeria, aquela ruptura inevitável entre eles. Mas nunca poderia ter previsto como o rompimento seria devastador: a traição de Felix, seu acordo com o *Standartenführer* da ss, a destruição e o colapso. Todos os detalhes tinham enchido Yael com mais uma camada de raiva, de dor esfumaçada, nova e tão, tão antiga, somada a todas as outras tristezas. Henryka ainda não tinha sido enterrada. E o corpo de Luka... ela nem podia imaginar o que havia acontecido com ele.

Vida ou morte?

Era uma escolha que Yael ainda não tinha feito completamente quando entrara na Oficina Mecânica Wolfe. Não havia sangue-frio. Nenhuma regra a impedia. Até Felix sabia daquilo quando perguntara se ia matá-lo com o tom mais resignado possível.

Ela estava olhando para o chão quando ele dissera aquilo. Para uma mancha escura que parecia sangue, mas devia ser de alguma substância da oficina. Seu coração continuava dividido dentro dela. Crescendo e se partindo, despedaçando-se e se colando, lembrando-lhe de que ela também estava muito, muito cansada da morte. Todas que carregava. Todas que enterrava.

Felix merecia morrer, sim. Mas Yael merecia deixar que ele vivesse.

Ela podia ouvir o riso dos Wolfe — baixo e pleno — através das rachaduras da porta da cozinha. Mais uma vez, seu coração inflou e se partiu. Vlad serviu uma xícara de chá para ela e empurrou pela mesa. Sem a vodka que costumava pôr na dele.

Uma pena. Naquele dia a bebida faria bem a Yael.

Ela envolveu a porcelana quente nas mãos e deixou o calor entrar por seus dedos. Vlad se acomodou na cadeira à frente dela, com seu único olho estreito, vendo tudo.

— Como você está lidando com tudo?

Yael sabia que ele não precisava perguntar. Sabia que não precisava responder.

— Mal.

— Antes mal do que nem lidar — Vlad grunhiu, tomando um gole de sua xícara de chá. — É uma surpresa você estar aqui depois de todas as missões em que Reiniger envolveu você. Ele já tem outra preparada?

— Ainda existem dez membros do *Maskiertekommando* à solta — ela disse ao seu antigo treinador. — Reiniger acha que a maioria escapou pelas rotas de fuga.

Embora os barcos que partiam das costas europeias fossem vasculhados em busca de nacional-socialistas em fuga, era impossível capturar todos. As rotas de fuga estavam repletas de membros da ss. Sem os uniformes, os monstros tentavam se passar por homens. A maioria, segundo as informações de inteligência, tinha ido para a América do Sul, na esperança de que as enormes selvas e montanhas fossem suficientes para escondê-los.

Não seriam.

— Tem certeza de que são só dez? — Vlad perguntou.

Yael tinha. Não só estavam com todos os arquivos do Projeto Doppelgänger em mãos como também tinham uma testemunha especializada. A tentativa de fuga do dr. Engel Geyer não tinha sido tão bem-sucedida quanto a de seus colegas. Ele fora capturado no caminho para a costa. O médico estava com vários frascos de substâncias usadas no seu tratamento, mas seu

rosto era o mesmo: caninos pronunciados, olhos alertas. Ele admitiu que tinha medo demais para aplicar a fórmula em si mesmo. Cinco por cento era um risco alto demais para o Anjo da Morte.

Dez homens do *Maskiertekommando*, Miriam e Yael eram os únicos metamorfos vivos. O resto da fórmula tinha sido guardado em um lugar seguro, preservado como evidência para o julgamento do dr. Engel Geyer.

— Reiniger quer que Kasper e eu encontremos os metamorfos e deixemos... marcas mais visíveis neles.

Muito, muito antes, um X havia marcado Yael como sobrevivente. Mas a marca dos metamorfos criminosos de guerra seriam duas runas *Sieg*, uma em cada bochecha. Impossível de esconder, qualquer que fosse o rosto que usassem quando fossem levados a julgamento.

— Dez metamorfos. Isso deve manter você ocupada.

— Temos os arquivos deles. Himmler tomou um cuidado especial com eles. Não queria que escapassem. Detalhou todas as ligações familiares e os lugares importantes do passado. Se voltarem a algum deles, vamos saber. — Yael soprou o chá e deu um gole automaticamente.

A xícara já estava vazia. Vlad não fez menção de voltar a enchê-la.

— Você parou?

Os dois braços de Yael estavam na mesa. Seis lobos e um leão. Sim, ela ainda os observava todo dia. Sim, ela ainda parava para recitar os nomes deles toda noite.

— Eu lembro.

De onde ela veio, do que ela passou.

— Dos mortos que sempre vamos ter conosco. — O olho de Vlad se contraiu enquanto se recostava na cadeira. — Mas não estou falando de parar para refletir, Yael. Estou falando de parar. Passou a vida toda se escondendo e lutando. Merece descansar um pouco.

— Eu estou descansando — Yael disse a ele. — Nem tudo é espionagem. Tenho uma casa agora.

Ela a dividia com Miriam, que ficava lá quando não estava indo ou voltando de Moscou, em sua tentativa de se equilibrar na gangorra política. Tinham pintado as paredes de azul e estavam fazendo o possível para regar uma coleção de vasos com flores.

Todo dia, Yael aprendia mais sobre si mesma. Não apenas sobre seu passado, mas sobre o passado antes dele: a história que corria em seu sangue. As memórias da vida de Miriam antes do campo eram mais antigas que as de Yael — afinal, ela tinha oito anos a mais de lembranças. Aos pouquinhos, Miriam deu o que pôde a ela: orações, histórias da Torá, hebraico.

Seu descanso chegava na forma do sabá. Toda sexta à noite, qualquer que fosse a dificuldade ou tristeza da semana, Miriam e Yael acendiam velas e abençoavam uma taça de vinho. Nem Miriam nem nenhuma das padarias de Neuberlin lembrava como fazer os chalás, então elas tinham que se virar com o pão de sempre.

Os nacional-socialistas tinham tentado eliminar todos os traços do judaísmo da face da terra. Muitas coisas haviam sido queimadas — sinagogas, pergaminhos da Torá, vidas —, destruídas numa escala vasta demais para entender. (Quantos, quantos?) Mas nem *tudo* era cinzas. Havia sobreviventes — homens, mulheres e crianças que haviam conseguido resistir aos anos da

Nova Ordem em Novosibirsk e na floresta ao redor. A maioria preferiu continuar nesses lugares, onde não faltava teto ou emprego, onde ainda havia uma sinagoga, onde não precisavam temer a faca dos vizinhos. Para alguns, porém, o chamado dos países renascidos era forte demais.

Uma mulher chamada Shoshana estava entre as primeiras a chegar a Neuberlin. Seus dedos sabiam fazer a massa do chalá e trançá-la do jeito certo. Agora, toda semana, ela fazia pães para Miriam e Yael, e para os cinco, dez, quinze outros que foram chegando. Entre eles, estava um rabino chamado Rosenthal, que tinha um pergaminho da Torá entre suas posses, cuja caligrafia hebraica valia mais do que ouro.

Eles formaram uma comunidade apreensiva, sempre com um pé atrás, apesar da promessa de proteção do governo Reiniger. (O mundo havia mudado, mas estava longe de ser perfeito. Havia um motivo por que Yael não largava sua P38.) Mas suas raízes eram profundas, unindo-os na memória coletiva. A cada nova chegada, eles iam montando seu passado, construindo seu futuro.

— Também tenho os vivos comigo — Yael disse ao quinto lobo. — O que você vai fazer depois que os Wolfe forem embora?

— Semear o jardim. Manter as vacas vivas. — Vlad notou a expressão dela e deu risada. Soava um rosnado, como tudo o que saía da boca dele. — Receio que Reiniger também tenha missões para mim.

Ele não disse mais nada, e Yael não insistiu, mesmo curiosa. Eram muitos os talentos e habilidades de Vlad. Em que direção Erwin Reiniger ia direcioná-los? Para as relações com Moscou? Ou a situação da Esfera de Coprosperidade da Grande Ásia Oriental, onde a agitação havia tomado conta das populações, ameaçando o regime do imperador Hirohito?

— Vamos sobreviver. — Vlad encheu as xícaras. Sem vodca de novo, mas aquilo não o impediu de erguer a sua e brindar com Yael. — Quem sabe até prosperar?

O campo estava deserto. Depois da vitória de Reiniger, o lugar — assim como inúmeros outros — tinha sido controlado, exorcizado. Não havia nenhum guarda da ss em seus portões. Nenhum rifle em seus ombros. Nenhum pastor-alemão espumando ao seu lado. As torres de vigia se erguiam cegas. Ervas daninhas brotavam através das rochas entre os dormentes da ferrovia — aqueles que haviam sussurrado o nome de Yael tantos anos antes. (*Ya-el, ya-el, ya-el.*)

Eles não sussurravam nada agora, aumentando o silêncio que pesava sobre todo o lugar. Pairava sobre as chaminés sem fumaça, perpassava os barracões vazios, penetrava cada tijolo e cada tábuia, encharcava as almas de todos os que ouviam.

Eram poucos — eram mais do que Yael poderia esperar — aqueles que tinham vindo para prestar homenagens. A maior parte da comunidade de Neuberlin tinha feito a jornada trazendo velas e fósforos, pedras e orações. Havia outros também, homens e mulheres que ela não reconheceu. Alguns falavam em russo. Havia um casal com um bebê. Um rapaz fez Yael se lembrar tanto de Aaron-Klaus que ela precisou encará-lo por uns bons três segundos até chegar à conclusão que não, ela não estava vendo fantasmas de verdade, apenas os visitava. Alguns já estavam acendendo suas velas *yahrzeits*, as chamas bruxuleando contra as mãos enquanto levavam o fósforo ao pavio.

A vela e os fósforos de Yael continuaram em seu bolso. Ela não queria acendê-la sozinha, porque não precisava ser assim. Miriam estava ali, em algum lugar. Elas tinham suportado o trajeto de Neuberlin juntas, percorrido o trecho final da estrada de cascalho e passado pelos pinheiros que cresciam ao longo dela. De novo, Yael quis correr para o meio do bosque, mas, assim que chegaram aos portões onde o rabino Rosenthal e os outros estavam começando a se reunir, Miriam apertara seu ombro e dissera:

— Fique aqui. Eu já volto.

Yael ficara, observando o silêncio. Um vento corria pela floresta, trazendo sussurros dos galhos de pinheiro e um aroma suculento que ela não lembrava da infância. As sempre-vivas tinham vivido mais que a fumaça.

Quando Miriam voltou, estava com uma expressão estranha: pesada, dura e esperançosa. Havia terra encrustada em seus dedos e unhas. Ela estendeu a mão para Yael e abriu a palma.

Pele macia, linha da vida, madeira granulada.

Yael não conseguia falar quando pegou a boneca. Não conseguia chorar quando abriu a maior e encontrou a próxima, e a próxima, e a próxima. Quatro rostos, todos diferentes, todos

ali. Com exceção de alguns torrões de terra, o conjunto de matrioscas parecia intacto. Tirado diretamente das memórias da noite escura: o presente das mãos enrugadas de Babushka, Yael pegando no sono com a família apertada junto ao peito, a promessa de Miriam de guardá-las em segurança.

“Elas vão se reencontrar algum dia”, ela havia dito a Yael.

Nenhuma das duas acreditava que aquele dia poderia ser real, tangível. Que doze anos depois estariam diante dos portões abertos, preparando-se para acender velas para os mortos.

Yael tirou a boneca menor do bolso e a guardou dentro do restante. *Fecha, fecha, fecha*, segura. A menos de dez passos, o rabino Rosenthal limpou a garganta para saudar o grupo e organizar a vigília. Aqueles que estavam acendendo velas se levantaram e, embora todos tivessem mais espaço que o necessário, o grupo se aproximou, ombro a ombro, mais unido do que nunca. A mão de Miriam encontrou a de Yael e a apertou com força. Yael apertou em resposta e não soltou. Sua outra mão segurava a boneca com firmeza.

O vento continuava soprando os pinheiros quando chegou a hora de declamar o kadish. Ele se envolveu em torno das vozes do rabino Rosenthal e dos outros, dando asas a suas palavras. A oração se ergueu, indo para longe.

Yael fechou os olhos e ouviu.

Ali estava um povo. Uma família. Uma fé.

Seu povo. *Sua* família. *Sua* fé.

Ali estava um silêncio quebrado.

O nome de Yael já estava nos livros de história (à tinta, para todo o sempre, ao lado de Luka Wotan Löwe), mas aquilo não a impediu de fazer mais. Ela seguiu as rotas de fuga para a América do Sul e marcou todos os *Maskiertekommando* que conseguiu encontrar. Parou diante da Avenida dos Esplendores e observou o domo do Volkshalle desmoronar; as ondas de choque da demolição fizeram as raízes de seus molares tremerem. Ela pensou nos mortos e lutou pelos vivos, entrando no campo de batalha da política de Neuberlin para garantir que a voz de seu povo fosse ouvida e nunca mais se perdesse.

Comeu chalá. Riu. Chorou. Vestiu seu primeiro rosto com orgulho, de mangas curtas e cabeça erguida. Os lobos e o leão foram com ela, sempre com ela, correndo pela pele quente sob a luz do dia. O sol continuou brilhando e não havia nada em sua vida que fosse uma mentira.

E feliz, triste, humanamente para sempre...

Yael Reider viveu.

AGRADECIMENTOS

Mal consigo acreditar que estou escrevendo esta frase, porque significa que, para todos os efeitos, este livro está pronto! Terminado! *Finito!* Nem consigo contar o número de vezes que encarei o arquivo caótico do Word, duvidando que algum dia conseguiria transformá-lo num livro. E, no entanto, aqui estou eu, ao final da série!

Contar uma história tão ampla exige muito apoio. (MUITO.) Tive vários torcedores profissionais e profissionais torcedores. Jacob Graudin me ajudou a tramar a derrocada da Germânia entre um e outro copo de cerveja. Kate Armstrong leu todos os capítulos e me deu o incentivo de que eu precisava. Megan Shepherd e Anne Blankman deram feedbacks excelentes do rascunho. Como não sou nem de perto tão versada em línguas quanto Yael, Anna-Anyia Spann me ajudou com o russo e Nora Leitz com o alemão. Nagao e Wombat passaram horas me ajudando a pensar na pane e nos consertos subsequentes do caminhão GAZ-AA. Rick Zender, do College of Charleston Communications Museum, se dedicou a responder meus e-mails. Matt Hunter deu conta das minhas perguntas médicas. O pessoal incrível do canal do YouTube C&Rsenal me emprestou seus conhecimentos sobre armas de fogo, táticas de batalha e cenários de guerra alternativos. Tenho uma dívida em especial com Lisa Yoskowitz e Judah Beilin, por suas lições culturais.

Publicar é um trabalho árduo e tenho a sorte de ter uma equipe de primeira para me apoiar. Tracey Adams — agente extraordinária — teve muita fé em mim e nas histórias que eu queria contar. Ela também me arranjou uma editora incrível: a Little, Brown Books for Young Readers. Minha confiança na capacidade de Alvina Ling de editar minhas histórias se tornou inabalável. (Você é *mesmo* uma super-heroína!) Nikki Garcia, Hallie Patterson, Kristin Dulaney, Andrew Smith, Megan Tingley, Victoria Stapleton, Danielle Yao, Emilie Polster e a equipe da NOVL: obrigada a todos por levar meus livros às mãos dos leitores. A Orion continua fazendo um trabalho espetacular na publicação dos meus livros do outro lado do Atlântico. Felicity Johnston assumiu o comando da edição no meio do caminho e fez um trabalho fabuloso. Nina Douglas, obrigada mil vezes pelo chá de blogueiras, pela Plataforma 9¾ e por ser simplesmente genial.

Esta série tem *tantos* admiradores ávidos. Laini Taylor, Jackson Pearce, Amie Kaufman, Victoria Schwab, Megan Shepherd, Victoria Aveyard e Marie Lu, obrigada por espalhar aos quatro cantos a jornada de Yael. Ainda me assombro com o poder do amor dos leitores. É uma das melhores coisas que um autor pode pedir, juro.

David, obrigada por me falar várias e várias vezes que eu era capaz de escrever este livro e

por chorar quando leu o capítulo 49 no Red Lobster. Pai, sei que você não pretendia me emprestar seus livros sobre a Segunda Guerra Mundial por dois anos e meio, mas obrigada por não me dar bronca. Mãe, obrigada por ser minha primeira e maior fã. Adam, você está nos agradecimentos agora. (Mas, sério mesmo, obrigada por ler *Lobo por lobo* em vez de ficar assistindo jogos na TV. Significa muito para mim.) Se eu listasse todos os parentes e amigos que me ajudaram a não enlouquecer enquanto escrevia *Sangue por sangue*, este livro ficaria muito, mas muito mais grosso. Todas as coisas precisam chegar ao fim, então vou encerrar estes agradecimentos como fiz com todos os outros. Obrigada, Deus, por suas dádivas e sua graça. *Soli Deo Gloria*.



DAVID STRAUSS

RYAN GRAUDIN nasceu e cresceu em Charleston, Carolina do Sul. Em 2009, formou-se em escrita criativa pelo College of Charleston. Viajou para diversas partes do mundo — deu aulas de inglês na Coreia do Sul, viveu numa fazenda na Nova Zelândia, fez um mochilão pelo Peru e observou os leões no Quênia. Dela, a Seguinte já publicou *A cidade murada* e *Lobo por lobo*, o primeiro volume desta duologia.

Copyright © 2016 by Ryan Graudin

Publicado mediante acordo com Little, Brown and Company, Nova York, Nova York, EUA.

Todos os direitos reservados.

O selo Seguinte pertence à Editora Schwarcz S.A.

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

TÍTULO ORIGINAL Blood for Blood

CAPA Alceu Chiesorin Nunes

PREPARAÇÃO Lígia Azevedo

REVISÃO Renato Potenza Rodrigues e Giovanna Serra

ISBN 978-85-438-1000-3

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

www.seguinte.com.br

contato@seguinte.com.br



/editoraseguinte



@editoraseguinte



Editora Seguinte



editoraseguinte



editoraseguinteoficial

BRUNO

Lobo por Lobo

RYAN
GRAUDIN

VENÇA A CORRIDA
OU MORRA TENTANDO

Lobo por lobo

Graudin, Ryan

9788543807348

360 páginas

[Compre agora e leia](#)

Era uma vez, em outra época, uma garota que vivia no reino da morte.

O Eixo ganhou a Segunda Guerra Mundial, e a Alemanha e o Japão estão no comando. Para comemorar a Grande Vitória, todo ano eles organizam o Tour do Eixo: uma corrida de motocicletas através das antigas Europa e Ásia. O vencedor, além de fama e dinheiro, ganha um encontro com o recluso Adolf Hitler durante o Baile da Vitória.

Yael é uma adolescente que fugiu de um campo de concentração, e os cinco lobos tatuados em seu braço são um lembrete das pessoas queridas que perdeu. Agora ela faz parte da resistência e tem uma missão: ganhar a corrida e matar Hitler. Mas será que Yael terá o sangue frio necessário para permanecer fiel à missão?

[Compre agora e leia](#)

A RAINHA VERMELHA VOL. 3

VICTORIA AVEYARD



A PRISÃO DO REI

UMA JAULA SILENCIOSA.

UMA GUERRA LÁ FORA.

SEGUINHA

A prisão do rei

Aveyard, Victoria

9788543808338

552 páginas

[Compre agora e leia](#)

No terceiro volume da série que já vendeu mais de 250 mil exemplares no Brasil, tudo vai queimar.

Mare Barrow foi capturada e passa os dias presa no palácio, impotente sem seu poder, atormentada por seus erros. Ela está à mercê do garoto por quem um dia se apaixonou, um jovem dissimulado que a enganou e traiu. Agora rei, Maven continua com os planos de sua mãe, fazendo de tudo para manter o controle de Norta — e de sua prisioneira.

Enquanto Mare tenta aguentar o peso sufocante das Pedras Silenciosas, o resto da Guarda Escarlata se organiza, treinando e expandindo. Com a rebelião cada vez mais forte, eles param de agir sob as sombras e se preparam para a guerra. Entre eles está Cal, um prateado em meio aos vermelhos. Incapaz de decidir a que lado dedicar sua lealdade, o príncipe exilado só tem uma certeza: ele não vai descansar enquanto não trazer Mare de volta.

[Compre agora e leia](#)

Do autor de Aristóteles de Dante descobrem os segredos do Universo

Benjamin Alire Sáenz

*a lógica
inexplicável
da minha
vida*



COLEÇÃO
SEGREDOS

A lógica inexplicável da minha vida

Sáenz, Benjamin Alire

9788543810027

440 páginas

[Compre agora e leia](#)

Salvador levava uma vida tranquila e descomplicada ao lado de seu pai adotivo gay e de Sam, sua melhor amiga. Porém, o último ano do ensino médio vem acompanhado de mudanças sobre as quais o garoto não tem nenhum controle, como ímpetos de raiva que ele não costumava sentir.

Além disso, Salvador tem que lidar com a iminente morte da avó, com uma tragédia repentina que acontece na vida de Sam e com o fato de seu pai estar se reaproximando de um ex-namorado. Em meio a esse turbilhão de sentimentos, que vão do luto ao amor e da amizade à solidão, Sal passa a questionar sua própria origem e identidade, e tenta encontrar alguma lógica para a sua vida — uma tarefa que parece quase impossível.

[Compre agora e leia](#)

AUTORA DA SÉRIE A SELEÇÃO
KIERA CASS

A SEREIA

SEGUINTE

A sereia

Cass, Kiera

9788543804842

328 páginas

[Compre agora e leia](#)

Novo livro da autora da série A Seleção, que já vendeu mais de 1 milhão de exemplares no Brasil!

Anos atrás, Kahlen foi salva de um naufrágio pela própria Água. Para pagar sua dívida, a garota se tornou uma sereia e, durante cem anos, precisa usar sua voz para atrair as pessoas para se afogarem no mar. Kahlen está decidida a cumprir sua sentença à risca, até que ela conhece Akinli. Lindo, carinhoso e gentil, o garoto é tudo o que Kahlen sempre sonhou. Apesar de não poderem conversar — pois a voz da sereia é fatal —, logo surge uma conexão intensa entre os dois. É contra as regras se apaixonar por um humano, e se a Água descobrir, Kahlen será obrigada a abandonar Akinli para sempre. Mas pela primeira vez em muitos anos de obediência, ela está determinada a seguir seu coração.

[Compre agora e leia](#)



O cavaleiro fantasma

Funke, Cornelia

9788580866278

176 páginas

[Compre agora e leia](#)

Jon Withcroft não estava nada feliz. E quem gostaria de ser mandado para um internato bem quando a mãe tinha arranjado um namorado novo? Pois, quando chegou em Salisbury, o garoto só pensava nos acidentes que o Barba (apelido "carinhoso" pelo qual Jon se refere ao seu grande rival) poderia estar sofrendo e no que seria escrito na lápide dele caso algum escorregão fosse fatal. Até que... na sexta noite em Salisbury, Jon descobre um novo motivo para querer voltar correndo para casa: ele passa a ser perseguido por um bando de fantasmas, que desejava nada mais nada menos que a sua morte. Mas em vez de pedir ajuda para a mãe, Jon recorre a um outro protetor: sir William Longspee, um cavaleiro fantasma que está enterrado na catedral da cidade e que jurou, antes de ser assassinado, estar sempre ao lado dos fracos e inocentes. Ao lado de Jon e de sua amiga Ella, sir William percorre cemitérios e duela contra zumbis, lutando não só para ajudar as crianças como também para cumprir seu próprio destino. Mas, para saber qual seria esse grande mistério que ronda nosso nobre cavaleiro fantasma, só lendo a história toda.

[Compre agora e leia](#)